UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE

NOSTALGIAS EM COMUNIDADES VIRTUAIS: MANIFESTAÇÕES DE SENSIBILIDADE PATRIMONIAL NOS GRUPOS DO FACEBOOK *JOINVILLE DE ONTEM* E *SÃO FRANCISCO DO SUL E SUAS HISTÓRIAS*

LUIZ FERNANDO KLUG
ORIENTADORA: PROFESSORA DRA. ILANIL COELHO
COORIENTADOR: PROFESSOR DR. DIEGO FINDER MACHADO

Joinville - SC
2021

LUIZ F. KLUG

NOSTALGIAS EM COMUNIDADES VIRTUAIS: MANIFESTAÇÕES DE SENSIBILIDADE PATRIMONIAL NOS GRUPOS DO FACEBOOK *JOINVILLE DE ONTEM* E *SÃO FRANCISCO DO SUL E SUAS HISTÓRIAS*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville – Univille, como requisito parcial para a obtenção de grau de mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, sob a orientação da professora Dra. Ilanil Coelho e Coorientação do professor Dr. Diego Finder Machado.

Joinville - SC

2021

Catalogação na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

K66n

Klug, Luiz Fernando
Nostalgias em comunidades virtuais: manifestações de sensibilidade patrimonial nos grupos do Facebook Joinville de ontem e São Francisco do Sul e suas histórias / Luiz Fernando Klug; orientadora Dra. Ilanil Coelho; coorientador Dr. Diego Finder Machado. – Joinville: UNIVILLE, 2021.

220 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural – Universidade da Região de Joinville)

1. Patrimônio cultural – Santa Catarina. 2. Comunidades virtuais. 3. Etnologia. I. Coelho, Ilanil (orient.). II. Machado, Diego Finder (coorient.). III. Título.

CDD 363.69

Elaborada por Rafaela Ghacham Desiderato – CRB-14/1437

Termo de Aprovação

"Nostalgias em Comunidades Virtuais: Manifestações de Sensibilidade Patrimonial nos Grupos do Facebook *Joinville de Ontem* e *São Francisco do Sul e suas Histórias*"

por

Luiz Fernando Klug

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, área de concentração Patrimônio Cultural, Identidade e Cidadania e aprovado em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade.

Profa. Dra. Ilanil Coelho
Orientadora (UNIVILLE)

Prof. Dr. Diego Finder Machado
Coorientador (UNIVILLE)

Profa. Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Ilanil Coelho
Orientadora (UNIVILLE)

Prof. Dr. Diego Finder Machado
Coorientador (UNIVILLE)

Profa. Dra. Maria Elisa Máximo
(IELUSC)

Prof. Dr. Fernando Cesar Sossai
(UNIVILLE)

Profa. Dra. Daniela Pistorello
(UNIVILLE)

Joinville, 31 de maio de 2021.

Dedico essa dissertação a quem não mediu esforços para construir a estrutura necessária que me permitiu chegar até aqui. À toda minha família, especialmente aos meus pais, Rosi e Fernando, e a minha irmã, Bruna.

Agradecimentos

O caminho percorrido até aqui não foi dos mais fáceis, pelo contrário, dificuldades se mostraram, constante e intensamente, presentes. Tais dificuldades precisam ser lembradas, não como forma de martírio, mas porque contribuem para valorização das conquistas. Dividido entre duas ou mais cidades, percorrendo uma vida na estrada, entre trabalho, estudo e família, sinto-me como se estivesse numa briga contra o tempo, é sempre tarde. Mas as relações cotidianas amenizam o efeito dessa constante luta, é por isso que os agradecimentos se fazem extremamente necessários. Cada passo dado, cada conquista, por menor que seja, teve a participação, o auxílio e o apoio de pessoas excepcionais que tive a sorte de encontrar ao longo da jornada. Nesse espaço deixo meus sentimentos e sensibilidades aflorarem para poder demonstrar tamanha gratidão.

Agradeço, incialmente, aos meus pais, Rosi e Fernando, e a minha irmã, Bruna, por todo o apoio e a compreensão que sempre tiveram comigo. Só nós podemos mensurar as dificuldades que já enfrentamos, mas juntos superamos todas. Peço desculpas pelos dias de mau humor, pelos dias de aflição, pelas ausências e agradeço imensamente por apoiarem minhas decisões e por estarem sempre ao meu lado. Estendo os agradecimentos aos demais membros da família, aos meus avós, meus tios e tias, primos e agregados. Essa família é enorme, tanto na quantidade de membros quanto no sentimento que emana. Agradeço a todos pelo apoio, inclusive financeiro, pela união, por nossas festas, pelas risadas, pela “bebedeira” compartilhada, pelos dias de jogatina, e por estarem sempre à disposição uns dos outros. Tenho orgulho em afirmar que família igual a minha não há! E que possamos continuar sempre juntos, cada vez mais unidos, com esse nosso “esquema” de colaboração mútua, pois sem vocês eu não seria metade do que sou.

Agradeço imensamente à Eloyse, que sempre esteve ao meu lado, desde os tempos de graduação. Companheira de risadas, de lágrimas, de surtos e de desesperos. Tenha a certeza de que sem você eu não conseguiria, e por tudo o que compartilhamos, não tenho nem como agradecer. Igualmente agradeço à Angela, uma pessoa incrível que tive a oportunidade de conhecer através da Univille e da Eloyse. Angela, obrigado pelas risadas, pela “bageceiragem”, pelo deboche, por todas as

oportunidades, pelo apoio e por toda a compreensão. E que possamos rir uns dos outros por anos! Que a leveza da vida nos guie e nos dê paciência, porque se der força vai ser um perigo! Ah, e que não nos falte a coragem e a malandragem necessária para enfrentar o que a vida ainda nos reserva. Que juntos possamos seguir!

Não posso deixar de agradecer também à Jaqueline, outra amiga que me acompanha desde o primeiro ano de graduação. De lá para cá tanta coisa já aconteceu! Mas sempre tive seu apoio e sempre pude “gritar” por sua ajuda quando foi necessário. De coisas da vida a questões acadêmicas, sempre esteve disposta e jamais negou o auxílio que precisei. Jaque, muito obrigado!

Agradeço aos amigos que a Univille me deu: Débora, Cindi, Graciane, Mikael e Wagner. A rotina ao lado de vocês ficou mais leve. Foi um prazer enorme poder compartilhar esses últimos 2 anos com vocês e espero que em breve possamos estar todos reunidos novamente, dando as boas risadas que merecemos. E aos amigos que tenho para além do universo Univille, primeiramente peço desculpas pelas ausências. Sei que não me fiz presente, mas saibam que tenho um carinho enorme por todos e espero que logo possamos compartilhar bons momentos. Agradeço a cada um que, de perto ou de longe, esteve aqui comigo.

Agradeço a todo o corpo docente da Univille pelo conhecimento compartilhado, pelo acolhimento e pelas trocas. Foi uma oportunidade única estar com vocês! E, como não poderia deixar de ser, quero agradecer especialmente à professora Ilanil Coelho, minha orientadora, alguém que por vezes acreditou mais em mim e no meu potencial do que eu mesmo. Muito obrigado por me mostrar, desde os tempos de graduação, que sou capaz! Tenha a certeza de que sou um profissional muito mais completo devido à sua presença em minha formação. Muito obrigado, por tudo! Agradeço também ao meu coorientador, Diego Finder Machado, pelo apoio, compreensão, paciência e por todo o conhecimento compartilhado.

Agradeço à Capes pela bolsa de estudos proporcionada. Sem ela, certamente não estaria em um programa de pós-graduação. O acesso à educação precisa ser defendido, mantido e ampliado. Agradeço ainda as equipes de trabalho que tive ao longo desses anos, que me proporcionaram um ambiente acolhedor e compreenderam minhas demandas. Dessa forma, agradeço especialmente as escolas EEB. Professor João Rocha, EEB. Professora Claurinice Vieira Caldeira e

EEB. Santa Catarina. Que possamos continuar lutando e trabalhando por uma educação de qualidade ao alcance de todos!

A todos que até aqui do meu lado estiveram, deixo os meus mais sinceros agradecimentos. Muito Obrigado! Tenho a certeza de que sempre estive muito bem acompanhado. Não sei o que a vida me reserva de agora em diante, mas espero ter a sorte de encontrar com aqueles que me queiram bem. Finalizo com os versos de Chico César (2008), para guiar o restante dessa longa caminhada que percorro:

"Deus me proteja de mim e da maldade de gente boa
Da bondade da pessoa ruim
Deus me governe e guarde ilumine e zele assim"

(Deus me proteja – Chico César).

Presentemente eu posso me considerar um sujeito de sorte
Porque apesar de muito moço me sinto são e salvo e forte

Belchior, 1976.

Resumo

A presente dissertação, dividida em uma introdução e dois capítulos, toma como objeto de estudos dois grupos localizados no interior da rede social Facebook, aqui denominados de comunidades virtuais, sendo eles *Joinville de ontem* e *São Francisco do Sul e suas histórias.* Tem como problema central: De que maneira apelos nostálgicos compartilhados em rede atribuem valor e ressignificam patrimônios instituídos nas cidades de Joinville e São Francisco do Sul - SC? E de que maneira esses apelos inventam novos patrimônios? Com o fenômeno da globalização, que altera as noções de tempo e de espaço, a ideia de comunidade passa a ser vista como um refúgio. O medo de um futuro incerto faz com que essas comunidades remetam seu olhar para o passado, o qual, de maneira romantizada e nostálgica, representa um mundo perdido que deveria ser retomado. Comunidades virtuais, como a *Joinville de ontem* e *São Francisco do Sul e suas histórias*, tendem a exaltar um passado da cidade e acabam ressignificando patrimônios culturais. Os patrimônios da cidade passam a ser símbolos de uma suposta identidade coletiva local em risco de desaparecer. As discussões entre os membros das comunidades virtuais também podem levar à "invenção" de novos patrimônios, ao apontar bens culturais da cidade que consideram importantes e que querem ver preservados e/ou patrimonializados. Na introdução dessa dissertação (capítulo 1), conceitos iniciais são abordados, as cidades e comunidades estudadas são apresentadas, bem como a metodologia utilizada é discutida. No capítulo 2 os conceitos de comunidade, comunidade virtual e nostalgia são problematizados, numa perspectiva interdisciplinar, a partir das publicações realizadas no interior das comunidades virtuais analisadas, que são tomadas como fontes e que levam também a pensar teoricamente nos conceitos de sensibilidades, memória, identidade, nostalgia e patrimônio cultural. O capítulo 3 interpreta como os passados e presentes das cidades de Joinville e São Francisco do Sul são narrados e retratados nas publicações das comunidades analisadas, além de estudar comparativamente os apelos nostálgicos nas publicações e discussões e investigar as interações e construção de vínculos de identificação e diferenciação entre os membros. O capítulo ainda aborda o uso de fotografias como propulsoras de apelos nostálgicos pelas comunidades em questão. Assim, pretendeu-se identificar e discutir quais as relações dessas comunidades virtuais e de seus membros com os patrimônios das respectivas cidades e quais os seus impactos no compartilhamento de sensibilidades patrimoniais. Para isso, utilizou-se o método da etnografia para a análise das comunidades estudadas e, como fontes, utilizou-se as publicações realizadas nessas comunidades bem como as entrevistas orais realizadas com seus fundadores.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural, etnografia, comunidade, cidade, nostalgia.

Abstract

This dissertation, divided into an introduction and two chapters, takes as an object of study two groups from the social network Facebook, that here are called virtual communities, being *Joinville de ontem* and São *Francisco do Sul e suas histórias*. Its central problem is: How do nostalgic appeals shared in a social network attribute value and resignify cultural heritage instituted in the cities of Joinville and São Francisco do Sul - SC? And how do these appeals invent a new cultural heritage? With the phenomenon of globalization, which alters the notions of time and space, the idea of community is now seen as a refuge. The fear of an uncertain future causes these communities to look back to the past, which, in a romanticized and nostalgic way, represents a lost world that should be taken up again. Virtual communities, like *Joinville de ontem* and *São Francisco do Sul e suas histórias,* tend to exalt the cities' past and end up giving a new meaning to cultural heritage. The cities' cultural heritage becomes symbols of an alleged local collective identity in danger of disappearing. The needs among the members of the virtual communities can also lead to the "invention" of new cultural heritage, by pointing out the cultural assets of the cities they consider important and that they want to see preserved and or as a heritage. In the introduction of this dissertation (chapter 1), initial concepts are considered, as cities and communities studied are local, as well as the application used is discussed. In chapter 2, the concepts of community, virtual community and nostalgia are problematized, in an interdisciplinary perspective, from the posts made within the analyzed virtual communities, which are sources and also lead to theoretically thinking about the concepts of sensitivities, memory, identity, nostalgia and cultural heritage. Chapter 3 interprets how the past and present of the cities of Joinville and São Francisco do Sul are narrated and portrayed in the posts of the analyzed communities, in addition to comparatively studying the nostalgic appeals in the posts and exploring and investigating how interactions and construction of and identifying differentiation between members. The chapter also addresses the use of photographs as drivers of nostalgic appeals by the communities concerned. Thus, the aim was to identify and discuss the relationships between these virtual communities of their members with the heritage of the cities and what are their impacts on the sharing of heritage sensitivities. For this, the etnography method was used for an analysis of the studied communities and, as sources, the posts made in these communities were used, as well as the oral sources made with their founders.

Keywords: Cultural Heritage, etnography, community, city, nostalgia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localizações de, respectivamente, Joinville e São Francisco do Sul em Santa Catarina.....19
Figura 2 - Publicação sobre o Moinho Joinville.....38
Figura 3 - Comentários feitos na publicação da figura 1.....38
Figura 4 – Publicação sobre o cruzamento entre a rua do príncipe e a rua Abdon Batista.....41
Figura 5 – Comentário feito na publicação da figura 3.....41
Figura 6 – Publicação com foto do mar.....44
Figura 7 – Comentário feito na publicação da figura 5.....45
Figura 8 – Publicação com fotos tiradas do interior do Mercado Municipal.....45
Figura 9 – Publicação sobre a Fábrica Nylonsul.....50
Figura 10 – Comentário sobre a publicação da figura 8.....50
Figura 11 – Publicação sobre o antes e o depois de Joinville.....52
Figura 12 – Comentário sobre a publicação da figura 10.....53
Figura 13 – Comentários referentes a publicação da figura 10.....53
Figura 14 – Publicação sobre a Rua do Príncipe no século XX.....57
Figura 15 – Comentário feito na publicação da figura 13.....58
Figura 16 – Publicação com fotos de uma família na Ilha da Paz.....59
Figura 17 – Comentários feitos na publicação da figura 15.....59
Figura 18 – Publicação com foto de uma dança típica germânica.....66
Figura 19 – Comentário feito na publicação da figura 17.....67
Figura 20 – Comentário questionando o sentimento de saudade.....67
Figura 21 – Publicação sobre o Jardim Lauro Muller.....69
Figura 22 – Comentários feitos na publicação da figura 20.....70
Figura 23 – Publicação sobre a Praia do Mota de ontem.....71
Figura 24 – Publicação sobre o Centro Histórico.....72
Figura 25 – Publicação com foto da família Mayerle.....74
Figura 26 – Publicação com foto familiar sobre um passeio de trole.....75
Figura 27 – Comentários feitos na publicação da figura 25.....76
Figura 28 – Publicação sobre a restauração do casarão do Palácio Episcopal.....79
Figura 29 – Comentário feito na publicação da figura 27.....80

Figura 30 – Publicação reivindicando o tombamento do prédio da antiga livraria XV.....81
Figura 31 - Publicação sobre a casa da família Schumacher.....84
Figura 32 - Comentários realizados na publicação da figura 30.....84
Figura 33 – Publicação reivindicando a preservação da Igreja Luterana dos Apóstolos.....86
Figura 34 – Comentários realizados na publicação da figura 32.....86
Figura 35 – Fotografia da Igreja Luterana dos Apóstolos.....88
Figura 36 – Aviso sobre publicações retidas.....92
Figura 37 – Comentário realizado na publicação da figura 36.....93
Figura 38 – Gráfico de Crescimento do grupo *Joinville de ontem*.....95
Figura 39 – Relação de países e cidades dos membros do grupo *Joinville de ontem*.....95
Figura 40 – Nota de falecimento do grupo *Joinville de ontem*.....101
Figura 41 – Nota de falecimento do grupo “Joinville e suas histórias”.....102
Figura 42 – Publicação sobre o Monumento ao Imigrante.....104
Figura 43 – Comentário realizado na publicação da figura 42.....105
Figura 44 – Publicação sobre a tradição germânica de Natal.....107
Figura 45 – Questionamento sobre a imagem de uma Joinville germânica.....107
Figura 46 – Comentários realizados na publicação da figura 45.....108
Figura 47 – Petição para barrar o Projeto de Lei que permite o destombamento.....112
Figura 48 – Comentários realizados na publicação da figura 47.....113
Figura 49 – Relação de países e cidades dos membros do grupo *São Francisco do Sul e suas histórias*.....120
Figura 50 – Publicação convidando os membros do grupo para o encontro de 2020.....122
Figura 51 – Publicação informando o cancelamento do encontro que ocorreria em 2021.....122
Figura 52 – Publicação com relato sobre a superação da Covid-19.....124
Figura 53 – Publicação sobre a gripe espanhola de 1918.....125
Figura 54 – Publicação com homenagem póstuma à Odilon Ferreira de Oliveira.....130
Figura 55 – Comentários realizados na publicação da figura 54.....130
Figura 56 – Publicação com imagem de figuras políticas em um jantar.....131

Figura 57 – Comentários realizados na publicação da figura 56.....132
Figura 58 – Publicação em referência ao prefeito Godofredo Gomes Moreira Filho.....133
Figura 59 – Publicação com fotografias do centro histórico de São Francisco do Sul.....134
Figura 60 – Publicação com fotografias das praias de São Francisco do Sul.....136
Figura 61 – Publicação referente a utilização de um bem patrimonial por um banco.....141
Figura 62 – Comentários realizados na publicação da figura 61.....142
Figura 63 – Publicação com imagens da estação ferroviária de São Francisco do Sul.....143
Figura 64 – Publicação em homenagem ao Dia das Crianças.....147
Figura 65 – Comentário realizado na publicação da figura 64.....147
Figura 66 – Publicação com imagens de um passeio familiar em São Francisco do Sul.....149
Figura 67 – Comentários realizados na publicação da figura 66.....149
Figura 68 – Publicação com imagens do Porto de Joinville.....151
Figura 69 – Comentário realizado na publicação da figura 68.....152
Figura 70 – Publicação sobre a Cervejaria Antárctica.....153
Figura 71 – Comentários realizados na publicação da figura 70.....154
Figura 72 – Publicação sobre uma banqueta da empresa Raimann.....155
Figura 73 – Comentários realizados na publicação da figura 72.....156

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....16
2. COMUNIDADES VIRTUAIS: USOS E ABUSOS DO PASSADO.....31
2.1. Comunidade e Comunidade Virtual: O compartilhamento de informações e experiências como modo de amenizar os medos?.....31
2.2. (Entre)laços virtuais: memórias e identidades.....47
2.3. Nostalgia em rede: a espetacularização nostálgica nas comunidades virtuais.....61
2.4. Apelos nostálgicos: invenções e reinvenções patrimoniais.....77
3. APAIXONADOS PELO PASSADO: A CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS NOSTÁLGICAS NO INTERIOR DAS COMUNIDADES ANALISADAS.....91
3.1. Um passado familiar: o caso *Joinville de ontem*.....91
3.2. "Tons suaves de nostalgia": o caso *São Francisco do Sul e seus histórias*.....116
3.3. Comunidades interligadas, motivações compartilhadas: as (des)conexões entre as comunidades virtuais analisadas.....138
3.4. Tornar-se visível: a fotografia como propulsora de espetáculos nostálgicos.....145
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....158
REFERÊNCIAS.....165
APÊNDICES.....172
Apêndice A – Entrevista com Marli Silva Avancini.....172
Apêndice B - Entrevista com Valmir José Santhiago.....183
Apêndice C – Ficha de Identificação de grupos.....198
Apêndice D – Modelo de Ficha de Análise de Publicações.....202
ANEXOS.....204
Anexo A – Carta de Anuência de Marli Silva Avancini.....204
Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Marli Silva Avancini.....206
Anexo C – Autorização de uso de imagem e/ou voz de Marli Silva Avancini.....209
Anexo D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Valmir José Santhiago.....211
Anexo E – Autorização de uso de imagem e/ou voz de Valmir José Santhiago.....214
Anexo F – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa.....216

1. INTRODUÇÃO

Tem lugares que me lembram
Minha vida, por onde andei...
Rita Lee, 2001[1].

Acredito que a vida é feita de nossas experiências, somos resultados daquilo que experienciamos. Assim como dito na música da Rita Lee, presente na epígrafe dessa introdução, lugares lembram nossas vidas, nossas andanças. Esta dissertação além de ser um marco no meu presente, me traz as recordações dos lugares em que vivi, das pessoas com quem encontrei, dos caminhos que tomei, das histórias ouvidas, vividas e compartilhadas. Nesta pesquisa está presente o adolescente que acreditava que sua carreira profissional estava no campo da Tecnologia da Informação e, por isso, cursou e concluiu seu curso técnico em informática. O caminho traçado foi outro, cursou licenciatura em História. Trocou o computador e o ambiente virtual pelas cheias salas de aula da educação básica pública e ali se sentiu bem. Visando a qualificação profissional, entrou para o Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille. E foi aí, no mestrado, que o garoto que gostava de tecnologias volta à cena ao escolher como objeto de sua pesquisa comunidades virtuais localizadas no interior da rede social Facebook. E por falar em andanças, as cidades de São Francisco do Sul e Joinville não poderiam ficar de fora dessa pesquisa, pois são os locais, respectivamente, em que nasci e desenvolvi minha carreira profissional. O campo do patrimônio cultural, por sua vez, me foi apresentado ainda na graduação e a partir dali os diálogos foram constantes. Essas múltiplas facetas que me pertencem, através de um processo de identificação e de análises teóricas, resultam na presente dissertação.

A pesquisa aqui apresentada está vinculada à linha de pesquisa “Patrimônio, Memória e Linguagens”, do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville – Univille, sendo financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Está ligada também ao projeto “Patrimônio Cultural: entre redes e enredos” e integra o grupo de

[1] Versão brasileira da música de John Lennon e Paul MacCartney, lançada em 1965 pela banda estadunidense *The Beatles,* tendo como título original *In My Life* e em português *Minha Vida*.

pesquisa “Cidade, Cultura e Diferença”, coordenados pela professora Dra. Ilanil Coelho, orientadora deste trabalho.

Para compreender o movimento nostálgico que recai sobre comunidades virtuais, despertando sensibilidades patrimoniais, a pesquisa analisa os grupos *Joinville de ontem* e *São Francisco do Sul e suas histórias,* na rede social Facebook*.* Quais razões nos levam a entender esses grupos como comunidades virtuais? O conceito de comunidade vem se modificando ao longo do tempo, juntamente com as próprias mudanças da sociedade. A palavra comunidade remete a algo bom, é utilizada com o sentido de união, é a comunhão e identificação entre seus membros (BAUMAN, 2003, p.7). Porém, essa definição não pode tornar o termo comunidade sinônimo de harmonia, tendo em vista que em toda comunidade há conflitos e insatisfações. Mesmo assim, esse sentido é marcante ao conceito, como um desejo a ser alcançado, seja em comunidades presenciais ou virtuais. Barreiras físicas não são hoje um impedimento para a formação de comunidades. A internet propiciou agrupamentos sociais no mundo virtual, mediados pela tecnologia da informação, que resultam no conceito de comunidades virtuais (RECUERO, 2001, p.6). A coesão dessas comunidades, dentre outros fatores, pode ser mantida por laços de memória e identidade. As memórias, enquanto forma de reconhecimento no passado, bem como os esquecimentos, atuam na construção da subjetividade. Nesse sentido, a identidade de um sujeito é formada pelas recordações de suas experiências vividas (CANDAU, 2011, p. 60).

Essa volta ao passado, carregada de experiências do presente, pode se dar de forma nostálgica. As comunidades nostálgicas remetem seu olhar ao passado por ser o lugar que se imagina conhecido, por ter problemas já enfrentados e que, agora, supostamente sabem como enfrentar. O passado é visto como aconchegante por, aparentemente, não possuir surpresas. Ele é visto como oposto ao presente e ao futuro das sociedades contemporâneas. O presente está cheio de problemas a serem enfrentados e ao futuro ninguém sabe o que se reserva. Acredita-se que o futuro é o lugar do duvidoso, que o passado representa toda a glória perdida, e que o que vem daqui para frente não pode ser algo bom (BAUMAN, 2017, p. 11). Sendo assim, a nostalgia é esse desejo pelo passado, por um lugar que não existe mais, um lugar idealizado que talvez nunca tenha existido da maneira que pensamos (BOYM, 2017, p.153). O nostálgico procura um cais em meio à tempestade que representa seus

anseios do presente e projeções de futuro. Os bens culturais, institucionalizados ou não, representam marcos desse passado e se apegar a eles é uma forma de refúgio do presente. De acordo com o historiador David Lowenthal (1998, p. 41) “El apego a los lugares familiares puede amortiguar el cataclismo social, el apego a las caras conocidas puede ser necesario para tolerar la vida en sociedad”. O que nos leva a crer que as comunidades analisadas são, de fato, nostálgicas? De que forma elas se apropriam e operam o passado das cidades contemporâneas?

Tendo em vista que as comunidades analisadas abordam duas cidades catarinenses, Joinville e São Francisco do Sul, é preciso apresentá-las. A cidade de São Francisco do Sul, localizada no litoral norte de Santa Catarina, possuí atualmente, de acordo com dados do IBGE[2] (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), uma população estimada em 53.746 pessoas distribuídas em uma área de 493,266 Km². Ainda de acordo com o IBGE[3], São Francisco do Sul é a primeira povoação de Santa Catarina, elevada à categoria de vila em 1660 e à condição de cidade em 1847. Predomina na cidade, principalmente na região central, uma arquitetura ibero-açoriana. O patrimônio arquitetônico e urbanístico da cidade, de acordo com o IPHAN[4] (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), é formado por 400 imóveis tombados pelo órgão no ano de 1987. Além de ser uma cidade histórica, São Francisco do Sul ocupa atualmente a quinta posição entre os maiores portos de escoamento de produtos do país.

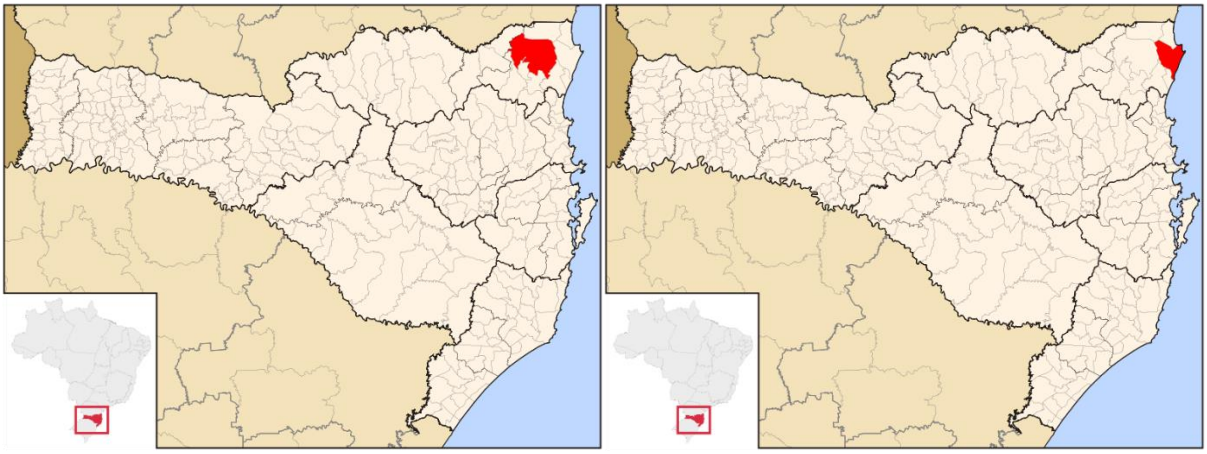
Atualmente a cidade de Joinville, localizada na região norte de Santa Catarina, possui uma população estimada em 597.658 pessoas, de acordo com dados do IBGE[5], distribuídas em uma área de 1.127,946 km². Ainda de acordo com o IBGE[6], Joinville foi fundada em 1851 com a chegada de imigrantes europeus, vindos principalmente da Alemanha, Suíça e Noruega. Denominada inicialmente de Colônia Dona Francisca, em homenagem à princesa Francisca Carolina, filha de D. Pedro I e

---

[2] Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/sao-francisco-do-sul.html. Acesso em: 10/01/2021.
[3] Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/sao-francisco-do-sul/historico. Acesso em: 10/01/2021.
[4] Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/398/. Acesso em: 10/01/2021.
[5] Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/joinville.html. Acesso em: 10/01/2021.
[6] Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=31421&view=detalhes. Acesso em: 10/01/2021.

herdeira da área em que se localizava a colônia. Em 1858 a região passa à categoria de Distrito com a denominação de Joinville e sendo subordinado ao município de São Francisco. Em 1866 passa a categoria de Vila, se desmembrando de São Francisco. E no ano de 1877 é elevado à categoria de cidade. O município de Joinville possuí até o momento (janeiro de 2021), 142 imóveis tombados, de acordo com dados da Prefeitura Municipal[7]. Nesse número soma-se bens tombados através de decretos municipais, estaduais ou pelo IPHAN.

Figura 1 – Localizações de, respectivamente, Joinville e São Francisco do Sul em Santa Catarina



Fonte: Wikipédia imagens[8].

Ao exaltar o passado, as comunidades analisadas acabam ressignificando patrimônios culturais das cidades de Joinville e São Francisco do Sul, os quais se tornam símbolos de uma suposta identidade coletiva local em risco de desaparecer. Essas ressignificações, partem das sensibilidades para com os bens culturais. O patrimônio cultural é um legado do passado, ele é testemunha da existência de hábitos, costumes e tradições transmitidos de geração a geração. E passa a ser transformado a partir das significações e ressignificações dadas a ele em cada sociedade. Porém, é também um recurso mobilizado em um campo acirrado de disputas. Muitas vezes, ele acaba representando uma identidade essencializada, e exaltando a memória do “vencedor” do processo histórico. Nessas circunstâncias, o

[7] Disponível em: https://www.joinville.sc.gov.br/publicacoes/listas-de-imoveis-com-protecao-cultural/. Acesso em: 10/01/2021.
[8] Imagens disponíveis em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:SantaCatarina_Municip_Joinville.svg e https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Francisco_do_Sul#/media/Ficheiro:SantaCatarina_Municip_SaoFranciscodoSul.svg. Acesso em: 22/03/2021.

patrimônio deixa de contemplar a memória de outros grupos que ajudaram na construção desse passado, mas que foram e continuam sendo esquecidos e relegados (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2018, p.140-144). O processo de patrimonialização é um ato do Estado, fazendo com que o bem cultural adquira um novo *status* jurídico e simbólico. Porém as vivências e os usos desses patrimônios por parte da sociedade é que os tornam vivos. As comunidades virtuais analisadas tendem a exaltar a dita memória oficial de suas cidades com frequência. É certo que vez ou outra essa memória oficial chega a ser questionada e discutida, porém isso não é frequente. O passado, no interior dessas comunidades, aparentemente não é para ser discutido, mas sim admirado, exaltado enquanto lugar seguro. Não há lugar para controvérsias nas interpretações e reinterpretações do passado.

Além disso, as discussões no interior das comunidades virtuais podem levar à "invenção" de novos patrimônios, ao indicar bens culturais da cidade que consideram dignos de ser preservados e/ou patrimonializados. As invenções e reinvenções patrimoniais têm como ponto de partida as sensibilidades compartilhadas entre os membros das comunidades. Para Pesavento (2003) "as sensibilidades são formas pelas quais os indivíduos e os grupos se dão a perceber, a si e ao mundo". Sendo assim, os patrimônios enquanto marcos do passado podem despertar as sensibilidades dos indivíduos de uma sociedade, revelando a forma com que enxergam o mundo ao seu redor e revelando os processos de identificação com os bens culturais. Defino sensibilidade patrimonial como as intersubjetividades de um indivíduo que fazem com que ele desperte sensibilidades para com o patrimônio. Dessa forma, o despertar das sensibilidades seria essencial num processo de identificação? Seria a sensibilidade responsável pela atribuição de valor e significado aos patrimônios culturais de uma cidade?

O patrimônio não é apenas um bem cultural da cidade, ele é marco referencial de histórias de vida. Em sua materialidade e imaterialidade, evoca a lembrança de vidas e, por isso, também é algo vivo. Por mais que sejam símbolos de uma identidade específica, os bens culturais podem adquirir novos significados na vida cotidiana, já que estão ligados ao presente e a um passado recente, para além de seu passado longínquo apontado, por exemplo, em processos de patrimonialização protagonizados por agentes políticos e especializados. Reinventar um patrimônio, nessa perspectiva, é lhe atribuir sentidos e usos diversos. Inventar um novo patrimônio é buscar num

passado algo que contemple um desejo individual ou coletivo de patrimonialização, desejo esse pautado em apego a sensibilidades que pode ou não utilizar de critérios técnicos. Mas, tomando as sensibilidades patrimoniais como problema de partida, para quem, na contemporaneidade, tem servido o patrimônio? De que forma as lembranças dos membros das comunidades analisadas são acionadas para atribuir valores a bens culturais?

A comunidade virtual *Joinville de ontem*, criada em 2014, possui atualmente (janeiro de 2021) mais de 57 mil membros. Para além dos moradores de Joinville, o grupo abriga também pessoas que não moram mais na cidade, mas a conhecem, além de, em menor escala, pessoas que não conhecem Joinville, mas participam do grupo e são apresentadas à cidade através de um recorte específico. A comunidade tem como anseio rememorar, principalmente por meio de fotografias, algumas facetas de um passado de Joinville. Tal passado se mistura e se confunde com a memória dos membros dessa comunidade virtual, sendo, por vezes, idealizado. Essa comunidade, por estar localizada no interior da rede social *Facebook* segue, primeiramente as regras e termos da rede social em questão. O *Facebook* denomina suas comunidades virtuais de grupos, possibilitando aos criadores desses grupos algumas configurações de privacidade (grupo público, privado, restrito etc.). A comunidade virtual *Joinville de ontem* é um grupo público e visível. Isso significa que qualquer pessoa com a acesso à internet, mesmo que não possua um cadastro na rede social *Facebook*, pode localizar essa comunidade e visualizar sua lista moderadores, administradores e membros no geral, além de poder visualizar todas as publicações realizadas no interior da comunidade, sem grandes restrições e impedimentos por parte da rede social em si. Para além disso, o criador da comunidade, Valmir José Santhiago, estabeleceu algumas regras para seus membros, que classifico como normas de convívio. Na aba “sobre este grupo” da comunidade em questão, Santhiago[9] (s.d.) deixa o seguinte recado:

> Prezados Amigos do Grupo Joinville De Ontem, este Grupo o qual criei em 18 de fevereiro de 2014 , tem como objetivo ressaltar a memória tudo aquilo que diz respeito ao tempo que marcaram o povo desta terra, terra dos Príncipes, desta forma peço que não postem propagandas, ideologias políticas partidárias, e filosofias religiosas próprias, bem como o cuidado com comentários que possam ferir a

[9] Disponível em: < https://www.facebook.com/groups/1409744949277019/about >. Acesso em: 22/08/2020.

> honra de outros membros ou familiares do mesmo, creio ser este também o desejo da maiorias dos membros, apreciem as fotos aqui postadas e seus comentários enriquecedores, muito obrigado.

O recado evidencia uma política de “boa vizinhança”. Para não causar desentendimentos entre os membros das comunidades, alguns assuntos devem ser evitados, como é o caso de assuntos políticos, religiosos e críticas a histórias e memórias familiares. Porém, essas normas evidenciam também uma discussão acrítica sobre a cidade de Joinville e seus recortes e idealizações de passado. Busca-se a sensação de um ambiente política e religiosamente neutro, com o intuito de preservar os laços comunitários estabelecidos no grupo e manter a sensação de um ambiente harmônico. Para manter o controle e averiguar se as normas estabelecidas estão sendo cumpridas, as publicações dos membros dependem de uma aprovação dos administradores do grupo para que seja publicada na comunidade, um recurso disponibilizado pela própria rede social *Facebook*. Porém, discussões políticas e religiosas são realizadas nos comentários das publicações, local que devido ao grande fluxo não possui um controle assíduo por parte dos administradores e moderadores.

A comunidade *Joinville de ontem* possui atualmente cinco administradores, sendo eles o seu criador, Valmir José Santhiago e membros de sua família: Laurici Santhiago, Morghana Santhiago e Valmir José Santhiago Júnior. Além disso, possuí mais dois moderadores, Eliane Schünemann e Lauro Soares. A figura do administrador em um grupo dessa rede social possuí os poderes máximos, podendo promover outros membros a moderadores e administradores ou removê-los de suas funções, bem como adicionar, banir e excluir membros, publicações e comentários. Já o moderador possuí as mesmas funções do administrador em relação a publicações, porém não pode promover outros membros ou removê-los de suas funções de moderador e/ou administrador.

A comunidade virtual *São Francisco do Sul e suas histórias*, criada em 2015, possui atualmente (janeiro de 2021) mais de 14 mil membros e muitos deles também integram a comunidade *Joinville de ontem*. Criado por Marli Avancini, sua única administradora, conta com mais quatro moderadores. Tanto sua criadora quanto seus moderadores são membros da comunidade *Joinville de ontem*. Trata-se de um grupo visível e privado. Isso significa que qualquer pessoa com acesso à internet pode localizar o grupo, porém, apenas membros podem visualizar as publicações e a lista

de membros e administradores e moderadores. Suas normas de convívio se assemelham as da comunidade *Joinville de ontem*, principalmente na busca por um ambiente harmônico e uma sensação de neutralidade ao coibir discussões de cunho político e religioso. As publicações dessa comunidade não precisam passar por aprovação prévia de sua administradora ou de seus moderadores. Na aba “sobre este grupo”, Avancini[10] (2015) orienta:

> Grupo criado em 24.02.2015. Dedico esta Comunidade de História ao meu amigo e historiador AURÉLIO ALVES LEDOUX, (in memoriam) que tanto sonhou em escrever sobre a Vila da Gloria, que morou lá até nos deixar. Toda a família Ledoux foi sempre envolvida com os projetos culturais da vila. Este Grupo tem a intenção de divulgar através de textos, fotos(com direitos autorais) e comentários, tudo ao que se refere à São Francisco do Sul-SC e suas histórias, portanto peço a colaboração dos Amigos para não postarem outros assuntos. Ao contrário do que pensa muita gente, a internet não é mundo livre de regras jurídicas, onde as pessoas possam fazer o que desejem, sem enfrentar as consequências de seus atos. Por favor se não encontrarem o autor da foto colem ou citem o link das fotos! Todos os assuntos aqui postados são de total responsabilidade do postador, e poderão ser compartilhados por todos, com direitos autorais prévios. Em princípio, qualquer ato ilegal praticado por alguém na internet pode gerar consequências jurídicas. É o que se chama de responsabilidade, ou seja, as pessoas podem ser responsabilizadas por seus atos na chamada rede mundial de computadores. De forma geral, a responsabilidade por atos na internet é idêntica àquela causada por atos no mundo físico, isto é, no mundo não virtual. Não há norma jurídica que dê isenção às pessoas para praticar atos ilegais na internet. Agradeço, Marli

Destaca-se nessa descrição o forte apelo aos direitos autorais das fontes utilizadas nas publicações, além de demonstrar a preocupação com a formação de um acervo para utilização de seus membros, por isso datas e indicação de fontes se fazem necessárias. O discurso com forte tom jurídico demonstra que ofensas e informações falsas e enganosas não são toleradas, em prol de um bem-estar coletivo. O grupo possuí um fluxo de postagens e comentários menor em relação ao grupo *Joinville de ontem*. Suas publicações não costumam passar de 50 comentários. Além disso, suas publicações e discussões estão relacionadas, na maioria das vezes, na composição paisagística de imagens ou em memórias familiares.

---

[10] Disponível em: < https://www.facebook.com/groups/saofranciscohistoria/about >. Acesso em: 22/08/2020.

Ambas as comunidades, em um primeiro olhar, estimulam a rememoração por intermédio dos mais variados documentos, sobretudo fotografias, os quais remetem às suas respectivas cidades. As publicações são carregadas de apelos nostálgicos, pois instigam seus membros a relembrar a cidade de ontem por meio de suas próprias idealizações elaboradas no tempo presente. Narrativas históricas e memórias são criadas para construir e difundir uma imagem idealizada da Joinville e da São Francisco do Sul de ontem. A partir das imagens publicadas, que geram um apelo nostálgico, os marcos do passado, os bens culturais, se tornam um espetáculo. A nostalgia é induzida, é direcionada e provocada pelas imagens e legendas publicadas nas comunidades. O turbilhão de sentimentos e lembranças que esses apelos nostálgicos podem provocar fazem do patrimônio e dos recortes temporais apresentados um espetáculo a ser admirado. Para Guy Debord (1997) a vida moderna é uma acumulação de espetáculos, eles fazem parte dessa sociedade e são a própria sociedade. O espetáculo, na perspectiva de Debord (1997), é visto como algo grandioso, positivo e indiscutível. As comunidades virtuais, principalmente a *Joinville de ontem*, através de imagens, espetacularizam os bens culturais e os recortes temporais, apresentando-os como grandiosos, belos e indiscutíveis, sendo incontestáveis testemunhos de um passado glorioso. De que forma essa espetacularização patrimonial ocorre nessas comunidades virtuais? Para além disso, o que, de fato, ali se entende por patrimônio?

Mais do que o simples ato de rememorar, as publicações dos grupos criam um ideal de cidade, e seus membros apontam quais bens culturais desejam ver preservados e legados ao futuro. A análise dessas publicações vai ao encontro de uma das grandes questões do campo do patrimônio cultural: para que e para quem serve aquilo que se considera patrimônio? Essas publicações que remetem ao passado das cidades e dizem o que há de valor nele são as fontes desta pesquisa. Assim, na visão dos membros das comunidades virtuais, qual o sentido do patrimônio cultural?

O tratamento das fontes respeitou a política de privacidade da rede social Facebook, levando em consideração que as duas comunidades virtuais analisadas possuem políticas de privacidade distintas. A *Joinville de ontem* é uma comunidade pública, já a *São Francisco do Sul e suas histórias* é uma comunidade privada. Neste caso, foi solicitada uma autorização formal à sua fundadora para que a coleta de

fontes pudesse ser realizada. Tendo em vista a dubiedade das comunidades, sendo uma pública e outra privada, houve a opção, em conjunto com os orientadores e respeitando as recomendações do Comitê de Ética em Pesquisa da Univille, por ocultar a identificação dos autores das publicações e comentários utilizados como fontes. Sendo assim, a pesquisa estabeleceu seu foco de análise na forma e conteúdo das publicações e não nas particularidades de seus autores. Portanto, evitou-se exposições de membros das comunidades virtuais.

Para analisar as publicações das comunidades virtuais, optou-se pela utilização da etnografia. Antes de adentrar nas peculiaridades dessa categoria metodológica, é necessário defini-la. Para Magnani (2009, p.135), a etnografia é uma forma de pesquisar em que o pesquisador entra em contato com o mundo dos pesquisados, interagindo com eles, a fim de estabelecer uma dialética, uma troca teórica, de visões de mundo, chegando a um novo modelo de entendimento. Sendo assim, a etnografia necessita de uma imersão presencial na comunidade ou grupo analisado. Mas, assim como os demais conceitos aqui discutidos, a etnografia se modificou através do tempo, como a própria sociedade a qual analisa. De acordo com Beatriz Polivanov (2013, p. 62), o intuito principal da etnografia consiste na "[...] criação dessas descrições densas de práticas sociais de indivíduos ou redes de indivíduos (coletividades), com o propósito de entender diferentes aspectos de diversas culturas". A utilização da etnografia em ambiente virtual gera discussões no campo da antropologia, e a maneira de condução de uma pesquisa etnográfica na virtualidade não é consenso.

Para Feitosa e Araújo (2015, p. 384), a etnografia virtual foi inicialmente utilizada para analisar o impacto das novas tecnologias que estavam surgindo na formação identitária de grupos no ciberespaço. Assim como em comunidades e grupos que se reúnem presencialmente, trata-se de um método de observação e investigação das práticas culturais de uma coletividade, porém com o enfoque nas relações de sociabilidade e comunicação estabelecidas a partir de uma rede de computadores. Com a ampliação da metodologia etnográfica para o ambiente virtual, o método, de acordo com Feitosa e Araújo (2015), passou a permitir a interferência e o envolvimento direto ou não do pesquisador com as comunidades analisadas. Nesta dissertação optou-se pelo termo etnografia, apesar de compreender as discussões do campo em relação ao termo e sua utilização em meio virtual.

A escolha metodológica se dá pelo fato de que as publicações e interações nas comunidades virtuais acontecem em um grande fluxo, em diversos horários e dias, dificultando um acompanhamento em tempo real. Além disso, uma publicação pode gerar longas discussões. Fazer uma análise apenas inicial não é viável, tendo em vista que toda a discussão gerada por uma publicação estará disponível na comunidade por tempo indeterminado, a não ser que seja removida por vontade do autor ou por alguma violação de regras estabelecidas. Dessa maneira, as comunidades virtuais independem da ação e presença do pesquisador, o que não significa que não haja uma troca entre pesquisador e comunidade, mesmo que de forma indireta. Máximo *et al* (2012, p.306) ressalta que

> Tomando por base os entendimentos canônicos acerca da representação etnográfica, diríamos que realizar uma observação mais silenciosa ou mais participante não implica em escolhas que o pesquisador deve fazer a priori, mas depende das relações e das negociações estabelecidas em campo e, portanto, são processos construídos no âmbito de cada experiência de pesquisa particular.

Ser um pesquisador observador, não implica em anonimato diante das comunidades, essa escolha é do pesquisador diante de seus objetivos, necessidades e de sua experiência. Ao analisar as comunidades virtuais *Joinville de ontem* e *São Francisco do Sul e suas histórias*, optei por ser observador, estando presente de forma mais silenciosa nas comunidades. Optei também por não me apresentar à coletividade, me restringindo à observação das ações dos membros. Porém, não houve um anonimato completo, pois, me apresentei de maneira formal aos fundadores das comunidades virtuais estudadas. Por ser um método etnográfico, de princípio, o outro não é tão somente um objeto de pesquisa, mas, de alguma forma, é também parceiro de pesquisa. Sendo assim, a parceria direta se deu através dos responsáveis pelas comunidades. Em relação às publicações, foi obtida uma captura de tela das que foram selecionadas para essa pesquisa, formando um banco de dados (em formato de pastas digitais). Tal ato permitiu traçar um panorama geral das publicações feitas nas comunidades e, também, facilitar o acesso a elas de forma segura, tendo em vista que os conteúdos presentes em redes sociais podem ser excluídos a qualquer momento. Para estabelecer uma maior parceria de pesquisa com os responsáveis pelas comunidades virtuais e, também, para compreender as nuances dessas comunidades, optou-se por entrevistar os membros fundadores utilizando-se da metodologia da História Oral. Quando a metodologia dessa pesquisa foi planejada,

ainda em 2019, pensou-se em entrevistar os demais moderadores e administradores das comunidades, para além de seus fundadores, bem como aqueles membros mais ativos e que mais geram publicações. Porém, em 2020 a pandemia de Covid-19 alterou toda a vida cotidiana e organização social, política e econômica dos países. E certamente afetou também o desenvolvimento dessa pesquisa. Devido ao atraso gerado no cronograma, optou-se por entrevistar apenas os fundadores e, sem perspectiva de melhora no quadro da pandemia para a realização da entrevista de forma presencial, foi utilizado meios alternativos, como a ferramenta Google Meet para que fossem realizadas de maneira online e com total segurança.

De acordo com Matos e Sena (2011, p.96), a fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva ao trabalho de pesquisa. A oralidade ganha destaque nos processos de comunicação da atualidade, tornando-se uma fonte riquíssima. Ao utilizar essa fonte através da metodologia da História Oral, o entrevistado é visto como sujeito de pesquisa, tal qual o entrevistador. É importante ressaltar que as memórias de um indivíduo estão inseridas e são permeadas pelo social num dado tempo e espaço. Por isso, a história oral capta uma narrativa contextualizada e, como tal, envolve memória e esquecimento. Através dessas entrevistas orais, é possível captar os objetivos iniciais de criação das comunidades virtuais analisadas. Com a entrevista oral, busca-se compreender quais os motivos que levaram à criação dessas comunidades, que aqui caracterizo como nostálgicas, e o que os leva a discutir o passado das cidades. As sensibilidades e subjetividades podem aflorar no encontro entre falas e escutas mútuas, contribuindo para o entendimento dos objetivos e ações das comunidades analisadas.

O acompanhamento das comunidades virtuais analisadas pelo método etnográfico para esta pesquisa teve início no final do primeiro semestre de 2019, em meados de junho. Porém, antes mesmo da pesquisa iniciar e antes que eu entrasse para o Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, já era membro das comunidades em questão. A observação das comunidades ocorreu até início de fevereiro de 2021, paralelamente à escrita dessa dissertação. De acordo com as informações apresentadas pelo *Facebook*, a comunidade virtual *São Francisco do Sul e suas histórias* apresenta uma média de 40 (quarenta) publicações por dia, enquanto a comunidade *Joinville de ontem* apresenta uma média de 100 (cem) publicações por dia. Para selecionar e analisar as publicações de ambas as

comunidades, além de um acompanhamento semanal, foi realizado a ferramenta de buscas através de palavras-chave. Algumas das palavras-chave utilizadas durante a busca de publicações foram tradição, comunidade, patrimônio cultural, nostalgia, saudades, tombamento, preservação, memória, identidade, dentre outras.

Para além disso, a rede social *Facebook* proporciona uma lista de tópicos com as palavras-chave mais utilizadas em publicações em cada comunidade, ferramenta que foi muito útil nesse processo de seleção de fontes. Em janeiro de 2021, os tópicos que lideraram as publicações do grupo *Joinville de ontem* foram Joinville, Memória, Natal, Lusos em Joinville, Indústria, Rota Enxaimel, dentre outros. Nesse mesmo período no grupo *São Francisco do Sul e suas histórias* os tópicos predominantes foram Praias, Prédios antigos, Antigos Moradores, História da cidade, Igrejas, dentre outros. Para melhor visualização das fotografias publicadas, utilizei da aba “mídia” disponibilizada pela rede social.

As publicações utilizadas como fontes foram coletadas, através de capturas de tela, catalogadas em fichas de análise e identificadas através da temática e data de publicação, logo após as fichas foram armazenadas em pastas digitais separadas por comunidade. As fichas contêm as seguintes informações: data da publicação, data da captura de tela, link da publicação e data do último acesso, breve descrição da publicação e da imagem que a acompanha (caso possua), nome do autor da publicação, breve análise da publicação, número de comentários com data de referência, breve análise dos comentários, palavras-chave e captura de tela da publicação. A coleta gerou um montante de aproximadamente 500 (quinhentas) capturas de tela, somando-se as duas comunidades estudadas. Desse montante, foram selecionadas as fontes com maior pertinência para compor essa dissertação.

Ao realizar uma busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações sobre o termo nostalgia o resultado apresentado foi um total de 273 trabalhos (duzentos e setenta e três), somando-se teses e dissertações, dos quais 29 possuem o termo memória como assunto principal e 10 apresentam o termo nostalgia como predominante. Os demais trabalhos apresentados na busca possuem como tema principal o audiovisual, cinema, literatura, modernidade, dentre outros. Já uma busca no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes para o termo nostalgia apresentou como resultado o total de 283 (duzentos e oitenta e três) trabalhos, somando-se teses e dissertações, sendo que a maior parte deles, um total de 69 (sessenta e nove)

trabalhos, envolvem a área de linguística e letras, e 71 (setenta e um) pertencem a grande área das Ciências Humanas. É o caso da Tese de Doutorado em Ciências Sociais escrita por Eduardo Moura Pereira Oliveira[11], defendida em 2018 pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, tendo como título “A nostalgia em tempos de exílio: as gramáticas emocionais do reencontro no romance As Brasas (1942)”. Na linha do audiovisual há a tese intitulada “Prossumidores nostálgicos: reflexões sobre a obsolescência das mídias audiovisuais”, defendida em 2013 pela Universidade Federal de Minas Gerais, de autoria de Marcelo Enrique Lopez da Cunha Pereira [12]. Abordando o conceito de nostalgia a partir da cidade de Joinville há a dissertação de mestrado defendida em 2009 pela Universidade do Estado de Santa Catarina, de autoria de Diego Finder Machado[13], intitulada “Redimidos pelo passado? Seduções nostálgicas em uma cidade contemporânea (Joinville, 1997-2008)”.

Ao pesquisar o termo comunidades virtuais nas mesmas bases de pesquisa, foi constatado 827 (oitocentos e vinte e sete) trabalhos na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, dos quais 27 possuem como tema central o termo internet, o termo redes sociais prevaleceu em 20 trabalhos, cibercultura apareceu como tema central em 18 trabalhos, educação em 16 trabalhos e ensino à distância em 22 trabalhos. Um exemplo é a tese de doutorado defendida em 2013 pela Universidade de São Paulo, de autoria de Bruno José Betti Galasso[14], que tem como título “Do ensino em linha ao ensino online: perspectivas para a educação online baseada na mediação professor-aluno”. Já o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes retornou para a busca pelo termo comunidades virtuais, 33.498 (trinta e três mil e quatrocentos e noventa e oito) trabalhos, dos quais 7.596 (sete mil e quinhentos e noventa e seis) pertencem a grande área das Ciências Biológicas e 7.070 (sete mil e setenta) pertencem a grande área das Ciências Humanas, além de 5.084 (cinco mil e oitenta

---

[11] Disponível em: < https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6348807 >. Acesso em: 10/11/2020.
[12] Disponível em: < http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFMG_ea35a81335a33a6229af106aabc52770 >. Acesso em: 10/11/2020.
[13] Disponível em: < http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/478/diego_finder_machado.pdf >. Acesso em: 10/11/2020.
[14] Disponível em: < https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USP_48b41beada3225cf182c4c3b2de8d001 >. Acesso em: 10/11/2020.

e quatro) trabalhos estarem classificados como multidisciplinares. A dissertação de mestrado de autoria de Karen Miranda Chequer[15], defendida em 2014 pela Pontifícia Universidade Católica De Minas Gerais, intitulada “A Manifestação Do Consumidor Insatisfeito Nas Comunidades Virtuais: Uma Abordagem Netnográfica”, apresenta em comum além do conceito de comunidade virtual a utilização do método netnográfico. Porém, não foi possível encontrar nenhuma pesquisa que aborde conjuntamente os conceitos de comunidade virtual, nostalgia e patrimônio cultural.

Essa dissertação tem como objetivo compreender de que forma o apelo nostálgico das comunidades virtuais atua, interfere, ressignifica e inventa os patrimônios culturais de uma cidade. Para além dessa introdução, a dissertação conta com três capítulos. O capítulo 2 tem como objetivo problematizar teoricamente os conceitos de comunidade, comunidade virtual e nostalgia numa perspectiva interdisciplinar. Para isso, o capítulo apresenta uma seleção de publicações realizadas nas comunidades, as analisando à luz dos conceitos de sensibilidades, memória, identidade, nostalgia e patrimônio. O capítulo 3, por sua vez, tem como objetivo interpretar como os passados e presentes das cidades de Joinville e São Francisco do Sul – SC são narradas e retratadas nas publicações das comunidades virtuais. Busca-se, também, estudar comparativamente os apelos nostálgicos nas publicações e discussões das comunidades e investigar as interações e a construção de vínculos de identificação e diferenciação entre os membros das comunidades virtuais. Além disso, o capítulo analisa o papel das fotografias como propulsoras dos espetáculos e apelos nostálgicos no interior das comunidades analisadas, tomando como fonte o acervo iconográfico gerado pelas comunidades. As entrevistas orais realizadas com os fundadores das comunidades virtuais *Joinville de ontem* e *São Francisco do Sul e suas histórias* são a principal fonte do capítulo, sendo a base das discussões nele geradas.

---

[15] Disponível em: < https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=576791 >. Acesso em: 10/11/2020.

2. COMUNIDADES VIRTUAIS: USOS E ABUSOS DO PASSADO

Este capítulo procura, a partir das publicações de membros das comunidades virtuais estudadas, problematizar teoricamente os conceitos de comunidade, comunidade virtual, nostalgia, memória e identidade. Possui quatro subdivisões que tratam, respectivamente, sobre o conceito de comunidade e comunidade virtual; memória e identidade; nostalgia e espetacularizações nostálgicas; e invenções e reinvenção patrimoniais. Os conceitos apresentados nesse capítulo foram fundamentais para a análise das fontes e compreensão das comunidades. As publicações dos membros das comunidades, tomadas como fontes principais, impulsionam as discussões teóricas do capítulo. Aqui pretende-se analisar, compreender e problematizar as sensibilidades coletivas diante de bens patrimoniais.

2.1. Comunidade e Comunidade Virtual: o compartilhamento de informações e experiências como modo de amenizar os medos?

Ao problematizar os grupos do Facebook *Joinville de ontem* e *São Francisco do Sul e suas histórias* se faz necessário, primeiro, explicitar o que aqui se entende por comunidade e comunidade virtual. O conceito de comunidade é complexo e mutável. À medida que as sociedades se modificam, o conceito de comunidade se modifica também. Para Peruzzo (2002, p. 275), nos últimos anos o termo passou a ser utilizado sem um rigor conceitual, estando muito abrangente, e servindo para caracterizar qualquer aglomeração de pessoas. Porém, costuma-se adotar critérios específicos para designar o que é, de fato, uma comunidade. Inicialmente, a territorialidade e o espaço geográfico eram características marcantes do conceito. Ao falar de uma comunidade, poderia estar me referindo a moradores de um determinado bairro ou cidade, bem como poderia me referir a uma comunidade religiosa, sendo esta delimitada pelo seu lugar de atuação.

O sociólogo Zygmun Bauman (2003, p.7) afirma que a palavra comunidade nos remete a algo bom, despertando em nós um sentimento bom. Dessa forma, a comunidade seria um lugar confortável, de aconchego, diante de um mundo que

suscita sensações de desconforto. Essa multiplicidade de sensações de desconforto proporcionada pelo mundo presente e pelas expectativas de futuro podem fazer com que as comunidades possam ser vistas como locais seguros, sendo um refúgio ao mundo exterior e extemporâneo a elas, podendo suscitar também o fortalecimento de vínculos de pertencimento e familiaridade entre seus membros. Para Bauman (2003, p.9), “o que essa palavra evoca é tudo aquilo de que sentimos falta e de que precisamos para viver seguros e confiantes”.

Há dois pontos iniciais a refletir: as características descritas acima, referente a territorialidade e a sensação de conforto e segurança subjetiva, continuam prevalecendo nas comunidades contemporâneas? É possível existir uma comunidade tão harmoniosa, capaz de ser refúgio em meio ao caos? A comunidade perfeitamente harmoniosa não existe, pois ela é também local de conflitos. Mesmo assim, costuma-se idealizá-la. Trata-se de um desejo inalcançável, de uma utopia. Em relação à territorialidade cabe dizer que o fenômeno da globalização e o surgimento da internet ampliaram o conceito de comunidade. Agora não é mais necessário um espaço geográfico físico para que essa comunidade exista. Não é mais necessária uma proximidade territorial entre seus membros para que essa comunidade seja ativa. Porém, mesmo sem um espaço físico delimitado, os sentimentos centrais que constituem essa comunidade precisam existir. Uma comunidade (física ou virtual) se caracteriza pelos laços, pelo sentimento de reciprocidade entre seus membros e pelo sentido coletivo dos relacionamentos. Para além disso, uma comunidade necessita de interação, participação, interesses em comum, pré-disposição cooperativa e sentimento de pertencimento (identificação). A estudiosa em comunicação Cecília Maria Peruzzo (2002, p.276) afirma que:

> Usa-se o termo comunidade, ainda, para caracterizar agrupamentos sociais situados em espaços geográficos de proporções limitadas (bairro, vila, lugarejo) e para designar grupos de interesse afins, interconectados na rede mundial de computadores, chamados de “comunidades virtuais”.

Sendo assim, é possível afirmar que uma comunidade virtual seria como uma comunidade física, porém sem delimitação geográfica? A princípio não. A virtualidade modifica o conceito, ampliando-o. É certo que as características citadas acima precisam continuar existindo, mesmo que no ambiente virtual, porém o avanço tecnológico alterou as noções de tempo e espaço, trazendo a possibilidade de eventos simultâneos. A jornalista Raquel da Cunha Recuero ressalta que discussões públicas,

encontros e reencontros são elementos formadores dessas comunidades virtuais, definindo-as como "[...] agrupamentos humanos que surgem no ciberespaço, através da comunicação mediada pelas redes de computadores" (RECUERO, 2001, p.6). Dessa forma, uma única pessoa pode, no ambiente virtual, fazer parte de um número ilimitado de comunidades, interagindo com pessoas das mais variadas regiões do planeta. A distância geográfica é encurtada pela internet, mas o distanciamento social é acentuado. Nas comunidades virtuais, deixamos emanar apenas traços de nossa personalidade que condizem com o propósito daquela comunidade. Ressalta-se a ideia de um indivíduo múltiplo na virtualidade, sendo submetido a diversas regras de convívio social simultâneas. O mundo virtual é um ambiente de socialização complexo. O indivíduo, ou usuário nos termos da tecnologia da informação, se submete a regras diversas em cada plataforma que utiliza e, por vezes, nem ao menos conhece essas regras. De acordo com Débora K. Leitão e Laura Graziela Gomes (2017, p.43):

> [...] usuários podem possuir várias "cidadanias" inscritas em seus corpos, tanto pelo fato de estarem subordinados às regras de empresas globais, proprietárias das plataformas digitais que habitam, quanto pelo fato de cada uma delas estabelecer um tipo de "constituição" diferente a qual os usuários aderem e se submetem.

Para além disso, podem surgir "subregras" no interior dessa plataforma. Utilizo como exemplo a rede social Facebook: essa rede social tem suas regras e normas de convívio e de privacidade que precisam ser respeitadas, mas para além disso, possui grupos temáticos de convívio que podem estabelecer outras regras em seu interior, que denomino aqui comunidades virtuais. Dessa forma, um usuário do Facebook que participa de três grupos, por exemplo, está submetido, primeiramente, às regras gerais da rede social e, posteriormente, às regras de cada grupo a que pertence[16]. É importante salientar que o termo cidadania, utilizado entre aspas por Leitão e Gomes (2017) na citação anterior, faz alusão ao conjunto de leis a qual um cidadão se submete em seu Estado-Nação. Porém, no ambiente virtual, considerando os marcos normativos vigentes, a "legislação" (conjunto de normas) é estabelecida pelas empresas de comunicação proprietárias das redes sociais específicas. Sendo assim,

[16] Para ficar mais claro, pensemos o Facebook enquanto uma Unidade Federativa e seus grupos como municípios. A Unidade Federativa possui uma regra geral, mas cada município possui suas particularidades. Dentro dessa Unidade Federativa o indivíduo pode circular pelos municípios, desde que respeite suas particularidades legais.

as autoras em sua comparação estabelecem semelhança entre um Estado-Nação e uma rede social. Entretanto isso precisa ser relativizado, tendo em vista que apesar de cada rede social possuir seu conjunto de normas, ao adentrar em um Estado-Nação essa rede social precisa se submeter à constituição legal do local. Nesse sentido, apesar de uma empresa como o Facebook possuir regras válidas mundialmente em sua plataforma, também está submetido às legislações específicas de cada país em que atua, respeitando a soberania dos Estados Nacionais. Um usuário do Facebook no Brasil continua sendo um cidadão brasileiro, com seus mesmos direitos e deveres, mesmo dentro no ambiente virtual.

As comunidades virtuais que são objetos de estudo dessa pesquisa estão localizadas no interior de uma rede social. Qual seria a diferença entre comunidade virtual e rede social? Que termo adotar? Primeiramente cabe ressaltar que tanto as redes sociais como comunidades virtuais estão inseridas na rede mundial de computadores. De acordo com Monteiro (2001), essa rede é formada por computadores interligados. Os computadores pessoais se conectam a provedores de acesso à rede (empresa fornecedora de *internet*), que se ligam a redes regionais e essas, por sua vez, conectam-se à rede nacional e internacional de computadores, formando uma rede de comunicação e transferência de dados. Para Castells (2015), a *internet*, enquanto meio de comunicação, permitiu uma interação entre várias pessoas simultaneamente, em escala global. Atualmente o acesso à rede mundial de computadores não se dá exclusivamente por meio de computadores, mas sim por qualquer dispositivo que tenha acesso à rede, como smartphones, televisões, impressoras, dentre outros.

Segundo Castells (2015), o uso da *internet* se popularizou nos últimos anos da década de 1990 através da *World Wide Web*, a rede mundial de computadores. Porém, sua origem está relacionada à ARPANET, uma rede de computadores criada em 1969 pela *Advanced Research Projects Agency* (ARPA). A ARPA, ainda de acordo com Castells (2015), foi criado em 1958 com o intuito de mobilizar recursos tecnológicos e científicos das universidades a fim de melhorar a tecnologia militar estadunidense frente à União Soviética. Dessa forma, em sua origem, a ARPANET possuía fins militares. Em 1973, aprimorando a tecnologia, a ARPANET se conecta a outras duas redes da ARPA, a PRNET e a SATNET, introduzindo assim o conceito de redes de computadores. Já em 1983 o Departamento de Defesa dos Estados Unidos

cria a MILNET para usos militares, transforma a ARPANET em ARPA – INTERNET e a destina a fins científicos. Na década de 1990 o Departamento de Defesa comercializa a tecnologia da internet e a privatiza. Para Castells (2015), ainda nessa década a internet cresce como uma rede global de computadores.

Mas, para além do uso militar, o surgimento da internet também se deve, de acordo com Castells (2015), a uma tradição de base de redes de computadores, do qual se destaca como um componente dessa tradição o *Bulletin Board Systems* (BBS) criado no final da década de 1970 através da conexão de computadores pessoais para a formação de um sistema de quadro de avisos. Em 1977 dois estudantes de Chicago escreveram um programa chamado MODEM, que também contribuiu para o nascimento da internet. O MODEM permitia a transferência de arquivos entre computadores pessoais. Em 1978 esses mesmos estudantes criaram o *Computer Bulletin Board System*, um programa que permitia a armazenagem e a transmissão de mensagens entre computadores pessoais. Também contribuindo para a popularização da internet, Tom Jennings cria a FIDONET, baseada em computadores pessoais e linhas telefônicas convencionais. Paralelamente a isso, outras redes de transmissão de dados e comunicação entre computadores pessoais se desenvolveram. Mas a *World Wide Web*, com sistemas operacionais e interfaces intuitivas permitiram a expansão maciça da internet. Para Castells (2015), foi somente em 1995, após muita evolução tecnológica, que a internet nasceu para os empresários e para a sociedade em geral. Hoje a *internet* está presente em todo o mundo e abarca uma variedade enorme de interesses, usos e funções. A rede social no ambiente virtual nada mais é, do ponto de vista operacional, que um *website* localizado na *internet* (ou rede mundial de computadores, conforme termo anterior) que tem como objetivo a interação social entre seus usuários, além de atualmente ser uma forma de entretenimento.

Cabe ressaltar que, conforme Muriana, Maciel e Garcia (2013, p.39), as redes sociais, em especial o Facebook, trouxeram uma facilidade jamais vista de organização social e de divulgação de ideias. Esse fator e a popularidade da rede social Facebook fazem com que a abrangência e a força de discussões de ideias saiam do virtual e atuem no mundo físico. Não raramente, pessoas que se conheceram na rede social partem para um encontro físico. O mesmo acontece de forma coletiva nas comunidades virtuais, por exemplo. Os laços que unem os

membros do grupo podem extrapolar o virtual, resultando em encontros físicos para discutir temas relevantes aos propósitos das comunidades ou apenas confraternizações entre os membros. Diferentemente do conceito de comunidade, as redes sociais não possuem como aspecto predominante a solidariedade, vizinhança e parentesco, embora possa englobá-los. A rede social, apesar de visar a interação entre seus usuários, não exige uma criação de vínculo entre eles, algo que se torna necessário dentro de uma comunidade. O que se desenvolve na atualidade, em decorrência das redes sociais, de acordo com Rogério da Costa (2005, p.243), é o surgimento de um Capital Social, definido como a capacidade dos indivíduos de produzirem suas próprias redes sociais. É importante salientar que o conceito de rede social não é exclusivo do mundo virtual e nem se limita a ele. Nesse sentido, entende-se rede social também como a capacidade de um indivíduo de formar laços e vínculos, virtuais ou não, formando uma rede de sociabilidade. Na contemporaneidade, o conceito de rede social está intimamente ligado ao ambiente virtual, mas volto a afirmar que não se limita a ele. Apesar disso, as comunidades virtuais intensificam e propulsionam essa nova forma de organização social propiciada pela globalização. Sendo assim, rede social é um conceito mais amplo e abrangente que o de comunidade.

Problematizando o conceito de rede social em ambientes virtuais, é possível afirmar que engloba todas as ações de um indivíduo em um site de entretenimento, desde a visualização de vídeos, textos e imagens sem interagir diretamente com eles e com seus autores até a interação direta e a formação de vínculos entre usuários. Dessa forma, utilizando o Facebook, o indivíduo pode, em seu perfil particular, demonstrar múltiplas facetas de si, interagindo e se identificando com um leque enorme de possibilidades e temas. E a comunidade virtual? Ela é mais limitada e pode, inclusive, estar no interior de uma rede social, como é o caso dos objetos de estudo dessa pesquisa. A comunidade virtual precisa de ações coletivas para existir, precisa de interação constante e a criação de vínculos entre seus membros. Utilizo o termo comunidade virtual para denominar os grupos *Joinville de ontem* e *São Francisco do Sul e suas histórias* justamente por estarem no interior de uma rede social, por terem uma abrangência menor que a rede como um todo e por suas ações visarem à interação coletiva, bem como à criação de vínculos. A semioticista Lúcia Santaella (2003, p. 121-122) afirma que

> Todos os tipos de ambientes comunicacionais na rede se constituem em formas culturais e socializadoras do ciberespaço naquilo que vem sendo chamado de comunidades virtuais [...]. Elas são compostas de agrupamentos de pessoas que poderão ou não se encontrar face a face, e que trocam mensagens e ideias através da mediação das redes de computadores.

Uma comunidade virtual pode se tornar uma rede de apoio mútuo entre seus membros, sendo local de compartilhamento de sensibilidades, sentimentos, aflições e testemunhos. Para o historiador Serge Noiret (2015, 43)

> Usa-se hoje a web para suprir a ausência de uma comunidade física presente in loco ou para coletar as memórias e os testemunhos destas comunidades dispersas no tempo e no espaço. De fato, o digital permite superar as barreiras espaçotemporais para conectar públicos e interlocutores "semelhantes", favorecendo assim o transnacional, o global e a comparação das diversas – ainda que similares – realidades locais.

A comunidade *Joinville de ontem* visa rememorar e discutir os vestígios do passado da cidade. Há compartilhamento de sensibilidades nesse grupo? Aparentemente sim. O passado da cidade vem à tona através de sensibilidades e experiências próprias de membros do grupo. É a memória individual contribuindo na construção de uma narrativa coletiva. A isso se ligam sensibilidades patrimoniais, ou seja, atribuição de valores a bens culturais da cidade ligados a experiências narradas dos membros nutridas por suas memórias afetivas. Sentimentos comuns e rotineiros também são despertados a partir de imagens de tempos passados. Por outro lado, os membros do grupo, através da interação nas publicações sobre a cidade, também revelam seus medos, suas angústias, suas repulsas, suas opiniões políticas, enfim, suas subjetividades ancoradas por suas posições no mundo e suas experiências sociais. A cidade e seus patrimônios, que aparentam ser o palco principal do grupo, são na verdade planos de fundo para as histórias de seus membros. Mas há, tanto na comunidade *Joinville de ontem* quanto na comunidade *São Francisco do Sul e suas histórias,* um outro perfil de participante que assume um papel de *voyeur*. Nesse caso, esses membros pouco interagem com os demais, estando inseridos nas comunidades virtuais movidos por suas curiosidades, por objetivos específicos, dentre outros.

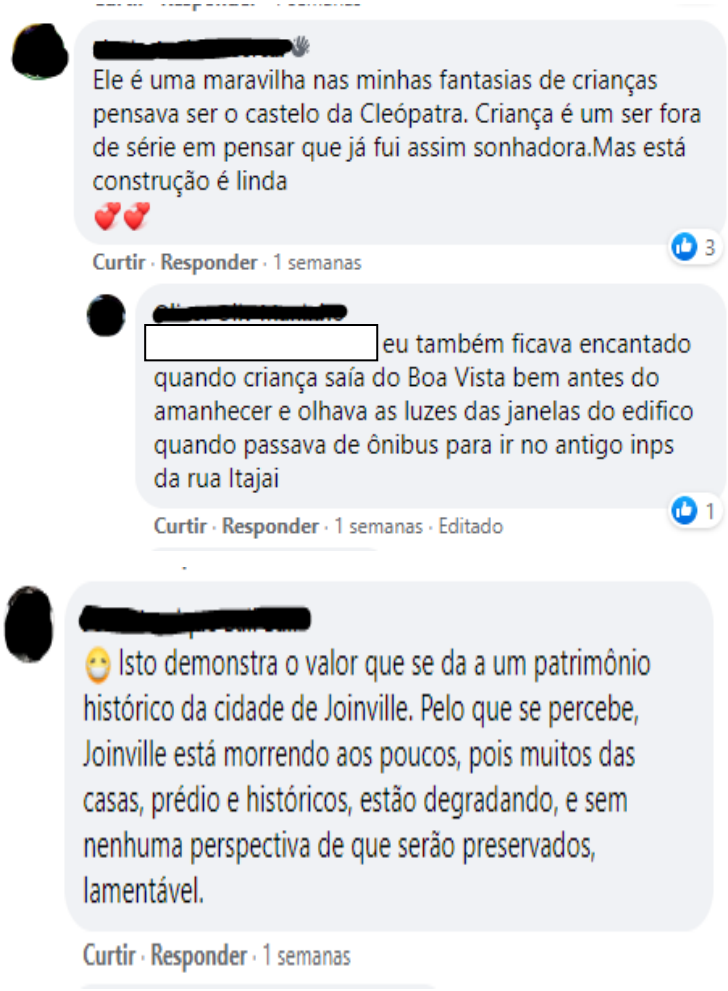
As publicações realizadas no interior das comunidades *Joinville de ontem e São Francisco do Sul e suas histórias* são fontes dessa pesquisa e, como descrito anteriormente, são carregadas de sensibilidades. Entendo sensibilidades como as ações e reações dos indivíduos perante o mundo, sua forma de senti-lo e o

experienciar. De acordo com Pesavento e Langue (2008, p.10) “a sensibilidade se traduz em sensações e emoções, na reação quase imediata dos sentidos afetados por fenômenos físicos ou psíquicos, uma vez em contato com a realidade”. As publicações têm como intuito apresentar, discutir e admirar o passado das cidades, mas também podem revelar como os membros dessas comunidades encaram os bens culturais e que significados atribuem a eles. Dessa forma, ao analisar as publicações tomo como ponto de partida as sensibilidades manifestas dos membros das comunidades para com a publicação em si e para com o bem cultural a que alude.

Figura 2 – Publicação sobre o Moinho Joinville

Captura de tela obtida em: 02/06/2020.

Figura 3 – Comentários feitos na publicação da figura 2



Captura de tela obtida em: 02/06/2020.

Analisemos as figuras 2 e 3. A figura 2 apresenta uma publicação feita na comunidade *Joinville de ontem* no dia 24 de maio de 2020. O autor da postagem apenas compartilhou uma imagem do Moinho Joinville, que pertencia à empresa Bunge e atualmente é de propriedade da Federação das Indústrias de Santa Catarina – FIESC. Desde 2019, essa edificação é protegida como patrimônio cultural pelo município de Joinville, após a conclusão de um processo de tombamento iniciado dez anos antes. Mesmo sem possuir uma legenda, a publicação despertou diversos sentimentos nos integrantes da comunidade que passaram a interagir com a publicação. A figura 3 apresenta comentários presentes na publicação do Moinho Joinville e, através desses comentários, podemos notar manifestações de sensibilidades para com esse patrimônio cultural da cidade. Na narrativa desses integrantes da comunidade, o prédio em questão tornou-se um vetor de memórias pessoais e coletivas. O bem arquitetônico da cidade, que na publicação original era o centro das atenções, passou a ser, nos comentários, plano de fundo para as histórias

de vida dos membros da comunidade. A fala aludida na figura 3 ainda transmite por tudo aquilo que se perde com a passagem do tempo. A história daquele patrimônio em questão não é discutida ou lembrada, os motivos que levaram à sua patrimonialização não aparecem. Há, nos primeiros comentários da figura 3, a forte presença do “eu” protagonizando recortes do passado do bem cultural. Além disso, uma crítica é feita ao suposto estado de abandono do “patrimônio histórico” da cidade. O autor do comentário crítica as políticas de preservação, mas não deixa claro o que entende por abandono. As críticas ao suposto estado de abandono são feitas pelos membros das comunidades, mas, assim como eles, passam a ser meras espectadoras das ações do tempo, esperando que a preservação venha através de iniciativa do poder público.

De acordo com Durval Muniz de Albuquerque Junior (2018, p.144)

> O patrimônio histórico e cultural é um legado de usos, costumes, tradições, leis, de artefatos e objetos, de monumentos e documentos que testemunham, que dão testamento da existência, no passado e no decorrer do percurso humano no tempo e na diversidade de suas formas de se organizar culturalmente, da existência desses usos, costumes, tradições e leis.

Um bem cultural, ao ser patrimonializado pelo ato do tombamento ou por outros mecanismos de proteção, passa e ser mobilizado para simbolizar uma Joinville que já não existe mais, a funcionar como marco de um passado. Mas, para além disso, o patrimônio presente na cidade é referência para lembrar de pessoas que já não existem mais e de crianças que cresceram e hoje são adultas. As marcas do tempo nos causam dor ao nos trazer à memória pessoas que se foram, ao trazer à lembrança a juventude já perdida. Assim, tomando como referência as palavras de Albuquerque Jr, o Moinho, enquanto patrimônio cultural tombado, é apropriado pelos comentaristas como símbolo da cidade de Joinville, mas, para além disso, como símbolo das imaginações de infância, das memórias de indivíduos em suas interações sociais. O Patrimônio em questão, com base nas afirmações dos comentaristas, ganhou apelo popular ao despertar sensibilidades nos membros da comunidade, sensibilidades que remetem a uma Joinville extemporânea.

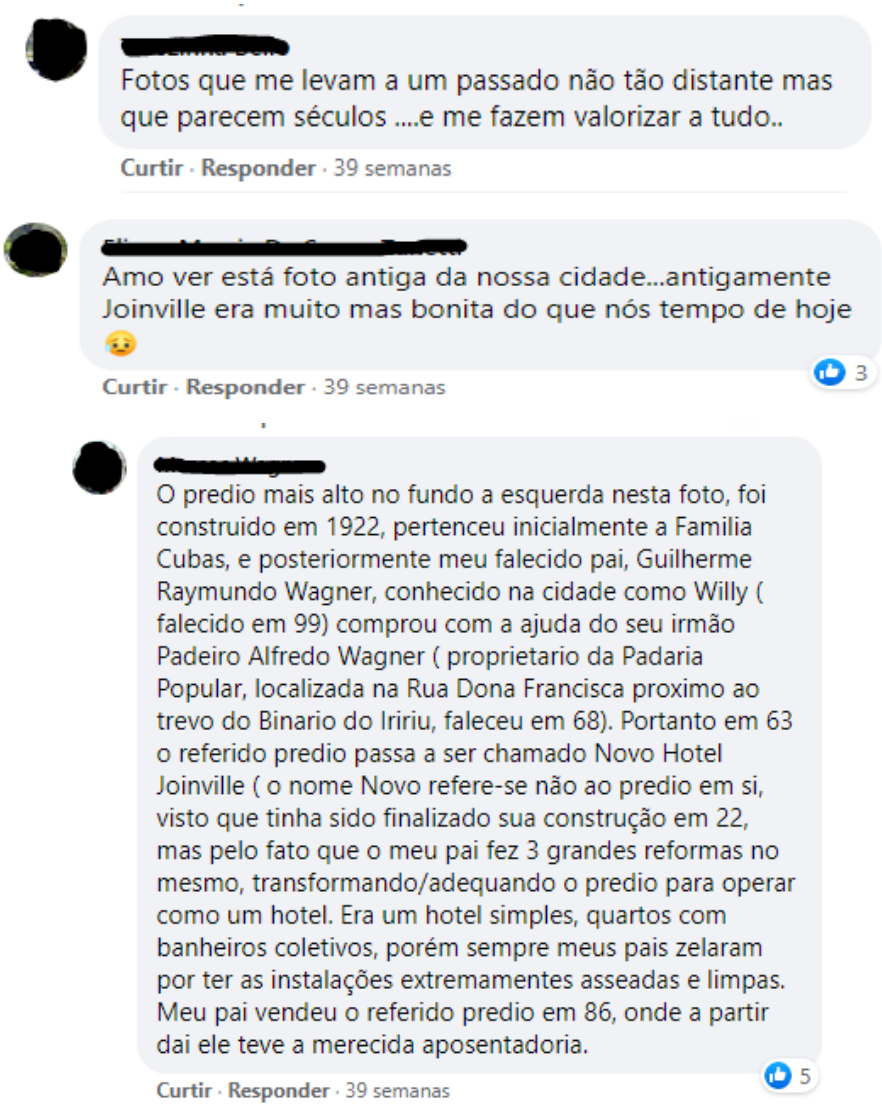
O patrimônio é símbolo de uma cidade que já foi “pacata e ordeira”, conforme figura 4, mas que agora é uma grande cidade. As modificações sofridas no espaço urbano do município levam embora não apenas árvores e prédios, elas podem

descaracterizar o local em que alguém aprendeu a dirigir ou andar de bicicleta. Podem apagar do espaço urbano o local em que uma família costumava se reunir para se divertir e/ou comemorar, o local do primeiro beijo, do primeiro trabalho, da primeira escola que frequentou. Enfim, a passagem do tempo leva com ela os marcos referenciais da memória e isso faz os indivíduos lembrarem que já não são mais os mesmos. Ou seja, os bens culturais podem despertar as sensibilidades dos indivíduos e essas sensibilidades encontram suas bases em memórias individuais e coletivas, em recordações afetuosas. Para Lowentahl (1998, p.27), a recordação e a expectativa fazem parte de cada momento do presente, sendo que a recordação se refere ao passado e a expectativa ao futuro. Essa mudança causa um desconforto, uma dor, que pode ser amenizada quando se interage, através das comunidades virtuais, com pessoas que compartilham de um sentimento similar, com imagens que fazem essa suposta “viagem no tempo”.

Figura 4 – Publicação sobre o cruzamento entre a rua do príncipe e a rua Abdon Batista

Captura de tela Obtida em: 18/09/2019.

Figura 5 – Comentário feito na publicação da figura 3



Captura de tela obtida em: 18/09/2019.

A Joinville “pacata e ordeira” da figura 4, conforme descrita pela autora da publicação, já não existe mais ou talvez nunca tenha existido. Esses termos atribuídos a Joinville fazem parte também de um discurso idealizado da cidade, principalmente quando se refere a ela como “ordeira”. De acordo com Diego Finder Machado (2014, p.8)

> Durante muito tempo, se construiu uma imagem de Joinville, propalada pelos discursos, que insiste em afirmar que nestas terras vivem apenas pessoas trabalhadoras, honestas e, sobretudo, ordeiras. Esta constituição discursiva serviu de inspiração para a elaboração de um dentre tantos epítetos atribuídos a esta cidade, o de “Cidade da Ordem”. Em diferentes momentos da história da cidade este epíteto recebeu novos significados, sempre manifestando, contudo, a ideia de que em Joinville se poderia encontrar um povo pacato, avesso à violência, cumpridor das regras definidas para o convívio em sociedade, subordinado ao poder das autoridades

> legítimas, ou seja, uma população fortemente obediente diante da ordem estabelecida.

As sensibilidades estimuladas pela passagem do tempo são ressaltadas pelos demais membros, conforme figura 5. Um dos membros, em seu comentário, apresenta essa relação com o tempo: “[...] um passado não tão distante mas que parecem (sic.) séculos [...]”. Há também a comparação da Joinville do passado com a atual: “[...] antigamente Joinville era muito mais bonita que nos tempos de hoje”. E por fim, há uma história familiar atrelada ao local representado na figura 4. Múltiplas sensibilidades evocadas em apenas uma publicação. Os apelos nostálgicos, como o da figura acima, costumam despertar nos membros das comunidades apenas as boas memórias e lembranças, deixando de lado no momento da rememoração os problemas já enfrentados. Isso faz com que surjam comparações como a do segundo comentário da figura 5, taxando, a partir daquele recorte específico da publicação, o passado da cidade de Joinville como mais bonito que seu estado presente. Que padrão de beleza e urbanismo é esse levantado pela autora do comentário? É provável que o apego da autora do comentário ao passado e seu olhar nostálgico “transformem” o antigo em excepcional.

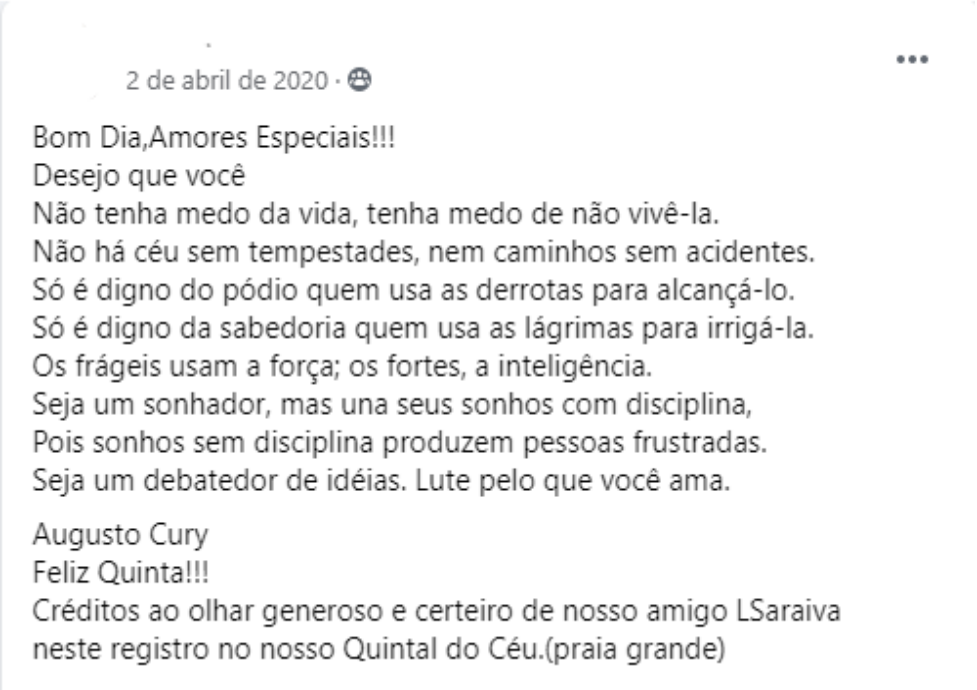
O último comentário da figura 5 apresenta uma memória familiar constatada a partir da foto apresentada na publicação da figura 4. O autor do comentário, ao analisar a fotografia, encontrou algo que remetesse a história da sua família naquele recorte temporal apresentado. A partir daí o relato detalhado do autor visa mostrar sua participação na história da cidade. A necessidade de se colocar na história e de perpetuar suas memórias transformaram uma publicação sobre a suposta “pacata e ordeira” cidade de Joinville em palco para os relatos de uma das personagens que por ela passaram. O comentário da figura 5 apresenta o que Sibilia (2015) chama de “espetacularização da vida cotidiana”.

A comunidade *São Francisco do Sul e suas histórias* também lida com sensibilidades diversas, mas de uma forma diferente. Imagens da atual São Francisco do Sul são frequentes nas publicações. Por vezes, mais frequentes que as de São Francisco do Sul de outrora. Para além disso, alguns sentimentos são expostos mais abertamente. A figura 6 apresenta uma imagem atual das ondas do mar da Praia Grande, em São Francisco do Sul. A imagem é acompanhada por uma legenda, contendo frases atribuídas ao psiquiatra Augusto Cury, autor de livros de autoajuda.

Na figura 7 observamos um comentário da publicação trazendo mais frases motivacionais com um tom poético. Assim caracterizam-se muitas publicações feitas no interior do grupo. Um tom saudoso toma conta. Aparentemente, os membros incentivam uns aos outros a “verem o lado bom da vida”. Não há crítica a recordações ou idealizações do passado.

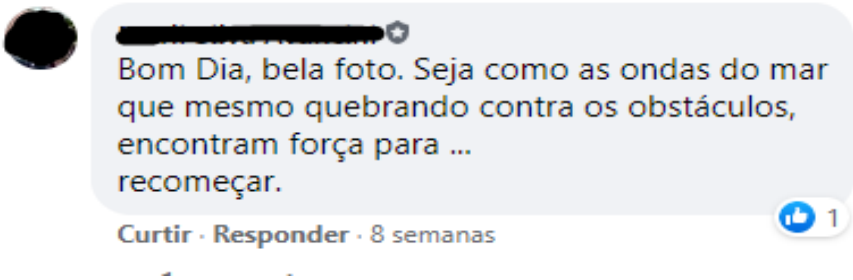
Até mesmo quando a publicação faz referência a patrimônios da cidade, ela costuma vir acompanhada de legendas poéticas, com frases motivacionais, como é o caso da figura 8. A figura 8 apresenta uma publicação contendo fotos tiradas do interior do Mercado Municipal de São Francisco do Sul. Uma das fotos mostra o prédio que fica em frente ao mercado e a outra imagem com vista para a Baia Babitonga. O poema escolhido para a legenda faz referência à noção de tempo e ao convívio entre passado e presente por meio dos bens patrimonializados. É válido ressaltar que o Mercado Municipal faz parte do Centro Histórico da cidade, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN em 1987.

Figura 6 – Publicação com foto do mar



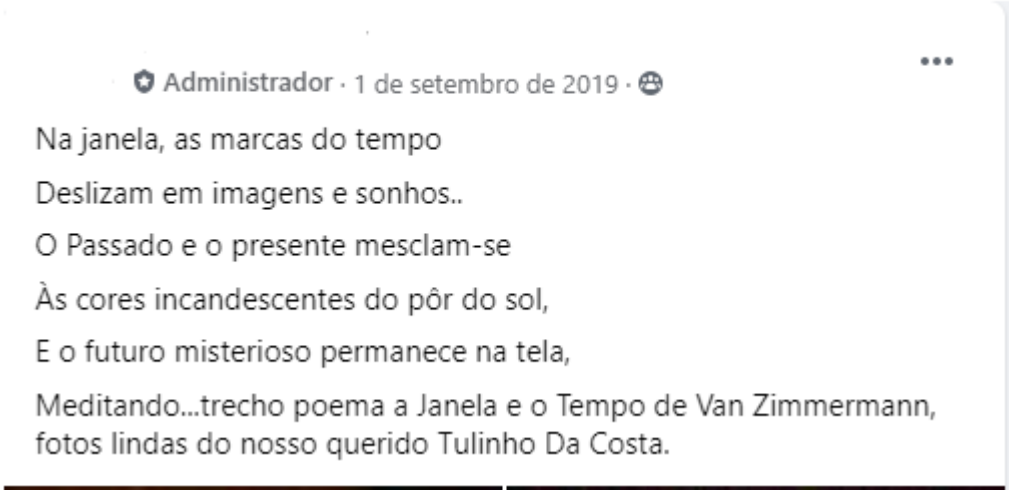
Captura de tela obtida em: 02/06/2020.

Figura 7 – Comentário feito na publicação da figura 6



Captura de tela obtida em: 02/06/2020.

Figura 8 – Publicação com fotos tiradas do interior do Mercado Municipal



Captura de tela obtida em: 16/09/2019.

As figuras 6 e 8 são amostras da falta de crítica e de discussão no interior da comunidade *São Francisco do Sul e suas histórias*. Além disso, a quantidade de fotos atuais da cidade pode indicar uma possível falta de fontes iconográficas por parte dos integrantes dessa comunidade. De qualquer forma, há uma exibição constante da atual São Francisco do Sul, seguida de sua romantização. Os poucos comentários que as publicações recebem tem como foco principal elogiar a cidade, a exibição do "próprio eu" não é marcante entre os membros da comunidade em questão.

As sensibilidades evocadas nas duas comunidades estudadas são múltiplas, complementares e, por vezes, até antagônicas, mas retomarei essa discussão mais adiante. Por ora, cabe ressaltar que as comunidades virtuais carregam para seu interior sensibilidades presentes na vida cotidiana. O medo, a angústia, o espanto, as paixões e admirações, bem como diversas outras sensações despertadas por bens culturais e marcos do passado, fazem parte da vida em sociedade. O sentir é humano. E o passado é o lugar confortável, enquanto o futuro é morada das incertezas. (LOWENTHAL, 1998, p.28). O compartilhamento em rede desses sentimentos e opiniões são uma espécie de consolação diante das transformações da sociedade contemporânea.

2.2. (Entre)laços virtuais: memórias e identidades

As comunidades, presenciais ou virtuais, se formam a partir de processos de identificação entre seus membros, com objetivos e ações em comum. De acordo com Hall (2000), a contemporaneidade trouxe consigo novidades que abalaram a estrutura social vigente, sendo elas o fenômeno da globalização e a rede mundial de computadores (internet). A noção de espaço-tempo mudou completamente. A sociedade entrou num ritmo acelerado de vida e o avanço tecnológico fez com que as modificações estruturais da vida em sociedade acontecessem numa velocidade muito maior, como, por exemplo, nas formas de comunicação e transmissão de informações. Os laços entre as pessoas, em um primeiro momento, pareceram diminuir, pois o contato face a face passou a ser substituído por meios alternativos de comunicação, como o telefone ou a internet. As novas tecnologias aproximaram as pessoas, ao facilitar esses processos de comunicação, mas, ao mesmo tempo, reduziram a criação de vínculos e as afetividades, ao diminuir interação direta entre indivíduos. A internet permitiu que os indivíduos tivessem informações de várias partes do mundo em casa e em tempo real. Mas toda ruptura gerou reações diversas. De acordo com o teórico cultural Stuart Hall (2000, p.103), essa mudança gerou uma crise de identidade coletiva e, por esse motivo, o final da década de 1990 foi marcado por uma explosão discursiva sobre o conceito de identidade. Essa dita “crise da identidade coletiva” se deu pelas mudanças provocadas pela globalização e pelo processo de hibridismo cultural. A identidade passou agora a ser mais subjetiva, mas sem deixar de ser fator de coesão social. Para Hall (2000, p.104), “a identidade é um desses conceitos que opera ‘sob rasura’, no intervalo entre a inversão e a emergência: uma idéia que não pode ser pensada na forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem ser sequer pensadas”. O conceito de identidade é essencial para compreender os processos de sociabilidade das sociedades, porém é pela via da subjetividade e através da ideia de identidades fragmentadas que se pode problematizar as sociedades atuais. Um indivíduo é capaz de estabelecer múltiplos processos de identificação que podem ser até mesmo simultâneos. Tendo em vista a ideia de identidade fragmentada, o ambiente virtual impulsionou e facilitou os processos de identificação na contemporaneidade. Nas redes sociais ou em comunidades virtuais,

os indivíduos se fragmentam em suas preferências e personalidades e estabelecem processos de identificação múltiplos a partir de temas e objetivos específicos.

As comunidades virtuais são, em sua maioria, temáticas. Existe um número incontável de comunidades virtuais espalhadas pela rede mundial de computadores, em diversas plataformas. As grandes empresas da tecnologia da informação apostam no processo de identificação entre indivíduo e comunidade. No fim de setembro de 2019, a empresa Facebook lançou no Brasil uma campanha publicitária intitulada “Somos mais juntos”, a qual incentivou a criação de comunidades em sua rede social. Em entrevista ao jornalista Igor Ribeiro, do site Meio & Mensagem, o *chief marketing officer* da empresa no Brasil, Antonio Lucio, afirmou que as pessoas sentem necessidade de estar conectadas umas às outras e que, por esse motivo, elas procuram coisas comuns que as unam (in RIBEIRO, 2019). Assim, a campanha publicitária visou estimular o estabelecimento de vínculos virtuais entre usuários do Facebook. A campanha foi global, não se restringindo apenas ao Brasil, tendo como slogan “Existe um grupo no Facebook para você”. A campanha estimulou a formação de identidades coletivas, mas a entendendo enquanto conceito subjetivo, não como algo integral, admitindo a possibilidade de múltiplos processos de identificação. O Facebook entende seu usuário enquanto portador de “múltiplas identidades”, levando em conta que essa visão favorece múltiplas práticas de consumo. Isso é revelado, também, através da campanha publicitária formada por diversos vídeos. Cada vídeo retratou um grupo temático, sendo sobre mães[17], fãs de música[18], amantes de cachorros[19], dentre outros. O processo de identificação é múltiplo na rede social, ao mesmo tempo em que um usuário participa de um grupo de música, pode participar de outro sobre decorações, animais de estimação, ou sobre história, por exemplo. Mas antes de chegar à rede social com seus gostos e preferências pré-definidos, o indivíduo se molda de acordo com as experiências vividas por ele na sociedade a qual pertence. De acordo com Hall (2000, p.105), o sujeito não nasce pronto, ele é moldado e construído a partir das práticas discursivas coletivas que o cerca. Uma identidade

---

[17] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nTxF0-SHT_U&ab_channel=MeninasBoasdobrasil . Acesso em: 18/11/2019.

[18] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aB7RWvm8-vY&ab_channel=FacebookApp . Acesso em:18/11/2019.

[19] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=shX9cs2CoYw&ab_channel=edmilsonaparecidooficial . Acesso em: 25/01/2020.

coletiva só se mantém se os sujeitos que ela envolve aceitarem e desenvolverem o papel destinados a eles na prática discursiva. Sendo assim, a identidade é fruto de um discurso que, também, molda o sujeito e por ele é moldado.

Para fazer parte de uma comunidade é preciso que o indivíduo se identifique com ela e, para que haja esse processo de identificação, a comunidade precisa ter seu discurso de identidade coletiva definido. Analisemos as comunidades virtuais que são objeto de estudo dessa pesquisa, *Joinville de ontem* e *São Francisco do Sul e suas histórias.* No processo de identificação, o indivíduo aspirante a membro precisa, ao menos, ter interesse pelas respectivas cidades que são tema central de cada comunidade. Para além disso, precisa também se identificar com o passado dessas cidades, ou com a projeção de passado criada no interior das comunidades.

No caso da comunidade *Joinville de ontem*, é perceptível como a identidade coletiva criada pelo grupo é condizente com o discurso oficial de identidade e memória da cidade. Os discursos hegemônicos sobre o que é e o que deveria ser a identidade coletiva de Joinville buscam possível enraizamento no passado da imigração e colonização europeia ao longo da segunda metade do século XIX, sobretudo da imigração e colonização germânica (SILVA, 2004, p.17). Mas atualmente, Joinville é uma cidade múltipla. A sua história conta também com populações negras, indígenas e de outras minorias étnicas que foram esquecidas ou silenciadas para criar uma narrativa/representação da identidade germânica da cidade. Uma identidade coletiva só se mantém se os sujeitos que ela envolve se apropriarem e compartilharem seus sentidos discursivos. De acordo com o sociólogo Stuart Hall (2000, p.107), a identidade é ambivalente, fundada na projeção, na fantasia e na idealização.

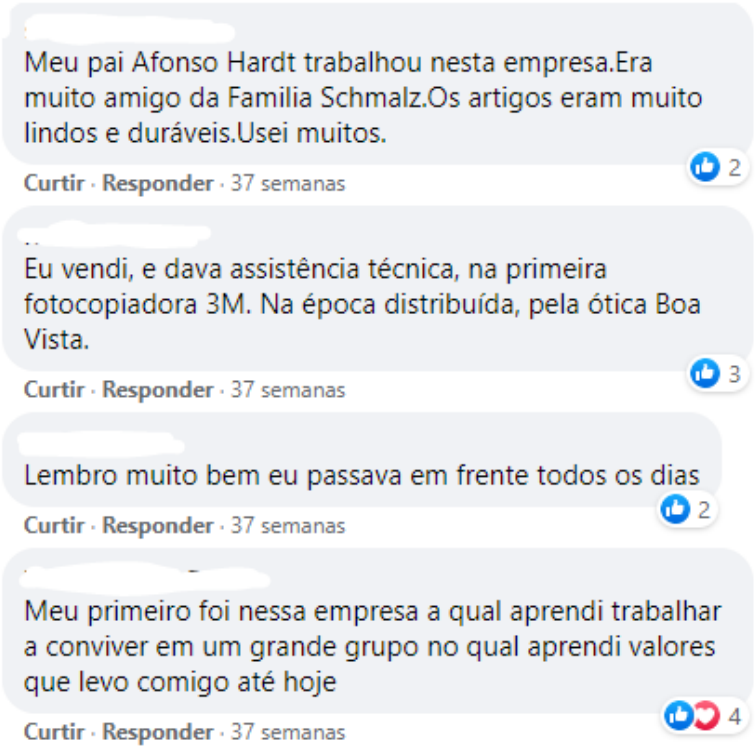
A figura 9 apresenta uma publicação sobre uma fábrica de Joinville chamada Nylonsul. O autor da publicação apenas postou a imagem no grupo e a partir daí narrativas começaram a ser construídas, do individual ao coletivo. A figura 10 apresenta comentários feitos na publicação da figura 9. Nesses comentários selecionados, os membros da comunidade *Joinville de ontem* narram as lembranças da fábrica e da região onde ela se localizava a partir de suas memórias afetivas, individuais e/ou familiares. A narrativa da fábrica se criou a partir das pessoas nas quais ela se fez presente, direta ou indiretamente. Os comentários da figura 9 evidenciam que a história da Nylonsul é contada na publicação através das histórias das pessoas que por ela passaram. Os membros da comunidade usam o espaço da

publicação não para falar da fábrica em si, mas para deixar registrado sua relação com ela. A narrativa sobre a Nylonsul passa a ser construída coletivamente, comentário por comentário. Cada membro conta uma recordação, que se complementa ou não no comentário seguinte. Críticas à empresa não são feitas, novamente se enfatiza apenas o que há de bom ou de corriqueiro nas lembranças sobre ela.

Figura 9 – Publicação sobre a Fábrica Nylonsul

Captura de tela obtida em: 28/10/2019.

Figura 10 – Comentário feito na publicação da figura 9



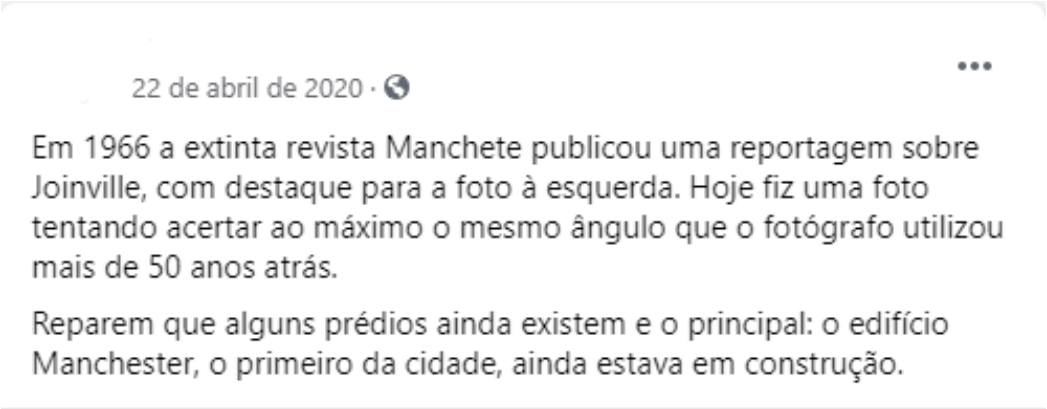
Captura de tela obtida em: 28/10/2019.

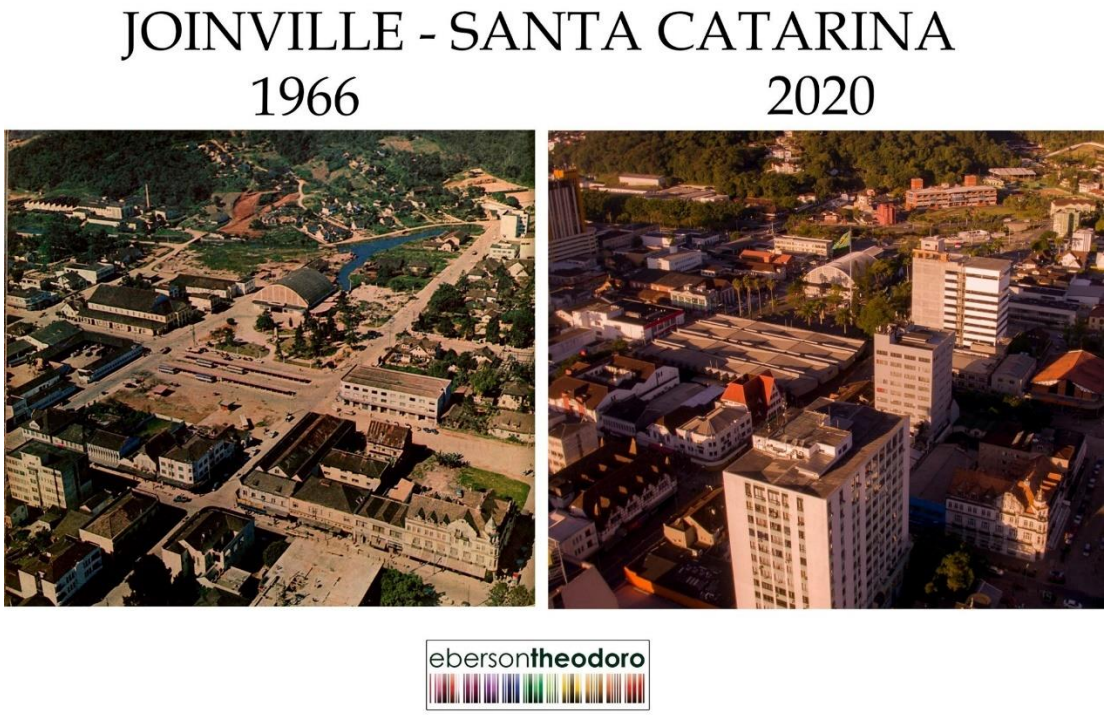
Essas identidades coletivas e processos de identificação individuais que permeiam as comunidades necessitam de outro conceito: memória. O conceito de identidade está intimamente ligado ao de memória. O sociólogo Maurice Halbwachs (1990) afirma que o primeiro testemunho ao qual podemos recorrer é o nosso, a própria recordação é o testemunho primeiro. Apesar de nossas lembranças serem individuais e carregadas do nosso ponto de vista, elas são sempre elaboradas com base em um fundo comum de memórias socialmente compartilhadas. Para Halbwachs (1990, p.30), nunca estamos sós em nossas lembranças, isso faz com que apesar de individual, nossa memória seja também coletiva, ou melhor, social. Isso explica, em parte, a formação de comunidades. Trata-se de lembranças individuais que articulam elementos comuns aos membros e que, através da narrativa, elaboram uma suposta identidade coletiva. Compartilha-se as lembranças individuais comuns em grupo, pois a lembrança coletiva dá maior credibilidade ao fato, além de criar vínculos identitários entre as pessoas de um mesmo grupo social.

O antropólogo Joel Candau (2011) afirma que a perda da memória é a perda da identidade. “Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais cognitivas.” (CANDAU, 2011, p 59-60).

São as experiências de um indivíduo que, possibilitada pela sua capacidade de memória, o produz como sujeito social, isto é, nas suas experiências com os outros. São o que Candau (2011, p. 60) chama de relações de si para si mesmo, mediadas por relações e interações com os outros, categorizando a memória em três níveis: A memória do passado ou memória de alto nível, formada pelos balanços, avaliações, lamentos e recordações da vida de um indivíduo; a memória da ação ou protomemória que é absorvida num presente evanescente, tratando-se da memória-hábito; e a metamemória, memória representação que pode incluir horizontes da espera inscrevendo-se em projetos, resoluções, promessas e esperanças em relação ao futuro. Num processo de identificação com uma comunidade não é apenas a memória do passado que é acionada. Pelo contrário, tanto a memória do passado como a da ação e a de espera são essenciais para o jogo da identificação. A metamemória é marcante na construção de laços de identificação nessas comunidades virtuais. Voltamos à memória do passado a partir da memória da ação e quando falamos de uma comunidade nostálgica ainda utilizamos do passado para projeções de futuro, evocando assim a memória de espera.

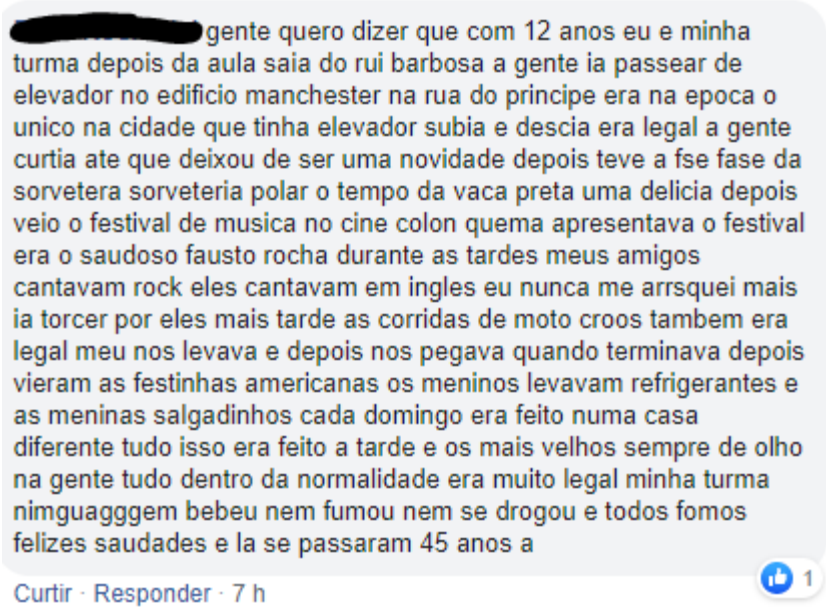
Figura 11 – Publicação sobre o antes e o depois de Joinville





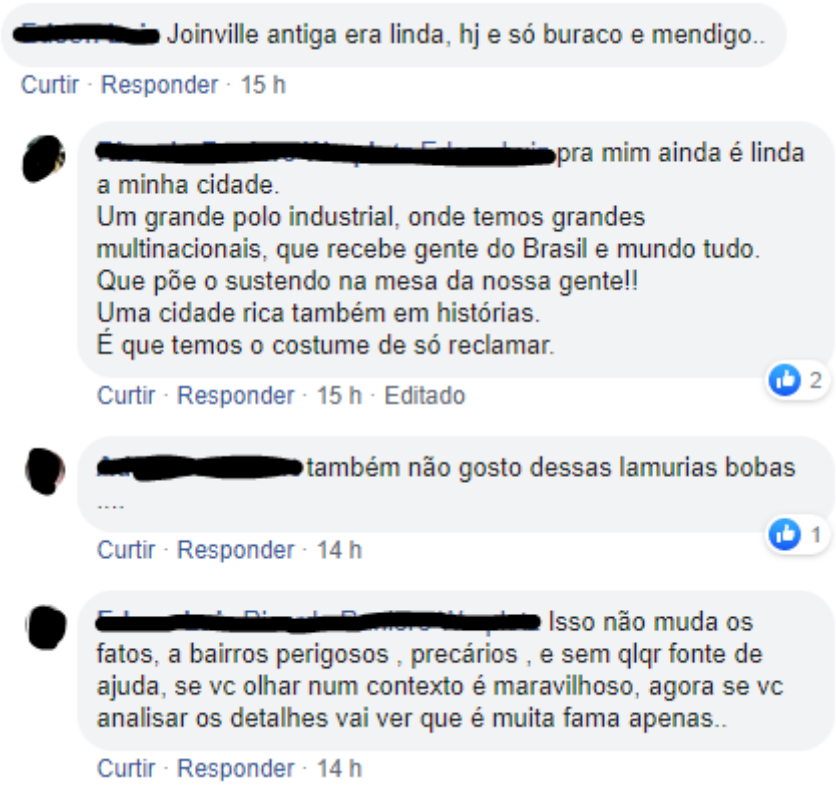
Captura de tela obtida em: 23/04/2020.

Figura 12 – Comentário sobre a publicação da figura 11



Captura de tela obtida em: 23/04/2020.

Figura 13 – Comentários referentes a publicação da figura 11



Captura de tela obtida em: 23/04/2020

A Figura 11 apresenta uma publicação da comunidade *Joinville de ontem*, realizada no dia 22 de abril de 2020. A publicação apresenta imagens comparativas entre a região central de Joinville em 1966 e em 2020. Essa publicação foi capaz de evocar nos membros da comunidade os três níveis da memória apresentados por Candau (2011) e discutidos anteriormente. A figura 12 apresenta um comentário feito na publicação e através desse comentário ressalta-se o já dito: a metamemória é recorrente nas comunidades, acionadas a partir de uma imagem do passado. O comentário da figura 12 apresenta a memória do passado, são recordações do indivíduo, carregadas de sentimento e sentidos próprios. Ele é fruto não da criança de 12 anos, como descrito no comentário, mas do adulto de agora, que carrega consigo a maturidade do tempo e uma bagagem de experiências vividas, fazendo com que se permita olhar para o passado como belo e ingênuo. A ação do presente idealiza a visão sobre o passado. A figura 13, por sua vez, apresenta comentários apontando a Joinville de ontem como bela e organizada e a atual Joinville como um lugar ruim, com problemas aparentes em todos os cantos. Os indivíduos mostram estar desacreditados na melhora da atual Joinville, sem uma perspectiva de futuro, ficando

apegados a uma época em que acreditam ser o ápice da cidade. Mas ainda na figura 13 uma exceção aparece, como um membro reafirmando que seu sentimento pela cidade ainda é vivo, assim como a própria cidade, que teria muitas coisas a oferecer. Comentários como o da figura 13 parecem não ser caracterizados como políticos pelos administradores da comunidade, e por isso se tornam comuns nas publicações. Críticas à atual Joinville são frequentes, seguidas de uma romantização e exaltação da Joinville de ontem. A comunidade *Joinville de ontem* se torna espaço de discussões políticas, apesar da negação de seus administradores. No processo de exaltação do passado, o esquecimento se faz presente.

Candau (2011, p. 61) afirma que a memória humana é representativa, formada por lembranças vinculadas. É por meio da memória que um sujeito compreende o mundo e forma o seu olhar, é através dela que ele manifesta suas intenções, estrutura e ordena o seu próprio mundo, dando sentido à sua vida individual e coletiva. A memória traz consigo a tomada de consciência. O antropólogo ainda ressalta que o esquecimento é essencial para a memória individual e coletiva. Lembrar de tudo que acontece em nossas vidas, de cada detalhe, seria um fardo insuportável a se carregar. Mas a questão é que somente o esquecimento pode proporcionar a narrativa e é da narrativa que precisamos para formar as identidades coletivas. São nas publicações e comentários das comunidades virtuais estudadas que podemos ver como os problemas das cidades do passado são esquecidos, propositalmente ou não, sobrando apenas lembranças positivas a serem compartilhadas. Somente esse distanciamento do passado, proporcionada pelo silenciamento deliberado, permite a reconstrução de nossas lembranças. Essa reconstrução envolve uma mistura de história e ficção que chamamos de narrativa. A narrativa é uma prática discursiva e a prática discursiva, por vezes, é idealizada. Mas apesar de misturar a ficção, o imaginado, a narrativa ainda é uma manifestação da memória e toda manifestação da memória, seja ela individual ou coletiva, traz consigo uma verdade do sujeito. Candau (2011, p. 76) ressalta que “o trabalho da memória é, então, uma maiêutica da identidade, renovada a cada vez que se narra algo”. A imagem que construímos do nosso passado é sempre baseada no que somos quando a evocamos.

Os patrimônios culturais de uma cidade ou de um país servem como vetores da memória coletiva. Através de narrativas baseadas em fatos históricos se cria uma memória e uma identidade coletivas de um determinado local. O sociólogo Michel

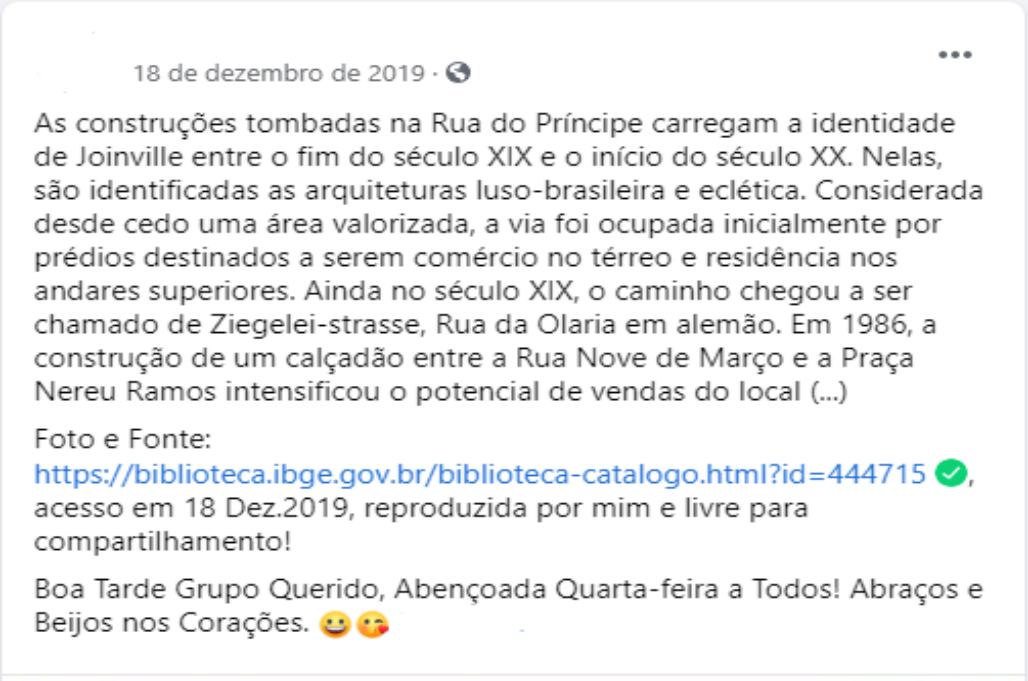
Pollak (1989) ressalta que a memória coletiva de uma cidade, baseada em fatos históricos selecionados, é excludente e a denomina de memória oficial. É valido lembrar que a memória é a base da identidade e toda identidade necessita do diferente, sendo por natureza excludente. Em contrapartida à memória oficial surgem diversas memórias subterrâneas. A memória subterrânea é a memória coletiva de grupos que não se sentem contemplados com a identidade criada na memória oficial. São subterrâneas por terem sido soterradas pelas memórias oficiais, através de um silenciamento imposto por violência. São memórias em conflito: oficial *versus* subterrânea. Pollak (1989, p. 5-6) afirma que a memória subterrânea aflora em momentos de crise. Ela espera o momento político correto para aflorar ao público. Quando isso acontece, reinvindicações múltiplas se acoplam nessa disputa da memória.

As memórias subterrâneas, quando vêm a público, criam a necessidade de revisão autocrítica do passado. Os grupos aos quais essas memórias subterrâneas pertencem foram, na verdade, silenciados pela memória oficial. De acordo com Pollak (1989, p.6) “o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais”. O silêncio desses grupos pode ser visto como uma forma de proteção. Mas no instante em que se percebe que a história desses grupos vai desaparecer juntamente com seus integrantes surge uma necessidade de inscrever as lembranças contra o esquecimento. É nesse momento que as memórias coletivas entram em disputa. Pollak (1989, p.10) ainda levanta a questão de que a memória comum (coletiva) tem a função de manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum. Nesse momento, se referindo a um país ou uma cidade, se faz o que o autor chama de enquadramento da memória. Esse enquadramento nada mais é do que as escolhas feitas para se criar a narrativa coletiva. O patrimônio cultural para Pollak (1989, p.11) é o rastro desse trabalho de enquadramento. É válido ressaltar que a memória é campo de disputa, sendo assim, seu enquadramento é fruto dela e envolvem relações de poder.

O autor ainda afirma que a memória individual é o resultado da gestão de um equilíbrio de contradições e tensões. O trabalho da memória é indissociável da organização social da vida. Além disso, dentro das próprias memórias subterrâneas há um trabalho de enquadramento. E nesse trabalho de enquadramento memórias de

subgrupos são também silenciadas. Ao falar sobre isso o autor apresenta o exemplo da memória da população que sofreu com o regime nazista. Quando a memória desse povo entrou na disputa houve um claro enquadramento que destacou alguns – como os judeus e presos políticos – enquanto outros continuaram silenciados, como as prostitutas e os homossexuais. Observa-se que a memória coletiva é formada por lembranças individuais conjuntas e que, assim como a identidade, está sempre em disputa. A disputa de memórias da cidade de Joinville está presente na comunidade *Joinville de ontem*, seja através das inúmeras publicações sobre os imigrantes europeus, seja através do silenciamento da memória de outros grupos sociais, como os negros, que raramente são tema principal das publicações.

Figura 14 – Publicação sobre a Rua do Príncipe no século XX


18 de dezembro de 2019 ·

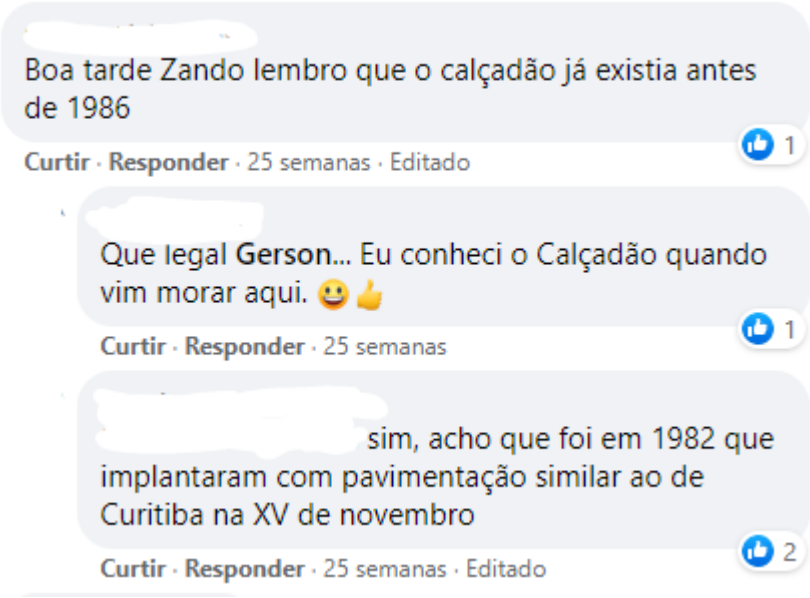
As construções tombadas na Rua do Príncipe carregam a identidade de Joinville entre o fim do século XIX e o início do século XX. Nelas, são identificadas as arquiteturas luso-brasileira e eclética. Considerada desde cedo uma área valorizada, a via foi ocupada inicialmente por prédios destinados a serem comércio no térreo e residência nos andares superiores. Ainda no século XIX, o caminho chegou a ser chamado de Ziegelei-strasse, Rua da Olaria em alemão. Em 1986, a construção de um calçadão entre a Rua Nove de Março e a Praça Nereu Ramos intensificou o potencial de vendas do local (...)

Foto e Fonte:
https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=444715,
acesso em 18 Dez.2019, reproduzida por mim e livre para compartilhamento!

Boa Tarde Grupo Querido, Abençoada Quarta-feira a Todos! Abraços e Beijos nos Corações. 😀😘

Captura de tela obtida em: 02/02/2020.

Figura 15 – Comentário feito na publicação da figura 13



Captura de tela obtida em: 02/02/2020.

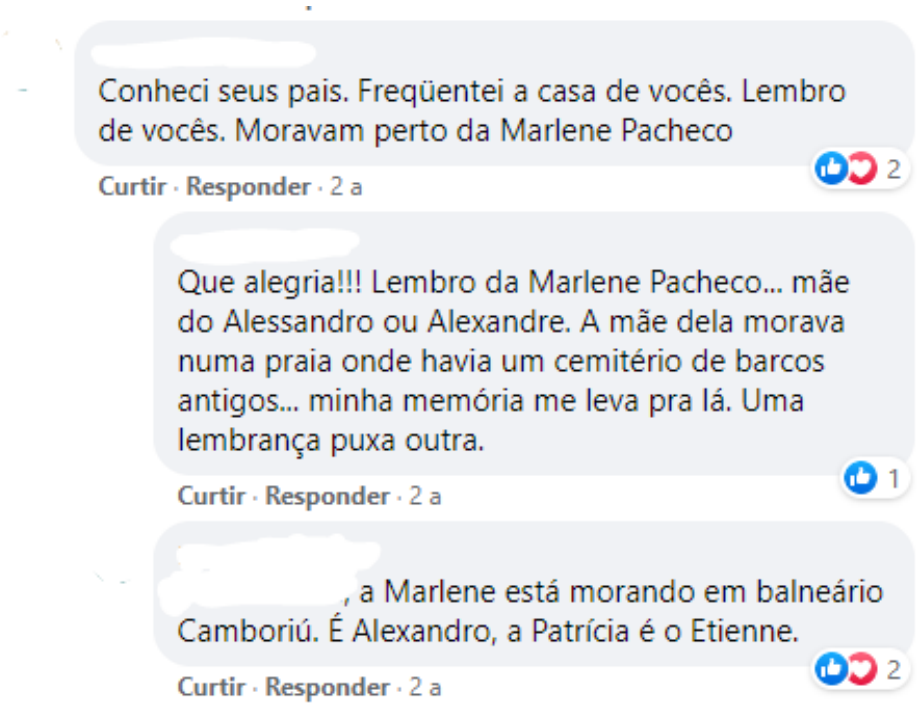
Os conceitos de memória e identidade são, nomeadamente, acionados pelos membros das comunidades virtuais estudadas. Na figura 14, o autor da publicação afirma que o patrimônio arquitetônico da Rua do Príncipe, região central de Joinville, carrega a identidade da cidade. Que identidade é essa, por ele destacada? A quem representa? A publicação é acompanhada de uma foto dessa mesma rua, no século passado, movimentada e ocupada por carros e bicicletas. Quais seriam os marcos da identidade de Joinville? Os casarões? As bicicletas? A publicação é carregada de

símbolos, mas o destaque dado às bicicletas na foto chama a atenção. Joinville já carregou em sua identidade o título de “Cidade das bicicletas” e uma das principais reclamações dos membros da comunidade é sobre a ausência das bicicletas na Joinville de hoje. A figura 15 mostra alguns comentários feitos na publicação e neles é possível observar o compartilhamento de lembranças formando uma memória coletiva. A veracidade dos fatos apresentados é confirmada por lembranças comuns compartilhadas entre seus membros. As memórias e identidades compartilhadas orientam os usos e abusos do passado no interior da comunidade. Ressalta-se a propagação de uma “identidade oficial” de Joinville que é excludente nas publicações da comunidade.

Figura 16 – Publicação com fotos de uma família na Ilha da Paz.

Captura de tela obtida em: 05/05/2020.

Figura 17 – Comentários feitos na publicação da figura 15.



Captura de tela obtida em: 05/05/2020.

Na comunidade *São Francisco do Sul e suas histórias*, por sua vez, a memória afetiva e familiar é acionada com frequência, de forma direta. A figura 16 apresenta uma publicação com uma foto que retrata a família da autora da publicação na Ilha da Paz, na cidade de São Francisco do Sul. A autora expõe sua fotografia familiar e nas primeiras palavras da legenda escreve em caixa alta “MEMÓRIA AFETIVA”. Ainda nessa mesma legenda acrescenta as palavras “Minha vida. Minha Infância”. A autora não está ali para falar da Ilha da Paz, ou para falar sobre o passado de São Francisco do Sul, muito menos para discutir seus patrimônios instituídos. Ela está ali para falar do seu passado familiar, está ali colocando seus sentimentos como centrais na publicação e admitindo isso na própria legenda. A figura 17 apresenta os comentários feitos nessa publicação. Através deles é possível observar laços sendo descobertos. A lembrança de uma vizinha, de uma amiga, ou de simplesmente uma conhecida vem à tona a partir da foto publicada. Publicações como essa, de cunho familiar, são muito comuns em ambas as comunidades. O sentimento familiar, de vizinhança, é uma das características das comunidades físicas que foram levadas à virtualidade. É o sentimento de identificação com o outro, de memórias comuns e pessoas em comum que gera o lugar confortável e humaniza o espaço virtual. A volta ao passado se dá de dentro para fora de si.

2.3. Nostalgia em rede: a espetacularização nostálgica nas comunidades virtuais

As lembranças e as narrativas podem levar os membros das comunidades de volta a uma idealização de passado, por meio do sentimento nostálgico. Para compreender esse processo é preciso primeiro conceituar o que é nostalgia. De acordo com Marcos Piason Natali (2006, p.18), a palavra nostalgia foi criada pelo médico suíço Johannes Hoffer. Era entendida, inicialmente, como uma doença que abatia principalmente soldados em campos de guerra. Apesar de ter sido criada por um suíço, a palavra tem origem grega: *nostos* (voltar para casa) + *algos* (condição dolorosa). Entende-se, nesse primeiro momento, a nostalgia como uma enorme saudade de casa – local de origem enquanto espaço físico. Natali (2006, p. 17) afirma: "Diversas tradições culturais possuem sofisticadas teorias da saudade e eloquentes descrições de seus efeitos naqueles que dela sofrem". A saudade realmente é um sentimento complexo. Mas a nostalgia estaria baseada apenas na saudade? E em saudades de quê? Apenas do espaço físico? A nostalgia também é complexa e vai além disso. Para Natali (2006, p.18), a nostalgia é uma palavra moderna, criada para concentrar um conjunto de questões que a modernidade ainda não conseguiu resolver. Ela só pode existir se o passado e o presente forem vistos como coisas totalmente distintas.

Quando criada, a nostalgia representava inclusive uma forma de demência. Os médicos atribuíam sintomas físicos a ela, como febre, insônia, suspiros frequentes, palpitação do coração e declínio notável de força e apetite. Na parte psicológica, os sintomas eram alucinações, dificuldade de concentração em qualquer coisa além da lembrança em si e perda generalizada de interesse pelo mundo e pela vida – nesse último se assemelhando à depressão (NATALI, 2006, p.20). Alguns desses sintomas hoje, de maneira poética, são descritos como os sinais da paixão. Mas não seria o nostálgico um ser apaixonado por um lugar idealizado? Retomarei essa questão mais adiante. Inicialmente acreditava-se que era uma doença perigosa – pois um nostálgico poderia cometer atos de violência extrema em busca da volta ao lar – mas de alcance limitado, atingindo apenas um grupo específico da população, como os soldados em campo de batalha. No século XIX, a nostalgia já estava suscetível a todos, mas ainda ligada a busca por um lugar distante (lugar físico). Em sequência, a nostalgia poderia ser também adquirida através da saudade de um ente querido, ou pela transformação

radical do lar. Nesse período em que a nostalgia já não é mais definida como uma doença, esse desejo por um espaço físico ou por pessoas é resumido em um sentimento complexo, porém rotineiro: saudade.

É possível resumir o conceito de nostalgia ao ato de sentir saudades? Não, são conceitos distintos apesar de similares. Ambos os conceitos se modificaram ao longo do tempo e, para além disso, o conceito de saudade é exclusivo da língua portuguesa enquanto o termo nostalgia está presente nos mais variados idiomas. A sensação de sentir falta faz parte do ser social, mas adquire sentidos diferentes ao ser nomeado de formas distintas (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p.156). Assim como a nostalgia, a saudade também lida com a perda. De acordo com o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2013, p.159) “sabemos que o sentir saudade está intimamente ligado a eventos marcados pela perda, pela ausência, pela mudança que não se deseja, pelo desaparecimento ou distanciamento de algo ou alguém com que se tem laços afetivos e existenciais”. A saudade, assim como a nostalgia, só pode existir se for nomeada, pensada e conceituada. Não necessariamente o ato de sentir saudade está ligado a uma distância temporal, essa distância pode ser apenas física. A nostalgia, por sua vez, só é despertada se existe uma distância temporal e se houver algo no presente que incite a rememoração.

Na contemporaneidade, a nostalgia passa a ser entendida como uma dor provocada pela distância temporal, pela passagem do tempo, não mais se limitando à espaços e pessoas. Natali (2006, p. 28) afirma que “o que o sujeito lamentava, nesses casos, era a transformação do presente em passado, em meio a um período de crescente industrialização e urbanização”. A modernização trouxe dois efeitos: por um lado se celebra esse novo mundo múltiplo e cheio de possibilidades, por outro se lamenta aquilo que se perde com essas transformações. Em um mundo em que a tecnologia acelerou o tempo da vida cotidiana, tudo se torna obsoleto de maneira muito rápida. Como lembra Svetlana Boym (2017, p.153) “O século XX se iniciou com uma utopia e terminou em nostalgia”. De acordo com Baumam (2017, p. 11), a ideia moderna de progresso, o pensamento de que o progresso levaria a sociedade para um lugar melhor, foi substituído pelos desejos de imaginados retornos ao passado. O futuro, que antes era visto com esperança e expectativa, passa agora a ser um lugar duvidoso, habitat do medo e local de pesadelos. As pessoas não acreditam mais num futuro próspero e bom, é como se a sociedade tivesse chegado a seu ápice, no seu

melhor, e o que vem de agora em diante é apenas o caos e o declínio. Esse constante medo, fruto das mudanças repentinas e velozes ocasionadas pelos denominados fluxos globais, faz com que essas pessoas voltem seu olhar em direção ao passado. Mas esse passado passa a ser imaginado como algo bom e próspero, é o lugar seguro.

As comunidades, que anseiam por segurança e estabilidade, sentem-se deslocadas na modernidade. Em busca desse sentimento de segurança e, por vezes, com medo do futuro incerto, voltam ao passado através de um olhar nostálgico. Esse apego ao passado compartilhado em grandes grupos, de maneira virtual, faz com que o medo do futuro incerto pareça diminuir. Svetlana Boym (2017, p.153) conceitua nostalgia “como um desejo por um lar que não existe mais, ou nunca existiu”. Se volta ao passado através de um olhar que busca uma memória coletiva idealizada, uma identidade exaltada, como se tudo que se encontra nesse passado fosse bom. Nas palavras da autora: “O amor nostálgico só pode sobreviver em um relacionamento à distância” (BOYM, 2017, p.153). Considero essa afirmação essencial para a compreensão desse movimento nostálgico. Todas as vezes que retornamos ao passado o fazemos com um olhar do presente. São os anseios do presente que nos levam ao passado. Se há uma crise no presente é ela que direcionará o nosso olhar. Além disso, essa visão idealizada do passado que a nostalgia forma pode impactar o futuro. Como afirma Svetlana Boym (2017, p. 154): “As fantasias sobre o passado, determinadas pelas necessidades do presente, têm um impacto direto nas realidades do futuro. A consideração do futuro nos faz assumir a responsabilidade por nossas fábulas nostálgicas”. A tecnologia impulsiona esse excesso de passado e essa “explosão” nostálgica presentes na sociedade contemporânea. As redes sociais, onde estão alocadas a maioria das comunidades virtuais, facilitam esse retorno e discussão sobre o passado imaginado. O que leva a esse consumo em grande escala de passado? De acordo com Boym (2017, p. 158-159): “O ritmo acelerado da industrialização e modernização aumentou a intensidade do desejo popular por ritmos mais lentos do passado, por coesão social e tradição”. Sendo assim, a nostalgia se torna contemporânea também ao nascimento da cultura de massa, tendo em vista que os discursos e projeções sobre o passado se tornaram atrativos no meio do entretenimento.

Nesse ponto, “a memória emerge como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais” (HUYSSEN, 2000, p.9). Andreas Hyussen utiliza um outro termo para descrever o que Bauman também apresentou: a ideia de progresso nos levava a uma constante sensação de “futuros presentes”, enquanto essa onda de consumo do passado, emergente a partir da década de 1980, nos remete a “passados presentes”. A partir da década de 1960, surge uma nova política de memória, o mundo passa a ser musealizado. A memória se torna uma obsessão cultural de grandes proporções, atingindo todos os cantos do planeta. Hyussen (2000, p.18) afirma que essas memórias consumidas em massa, através da mídia, são facilmente esquecidas por serem imaginadas. Ao mesmo tempo em que há a explosão de memória, através da comercialização, há a explosão do esquecimento. Esquecimento esse resultado do enquadramento seletivo da memória. Para Hyussen (2000, p.18) “[...] a memória é apenas outra forma de esquecimento e que o esquecimento é uma forma de memória escondida”. Mas é importante salientar que nem toda mercadorização banaliza o evento histórico. Ao trabalhar com materiais de mercado, é preciso ter em vista que o meio é a mensagem, analisando como tal. Hyussen ainda nos faz uma provocação: Será que alguém realmente está se lembrando de alguma coisa? Não estaríamos apenas criando nossas próprias ilusões de passado? A discussão sobre nostalgia poderia responder essas questões.

O passado que retorna e é comercializado na indústria cultural é idealizado, baseado em fatos, mas ainda assim é imaginado. A nostalgia pode ou não se prender a esse passado idealizado. Svetlana Boym (2017, p.159) divide a nostalgia em duas: restauradora e reflexiva. A nostalgia restauradora se prende ao retorno ao lar. Ela busca uma reconstrução transhistórica desse lugar perdido no espaço-tempo. Nos tempos atuais essa nostalgia restauradora surge como verdade e tradição. Já a nostalgia reflexiva posterga esse retorno ao lar. Analisando os detalhes é possível observar que a restauradora não busca exatamente o passado, o que ela quer restaurar são valores ditos universais como família, natureza, pátria e verdade. A nostalgia reflexiva põe em dúvida a verdade absoluta apresentada pela nostalgia restauradora. O passado surge de forma melancólica, é saudade e admiração, mas nunca uma restauração do que já se passou. Por se tratar de saudade e admiração, a nostalgia reflexiva vai amar os detalhes e não os símbolos, volta ao passado com um olhar crítico. Um exemplo disso são as “ondas retrô” que invadem o espaço

público. É comum encontrarmos estabelecimentos dos mais variados que apostam em decorações que remetem a décadas passadas. De sorveterias a barbearias, telefones e relógios da década de 1950, 1960 e 1970 marcam presença no local. Os móveis rústicos, em formatos clássicos, também marcam presença nessa onda retrô. Mas apesar desse apelo pelo passado que a nostalgia reflexiva apresenta, é importante destacar que nos exemplos dados anteriormente não se busca viver aquele passado tal como foi, como uma verdade absoluta, pelo contrário, ele é apenas exaltado com saudosismo, sem sobrepor o presente. É importante ressaltar que quanto mais rápida for a modernização, mais conservadoras tendem a ser as novas tradições. Dessa forma, a velocidade das transformações sociais na contemporaneidade, impulsionadas pela tecnologia, pode contribuir para o apego a ideais de passado por parte da sociedade. Svetlana Boym (2017, p. 164) alerta que

> A nostalgia pode ser uma criação poética, um mecanismo individual de sobrevivência, uma prática da contracultura, um veneno, ou uma cura. É de nossa alçada assumir responsabilidade pela nossa nostalgia e não deixar que os outros a 'pré-fabriquem' para nós.

As comunidades virtuais analisadas se apresentam como nostálgicas desde sua descrição. Ao descrever a comunidade *Joinville de ontem*, seu criador, Valmir José Santhiago, afirma que o objetivo dela é "ressaltar a memória tudo aquilo que diz respeito ao tempo que marcou o povo desta terra, terra dos príncipes [...]". Além disso, preza por publicações que não contenham propagandas e o que ele intitula como ideologias, ou que ofendam algum dos membros. A ideia principal é um retorno ao passado através de imagens e narrativas compartilhadas sobre a cidade de Joinville – SC e seus moradores. Ressalta-se que se busca contar e compartilhar no grupo uma história que é supostamente apolítica, ou seja, uma história neutralizada de "ideologias políticas partidárias" e "filosofias religiosas próprias", de modo a preservar e exaltar uma memória oficial da cidade. O fundador da comunidade apresenta Joinville como "terra dos príncipes", reforçando um dos epítetos atribuídos a Joinville, o qual faz alusão ao fato de que o território do atual município integrava o dote de casamento do príncipe francês François Ferdinand Philippe com a princesa brasileira Francisca Carolina, celebrado em 1843. Joinville carrega em sua memória oficial diversos epítetos que não mais condizem com sua realidade atual e que não incluem toda a sua população (ou talvez nunca tenham incluído), tais como "Cidade dos Príncipes", "Cidade das Flores", "Cidade das Bicicletas" e "Capital da Dança". Joinville

é apresentada como uma cidade de tradições germânicas, o que reforça uma memória que pretende ser oficial calcada em seu passado de imigração e colonização a partir da segunda metade do século XIX, ainda que, atualmente, seja a maior cidade do estado de Santa Catarina, tendo se tornado multiétnica e multicultural.

A nostalgia restauradora se faz presente na maior parte das publicações do grupo Joinville de ontem, como na figura 18. A figura 18 apresenta uma imagem de um grupo de dança germânica fazendo sua apresentação no jardim do Centro de Exposições de Joinville – Expoville, ao fundo é possível observar um dos cartões postais da cidade, o pórtico. Na legenda, o autor da publicação evoca os termos identidade e folclore, além de afirmar que esse tipo de manifestação cultural não é mais visto com frequência. Apesar da imagem não ser datada, aparenta ser do início desse século, mesmo assim é carregada de um apelo nostálgico. A publicação incita a rememoração, uma rememoração direcionada. A identidade germânica é evocada na imagem e, juntamente com ela, idealizações de um passado não tão distante. A figura 19 apresenta um comentário realizado nessa publicação e o autor do comentário evoca os termos costume e tradição. É isso o que o passado está representando nesse recorte temático e temporal, é cultura e tradição. A memória individual e afetiva dos autores da publicação e do comentário remetem a uma Joinville que, na visão deles, preservava seus costumes e tradições. E ressaltando, mais uma vez, que a Joinville bela era a de ontem. Mas a nostalgia reflexiva também está presente na comunidade *Joinville de ontem*, conforme mostra a figura 20. A restauradora é marcante na comunidade, principalmente nas suas publicações principais, mas a reflexiva está presente nas entrelinhas. A figura 20 apresenta um comentário feito em uma outra publicação da comunidade e, no breve diálogo há um questionamento em relação ao sentimento de saudade. Uma das pessoas envolvidas na discussão apresenta, provavelmente inconscientemente, a definição de nostalgia reflexiva. Ela admira o passado, mas não o quer revivê-lo, procura viver as relações do presente, com foco nos planos futuros, compreendendo a passagem temporal sem descartá-la por completo.

Figura 18 – Publicação com foto de uma dança típica germânica

27 de fevereiro de 2015 ·

Identidades, folclore e ambientes de uso coletivo qualificados. Imagens difíceis de serem vistam hoje em dia!

Captura de tela obtida em: 10/04/2020.

Figura 19 – Comentário feito na publicação da figura 18

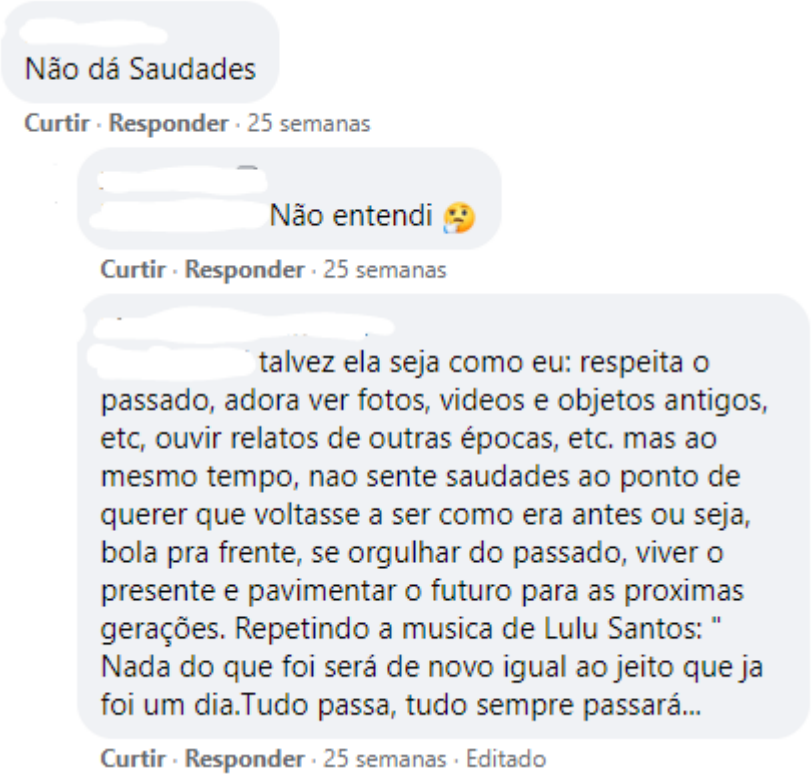
Sinto saudade dessa época e das nossas festas onde tudo floria e florecia com seus costumes e tradições. Trabalhei muito como guia de turismo e sentia muito orgulho ao dizer ao público que Joinville era conhecida como Cidade das Flores e de seus Jardins. Quero voltar a ter esse orgulho!!!

Curtir · Responder · 5 a

3

Captura de tela obtida em: 10/04/2020.

Figura 20 – Comentário questionando o sentimento de saudade



Captura de tela obtida em 05/06/2020.

A comunidade virtual *São Francisco do Sul e suas histórias* apresenta uma ideia similar em sua criação, tendo em vista que muitos de seus membros também fazem parte da *Joinville de ontem*. Em sua descrição, a criadora Marli Silva Avancini dedica o grupo à Aurélio Alves Ledoux, figura que marcou o bairro Vila da Glória e que se intitulava historiador, apesar de não ter formação na área. Além disso, ela ressalta que o objetivo é compartilhar tudo que se remeta à memória de São Francisco do Sul, solicitando respeito aos membros e fontes (referências) para o que for publicado. A cidade de São Francisco do Sul tem uma dimensão territorial e populacional muito menor em comparação à Joinville. Entretanto, se caracteriza como a cidade mais antiga do estado e uma das mais antigas do país, sua fundação data de 1504 pelo navegador francês Binot Palmier de Gonneville[20], sua igreja Matriz, Nossa Senhora das Graças, foi inaugurada em 1650. Ambas as comunidades se utilizam, principalmente, de fotografias para rememorar cenas e cenários do passado e, dessa

[20] A data de fundação do município, ainda enquanto vila, é controvérsia. Não há provas concretas que o navegador francês tenha desembargado na região de São Francisco do Sul. Dados retirados da biblioteca IBGE, disponíveis em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/santacatarina/saofranciscodosul.pdf>. Acesso em: 13/01/2019.

maneira, provocam discussões a respeito do recorte temporal apresentado. As comunidades buscam legitimar uma memória oficial do passado. Mas na comunidade virtual que trata de São Francisco do Sul essa memória evocada aparenta estar para além da imigração europeia, embora a cidade fixe como origem fundacional a chegada de um francês.

Analisando as postagens da comunidade *Joinville de ontem* é clara a sua atuação: ressaltar os bens culturais da cidade, patrimonializados ou não. A comunidade atribuí valor a marcos dessa cidade que atuam como indicadores simbólicos da memória social, projetando e idealizando uma Joinville que não existe mais, ou que talvez nunca tenha existido. A figura 21 apresenta uma publicação questionando o desmonte de uma praça na região central de Joinville, na qual se encontrava um monumento em homenagem à princesa Dona Francisca. O autor da publicação, de forma clara, atribuí sentimento à praça que não existe mais. Seu apego é principalmente em relação ao monumento da princesa, símbolo da identidade oficial da cidade. A figura 22 apresenta comentário feitos nessa publicação, comentários que evidenciam uma Joinville atual que, na visão dos membros, está maltratada. Novamente, o passado é visto como o lugar seguro e aconchegante. Através de vestígios do presente se constrói uma Joinville dos sonhos, uma cidade que vive num passado imaginado. A “Joinville dos sonhos”, a de ontem, é constantemente aclamada pelo grupo em contraposição com a Joinville do presente. O que se observa nessa comunidade é uma narrativa coletiva sendo construída – com base em vestígios históricos selecionados – a partir de memórias e experiências individuais compartilhadas. As publicações são carregadas de apelos nostálgicos, pois instigam seus membros a relembrar a cidade de ontem a partir de suas próprias idealizações elaboradas no tempo presente. Os comentários são marcados por fortes críticas e tom político, evidenciando também um apego constante ao passado da cidade.

Figura 21 – Publicação sobre o Jardim Lauro Muller

19 de julho de 2019 ·

NÃO SEI QUEM TEVE A IDEIA DE DESCONFIGURA ESSA PRAÇA E TIRAR A ESTÁTUA DA PRINCESA DAÍ!

.....

Fonte da foto: Arquivo Histórico Municipal de Joinville

Fonte dos textos: História Enciclopédica de Joinville, de Nicácio Tiago Machado

BUSTO DA PRINCESA D. FRNCISCA

Comemoração do 75 Aniversário de Joinville

Esta é uma das grandes obras de Fritz Alt.

Por trás do busto vê-se o coreto construído pela Sociedade de Embelezamento de Joinville, em 1904. O busto fora, mais tarde, transferido para a Alameda Bruestlein

Aqui nesta praça, conhecida hoje como Praça da Biblioteca, mas, na verdade, trata-se do Jardim Lauro Muller, é que, durante a primeira metade do Século XIX, tudo acontecia: passeios, namoros, encontros e muitos outros relacionamentos sociais.

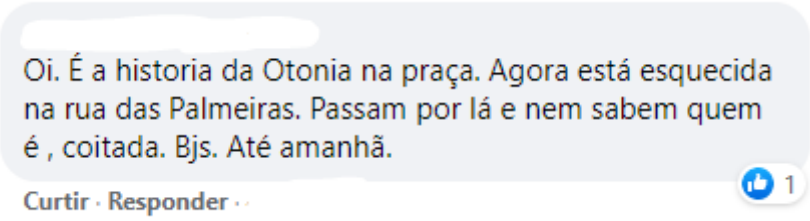
Atrás do coreto há um obelisco, de frente para a Rua Nove de Março, que está lá até hoje.

Captura de tela obtida em: 15/09/2019.

Figura 22 – Comentários feitos na publicação da figura 21

Como era lindo a minha cidade agora tem buracos emuitos mendigos na rua

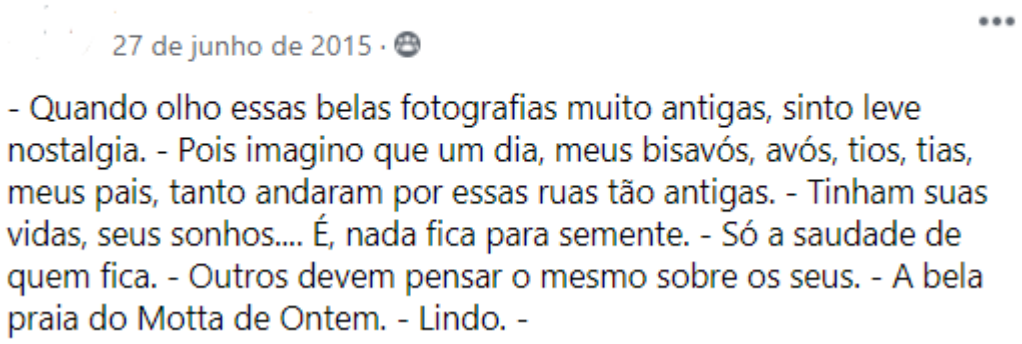
Curtir · Responder · 1



Captura de tela obtida em: 15/09/2019.

A comunidade *São Francisco do Sul e suas histórias*, por sua vez, aparenta praticar uma nostalgia reflexiva. Quando se volta ao passado propriamente dito, o grupo estabelece um sentimento de saudade e admiração, é a melancolia que toma conta dos membros dessa comunidade. A comunidade se apropria dos patrimônios da cidade para exaltar a sua beleza. A mensagem que a comunidade passa é clara: venha conhecer essa linda cidade histórica, com seu povo pacato e gentil. O desejo de retorno ao passado da cidade, tal como foi, não é pulsante. Não é comum encontrar os membros dessa comunidade comparando a cidade de ontem com a de hoje, idealizando o passado. Mesmo assim, o sentimento de melancolia idealiza a cidade em prol da mercantilização turística. Muitos dos membros dessa comunidade não são naturais de São Francisco do Sul. Mas por ser uma cidade litorânea, é comum receber as mais variadas pessoas, seus “admiradores”. É válido ressaltar que, apesar do crescimento populacional das últimas décadas, São Francisco do Sul continua sendo uma cidade de pequeno porte. O centro histórico de São Francisco do Sul foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1987, dessa forma as feições da cidade do passado se fazem presente nesse espaço urbano, pelo menos na região central.

Figura 23 – Publicação sobre a Praia do Mota de ontem



Captura de tela obtida em: 10/04/2020.

Figura 24 – Publicação sobre o Centro Histórico

21 de setembro de 2016 ·

Estou postando essa belíssima fotografia da Babitonga essa hora para dar aquele ar de nostalgia, rs... Porque essa é a Babitonga de minhas memórias a noite. Silenciosa. Linda, nostálgica. E ver nessa fotografia as luzes lá de casa acesa, é uma viajem. (onde foi minha casa um dia). Boa noite linda Babitonga de nossas saudades. - Marli
olhe que linda.. -

Captura de tela obtida em: 10/04/2020.

A figura 23 apresenta uma publicação sobre a Praia do Mota de ontem, do século passado, quando a região ainda não era tombada. Na legenda e nos comentários que se fazem presentes na publicação o tom é nostálgico. É saudade e admiração por algo não vivido pelo indivíduo em si, mas presente em sua história familiar. Apesar do tom nostálgico, não há comparações em relação a cidade de ontem e de hoje. A São Francisco do Sul de ontem não é posta como mais bela, pelo contrário, a cidade de ontem é tão bela quanto a de hoje. Em contrapartida, não há uma análise da fonte e do recorte temporal apresentado. A figura 24 apresenta uma foto atual do centro histórico de São Francisco do Sul. Na legenda, a autora descreve a região em si como nostálgica, sendo a Baía Babitonga de suas memórias. Por ser uma região tombada desde 1987, pouca coisa mudou de lá para cá. A principal mudança está na vida da autora da publicação, que já não mora mais no mesmo local. Esse fator contribuí para que a nostalgia da comunidade seja mais reflexiva do que restauradora. A autora da publicação induz também que a fotografia que está publicando provocará um sentimento nostálgico nos demais membros. Isso ressalta que os apelos nostálgicos no interior da comunidade acontecem também de maneira intencional.

Essas publicações, de ambas as comunidades, além de serem um apelo nostálgico, fazem também uma espetacularização nostálgica. Os recortes do passado se transformam em um espetáculo para os membros do grupo. A espetacularização

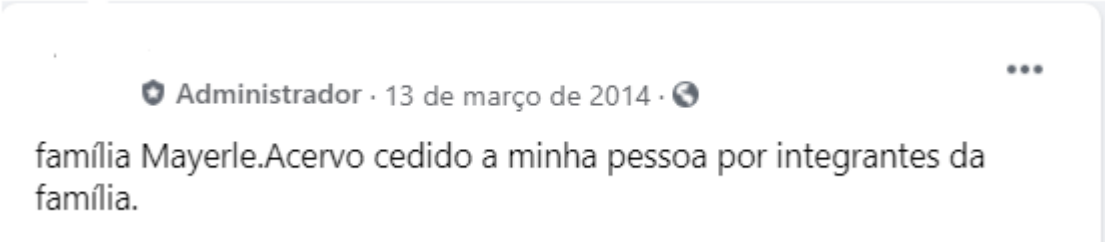
do passado é fruto da própria sociedade contemporânea. Essa sociedade atual, fruto das novas tecnologias, é pautada na exibição (SIBILIA, DIOGO, 2011, p.135). De acordo com antropóloga Paula Sibilia (2015, p.355)

> [...] esse exibicionismo, nos tempos que correm, tem deixado de ser uma extravagância de uns poucos ou um episódio isolado em que alguns poderiam incorrer de vez em quando, para se tornar uma estratégia habitual na vida de qualquer um.

A vida cotidiana gera uma quantidade cada vez mais crescente de relatos, imagens e narrativas que passam a ser exibidas, ganham consistência na reprodução (SIBILIA, 2015, p.355). Há uma centralidade em si próprio, na sua própria narrativa, que precisa ser compartilhada e vista pelo outro. Há uma ruptura com a sociedade do século passado, que tinha sua intimidade mais preservada. Fotos familiares encontravam-se apenas em álbuns físicos nas estantes das casas ou em retratos nas paredes, mostrar essas fotografias para alguém de fora era expor um pouco de si próprio. As fotografias atuais saíram das estantes, quadros e porta-retratos. Elas não são mais físicas, são virtuais. E assim como a própria virtualidade, rompem barreiras. Sua função não está mais em somente preservar um momento, um recorte temporal ou uma memória, mas está em exibi-la.

> Em uma cultura que insta a viver sob a lógica da visibilidade e que acicata nos sujeitos uma busca tão ansiosa pela espetacularização de si, alimentado pelo desejo de obter celebridade a qualquer custo, já não basta ser alguém ou fazer algo. Além disso, o tempo todo, é preciso *performar:* mostrar-se fazendo o que for e sendo alguém. E, é claro, também é necessário ser visto nessa exibição. (SIBILIA, 2015, p.358)

Figura 25 – Publicação com foto da família Mayerle

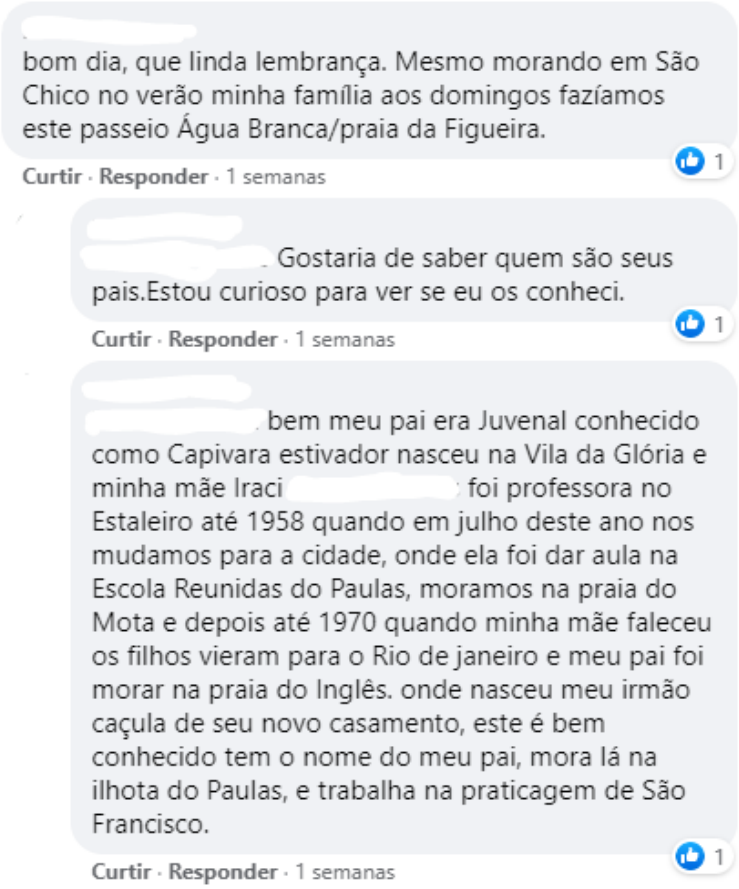


Captura de tela obtida em: 02/06/2020

Figura 26 – Publicação com foto familiar sobre um passeio de trole

Captura de tela obtida em: 10/06/2020.

Figura 27 – Comentários feitos na publicação da figura 26



Captura de tela obtida em: 14/06/2020.

A espetacularização nostálgica está presente nas comunidades, nas imagens e nas narrativas. Fotografias de um passado familiar são expostas com frequência. Para além disso, as narrativas criadas nas publicações e nos comentários partem de uma memória individual e afetiva, partem da própria experiência pessoal ou de sentimentos que remetem ao outro. O passado se torna um espetáculo nas comunidades virtuais. E como todo espetáculo, precisa de um público. A figura 25 apresenta uma foto familiar, aquela típica foto de porta-retratos, que passou a ser exibida na virtualidade. A foto em si não apresenta um passado direto da cidade de Joinville, trata-se de uma foto sobre uma família da cidade. A publicação se propõe a rememorar o passado da cidade a partir desse sentimento familiar. O espetáculo é acompanhado de um apelo nostálgico. A figura 26 apresenta um sentimento similar. A foto da publicação apresenta um trole com dois cavalos, não há figura clara de pessoas na foto. A narrativa presente na legenda, afirma que se trata de um passeio familiar, no ano de 1966, na praia do Paulas, em São Francisco do Sul. A imagem

desperta sentimentos e lembranças nos membros da comunidade que já vivenciaram situação parecida. O apelo nostálgico desperta a rememoração a partir do saudosismo e dos sentimentos mais íntimos. De fato, um simples passeio familiar de trole da década de 1960 tornou-se um espetáculo na virtualidade. O banal se torna excepcional aos olhos nostálgicos. A figura 27 apresenta comentários feitos na publicação da figura 26 e que expõe o saudosismo, as lembranças e os sentimentos íntimos despertados pelo apelo nostálgico da publicação. A figura 27 apresenta o encontro de lembranças e de narrativas que são expostas através dos apelos nostálgicos. Apelos como o da figura 26 induzem os membros da comunidade a compartilharem suas lembranças e a partir delas interagirem entre si.

2.4. Apelos nostálgicos: invenções e reinvenções patrimoniais

Os apelos nostálgicos despertados na sociedade podem gerar um apego ao passado e aos seus símbolos. Como dito anteriormente, o patrimônio se torna vivo ao fazer parte das lembranças individuais e das experiências de vida da sociedade, mesmo que de forma indireta. O historiador Michel de Certeau (1994) afirma que através desse desejo pelo passado, que resulta em diversos processos de patrimonialização, as coisas antigas se tornaram importantes. Os patrimônios constituídos são os fantasmas do passado de uma cidade. Precisa-se desses patrimônios para que se sustente a identidade coletiva. Mas na sociedade moderna em que, através da tecnologia, tudo se torna obsoleto de maneira muito rápida, volta-se ao passado porque ele parece envelhecer menos do que o novo. Dessa forma, o passado presente da cidade é a sua marca de legitimidade. Para Certeau (1994, p.192) “trata-se de complexos destroços impossíveis de classificar numa linearidade pedagógica ou abrigar numa ideologia referencial e disseminados numa cidade como os traços de outro mundo”. Os objetos patrimoniais, por serem cristalizados no tempo, adquirem autonomia e atraem em torno de si todo o romance da cidade. A modernidade traz o desejo de tudo virar patrimônio, é querer travar uma luta contra a ação do tempo pelo medo do esquecimento, ação característica da nostalgia restauradora. O futuro é um lugar incerto, mas o passado pode ser glorioso.

As comunidades virtuais analisadas se apropriam dos marcos de suas cidades e os interpreta à sua maneira. Cada membro das comunidades possui uma interpretação sobre a cidade e seus símbolos. Porém a cidade, como afirma Henri-Pierre Jeudy (2005), excede a representação que cada pessoa faz dela. A cidade é carregada de signos, mas, quando esses se tornam patrimônios, passam a pertencer a uma representação coletiva. A cidade contemporânea é uma verdadeira explosão visual: o patrimônio cultural, patrimonializado ou não, entra em contraste com as edificações mais contemporâneas. O ritmo acelerado contrasta com o monumento cristalizado no tempo. Jeudy (2005, p. 81) afirma que essa desordem visual convida o cidadão a fazer sua própria leitura de cidade: “Mesmo que uma torre tenha sido destruída, ou que um monumento seja derrubado, sua destruição seguida de sua ausência permanecerão na memória dos citadinos” (JEUDY, 2005, p. 82). A cidade está em constante movimento, em constante transformação. Cada sociedade, em diferentes épocas, fará a sua própria interpretação e ressignificação da cidade. É isto que fazem essas comunidades nostálgicas virtuais: ressignificam e interpretam. Mas cada comunidade atribuirá um valor diferente à cidade, assim como cada indivíduo dentro de uma mesma comunidade também terá interpretações distintas.

O patrimônio surge com os Estados Nacionais, juntamente com a formação do conceito moderno de Nação. Nesse processo era preciso criar um sentimento de união, uma identidade e uma memória coletivas que estabelecessem a coesão social dos Estados recém-criados. Sendo assim, o patrimônio surge como símbolo de uma identidade coletiva. Nesse período inicial, patrimônio era o belo, o excepcional, o exemplar que representava toda uma nação, sendo fruto do sentimento nacionalista. “A ênfase no patrimônio nacional atinge seu ápice no período que vai de 1914 a 1945, quando duas guerras mundiais eclodem sob impulso dos nacionalismos.” (FUNARI, PELEGRINI, 2006, p.20). O pós-guerra modifica o conceito de patrimônio, passando a englobar o que se repete, o comum, que é a base do excepcional.

A antropóloga Mariza Veloso (2006, p. 452) afirma que

> [...] pode-se afirmar que a riqueza do patrimônio cultural consiste em seu poder de reforçar a idéia de pertencimento ao todo coletivo e em reforçar a identidade social dos mais diferentes grupos, trazendo para o espaço público múltiplas manifestações culturais, afastando, assim, com a força simbólica de sua constituição, todos os fetiches e simulacros.

O patrimônio cultural é um campo de batalha e é assim que deve ser entendido. Ele é símbolo de uma memória e identidade oficial, mas o que faz dele vivo são os usos e interpretações sociais, são as invenções e reinvenções. Conforme o historiador François Hartog, “o patrimônio é uma maneira de viver as rupturas, de reconhecê-las e reduzi-las, referindo-se a elas, elegendo-as, produzindo semióforos[21]” (HARTOG, 2006, p.272).

A comunidade virtual *Joinville de ontem*, ao apresentar recortes temporais da cidade, acaba discutindo também seus patrimônios instituídos. A discussão não é técnica, é baseada em apelos nostálgicos. O patrimônio da cidade entra no espetáculo nostálgico das comunidades. Na maioria das publicações, há uma defesa e exaltação da memória oficial, buscando uma intensa preservação de seus bens culturais. Nesse processo ressalta-se o jogo da diferença. Há memórias de grupos que ficarão de fora desse enquadramento e, assim, ficarão de fora os bens culturais patrimonializados. De acordo com o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2018, p. 140)

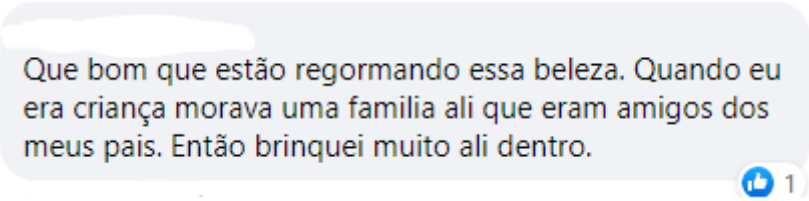
> Um dos primeiros gestos de constituição de um patrimônio histórico e cultural está aí bem documentado: a anulação do Outro, da existência e da diferença do Outro, cultural e temporalmente. O Outro é deglutinado, é devorado, para se tornar o Mesmo, o Idêntico, o Semelhante.

Figura 28 – Publicação sobre a restauração do casarão do Palácio Episcopal

[21] Janice Gonçalvez (2016, p.12) define semióforo como “algo que importa, sobretudo, pelo que significa, pelo que apresenta ou porta [...] como signo”. GONÇALVES, Janice. Figuras de valor: patrimônio cultural em Santa Catarina. Itajaí: Casa Aberta Editora, 2016.

Captura de tela obtida em: 10/06/2020

Figura 29 – Comentário feito na publicação da figura 28



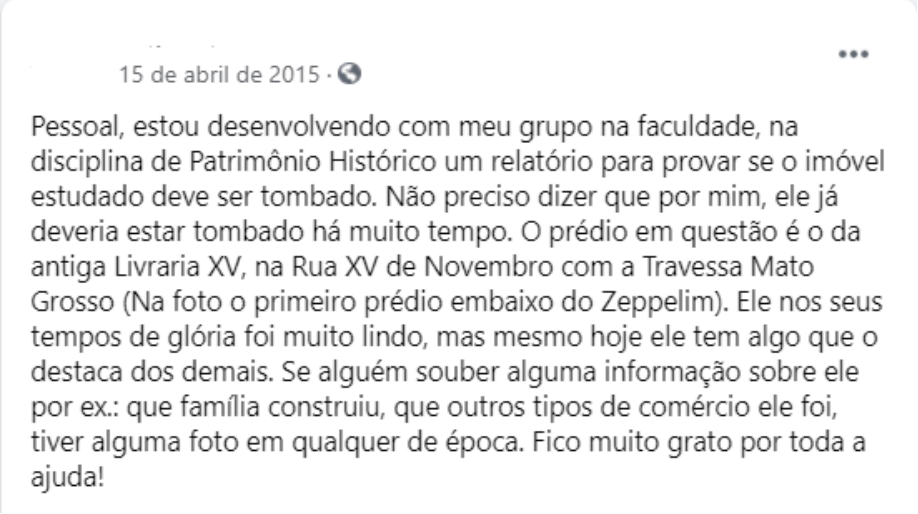
Captura de tela obtida em: 10/06/2020

A figura 28 apresenta uma publicação com uma fotografia que mostra a restauração do prédio que abrigou o Palácio Episcopal de Joinville, um bem tombado em âmbito municipal. Casarões como esse se fazem presentes na região central da cidade, contrastando com os novos e modernos prédios típicos de uma grande cidade. São os marcos do passado se encontrando com os do presente. Esse contraste arquitetônico é defendido pelos membros da comunidade *Joinville de ontem*, na maioria das vezes ressaltando a beleza da paisagem formada e defendendo uma memória oficial, a memória fundadora da cidade. A Figura 29 apresenta um comentário feito nessa publicação. O comentário evidencia o que denomino de reinvenção patrimonial. A atribuição de sentido, valor e sentimentos acontece com

frequência nas comunidades virtuais analisadas. Na maioria das vezes, seus membros atribuem valor aos patrimônios que são símbolos da Joinville “europeia”, em nome de uma tradição.

Invenções ou reinvenções? Atribuo o termo reinvenções aos usos e interpretações dos patrimônios culturais instituídos na vida cotidiana. Quando criado ou patrimonializado, o bem cultural possuía outras intenções e funções. Mas para que serve esse patrimônio? Para quem serve? Os sentimentos patrimoniais atribuídos pela sociedade, frutos de memórias afetivas e de experiências individuais, conferem novos sentidos, usos e funções aos bens culturais patrimonializados. O prédio tombado, na visão daquele membro da comunidade, não foi apenas o Palácio Episcopal, foi a morada dos vizinhos, foi o local das brincadeiras de infância. O prédio está presente na história de vida daquele membro, que assim desenvolve sentimentos pessoais em relação a ele e o reinventa, para além dos valores acionados pelo Estado para sua patrimonialização. As figuras citadas evidenciam também que nesse processo de reinvenção, conduzido por sensibilidades individuais e coletivas, os fatos relacionados ao prédio histórico em si são deixados em segundo plano, para que as memórias afetivas sejam evidenciadas. Sendo assim, a espetacularização nostálgica criada pelas comunidades em relação a bens culturais, na maioria das vezes, parece servir mais ao entretenimento da população do que à uma discussão sobre os valores patrimoniais, a história e a importância dos patrimônios da cidade em si. A reinvenção patrimonial é um ato do indivíduo ou da coletividade a partir de sensibilidades despertadas pelo bem cultural.

Figura 30 – Publicação reivindicando o tombamento do prédio da antiga livraria XV


15 de abril de 2015 ·

Pessoal, estou desenvolvendo com meu grupo na faculdade, na disciplina de Patrimônio Histórico um relatório para provar se o imóvel estudado deve ser tombado. Não preciso dizer que por mim, ele já deveria estar tombado há muito tempo. O prédio em questão é o da antiga Livraria XV, na Rua XV de Novembro com a Travessa Mato Grosso (Na foto o primeiro prédio embaixo do Zeppelim). Ele nos seus tempos de glória foi muito lindo, mas mesmo hoje ele tem algo que o destaca dos demais. Se alguém souber alguma informação sobre ele por ex.: que família construiu, que outros tipos de comércio ele foi, tiver alguma foto em qualquer de época. Fico muito grato por toda a ajuda!

Captura de tela obtida em: 15/09/2019.

A figura 30 apresenta a imagem de um prédio na rua XV de novembro, centro de Joinville. O prédio em questão chegou a abrigar a Livraria XV e ainda hoje é utilizado para fins comerciais. O questionamento da publicação é: deve ou não ser tombado? O autor da publicação afirma que sim, sem deixar claro seus motivos. Os membros da comunidade, em sua maioria, também defendem esse tombamento que nunca ocorreu, sem julgamento técnico, acionando a questão da estética do prédio ou de memórias e experiências individuais. Ao se apresentar como um estudante da área patrimonial e deixar claro ser a favor do tombamento do prédio, o autor da publicação induz a opinião dos demais membros. Naquele momento ele é mais do que um membro da comunidade, passa a ser também alguém com respaldo técnico. Sendo assim, a sua afirmação pode levar os demais membros a procurarem motivos para o tombamento, sem as análises e reflexões necessárias. Evidencia-se o fato de que

para chamar atenção à sua causa (patrimonialização ou não do bem), o autor da publicação não utiliza uma foto atual do prédio em questão, mas uma fotografia de décadas passadas. Tal ato evidencia um apelo nostálgico que pode também direcionar a opinião dos demais, afinal a fotografia pode despertar memória afetivas e familiares fazendo com que surjam sensibilidades patrimoniais com o bem cultural. Os apelos nostálgicos, além de transformarem vestígios do passado em espetáculos, também induzem a invenção de novos patrimônios.

Longe das análises técnicas da área patrimonial, a invenção de novos patrimônios pelas comunidades pode se dar por inúmeros fatores. Como já mencionado, o sentimento suscitado pelo bem cultural pode se dar pela apreciação do contraste imagético entre o passado e o presente. Ou pode ser através de memórias de infância, das quais os bens estavam, de forma direta ou indireta, presentes. Os bens culturais são também marcos referenciais das histórias de vida individuais. Por vezes, o sentimento pode se desenvolver a partir da saudade de uma experiência sequer vivida, porém observada através de álbuns de fotos presentes nas estantes de suas casas. Como ressalta o historiador Dominique Poulot (2009, p.15): “O patrimônio elabora-se, em cada instante, com base na soma de seus objetos, na configuração de suas afinidades e na definição de seus horizontes”. A sua apropriação pelo público está associada a forma como se apresenta e se “impõe” em determinada sociedade. Apesar de ser um vestígio do passado, não é o passado em si. Também não é vivo por si só, mas se torna vivo a partir dos usos, apropriações, profissões de fé, significações e ressignificações.

De acordo com o site do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)[22], para que um bem cultural material seja patrimonializado precisa passar por um processo de tombamento. Ressalto que esse processo é um procedimento do Estado. Esse processo de tombamento pode ser feito tanto pelo poder municipal quanto pelos poderes estadual ou federal. Porém, qualquer pessoa, física ou jurídica, pode solicitar o tombamento de um bem ao IPHAN que, após a solicitação, dá andamento a um processo técnico administrativo para a averiguação do bem

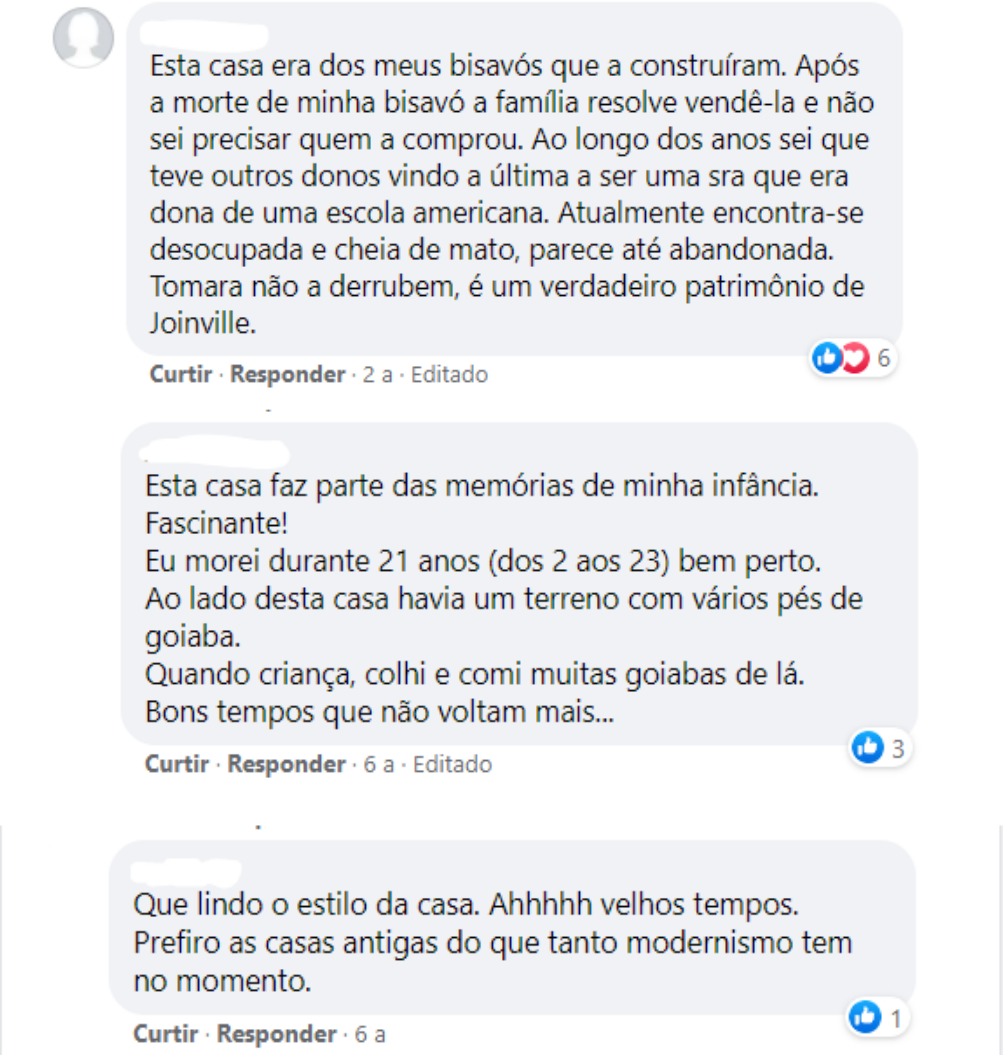
[22] Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126#:~:text=Para%20ser%20tombado%2C%20o%20bem,ou%20mais%20Livros%20do%20Tombo.&text=O%20objetivo%20do%20tombamento%20de,preservado%20para%20as%20gera%C3%A7%C3%B5es%20futuras. Acesso em: 10/01/2021.

solicitado. Apesar das comunidades virtuais estudadas inventarem novos patrimônios em suas espetacularizações nostálgicas, não costumam, enquanto coletividade, formalizar pedidos de patrimonialização junto aos órgãos competentes. Novamente ressalto que as invenções e reinvenções das comunidades parecem ter mais uma finalidade interna, seja para fins que tendem ao entretenimento ou para estabelecimento de novos laços de identificação com a cidade e sua história, do que finalidades técnicas patrimoniais.

Figura 31 – Publicação sobre a casa da família Schumacher

Captura de tela obtida em: 05/10/2020.

Figura 32 – Comentários realizados na publicação da figura 31



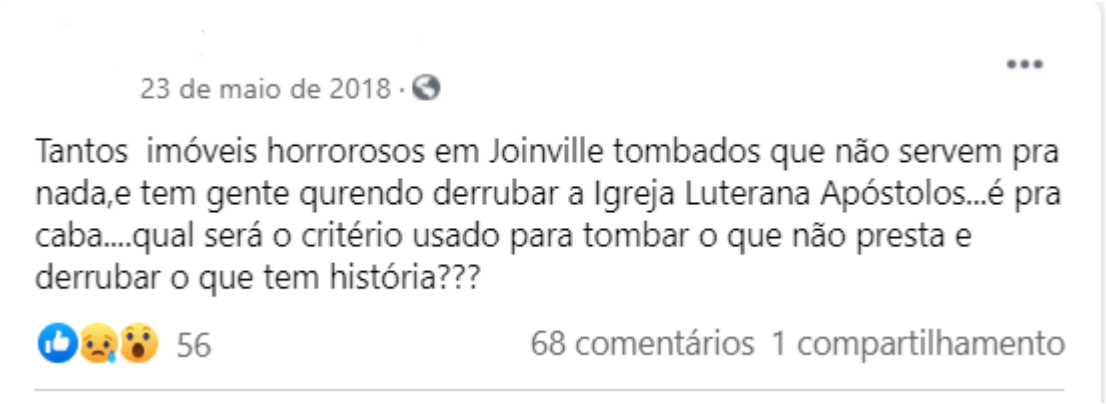
Captura de tela obtida em: 05/10/2020.

A invenção patrimonial está relacionada ao conjunto de bens culturais da cidade, não se dá de forma isolada. Os desejos de patrimonialização de um bem não tombado não partem apenas de memórias afetivas, mas de conexões estabelecidas entre o bem cultural em questão e a dita história oficial da cidade. A figura 31 apresenta uma casa localizada na rua Rio Grande do Norte, bairro Anita Garibaldi, em Joinville. Na publicação de 2014 o autor apenas elogia a casa e questiona se os membros da comunidade a conhecem. Não demora muito para que uma especulação de que casa seria aquela comece nos comentários dessa publicação e, como de praxe, a discussão é guiada por memórias afetivas e sensibilidades individuais e coletivas.

Destaca-se os comentários apresentados na figura 32. O primeiro comentário inicia com um relato familiar, passa então para a constatação da situação de abandono

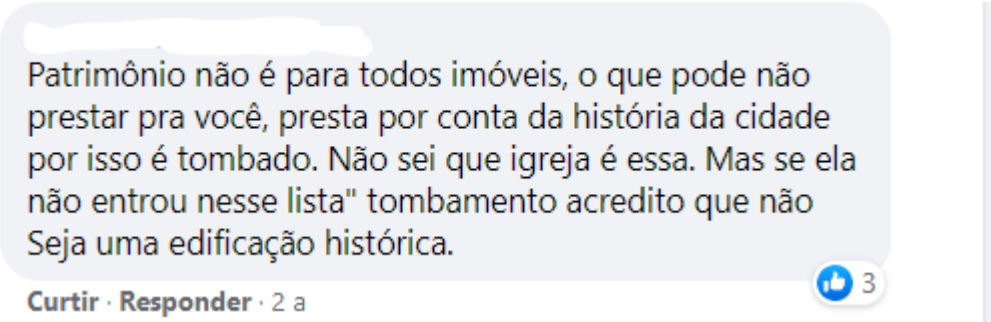
do local e termina com uma torcida para que a casa não seja demolida pois, na visão da autora do comentário, é um verdadeiro patrimônio de Joinville. Porém, é importante ressaltar que a casa em questão não é tombada, tampouco está em processo de patrimonialização. Sendo assim, trata-se de uma invenção de um novo patrimônio. Essa invenção é primeiramente acionada por memória afetivas e familiares, da qual até a goiabeira do terreno vizinho é acionada, conforme figura 32, mas para além disso, a invenção desse patrimônio é relacionada à sua aparência, considerada bela e similar ao conjunto das ditas “casas antigas” de Joinville. Deseja-se a preservação do bem pois ele lembra o conjunto arquitetônico germânico que faz parte do patrimônio cultural da cidade. Novamente o desejo de tombamento se apresenta sem uma base sólida, sem o acionamento de valores patrimoniais.

Figura 33 – Publicação reivindicando a preservação da Igreja Luterana dos Apóstolos



Captura de tela obtida em: 02/08/2020.

Figura 34 – Comentários realizados na publicação da figura 33



Moderador +1

Esse pessoal que faz o cadastro de imóveis para fins de tombamento não tem muito bom senso. Você tem razão **Marlene Zinders Montanher**. O que realmente deveria ser tombado e preservado não é. E a Igreja Luterana dos Apostolos com certeza faz parte da história da cidade. Você sabe me dizer qual o motivo para demolição?

Curtir · **Responder** · 2 a · Editado 1

não tem nada de concreto....apenas a especulação que o Bom Jesus tem interesse de comprar....mas é mero boatos....a minha pergunta não afirma....apenas questiona o que é "tombamento"

Curtir · **Responder** · 2 a 2

Constitui o Patrimônio Histórico, Cultural, Arqueológico, Artístico e Natural do Município de Joinville os bens imóveis, existentes em seu território, cuja conservação seja de interesse público, quer por seu valor cultural a qualquer título.(sendo eles privados ou públicos) resumo da própria lei a cima!

Curtir · **Responder** · 2 a 1

Deve ser proposta de alguma imobiliaria, pode ter certeza.

Curtir · **Responder** · 2 a 1

A igreja luterana é aquela que tem uma bíblia no vitrau da torre ,e a noite quando acendia ela ficava iluminada

Curtir · **Responder** · 2 a 1

Está cidade é a cidade caranguejo anda para trás e sonha ser capital parada no tempo

Curtir · **Responder** · 2 a 1

Infelizmente eu não tenho muito pra falar, mas pode ter certeza que tem muito $$$$ interesse por trás disso

Curtir · **Responder** · 2 a 2

Captura de tela obtida em: 02/08/2020.

Figura 35 – Fotografia da Igreja Luterana dos Apóstolos

Fonte: Rodrigo Silva. Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=903415276497279&set=p.903415276497279&type=3 . Acesso em: 10/01/2021.

Nesse processo de invenção de novos patrimônios podem surgir questionamentos sobre o processo técnico de tombamento de um bem, como mostra a figura 33. A publicação faz uma crítica aos imóveis tombados da cidade de Joinville, os classificando como “feios” e afirmando que “não servem pra nada”. Tal publicação surge em defesa de outra edificação, a Paróquia dos Apóstolos, pertencente a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil que, segundo a autora da publicação, havia intenções de demolição. A possível demolição, que não se concretizou, aflorou as sensibilidades da autora da publicação para com o bem, que saiu em sua defesa através do tombamento como forma de preservação. Segundo a publicação, “há história” na Paróquia dos Apóstolos e essa história, que não é especificada, justificaria seu tombamento. Em contrapartida, outra crítica é feita ao questionar os critérios de tombamento, já que, segundo a autora, se tomba “o que não presta”. Volta-se ao questionamento: para que e para quem serve o patrimônio cultural?

No primeiro comentário apresentado na figura 34 um contraponto à publicação é feito, afinal “o que pode não prestar pra você, presta por conta da história da cidade”, ressaltando o caráter coletivo do patrimônio cultural. Porém, as críticas ao processo de patrimonialização da região continuam. Ainda na figura 34 é possível ver outro comentário afirmando que os responsáveis pelo cadastro de imóveis tombados ou em processo de tombamento “não tem muito bom senso”. As sensibilidades individuais são importantes para o patrimônio, porém, de acordo com Mariza Veloso (2006, p. 440), “é fundamental que se vincule, sempre, a pulsação do patrimônio cultural à dinâmica da experiência coletiva”. Ressalto isso pois, apesar de haver um bom número de membros concordando com as afirmações da figura 33 sobre o patrimônio de Joinville, não são unanimidade nem maioria.

Ainda nessa mesma publicação o procedimento técnico de patrimonialização é detalhado, através de leis postadas em comentários. Em um dos comentários da figura 34, o membro da comunidade apresenta um resumo da lei de tombamento de Joinville, deixando claro o que é necessário para que um bem seja um patrimônio instituído. Na publicação como um todo se evidencia a tensão entre os desejos e sensibilidades patrimoniais da comunidade e os procedimentos técnicos seguidos pelos órgãos competentes. Os últimos comentários apresentados na figura 34 ainda apresentam, além de uma crítica à gestão da cidade, um fator importante para a questão patrimonial: a especulação imobiliária. Os membros apontam que há interesses financeiros de alguma imobiliária por trás do boato de demolição. Sendo assim, a patrimonialização surge como recurso e esperança para a preservação desses fragmentos do passado edificados. De acordo com Gonçalves (2007, p.246) “os objetos que compõem um patrimônio precisam encontrar ‘ressonância’ junto ao seu público”. Seja através de invenções ou reinvenções, é preciso que haja um equilíbrio entre a área técnica no processo de patrimonialização e a receptividade da população a qual o patrimônio pertence.

Para compreender como as comunidades virtuais analisadas atuam diante de suas invenções e reinvenções patrimoniais, é preciso observar o contexto de sua criação, bem como os recortes de passado que retratam, e os vínculos sociais que estabelecem. Para isso, os fundadores das comunidades *Joinville de ontem* e *São Francisco do Sul e suas histórias* foram entrevistados, e o capítulo seguinte apresenta e problematiza recortes dessas entrevistas.

3. APAIXONADOS PELO PASSADO: A CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS NOSTÁLGICAS NO INTERIOR DAS COMUNIDADES ANALISADAS

Este capítulo tem como fonte principal as entrevistas orais realizadas com os fundadores das comunidades virtuais analisadas. O objetivo aqui é interpretar como os passados e presentes das cidades de Joinville e São Francisco do Sul – SC são narrados e retratados nas comunidades virtuais. A estrutura e o funcionamento das comunidades são evidenciados a partir da análise de publicações e das entrevistas. Ressalta-se as interações sociais e os vínculos criados na virtualidade, mas que não se limitam a ela.

3.1. Um passado familiar: o caso *Joinville de ontem*

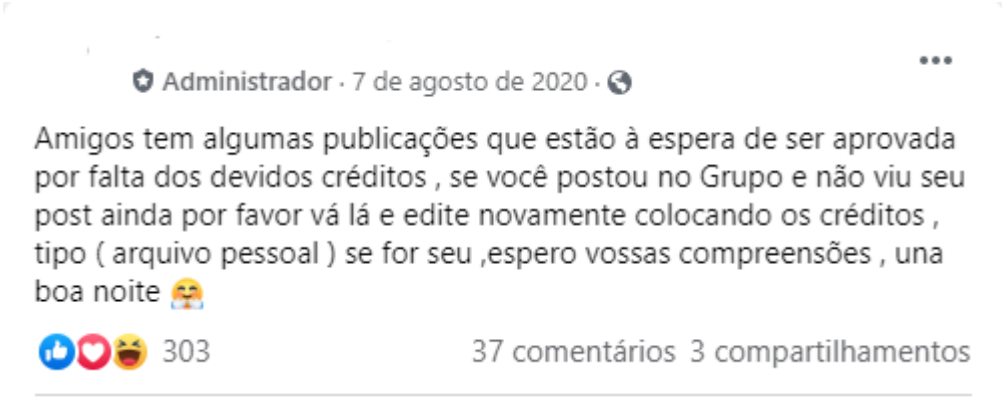
Os “lugares familiares” de nossas vidas podem despertar múltiplas sensações. Na comunidade *Joinville de ontem* esses lugares são recortes do passado. Os membros dessa comunidade idealizam os recortes de passado ali apresentados na tentativa de construção desse lugar familiar, que lhes seja confortável. O passado familiar que faço alusão no título desse subitem se refere também às memórias e recordações familiares dos membros da comunidade, que constantemente são compartilhadas, seja através de publicações de fotografias ou em comentários feitos em publicações sobre bens culturais da cidade. Mas para além disso, a construção desse passado familiar parece iniciar juntamente com a fundação do grupo *Joinville de ontem*. O grupo do Facebook fundado por Valmir José Santhiago conta ainda com os administradores[23] Laurici Santhiago (esposa), Valmir José Santhiago Júnior (filho) e Morgana Santhiago (filha). Em um primeiro momento fica subentendido que o grupo é uma atividade em comum na família Santhiago e que todos os administradores estão diretamente envolvidos com ele. Porém, a realidade é outra.

[23] Disponível em: https://www.facebook.com/groups/1409744949277019/members/admins . Acesso em: 02/02/2021.

Ao entrevistar o fundador da comunidade, Valmir José Santhiago, perguntei quem são os administradores e moderadores do grupo e quais os critérios para ocuparem a função. Em sua resposta, Santhiago não mencionou sua esposa e filhos em nenhum momento. Citou apenas o nome dos moderadores, Eliane Schünemann e Lauro Soares. Os critérios para a escolha dos moderadores foram “mais a força de vontade e a empatia que a pessoa tem, né?” (SANTHIAGO, 2021). O entrevistado apontou também que o crescimento do grupo levou à necessidade de mais pessoas para auxiliá-lo. Os nomes de Lauro e Eliane foram escolhidos também devido à sua constante interação na comunidade, com publicações e comentários, fazendo-se sempre presente e isso foi decisivo, pois de acordo com Santhiago (2021), “tem muitas pessoas que gostam, mas tá lá com o seu tempo ocupado não tem muito tempo pra, digamos, tá dispondo”.

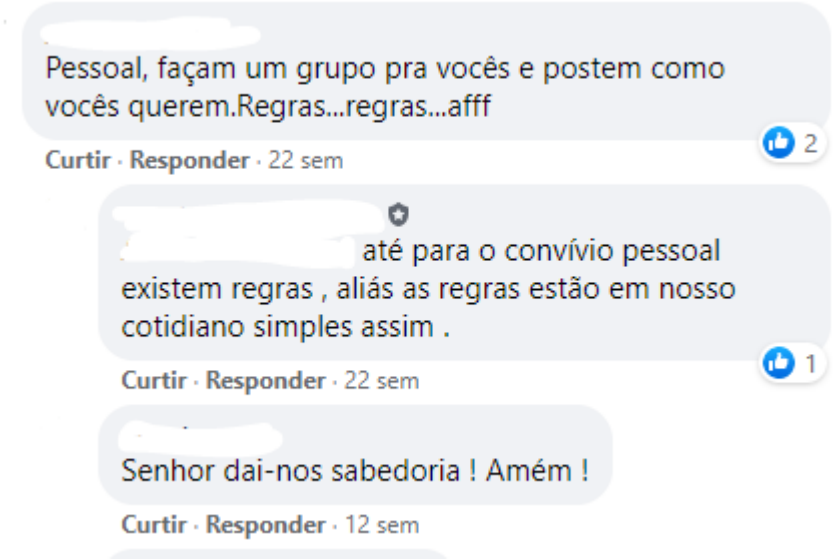
É importante salientar que quando criado o grupo não exigia que as publicações passassem por aprovação prévia dos administradores e moderadores, essa condição foi imposta devido ao crescimento do grupo e através da sugestão dos moderadores Eliane e Lauro. Santhiago (2021) afirma que “acreditava, muito, eu acredito nas pessoas. Só que tem momento que tem que moderar mesmo, certo? Porque o grupo não é pequeno, é grande”. A fala de Santhiago demonstra que a falta de moderação inicial das publicações estava baseada numa relação de confiança entre os membros. E ao decorrer da entrevista, dá a entender que essa relação de confiança mútua estava mais evidente e concisa nos primeiros meses, quando o grupo era menor. Além disso, Santhiago queria que seu grupo se diferenciasse dos demais grupos sobre a cidade de Joinville e se mantivesse “fiel” aos objetivos estabelecidos. Para isso, as publicações precisam ter relação com o que ele e seus moderadores classificam como “história de Joinville”. Ressalta também que essa decisão não partiu somente dele e de seus moderadores, mas teve também o apoio de grande parte dos membros do grupo, e logo depois que modificou as configurações para filtrar as publicações “as pessoas que queriam de fato que as coisas funcionassem, agradeceram muito” (SANTHIAGO, 2021).

Figura 36 – Aviso sobre publicações retidas



Captura de tela obtida em: 05/02/2021.

Figura 37 – Comentário realizado na publicação da figura 36



Captura de tela obtida em: 05/02/2021.

Porém, a necessidade de aprovação prévia das publicações não é unanimidade. Apesar de a grande maioria dos membros não demonstrarem insatisfação com as normas de convívio, algumas discussões acontecem. A figura 36 apresenta um aviso do administrador do grupo informando que há publicações retidas devido a falta de créditos às fontes, algo estabelecido como norma. O aviso publicado recebeu diversos comentários de apoio, algumas dúvidas dos membros e uma reclamação, conforme figura 37. Para responder à crítica a quantidade de regras, o administrador comenta que as normas são necessárias em toda a vida cotidiana. Divergências fazem parte do convívio em grupo e mostram que, apesar de operar sob um conjunto de regras e um pensamento similar compartilhado, o grupo *Joinville de ontem* não é uma unanimidade em todas as suas ações e discussões.

O fundador do grupo ainda ressalta que o bom funcionamento é garantido através do respeito às normas de convívio e da sua paciência para estar à frente, o conduzindo. Enfatiza-se com frequência a necessidade de indicar a fonte das fotografias e documentos lá publicados. Essa necessidade se dá, dentre outras coisas, na visão de Santhiago, para evitar discordâncias entre os membros e manter o ambiente harmônico já que “de repente, a foto é duma fulana de tal, dum fulano de tal e eles dizem: ‘ah, por que que o cara botou a minha foto aí? Essa foto é minha’ e tal e coisa.” (SANTHIAGO, 2021). Ao longo da entrevista, Valmir Santhiago ressalta várias vezes o tamanho e a proporção do grupo *Joinville de ontem*, além da movimentação e interação social promovidas pelas publicações, demonstrando orgulho de sua criação. Santhiago (2021) afirma

> Porque a família é grande, né? Toda hora tá pipocando. Se você coloca algo ali, de repente, ele já vai pra view de 8, 10, 12 mil visualizações, né. E curtida então, as pessoas vão curtindo ali. Vão curtindo, vão colocando. Por isso que eu digo, é o grupo mais ascendente no momento em Santa Catarina é esse “Joinville de ontem”.

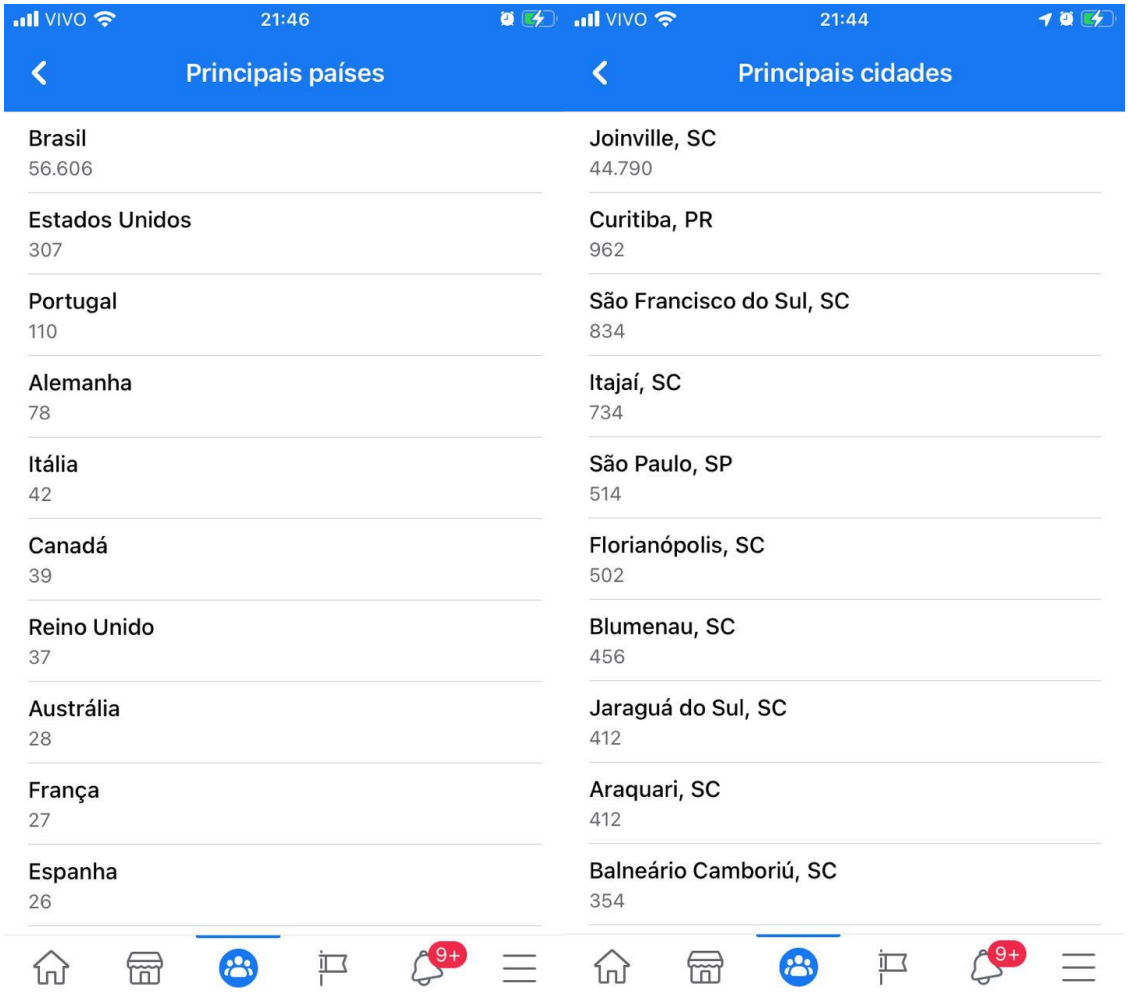
De fato, o crescimento do grupo *Joinville de ontem* é constante, não está estagnado. No dia 20 de abril de 2020, Valmir José Santhiago publicou no grupo um gráfico de crescimento disponibilizado a ele pelo Facebook, apontando a quantidade de 51,5 mil membros, conforme figura 38. A publicação não recebeu nenhum comentário ou reação, algo incomum no grupo. Em julho de 2019 o número de membros era de aproximadamente 47 mil, e atualmente (janeiro de 2021) possuí mais de 57 mil membros. O crescimento foi de aproximadamente 10 mil membros em um período de um pouco mais de um ano e meio. Para além de moradores de Joinville, o grupo conta ainda com membros de outras cidades, estados e até de outros países. Conforme figura 39, a maioria dos membros se encontram no Brasil, num total de 56,606 mil pessoas. Para além disso ainda há membros do grupo que residem nos Estados Unidos, Portugal, Alemanha, Itália, dentre outros. Em relação as cidades dos membros, a maioria é de Joinville, como esperado, totalizando 44,790 mil pessoas (conforme figura 36). Em seguida aparecem as cidades de Curitiba, no Paraná, com 962 membros, e São Francisco do Sul, com 834 membros. Há ainda membros nas cidades de São Paulo (SP), Itajaí (SC), Florianópolis (SC), Blumenau (SC), dentre outras.

Figura 38 – Gráfico de Crescimento do grupo *Joinville de ontem*

Fonte: Valmir José Santhiago[24].

Figura 39 – Relação de países e cidades dos membros do grupo *Joinville de ontem*

[24] Publicado no grupo Joinville de ontem. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/1409744949277019/permalink/2506669009584602/. Acesso em: 10/12/2020.



Fonte: Valmir José Santhiago. Cedidas ao autor. Data de referência: 15/01/2021.

Essa numerosa quantidade de “estrangeiros” no grupo, ou seja, que não residem em Joinville, chama a atenção. O que leva pessoas que não estão em Joinville a fazer parte do grupo *Joinville de ontem*? Essa pergunta foi direcionada ao fundador do grupo, que apontou duas alternativas como resposta. A primeira delas em relação a quem não é joinvilense: o “encantamento” com a cidade e sua história levaria a participação no grupo. Como exemplo, Valmir Santhiago (2021) relata a vinda de um cidadão de Schaffhausen, cidade Suíça que classifica como “coirmã” de Joinville. De acordo com Santhiago (2021), o indivíduo em questão esteve na cidade para realizar uma apresentação no Centreventos Cau Hansen, apresentação que foi filmada por ele e publicada no grupo, afinal “é histórico, né? Uma parte histórica”. A partir daí, esse cidadão suíço entrou em contato com ele via redes sociais e passou a manter contato e trocar informações, além de passar a ser membro do grupo. Santhiago não detalha o período exato que isso ocorreu, referindo-se ao período

apenas como a “época do saudoso Luiz Henrique”, político catarinense que já foi prefeito de Joinville, governador do estado de Santa Catarina e, até sua morte em 2015, exercia o cargo de senador. Além disso, não dá detalhes de como o cidadão suíço chegou até seu nome, para que essa relação se iniciasse.

Em outro ponto, Santhiago destaca que a saudade levaria cidadãos joinvilenses que hoje moram em outros locais a acompanhar o grupo. Relata que recebe mensagens de pessoas nessa situação o agradecendo por propiciar, através da criação do grupo, a rememoração. Ao falar sobre isso, o fundador do grupo *Joinville de ontem* evoca ainda o conceito de pátria. Santhiago (2021) afirma

> Porque as pessoas sentem saudade, né. Tu pode tá morando fora, mas a tua pátria é aqui. Então, de repente, tu começa a ver notícias mesmo que notícias mais antigas de como que era, isso pra eles eu acho que é maravilhoso. Pra mim seria a mesma coisa, né?

A saudade faz parte do indivíduo, não há como evitar tal sentimento. De acordo com Albuquerque Júnior (2013) todos nós convivemos e sentimos saudades, que pode ser despertada por diversos fatores. Porém, o sentimento de saudade é marcado pela ausência e pelo distanciamento de algo ou alguém. Apesar do entrevistado utilizar o termo saudades, que também é comumente utilizado pelos membros do grupo *Joinville de ontem*, acredito que o real sentimento despertado a partir das publicações seja a nostalgia. Esses estrangeiros que fazem parte do grupo são, com base na descrição feita por Valmir Santhiago (2021), indivíduos nostálgicos, que buscam a rememoração. Não vivem mais na cidade de Joinville, mas se aproximam dela através dos recortes compartilhados no grupo. Porém, esses recortes não são da atual Joinville. São recortes do passado da cidade. Sendo assim, o “estrangeiro” está realmente sentindo saudades da cidade de Joinville? O sentimento despertado não estaria relacionado à distância temporal? Com base nas análises das publicações do grupo em questão, é possível afirmar que o sentimento e as sensibilidades surgem a partir de rememorações e recordações, sendo assim, são apelos nostálgicos. Esses membros não sentem saudade apenas da atual cidade, mas sim do passado vivido nela por eles. O sentimento nostálgico pode levar a idealizações do passado da cidade, tendo em vista que a rememoração despertada por apelos nostálgicos geralmente está relacionada a sentimentos bons vividos pelos indivíduos. Para Albuquerque Júnior (2013, p.160)

> Esse processo de desterritorialização subjetiva, essa experiência de desarraigo, de perda de seu lugar existencial, de seu lar, de territórios construídos vivencialmente vai produzir uma idealização desses espaços e desse tempo que antecedem ao que seria visto como queda, que serão guardados na memória como fragmentos de espaços-tempos de bonança e felicidade, e que reaparecerão como reminiscências e lembranças em toda sua produção poética, marcada pelas dores e tristezas que passou a vivenciar no seu presente.

Alguns desses “estrangeiros” podem entrar na comunidade por curiosidade ou também a procura do acervo de fontes que o grupo acaba criando, como é o caso desse pesquisador. Ao ser questionado sobre a atuação do grupo enquanto formador de acervo e na preservação de fontes, Santhiago (2021) afirmou que “ele não só é essa maneira de preservar, como ele é uma maneira de tornar-se ilustre algo que por uma época se perdeu”. O fundador do grupo acredita que o compartilhamento de fontes, como fotografais e documentos, as torna mais acessível ao público. Para justificar essa afirmação, Santhiago utiliza o exemplo da empresa Kupsch e Companhia, que ele relata ter sido uma das maiores da América Latina em seu ramo. Santhiago (2021) relata que procurou fontes e documentos sobre essa empresa e não conseguiu, tendo conversado até com o historiador joinvillense Apolinário Ternes, que havia lançado um livro sobre as empresas da cidade. Ternes teria revelado a Santhiago que também não teve acesso a fontes sobre a empresa, o impedindo de escrever sobre. Santhiago (2021) relata

> Por isso que eu digo: “a coisa tem que se disseminar a história tem que continuar, sabe?”. E aí por adiante, tem várias coisas. Então, eu me alegro por isso. Porque a contribuição... Veja bem, o grupo “Joinville de ontem”, hoje com 57 mil e 800, vai pra 58 mil... O maior grupo do Estado de Santa Catarina, em termos de história, é o meu.

Em vários momentos da entrevista Santhiago ressalta ser o fundador do maior grupo “histórico” de Santa Catarina no Facebook. Porém a outros grupos na cidade com propósito similar, como é o caso do grupo intitulado “Joinville de ontem, de hoje e de sempre”. O grupo, criado em 2015, conta hoje com 21 mil membros e seu nome faz referência ao grupo de Valmir Santhiago. Se propõe a ser mais amplo e aberto que o grupo *Joinville de ontem*, permitindo inclusive discussões políticas diretas. A questão política é a principal diferença entre os grupos. Como ressalta Santhiago (2021) “é um grupo que ele agrega não só a história, mas ele pega coisa... Apanhados, até político, apanhados de outra cidade, dos Estados Unidos. Quer dizer, não é um grupo restrito a história”. Para além do grupo citado, outros surgiram na região, como

é o caso do grupo “Joinville e suas histórias”, criado em 2019 e que conta atualmente com 21 mil membros. Esse grupo muito se assemelha ao *Joinville de ontem*, apresenta o mesmo objetivo e as mesmas regras de convívio, enfatizando a coibição de propagandas e discussões políticas. Questionado sobre como avaliaria o surgimento de grupos similares, Santhiago (2021) respondeu “Olha, eu avalio que isso é muito bem-vindo, certo. Por que que eu avalio que é bem-vindo? Porque quando eu criei esse grupo eu me baseei num grupo”. O grupo ao qual Santhiago faz referência é da cidade de Itajaí e tem como título “Itajaí de antigamente” e do qual é também membro. Santhiago afirma que muitos membros do grupo fundaram outros grupos similares, baseados no seu, sem deixar de fazer parte do *Joinville de ontem*. Mesmo afirmando ser a favor do surgimento de grupos similares, principalmente fundados por membros do seu, Santhiago sempre ressalta que o *Joinville de ontem* se difere dos demais. Para Santhiago (2021) “Isso é bom, é disseminação de história. Eu não vejo problema algum. Só que o meu grupo tenta ser sempre mais... Quer dizer, a gente tem a ideia de que seja bem eclético”.

Cresce cada vez mais o número de pessoas adeptas a grupos similares ao *Joinville de ontem*, bem como o número de grupos com o mesmo intuito. De acordo com Lowenthal (1998) as recordações do passado são um negócio em ascensão e venderão bem em qualquer época e país. A espetacularização nostálgica carrega consigo uma legião de “fãs”, transformando em espetáculos a serem vistos e admirados desde os recortes de passado mais longínquos ao mais recentes, dos mais triviais aos com maiores embasamentos teóricos. A internet potencializa esse movimento nostálgico e transforma, através de comunidades como a *Joinville de ontem*, os recortes de passado das cidades em entretenimento. Os grupos em questão atuam com o que Lowenthal (1998) chama de nostalgia planejada. Seus fundadores e membros sabem que essa nostalgia “vende bem”, que carrega consigo um bom número de seguidores e, por isso, incentivam e orquestram esses apelos nostálgicos a fim de aumentar as proporções de suas respectivas comunidades.

O grupo do Facebook *Joinville de ontem* pode ser considerado uma comunidade? Ao ser indagado sobre isso, Santhiago afirma que sim, tanto seu grupo como os demais são comunidades. De acordo com ele, são comunidades devido as relações estabelecidas para além do ambiente virtual. As relações interpessoais,

dentro ou fora do meio digital, que podem gerar vínculos e transformar o grupo no “lugar seguro” caracterizam também uma comunidade. Para Santhiago (2021)

> Olha, já acredito que é uma comunidade porque se tu acredita, nesse grupo até pessoas já se casaram. Conheceram-se no grupo, eu tenho notícia disso né. Outros, viram parentes que... Aquilo que eu digo, tinham parentes morando longe, né, e viram parentes que não tinham visto há muito tempo. Amigos que nem sabiam que existia, porque tu convive com um amigo teu na infância e de repente um vai pra um lado e o outro vai pro outro, passa o tempo e tu não vê. Então, é uma comunidade.

O grupo em si, ou melhor, a comunidade *Joinville de ontem*, assim como outros grupos similares, torna-se lugar de socialização. Através de interações em publicações os membros do grupo acabam se conhecendo e estendendo seu contato para além da comunidade em si. Santhiago (2021) afirma que muito relatos de amizades feitas a partir do grupo chegam até ele, o que o alegra e, na visão dele, fazem com que seu grupo tenha um diferencial. O grupo se caracteriza enquanto comunidade virtual através do estabelecimento de uma rede de relações interpessoais, no estabelecimento de um objetivo em comum e na troca de informações e conhecimentos.

Indagado se o grupo tem influência cultural e social na sociedade de Joinville, Santhiago afirma que sim. Sua resposta se baseia em um possível reconhecimento público. De acordo com Santhiago (2021) “Foi feito um pedido na Câmara de Vereadores pra fazer uma menção a respeito do grupo e da minha pessoa, isso no ano passado. Não sei no que deu ali”. Santhiago afirma que as pessoas tem um carinho especial por seu grupo e que ele está modificando a vida delas “nesse conceito de história” (SANTHIAGO, 2021). Essa modificação, para o fundador do grupo, está relacionada a multiplicidade de fontes e materiais compartilhados, ou seja, na formação de um acervo. Para ele, o grupo possuí fontes que não são encontradas em bibliotecas e arquivos públicos e que também não são facilmente encontradas na *internet*. Apesar de seu grupo estar na *internet*, a fala de Santhiago o coloca como “um ponto fora da curva”, como um algo a mais a oferecer, algo que só ele pode proporcionar. O grupo proporciona, na visão de Santhiago, o poder de compartilhamento aos seus membros, podendo disponibilizar ao público acervos familiares que antes estavam restritos. A possibilidade de narrar o seu ponto de vista sobre recortes do passado da cidade, se inserir enquanto sujeito nele e, propiciar

discussões e rememorações a partir disso. De fato, independentemente de um grupo ou de uma rede social específica, a *internet* propícia ao usuário a expansão da sua narrativa, além de aumentar sua capacidade de interação social. Santhiago (2021) afirma que

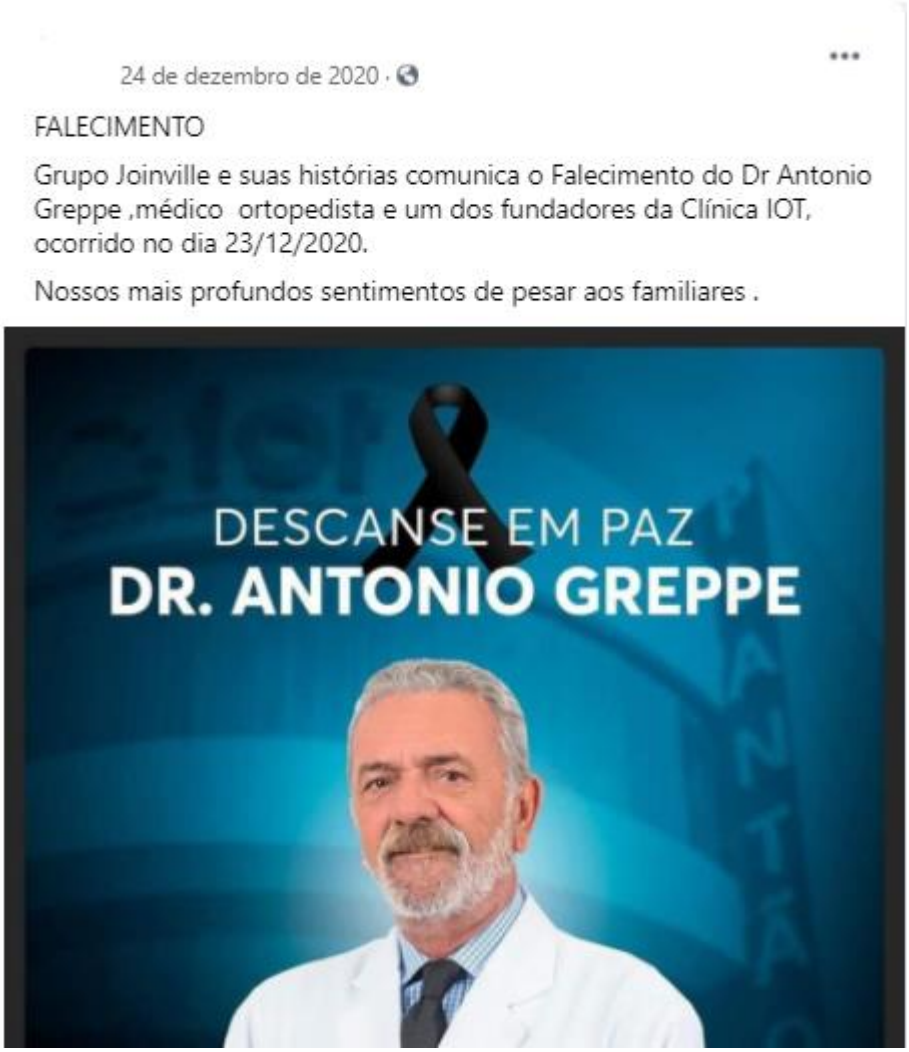
> A *internet* é muito boa, obviamente, mas o sabor tá em tu descobrir aquilo que a *internet* não te dá. De repente tem coisas que a *internet* não tem, o grupo tem. A convivência das pessoas, essas pessoas que não escreveram o livro, mas ela tem essa convivência. Então, ela acaba mostrando no grupo e deixando que as demais pessoas fiquem sabendo sobre isso.

Ao ser indagado sobre a qual recorte temporal é retratado no termo “ontem”, utilizado no título do grupo, Valmir Santhiago não responde de forma clara. Porém faz uma reflexão sobre o termo, o relacionando ao conceito de passado. Para Santhiago (2021) “Tanto o ontem, como o anteontem e 10 anos atrás e 20 anos atrás. Tudo aquilo que passamos tá no... Hoje tamo vivendo esse dia, a partir da meia noite já é o ontem esse dia”. Ao decorrer da entrevista, fica evidente que o recorte temporal utilizado no grupo tem início no período em que a região vou colonizada por imigrantes Europeus, ainda com o nome de Colônia Dona Francisca. O presente também é abordado, mas apenas quando há relações com símbolos do passado da cidade. Sobre esse “ontem” da cidade, Santhiago (2021) afirma que “alguma coisa nós vivenciamos. E os que não sabem disso, resta agora nós contarmos”. Também ressalta a ideia de que a história da cidade é feita a partir dos indivíduos, valorizando essas memórias individuais. Para além de uma valorização da cidade, o fundador do grupo acredita ser necessário a valorização de quem fez parte dessa cidade, dos indivíduos que nela se inserem.

Figura 40 – Nota de falecimento do grupo *Joinville de ontem*

Captura de tela obtida em: 13/01/2021.

Figura 41 – Nota de falecimento do grupo “Joinville e suas histórias”



Captura de tela obtida em: 13/01/2021[25].

Como forma de valorizar esses indivíduos que o ajudam a contar memórias sobre a cidade de Joinville, Santhiago afirma que seu grupo tem o hábito de publicar notas de falecimento quando membros ou seus familiares falecem, conforme figura 40. Ainda afirma que “Quer dizer por isso que o próprio grupo, o meu eu acho que é o único grupo, que ele faz uma homenagem às pessoas que falecem” (Santhiago 2021). Porém, o grupo *Joinville de ontem* não é o único a fazer tal ato, o grupo “Joinville e suas histórias”, que é claramente baseado no grupo de Santhiago também faz publicações frequentes sobre falecimentos de membros e familiares (conforme figura 41). Publicações desse teor contém grande engajamento, chegando facilmente

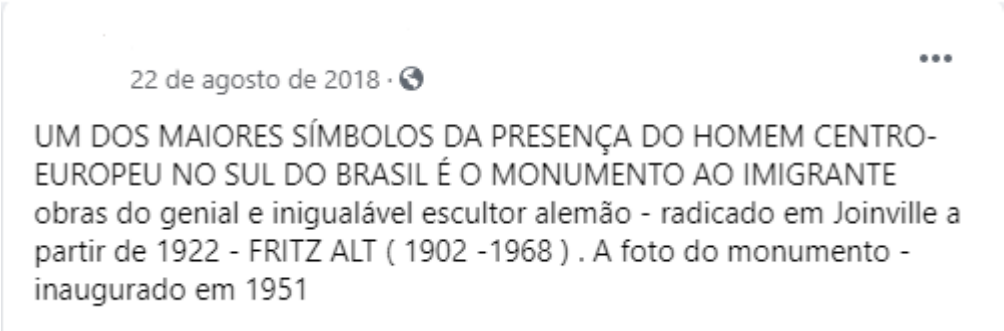
[25] Disponível em: https://www.facebook.com/groups/joinvilleesuashistorias/permalink/736221603671317. Acesso em: 13/01/2021.

a aproximadamente mil comentários. Apesar de não ter um tom propriamente histórico, as notas de falecimento são uma homenagem a quem, de acordo com Santhiago, viveu Joinville e fez parte dessa cidade, direta ou indiretamente.

> A gente tem que entender, meu ponto de vista esse, que essa pessoa viveu aqui. Essa pessoa cruzou essas ruas. Essa pessoa fez história de alguma forma e não tem como nós deixarmos isso aí passar em branco, sem fazer uma homenagem à essa pessoa. Essa pessoa é lembrada de alguma forma por alguém, senão por mim, por uma outra pessoa. Então, nada mais justo é nós fazermos ou o grupo fazer essa homenagem (SANTHIAGO, 2021).

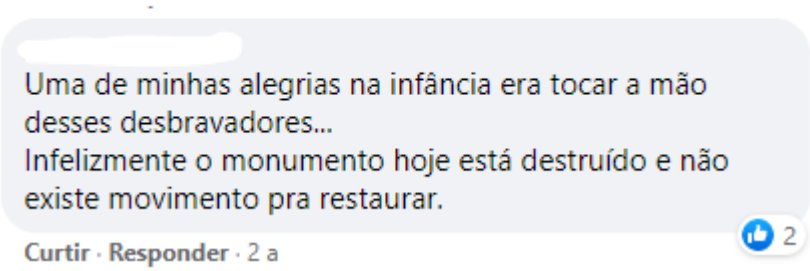
A valorização do indivíduo também é um indício desse caráter comunitário do grupo. Ressalta a ideia também de que ali não se discute os fatos históricos da cidade de Joinville, mas sim, na maioria das vezes, o discutido é a presença de pessoas na cidade e a relação delas com Joinville ao longo do tempo. É a valorização da memória individual e familiar, bem como da construção de narrativas. Para Santhiago (2021) “essa Joinville foi construída com muito suor, com muito trabalho e cada um tem a sua contribuição e o grupo não pode esquecer disso aí”. A fala de Santhiago também evidência outro epiteto atribuída a Joinville, a colocando como “Cidade do trabalho”. A comunidade *Joinville de ontem* ressalta tudo aquilo que é tido como história oficial de Joinville. A “Cidades das Flores”, “Manchester Catarinense”, “Cidade das Bicicletas”, “Cidade germânica” são vertentes com força na comunidade, dominando a grande maioria das publicações.

Figura 42 – Publicação sobre o Monumento ao Imigrante



Captura de tela obtida em: 16/01/2021.

Figura 43 – Comentário realizado na publicação da figura 42



Captura de tela obtida em: 16/01/2021.

O Monumento ao Imigrante, localizado na região central de Joinville, é um dos símbolos da valorização da imigração europeia. A figura 42 apresenta uma imagem do monumento, que foi inaugurado em 1958. O autor da publicação tece elogios ao artista responsável pela obra, bem como para o monumento. A figura 43 apresenta um comentário realizado na publicação. O autor do comentário apresenta uma memória de infância, estabelecendo sua relação com o monumento como forma de se fazer presente naquela narrativa criada. Além disso, faz críticas ao estado atual da obra. Para além disso, uma palavra chama a atenção: “desbravadores”. A história de Joinville comumente é contada por seus cidadãos a partir da imigração europeia. Os

imigrantes são vistos como desbravadores, trabalhadores, honestos e responsáveis pelo que a cidade de Joinville é hoje. Para Brepohl e Nadalin (2019, p.02)

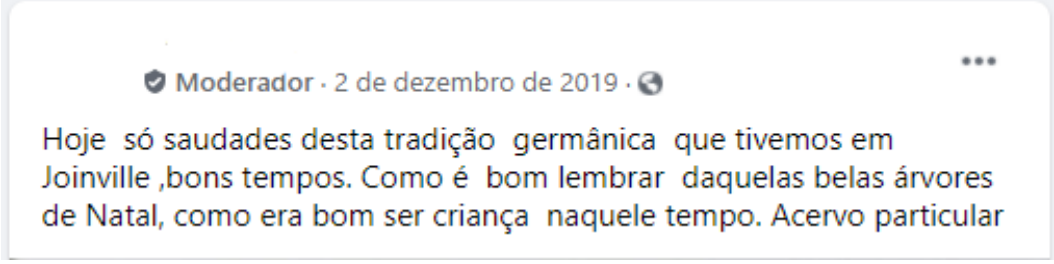
> A identidade teuto-brasileira é uma das mais destacadas no sul do Brasil, caracterizada, ora como sinônimo de disciplina, desenvolvimento técnico e econômico, operosidade, preservação cultural, ora como resistência à assimilação, no limite, como sinônimo de xenofobia

O monumento é recorrentemente acionado nas publicações da comunidade *Joinville de ontem,* seja como forma de crítica a situação em que se encontra e a falta de restauro, ou seja para exaltar a figura do imigrante, principalmente os teuto-brasileiros. Para Diego Finder Machado (2018, p.25)

> Contudo, esse monumento também pode ter sido pensado como estímulo para que os habitantes do município se sentissem pertencentes a uma história pregressa, assumindo a função de nó incitador de sensibilidades para com as marcas ainda presentes do passado.

Essa história pregressa, geralmente ligada à imigração teuto-brasileira, se faz presente o tempo todo no grupo. Há uma exaltação do que se diz ser a identidade e cultura do imigrante germânico. A dita identidade e tradição germânica é acionada de diversas formas, seja através de patrimônios edificados ou por objetos do cotidiano, como é o caso da figura 44. A figura 44 apresenta fotografias de velas natalinas e, na legenda da publicação, o autor as atribuí à uma tradição germânica deixando a entender que é uma prática não tão comum atualmente. A nostalgia que se manifesta na maioria das publicações e discussões da comunidade *Joinville de ontem* lamenta a passagem do tempo, se apegando a recortes de passado idealizados. Buscam nesses recortes sentimentos como tradição, identidade, família, dentre outros. Num tom restaurador, desejam que a cidade volte a ter o que acreditam ser “a glória que tinha no passado”. Criam narrativas que idealizam a cidade e as propagam como sua verdade. Esses discursos nostálgicos criados não afetam apenas os mais velhos, que viveram em outras épocas dessa cidade, mas encontra adeptos também entre os mais jovens. De acordo com Lowenthal (1998) a nostalgia tem esse poder de despertar o apego a tempos experenciados e, também, a tempos não vividos, numa tentativa de encontrar um “passado” para se enquadrar na narrativa nostálgica.

Figura 44 – Publicação sobre a tradição germânica de Natal



Captura de tela obtida em: 06/05/2020.

Figura 45 – Questionamento sobre a imagem de uma Joinville germânica

20 de junho de 2014 ·

Posso fazer uma colocação em forma de pergunta? A Joinville retratada aqui não é muito germânica? Onde está a Joinville do Boa Vista? Dos moreninhos? Dos novos imigrantes das cidades adjacentes, ou dos paranaenses que pegaram no pesado?

outras 25 pessoas 160 comentários

Captura de tela obtida em: 01/07/2020.

Figura 46 – Comentários realizados na publicação da figura 45

Mas, a Joinville de ontem era bem germanica, sim.

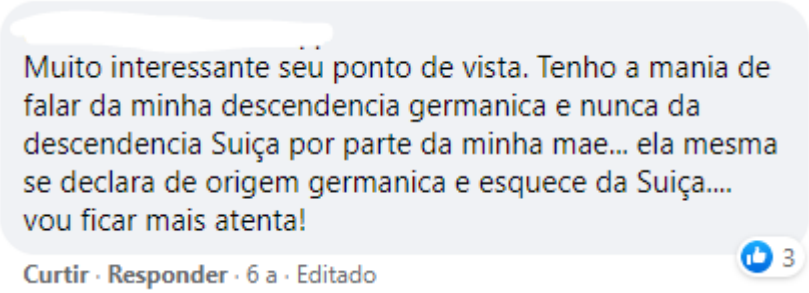
Curtir · Responder · 6 a 11

Posso responder sua pergunta a Joinville é de todos que a amam de todos que aqui lutam de todos que aqui a constroem , eu mesmo não sou Joinvillense mas para cá vim cedo aqui casei aqui meus filhos nasceram me sinto portanto parte desta Bela Cidade,Germânica sim pelo fatos dos desbravadores ,dois quais não podemos tirar seus valores ,todos os Bairros foram formados através do inicio da rua do Príncipe e adjacências ,todos portanto fazem a História de nossa cidade sejam Paranaenses sejam de outras cidades que por aqui acharam amparo,pois Joinville sempre foi e será uma Cidade acolhedora.

Curtir · Responder · 6 a · Editado 14

Bom, como a falou, Joinville de ontem era estritamente Germânica, não tem como fugir muito disso. Entretanto já vi aqui inumeros posts envolvendo a tupy e seus trabalhadores. Algo muito bacana, por sinal...

Curtir · Responder · 6 a 4



Captura de tela obtida em: 01/07/2020.

Mas essa identidade e tradição germânica tanto difundida também tem seus questionadores. Não é frequente na comunidade *Joinville de ontem*, principalmente em publicações, mas ainda em raros comentários há alguém que questione essa germanidade. A figura 45 apresenta uma publicação realizada em 2014, poucos meses após a criação do grupo, questionando a imagem germânica que ali estava sendo construída. Para o autor da publicação, Joinville é muito mais plural cultural e etnicamente. Grande parte dos comentários que se seguem, conforme figura 46, reafirmam que Joinville possuí sim essa dita identidade germânica. Para amenizar a discussão, há a afirmação de que a cidade é acolhedora e que nela cabem todas as "histórias" e memórias. A ideia de uma cidade acolhedora é difundida por Valmir Santhiago (2021), ao afirmar que apesar de ser natural da cidade de Penha – SC, Joinville o acolheu da melhor forma possível. Até mesmo quando se entende que a cidade recebeu imigrantes de outras regiões, ainda se privilegia a imigração europeia na narrativa, conforme último comentário da figura 46. A discussão não está relacionada a presença ou não de povos germânicos na região, mas sim no encobrimento da diversidade étnica e cultural criada a partir de narrativas que colocam a cidade como predominantemente germânica. Apesar dessa discussão da figura 45 ter sido feito nos primeiros meses de vida, é possível observar que o grupo continua prevalecendo a imagem de uma cidade de tradição estritamente germânica. Ainda hoje, as demais etnias estão silenciadas nesse discurso sobre a dita identidade joinvilense, dentro e fora do ambiente virtual da comunidade *Joinville de ontem*. Para Machado (2018, p.32)

> Embora na atualidade, por força de suas reivindicações, grupos considerados "minoritários" tenham conquistado lugares de visibilidade e poder, ainda se manifestam em Joinville, formas violentas de discriminação que visam humilhar e inferiorizar diferenças ou mesmo condená-las simbolicamente ao exílio.

Ao ser questionado sobre o que seria Joinville na sua visão, Santhiago (2021) enaltece a cidade e ressalta vários epítetos e idealizações. Sua fala nega a diversidade étnica e cultural joinvilense e valoriza o imigrante, descrito quase que como um herói de contos de fada. Santhiago afirma que poder ser chamada de "Cidade dos Príncipes" é um orgulho para a região, mesmo sabendo que os príncipes não estiveram aqui. Valmir Santhiago (2021) afirma que

> E, pelo conseguinte desse povo bravo nórdico que vieram com aquela vontade de mudança, de fazer isso aqui crescer. Obviamente, junto com os lusos que já estavam aqui. Então, isso pra mim é um complexo de grandeza de uma cidade, de uma Joinville.

A cidade de Joinville é posta durante a entrevista e no grupo fundado por Santhiago como bela, imponente e grande. Mas todo esse discurso idealizado valoriza apenas a imigração teuto-brasileira. Ao ser indagado sobre como imaginaria essa cidade no futuro, Santhiago (2021) revela ser um ser nostálgico apegado a um suposto glamour que o passado da cidade o oferece. Afirma que "essa é a preocupação da minha pessoa, e acredito que de muitos, que ela possa mudar, mas sem perder aquelas raízes históricas, esse glamour que sempre Joinville teve". O discurso do fundador da comunidade *Joinville de ontem* não nega à cidade sua possibilidade de transformação, mas apela para que não apague esses símbolos do passado. Mesmo assim, num tom mais ameno, deixa críticas as modificações da cidade. Ressalta que "nós vamos entender que se nós voltarmos pros anos 70 Joinville era bem glamourosa, era outra coisa. Agora, diante dessa mudança desse tempo, ela começou a mudar um pouco" (SANTHIAGO, 2021). As mudanças que se refere estão relacionadas ao desenvolvimento socioeconômico da cidade, que atualmente é a terceira maior cidade do Sul do Brasil em números populacionais e em níveis econômicos[26]. Mas Santhiago também atribui as mudanças da cidade aos novos imigrantes contemporâneos, relatando que "obviamente, vieram muitas pessoas que não eram aqui de Joinville e eu sou um, né. Eu não sou nato aqui. De repente ela parece que quer perder a identidade dela" (SANTHIAGO, 2021). Para amenizar o tom de sua afirmação, lembra que também é um imigrante, tendo em vista que nasceu na cidade de Penha, Santa Catarina.

---

[26] Conforme dados do IBGE, divulgados em reportagem do site A Notícia. Disponível em: https://www.nsctotal.com.br/noticias/cidade-de-sc-e-a-terceira-mais-rica-do-sul-do-brasil. Acesso em: 17/01/2021.

Apesar de sempre ressaltar que a identidade de Joinville é criada a partir da imigração europeia, Santhiago responsabiliza os demais imigrantes e as novas movimentações populacionais por causar o que ele considera ser a perda da identidade da cidade. A atual Joinville está longe de ser a imagem idealizada criada por Santhiago e seu grupo. De acordo com Coelho (2010, p.41) “Joinville – como tantas outras cidades contemporâneas – pulsa (n)o tempo presente, marcado por disjunções, superposições e complexidade de fluxos de pessoas, tecnologias, finanças, imagens e informações”.

Mas o fundador da comunidade ainda aponta uma solução para o problema visualizado por ele. De acordo com Santhiago (2021) para a cidade não perder sua identidade as famílias de origem joinvilense precisam enaltecer essa cidade. Assim como os governantes precisam preservar e tornar essa história da cidade acessível a todos. Preocupa-se com a informação deixada à posteridade. Para Santhiago (2021) “nesse momento nós precisamos pensar na história de Joinville, no patrimônio histórico que nós vamos deixar, porque essa é, ao meu ver, a identidade de uma cidade”. Em sua afirmação, não se refere apenas ao patrimônio material edificado, mas também a tradição germânica que considera ser parte dos bens patrimoniais da cidade.

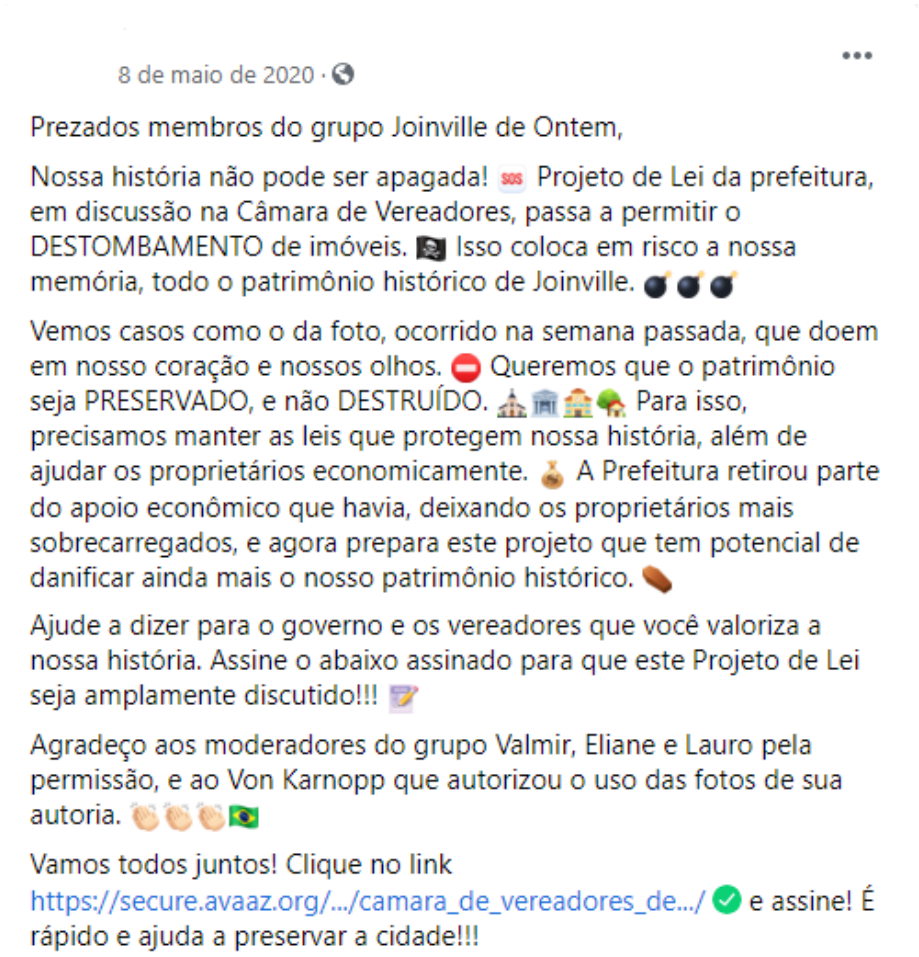
Em relação ao campo do Patrimônio Cultural, Santhiago (2021) afirma ser um legado a ser deixado as próximas gerações. Durante sua fala faz críticas aos patrimônios da cidade, ressaltando a necessidade de preservação. Cita bens culturais edificados que, de acordo com ele, tem sua beleza ocultada por propagandas e demais eventos e objetos da vida cotidiana. Numa visão romanceada insinua que o ato de preservar, no sentido de patrimonialização, é uma forma de demonstrar o amor pela cidade. Ao defender sua ideia, afirma não ser contrário às mudanças e novas tecnologias, mas defende a preservação do patrimônio também como forma de atrativo turístico. Afirma que seu grupo também valoriza, divulga e defende o patrimônio cultural da cidade. O grupo teria o papel de alertar as pessoas para a importância desses patrimônios que, de acordo com ele, são símbolos da identidade de Joinville. Para Santhiago (2021)

> Então, o patrimônio histórico é isso. É a história, é nós “tar” fazendo esses grupos que ressurgem, que trazem à tona tudo isso aí, é esses prédio que devem ser já tombado como estão, mas devem ser bem

> alinhado, bem bonito pra receber turista e tudo mais. Isso é viver de história, pra mim é maravilhoso.

Ao se referir sobre o termo memória da cidade, Santhiago (2021) afirma ser fator de coesão para o patrimônio cultural. A define como “tudo isso que a gente pode vê, sentir, através de leitura, através de conversas”. Se refere à memória como uma colcha a ser costurada. Para ele as memórias são pedaços, recortes, que precisam ser unidos para formar uma narrativa histórica. Os grupos que possuem objetivos similares aos seus seriam agentes que auxiliariam na montagem desse “quebra-cabeças”, na confecção dessa colcha. Ao ser questionado se considera que exista alguma cidade ideal, Santhiago (2021) afirma que não, porém, a cidade se faz melhor com a preservação da sua memória e de seu patrimônio e, para Santhiago, essas ações dependem também da população. E ainda ressalta que cidades menores conseguem gerir sua memória e seu patrimônio de uma forma melhor, com maior controle.

Figura 47 – Petição para barrar o Projeto de Lei que permite o destombamento



8 de maio de 2020 ·

Prezados membros do grupo Joinville de Ontem,

Nossa história não pode ser apagada! 🆘 Projeto de Lei da prefeitura, em discussão na Câmara de Vereadores, passa a permitir o DESTOMBAMENTO de imóveis. 🏴‍☠️ Isso coloca em risco a nossa memória, todo o patrimônio histórico de Joinville. 💣💣💣

Vemos casos como o da foto, ocorrido na semana passada, que doem em nosso coração e nossos olhos. ⛔ Queremos que o patrimônio seja PRESERVADO, e não DESTRUÍDO. ⛪🏛️🏫🏘️ Para isso, precisamos manter as leis que protegem nossa história, além de ajudar os proprietários economicamente. 💰 A Prefeitura retirou parte do apoio econômico que havia, deixando os proprietários mais sobrecarregados, e agora prepara este projeto que tem potencial de danificar ainda mais o nosso patrimônio histórico. ⚰️

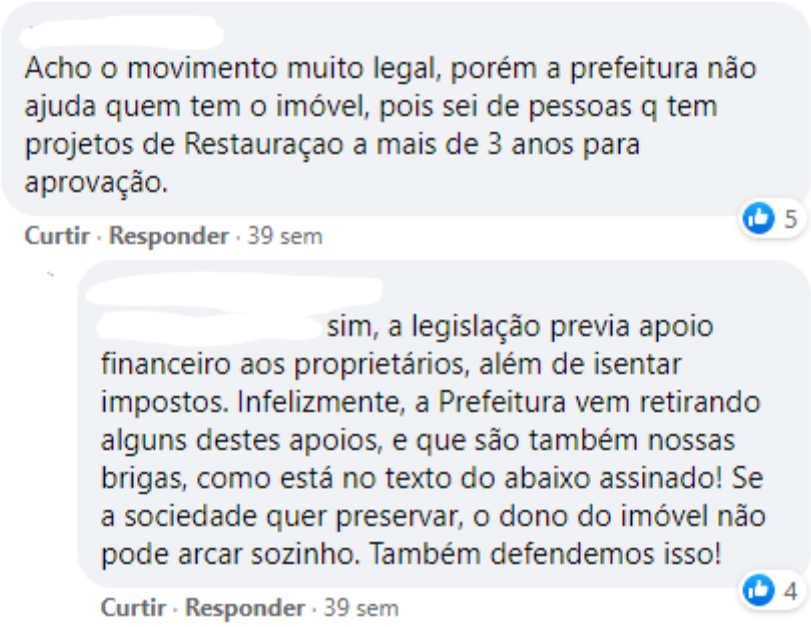
Ajude a dizer para o governo e os vereadores que você valoriza a nossa história. Assine o abaixo assinado para que este Projeto de Lei seja amplamente discutido!!! 📝

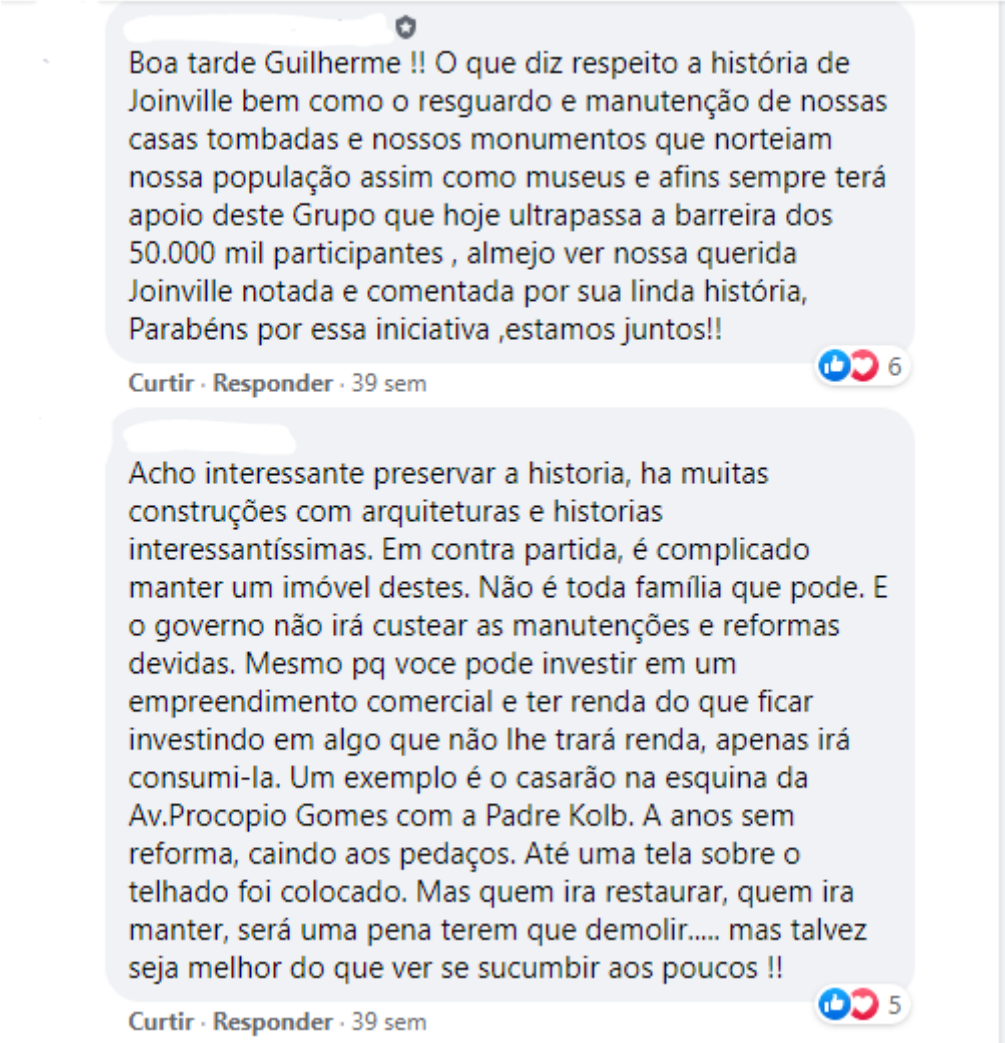
Agradeço aos moderadores do grupo Valmir, Eliane e Lauro pela permissão, e ao Von Karnopp que autorizou o uso das fotos de sua autoria. 👏👏👏🇧🇷

Vamos todos juntos! Clique no link https://secure.avaaz.org/.../camara_de_vereadores_de.../ ✅ e assine! É rápido e ajuda a preservar a cidade!!!

Captura de tela obtida em: 08/01/2021.

Figura 48 – Comentários realizados na publicação da figura 47





Captura de tela obtida em: 08/01/2021.

Os processos técnicos de patrimonialização por vezes entram nas discussões do grupo. A figura 47 apresenta um pedido para que os membros assinem uma petição que visa barrar um projeto de lei que ampliaria a possibilidade de destombamento de bens culturais patrimonializados pelo Município de Joinville. O projeto de lei foi enviado para a Câmara de Vereadores pela prefeitura no início de 2020, mas por volta de maio do mesmo ano foi retirado de pauta[27]. A publicação afirma que o Projeto de Lei representaria um apagamento da história da cidade. Muitos dos membros apoiaram a causa, assinando a petição e confirmando sua concordância por meio de comentários nas publicações. Mas houve também críticas, conforme figura 48. Os

[27] Informações retiradas de matéria publicada no portal NSC Total. Disponível em: https://www.nsctotal.com.br/colunistas/saavedra/apos-criticas-projeto-do-destombamento-sera-retirado-da-camara-de-joinville. Acesso em: 08/01/2021.

comentários da figura 48 ressaltam uma preocupação comum em parte dos membros: os custos de manutenção e restauro de uma edificação tombada. O bem tombado não é rentável, conforme afirma o autor do último comentário da figura 48. O autor da publicação ressalta que inicialmente a lei de tombamento previa, além de isenção de impostos, ajuda financeira para que o imóvel tombado seja preservado, mas os recursos repassados diminuíram. Alguns desses imóveis acabam sucumbindo por falta de restauro, o que leva a descaracterização e ao destombamento, podendo ser demolidos.

A petição da publicação não apenas solicitava a retirada do Projeto de Lei, mas também cobrava a ajuda de custo aos proprietários dos imóveis. Os administradores e moderadores da comunidade *Joinville de ontem* apoiaram a causa, assim como boa parte dos membros. Mas as discussões da publicação revelam que o grupo não possuí um pensamento em comum em relação à lei de tombamento. Configuram-se como nostálgicos ao analisarem documentos e fotografias que remetem ao passado, manifestam desejos de preservação do que acreditam ser a história de Joinville, porém, não concordam enquanto a quem cabe a manutenção de um bem patrimonial. A questão econômica que envolve a patrimonialização de bens culturais divide opiniões dentro e fora da comunidade analisada.

O alcance de uma comunidade como a *Joinville de ontem* é inegável. Com mais de 57 mil membros, consegue trazer olhares e movimentar o ambiente virtual relacionado a região. Para Santhiago (2021) “o povo ama Joinville, só precisamos despertar esse interesse, né? Eu acho que o grupo ele veio despertar”. Toda sua narrativa criada durante a entrevista ressalta o sentimento para com a cidade. Ao acompanhar a comunidade é possível perceber que esse amor citado por Santhiago é nostálgico. Esse amor nostálgico pela cidade de Joinville está relacionado as idealizações feitas a partir de recortes de passado. Por mais que demonstrem gostar de viver na atual Joinville, as palavras utilizadas pelos membros para elogiar a cidade estão em sua maioria relacionadas a um passado romanceado.

Santhiago (2021) afirma que seu grupo se demonstra necessário para a memória da cidade e que esse grupo abriu portas para fontes antes inacessíveis. De fato, grande parte do material ali publicado estava antes restritos a acervos familiares e, com o incentivo dado a nostalgia direcionada, passaram a fazer parte daquele ambiente virtual. Santhiago tem ciência também que o material gerado por seu grupo

não fica restrito a ele e acaba sendo utilizado em pesquisas acadêmicas. Aliás, há pesquisadores de diversas áreas no interior dessa comunidade e que, vez ou outra, se manifestam com contribuições de sua área do conhecimento, seja através de comentários em publicações, seja solicitando material aos membros do grupo. Sobre a presença desses pesquisadores, Santhiago (2021) afirma “é maravilhoso isso, sabe? Porque, por exemplo eles não encontram numa biblioteca, mas eles encontram nessas mensagens, nessas fotos e no tecer das conversas das pessoas eles pegam todo esse apanhado”.

A comunidade *Joinville de ontem* revela que as sensibilidades despertadas por apelos nostálgicos estão mais relacionadas a histórias e memórias de vida e familiares do que em relação aos bens culturais da cidade em si. É possível perceber que os bens culturais edificados são também para esses membros, símbolos de suas próprias histórias de vida. Desejam, através de recortes do passado apresentados por meio de documentos e fotografias, restaurar os sentimentos já vividos e experenciados, por mais que saibam que não é possível.

3.2. “Tons suaves de nostalgia”: o caso *São Francisco do Sul e seus histórias*

Os apelos nostálgicos das comunidades virtuais podem despertar diferentes sensibilidades, bem como podem ser utilizados de formas distintas. O grupo *São Francisco do Sul e suas histórias* não possui o tom restaurador como predominante, se distinguindo nesse aspecto da comunidade *Joinville de ontem*. Sua abordagem sobre os recortes do passado aparenta ser reflexiva. Seus membros demonstram admiração pela cidade, sem compará-la, na maioria das vezes, com passados idealizados. Além disso, as publicações do grupo possuem forte apelo turístico. Ressalta-se com frequência, em tom poético, a beleza paisagística da cidade. Ao falar sobre o passado de São Francisco do Sul, o grupo utiliza de memórias individuais, familiares e afetivas para a construção de uma narrativa. As discussões feitas a partir das publicações, quando não se resumem apenas a elogios à cidade, apresentam-se como conversas cotidianas, amigáveis, de “vizinhança”.

A fundadora do grupo, Marli Silva Avancini (2021), relata: “então, eu resolvi montar um grupo, mas que fosse um grupo de mais histórias, mais pesquisa, que tivesse literários comigo, historiadores, poetas”. Ressalta-se no grupo, e na fala de Avancini, o desejo de que artistas e profissionais acadêmicos fossem membros. Tal desejo pode ter base na formação de sua fundadora. Marli S. Avancini (2021) afirma que apesar de ter fundado um grupo que considera promover discussões históricas, sua formação superior é na área de Artes. É valido ressaltar que Marli Avancini é filha de um importante escultor catarinense, Mario Avancini, falecido em 1992, e seu legado ainda reverbera na atualidade[28]. Mas, na maioria das vezes, as discussões geradas no interior do grupo não são acadêmicas e científicas, pelo contrário, limitam-se à poética e a recordações. Muitas das publicações são acompanhadas de versos, rimas e poesias. Entretanto, durante toda a entrevista, Avancini demonstra se preocupar com a formação de um arquivo de fontes que possam ser utilizadas em pesquisas acadêmicas e científicas. Devido a isso, estabelece como regra a indicação de referências e fontes para os materiais publicados por seus membros. Ao descrever seu grupo, deixa claro que “esse grupo não envolve política, só história, histórias de família, contos, poesias e datas que a gente procura colocar isso ali pra poder passar para os novos historiadores” (AVANCINI, 2021).

A “paixão” por São Francisco do Sul é recorrente na fala da entrevistada. Apesar de ter nascido na cidade, mais especificamente no Distrito do Saí, Avancini afirma residir em Joinville há 65 anos. Mesmo residindo e tendo desenvolvido sua vida na cidade vizinha, afirma que sempre manteve relações com a cidade de São Francisco do Sul, até mesmo participando de grupos do Facebook locais. Aliás, foi a participação nesses grupos que, de acordo com Avancini (2021) à levou a criar o *São Francisco do Sul e suas histórias*:

> Bem, inicialmente eu participava de alguns grupos de São Francisco, mas eu via lá muita propaganda, muita política, muita gente com pavio curto, textos curtos e sem compreensão de texto e eu queria mais que isso, eu queria história mesmo, eu queria pesquisa, eu queria família.

As memórias e recordações familiares, muito presentes no grupo, são defendidas e buscadas por sua fundadora. As publicações do grupo e a entrevista de

---

[28] Conforme informações disponíveis em reportagem do portal NSC. Disponível em: https://www.nsctotal.com.br/noticias/exposicao-traz-a-publico-obras-ineditas-do-escultor-mario-avancini-em-joinville. Acesso em: 10/03/2021.

Avancini revelam que um dos principais objetivos da comunidade é a valorização das memórias individuais. Avancini (2021) afirma que “então, ele ficou um grupo puro, um grupo bom, de pessoas muito interessantes”. Esses membros são “interessantes” para Avancini, pelo fato de contribuírem e participarem ativamente da comunidade. Ao longo da entrevista ressalta que historiadores e “o pessoal do IPHAN” fazem parte do grupo. A narrativa de Avancini coloca a participação desses profissionais como um diferencial para a comunidade. Mas ressalto que tais profissionais não se apresentam ao grupo como técnicos da área, bem como não realizam publicações com frequência.

As publicações dos membros não passam por controle prévio, sendo diretamente postadas na comunidade. De acordo com sua fundadora, isso representa uma relação de confiança e de liberdade. Para que essa relação de confiança se mantenha, Avancini (2021) relata relembrar frequentemente, através de publicações, as regras e objetivos do grupo. De fato, são raras as vezes que publicações que desrespeitem as regras estabelecidas são feitas. Quando isso acontece, Avancini afirma que “a gente entra em contato com a pessoa avisando que ele está desrespeitando as regras do grupo. E se ele infringir e for mais sério a gente bloqueia e exclui essa pessoa da página”. Sendo a única administradora do grupo, para ajudá-la em seu funcionamento conta ainda com cinco moderadores, conforme informações contidas na rede social Facebook[29]. Constam como moderadores os nomes de Luiz Vieira (Luizão Vieira, conforme perfil no Facebook), Dominoni, Esdras Felício, Ari Santos e Fernando Hinsching. Este último é responsável por criar, em 2019, o grupo “Joinville e suas histórias” do qual tanto Marli S. Avancini quanto Valmir J. Santhiago são membros. Desses cinco nomes, quatro residem em Joinville, conforme informações registradas em seus perfis da rede social.

Porém, ao ser questionada sobre os moderadores, Avancini (2021) cita apenas três: Dominoni, Esdras e Raul (não consta esse nome na lista de moderadores) que afirma terem sido “escolhidos a dedo”. Como critério para ocuparem a função, Avancini (2021) relata “então, o critério foi não achar alguém atrelado... Que não fosse atrelado a São Francisco, mas que conhecesse muito de São Francisco”. Citando os nomes de Esdras e Dominoni, Avancini relata que seus moderadores contribuem muito com o grupo, apresentando fontes e materiais

[29] Disponível em: https://www.facebook.com/groups/saofranciscohistoria/members/admins. Acesso em: 10/02/2021.

relevantes. É possível observar uma presença constante dos nomes citados nas publicações dos grupos. É perceptível também que os materiais publicados, em sua maioria, são de produção própria dos moderadores e membros, como fotos atuais da cidade. Isso se deve, de acordo com Avancini, pela dificuldade de encontrar fontes, principalmente fotografias. O acervo do grupo, de acordo com sua fundadora, foi uma criação conjunta. Em um primeiro momento, como aponta Avancini, houve a necessidade de convencer seus membros a publicarem suas fotografias analógicas, guardadas em álbuns em casa. Para além disso, afirma que procurou ler sobre a história da cidade para poder dar um embasamento sobre as fotografias e documentos publicados pelos membros. De acordo com Avancini (2021)

> Então a gente sempre tá rememorando os grandes da história de São Chico. Então, eles se interessam. Mas, de vez em quando tem que postar a receita do pirão com linguiça. Então, a gente acaba também trazendo de volta a história caiçara, a história do peixe, do pastel de berbigão. Então, é um grupo mais aberto, não puramente história.

Por vezes, a participação em grupos como o *São Francisco do Sul e suas histórias* atraí determinado público para as redes sociais. Um público que não estava familiarizado com a *internet*, ou dedicava pouco tempo a rede, como é o caso de Marli Avancini. A fundadora do grupo afirma que antes de criá-lo tinha pouco conhecimento tecnológico e sobre a rede social Facebook em si. Mas o grupo a aproximou da *internet*, com o intuito de “ abarganhar as histórias, tirar elas do papel, falar sobre elas na rede” (AVANCINI, 2021). Sua fundadora também acredita que o grupo seja uma forma de levar a imagem de São Francisco do Sul pelo Brasil e para o exterior. Afirma que seu grupo tem alcançado pessoas de diversas regiões, que entram na comunidade com o intuito de observarem as imagens consideradas antigas e as atuais de São Francisco do Sul. Durante toda a entrevista, Avancini relata que a cidade é dona de uma enorme beleza paisagística e cobra esse reconhecimento e valorização por parte da população da região.

> Então, a intenção também é divulgar, além de fronteiras, não só a nossa história, mas a beleza que tem São Francisco do Sul, porque é incomparável. Só que a gente espera que outras pessoas venham pra cá dizer. Então, por que que nós que nascemos lá ou que estamos aqui por perto, por que que a gente não divulga tanto a beleza? Né? E os cuidados que se tem com a praia. Então assim, esses integrantes no exterior me dão um orgulho muito grande, porque eles levam adiante essa história de divulgar a cidade (AVANCINI, 2021).

O grupo conta com membros de cidades e estado vizinhos, além de outras países e continentes. A participação desses membros é, na visão da fundadora do grupo, um impulsionamento para o turismo local. A maioria dos membros do grupo *São Francisco do Sul e suas histórias* residem no Brasil, como esperado, totalizando 14.699 membros (conforme figura 49). Em seguida, 69 membros estão localizados nos Estados Unidos, 26 membros em Portugal, 17 membros na Alemanha e 12 membros na Argentina, dentre outros. Conforme informações repassadas pela própria rede social Facebook, é possível perceber que a maioria dos membros do grupo que não se encontram no Brasil, estão em países europeus ou norte-americanos. Apenas um país latino-americano e vizinho do Brasil aparece na lista. Em relação as cidades, 5.481 membros residem em São Francisco do Sul e 5.423 em Joinville. O número de membros que residem em Joinville chama a atenção, principalmente por ser um quantitativo muito próximo dos que se encontram em São Francisco do Sul. Para além das duas cidades citadas, ainda há membros em Curitiba (574), no estado do Paraná, em Florianópolis (199), em São Paulo (172), no Rio de Janeiro (113) e em demais cidades da região.

Figura 49 – Relação de países e cidades dos membros do grupo *São Francisco do Sul e suas histórias*

Países mais relevantes	
Brasil	14.699
Estados Unidos	69
Portugal	26
Alemanha	17
Argentina	12
Canadá	10
Espanha	10
Reino Unido	9
Itália	9

Cidades mais relevantes	
São Francisco do Sul, SC	5.481
Joinville, SC	5.423
Curitiba, PR	574
Florianópolis, SC	199
São Paulo, SP	172
Jaraguá do Sul, SC	167
Araquari, SC	136
Rio de Janeiro, RJ	113
Itajaí, SC	9

Fonte: Marli Silva Avancini. Cedida ao autor. Data de referência: 01/02/2021.

Assim como Valmir J. Santhiago, Marli Silva Avancini (2021) afirma que não esperava que seu grupo atingisse a quantidade de membros que possuí hoje. Porém, Avancini deixa a entender que prefere que seu grupo seja menor, pois preza por interações sociais que acredita acontecer de melhor forma e com maior controle em um número menor de membros. Questionada se considera seu grupo uma comunidade, Avancini (2021) não responde com clareza, mas ressalta que “como o grupo foi criado por uma paixão, a intenção não era nem chegar em 15 mil pessoas, tanto que o grupo hoje é privado, ele não é um grupo compartilhado, pra compartilhar teria que ser um grupo menor”. Durante a entrevista Avancini também deixa a entender que considera as interações presenciais essenciais para o conceito de comunidade. Interações essas que ocorrem em seu grupo, não com todos os membros, tendo em vista que são em torno de 14 mil, mas com uma parcela dele. A fundadora da comunidade relata que em seu último encontro presencial realizado com os membros do grupo, compareceram 284 pessoas. Esses encontros são organizados por Marli S. Avancini e divulgados em publicações no interior da comunidade (conforme figura 50). Os encontros acontecem anualmente, próximo ao dia 09 de março, por ser feriado na cidade de Joinville, o que, de acordo com Avancini, facilita a participação dos membros que residem na cidade vizinha. Nos encontros, cada membro fica responsável por pagar seu próprio consumo para o restaurante, mas para além disso há sorteios e exposições e apresentações artísticas, também fornecidas pelos membros. Avancini (2021) ressalta:

> Cada um pede uma cuca na São José, pede um presentinho aqui e eles levam presente. Aí tem uma exposição de arte com os artistas de São Chico, que daí a Flor, o Amauri, a turma dos artistas que cuidam. Então, assim, cada um cuida dum pouquinho pra coisa funcionar lá dentro. Esse ano a gente queria fazer também um encontro grande, mas os encontros tão ficando grandes demais, assim sabe? Então, eu me sinto com uma certa dificuldade de cuidar disso sozinha.

Em 2020 ocorreu o sétimo encontro do grupo, que iria para sua oitava edição em 2021, mas foi cancelado devido à pandemia de Covid-19 (conforme figura 51). O encontro que estava programado para 2021, de acordo com Avancini, contaria com um espaço maior, para abrigar mais membros, e com outras atrações, como um baile. Questionada sobre as formas de interação social que ocorrem no interior da comunidade *São Francisco do Sul e suas histórias*, Marli S. Avancini (2021) relata que “Existem vários grupos dentro desse grupo. Existem pessoas de várias etnias”. Esses

outros grupos a que Avancini se refere, são grupos de pessoas que possuem relações presenciais fora da comunidade, mas que também fazem parte dela, como os artistas locais, por exemplo. Apesar de ser fundadora de um grupo virtual, Avancini relata com frequência ao longo da entrevista sobre os encontros presenciais organizados por ela. As recordações e narrativas que se cruzam nos comentários e publicações da comunidade, se encontram nos eventos organizados por sua fundadora. Avancini (2021) ressalta que

> E é muito interessante, porque as histórias vão se costurando nas mesa conforme eles for se encontrando. Então, é muito interessante. É muito prazeroso você: “ah, você era a filha do Thiago”, “você era a filha do Zé, né?”, “você era a sobrinha do seu João lá da Vila da Glória”, “não, eu era da família X”, “ah, claro eu conheci a tua mãe”.

Figura 50 – Publicação convidando os membros do grupo para o encontro de 2020

Captura de tela obtida em: 10/02/2021.

Figura 51 – Publicação informando o cancelamento do encontro que ocorreria em 2021

Captura de tela obtida em: 10/02/2021.

O atual momento pandêmico não deixou de ser explorado e discutido pela comunidade. Desde março de 2020, quando iniciaram as medidas restritivas em Santa Catarina, o grupo passou a informar o número de infectados na cidade de São Francisco do Sul, bem como as decisões dos governantes no combate à Covid-19. Neste momento, o caráter comunitário do grupo é ressaltado, seja através do compartilhamento de informações oficiais, seja através de comentários com tom de esperança. Durante todo esse período pandêmico, membros do grupo passaram a compartilhar suas novas atividades diárias, devido ao isolamento social, como o cultivo de plantas, a observação de pássaros, dentre outros, indicando uma desaceleração no ritmo da vida cotidiana. O grupo demonstrou ser para esses membros, durante o período de distanciamento social, uma forma de manter as relações sociais. A figura 52 apresenta uma imagem do bairro Paulas, em São Francisco do Sul, acompanhada de uma narrativa sobre a Covid-19 em que sua autora

afirma nunca ter sido contaminada, após ter feito o teste, e comemora a cura de um familiar. A fotografia publicada não possuí relação direta com o relato presente na sua legenda, mas a publicação demonstra que a comunidade se tornou espaço de compartilhamento de angústias e alívios durante esse período.

Figura 52 – Publicação com relato sobre a superação da Covid-19

Captura de tela obtida em: 08/07/2020.

O fator Covid-19 não trouxe apenas discussões sobre o tempo presente para o interior da comunidade, há também comparações com outros momentos e enfermidades. A figura 53 apresenta uma publicação sobre a gripe espanhola, de 1918. A publicação apresenta uma fotografia da região central da cidade, datada de

1918 e a imagem de uma página do jornal “A Razão”, que circulava na cidade de São Francisco do Sul no período em questão. No centro da página do jornal há um espaço intitulado “Conselhos ao povo”, que orientava sobre os procedimentos para enfrentar a “influenza hespanhola”. Além das fontes apresentadas, a autora da publicação ainda cita o jornal de Joinville intitulado “Actualidade”, que teria relatado a presença de indivíduos com a doença presentes em um navio atracado em São Francisco do Sul. Publicações como essa podem revelar que a volta ao passado, que se dá de maneira nostálgica nessas comunidades, é direcionada a partir de aflições e situações vividas no presente.

Figura 53 – Publicação sobre a gripe espanhola de 1918

Administrador +1 · 20 de janeiro ·

Falando em Coronavírus...

Mas não é uma situação nova para terras francisquenses. Em 1918, todo o país vivia algo parecido, com uma doença que era causada por um vírus de Influenza, o H1N1, popularmente conhecido na época por Gripe Espanhola. O jornal impresso Actualidade, de Joinville, na edição de 10 de outubro de 1918, registrava que o vapor Ruy Barbosa havia aportado em São Francisco do Sul e trazia cinco pessoas infectadas. Todos, entretanto, ainda mostravam um caráter benigno, segundo o jornal. No mesmo período, um outro vapor, Itajubá, chegava a Florianópolis com 38 doentes da gripe a bordo. Foto do centro de Fritz Hoffmann e a primeira foto **jornal A Razão, de 30 de outubro de 1918, com conselhos ao povo para conter o contágio da Gripe Espanhola.**

ANNO I — São Francisco do Sul (Estado de Santa Catharina), 30 de Outubro de 1918 — N. 21

Director: Manoel O. de Carvalho
Collaboradores diversos

A RAZÃO

— ORGAM POPULAR —

Publicação tri-mensal
ASSIGNATURA
Anno 5$000
Semestre 4$000
Numero avulso 200

Os auxiliares do governador

O sr. dr. Hercilio Luz, ao assumir o governo do Estado, rodeou-se de auxiliares distinctos e competentes, e que serão uma garantia segura para a bôa administração de Santa Catharina.

Para a Secretaria de Viação e Obras Publicas foi nomeado o sr. dr. José Boiteux, que é um dos catharinenses mais illustres, devotadissimo ao seu Estado natal e que tendo uma comprehensão elevadamente patriotica do culto do passado, vem realisando a glorificação em bronze e em placas commemorativas dos vultos historicos da nossa terra, e que tanto a engrandeceram nos campos de batalha, nas sciencias, nas lettras e nas artes.

O sr. dr. Adolpho Konder é um dos conestaduanos que muito honram a geração nova de Santa Catharina, e na Secretaria do Interior e Fazenda poderá prestar á sua terra os melhores e mais relevantes serviços.

A imprensa official está confiada á competencia do jornalista Oscar Rosas, que na direcção da „Republica", está inaugurando no jornalismo do Estado uma fricção nova e sympathica.

João Cancio da Silva

Transcorreu no dia 20 do corrente, a data natalicia do distincto cavalheiro sr. João Cancio da Silva, zeloso e competente administrador da Mesa de Rendas Estaduaes desta cidade.

O illustre anniversariante que é nosso dedicado e prestimoso amigo, tornou-se pelas suas elevadas qualidades de caracter, um cidadão de alto merecimento e respeito, contando por isso em nosso meio social, com um largo circulo de amigos sinceros.

A «Razão» que sempre foi admiradora do sr. Cancio da Silva, junta ás innumeras felicitações recebidas por s. s. naquella data, os seus sinceros votos de prosperidades.

Dia de finados

Commemora-se com o mais fervoroso espirito de religiosidade a 2 de Novembro, por toda a parte onde o christianismo tem o seu bello culto, o dia de consagração dos mortos, em que a humanidade se reune em parte prestar aos que se foram da vida terrena, as suas mais puras e sagradas homenagens.

Aquella data jamais deixará de ter por parte das gerações civilisadas da terra, a sua justa solemnisação, porque é nesse respeitado dia que todos aquelles dotados dos mais nobres sentimentos vão ao Campo Santo, piamente de inesquecíveis recordações, expargir flores sobre os tumulos dos entes queridos que desappareceram desta vida cheia de illusões, e fazer preces pelas suas almas.

E' uma commemoração que encerra os mais conscientes deveres de humanidade e que faz transparecer o mais elevada gratidão dos que firmes trazendo a trajectoria neste mundo de tribulações miserias, para o que descançam na eternidade.

Paz ás almas dos que se foram dentre os vivos.

A influenza hespanhola

Conselhos ao povo

(Da Directoria de Serviço Sanitario de S. Paulo e publicados pelo „Estado de S. Paulo")

Evitar agglomerações, principalmente á noite.

Não fazer visitas.

Tomar cuidados hygienicos com o nariz e a garganta: inhalações de vaselina mentholada, gargarejos com agua e sal, com agua iodada, com acido citrico, tannino e infusões contendo tannino, como folhas de goiabeira e outras.

Tomar, como preventivo, internamente, qualquer sal de quinino nas doses de 25 a 50 centigrammos por dia, e de preferencia no momento das refeições.

Evitar toda fadiga ou excesso physico.

O doente, aos primeiros symptomas, deve ir para a cama, pois o repouso auxilia a cura e afasta as complicações e contagio. Não deve receber, absolutamente, nenhuma visita.

Evitar as causas de resfriamentos, é de necessidade, tanto para os sãos, como para os doentes e convalescentes.

A's pessoas edosas devem applicar-se com mais rigor ainda todos esses cuidados.

A victoria dos Alliados

Longe não está o dia em que a humanidade poderá ver, possuida do mais justo contentamento, a consummação da tremenda e incomparavel guerra que foi desencadeada sobre a face da terra pela nasta prussiana, e que vem ha mais de quatro annos, sem nenhuma interrupção, com o seu funesto cortejo de desgraças e miserias, assolando impiedosamente o mundo e derruindo toda uma civilisação conquistada no decurso de muitos seculos, a custa dos mais fagentes sacrificios.

A titanica hecatombe que se desenrola presentemente e que dentro em breve terá o seu fim, é o resultado da mais perversa obra architectada no percurso de quarenta e tantos annos pela prepotente e orgulhosa Allemanha, cujo imperador teve um dia o diabolico sonho de querer estender por todo o universo, o seu arrogante e perigoso dominio.

Para a mais completa felicidade dos povos da terra, já se delinea o resultado dos esforços empregados por aquelles que lustam em defesa dos mais nobres principios, com o pronuncio da grandiosa victoria que trará para o futuro uma paz duradoura, exterminando o poderio brutal de um monarcha destinado e vaidoso, que levando para o precipicio os seus subditos, pretendeu inconscientemente extinguir os mais bellos e sagrados direitos das gentes,—a Liberdade e Justiça.

A aurora redemptora da martyr e heroica Belgica, vem surgindo com as constantes derrotas soffridas pelos exercitos do Kaiser, que ante a pressão das poderosas forças dos paizes alliados, fogem em confusão para as proximidades do Rheno.

As nações empenhadas em libertar o mundo da sanha germanica, não tardarão em cantar o glorioso hymno dos seus honrosos e extraordinarios feitos, os quaes firmarão um porvir promissor para a humanidade, que bemdirá os beneficios que lhe foi prestado pelos destruidores da prepotencia prussiana, encaminhando os seus mais preciosos destinos pelo caminho do amor e da paz.

Nós, os brasileiros, que tambem fomos attingidos pela maldade dos tedescos, e que tambem lutamos ao lado dos nobres alliados, folgamos immensamente com a paz resultante da derrocada allemã, porque vemos no resultado final desta medonha guerra, a liberdade e integridade das nações.

General Luiz Barbedo

E' esperado, hoje, nesta localidade, o exmo. sr. general de brigada Luiz Barbedo, digno e operoso commandante da 6. região militar, e um dos militares de maior illustração do nosso valoroso exercito.

S. ex. que actualmente percorre o seu estado natal no desempenho das suas elevadas funcções, tem concorrido extraordinariamente para o perfeito apparelhamento das forças que se acham estacionadas em Santa Catharina, sendo por isso merecedor do maior acatamento e respeito.

As manifestações de sympathia que tem sido dispensadas a s. ex. neste Estado, é a prova mais eloquente do quanto aquella alta autoridade é bemquisto entre os seus conestaduanos.

Apresentamos a s. ex. os nossos mais respeitosos cumprimentos.

Dr. Eugenio Müller

Pela Inspectoria de Saude do Estado, acaba de ser nomeado para o cargo de delegado de saude desta cidade, o illustre e reputado clinico sr. dr. Eugenio Augusto Müller, nome bastante conhecido em Santa Catharina, onde s. s. gosa da mais larga consideração.

Ao nosso prestigioso e distincto amigo, sr. dr. Eugenio Müller, apresentamos as nossas felicitações pela honrosa incumbencia que foi confiada a s. s. pelo governo do Estado.

Policia de carreira

Foi apresentado pelo deputado sr. dr. Arthur Costa, ao Congresso do Estado, um projecto determinando que sejam formados em direito os delegados regionaes, tendo os mesmos vencimentos que os promotores publicos.

Bôa e digna de applausos é, sem duvida, a idéa do distincto deputado, porém protesto contra o qualificativo, dado por alguem, de *policia de carreira*.

Pelo facto de serem bacharels os delegados regionaes não quer dizer isto que seja *de carreira* a policia, pois para assim ser seria necessario que tivessem elles garantias, taes como: a vitaliciedade, a indemissibilidade ou a conservação em quanto bem servirem, isto é, poder fazer, o bacharel, da policia, uma profissão.

Não é necessario unicamente para se ter boa policia collocar-se á frente das delegacias regionaes delegados bacharels e sim tambem cercal-os das garantias acima citadas afim de que tenham gosto na profissão que abraçaram e á ella se dediquem, adquirindo com o tempo, força de vontade e estudo, o tirocinio e pratica no serviço policial.

Saber diligenciar, descobrir criminosos, inquiril-os e bem assim testemunhas e por seus depoimentos apurar um facto criminoso, classifical-o em um ou mais artigos do Codigo Penal, parece, á primeira vista, facil empreita-

Captura de tela obtida em: 12/02/2021.

A fundadora do grupo e seus membros acreditam que construíram uma comunidade politicamente neutra. Aliás, seu conceito de política está atrelado aos cargos eletivos. Avancini (2021) relata que “Já tentaram entrar alguns políticos em peso lá, mas a gente conversou e eu nunca permiti, já com medo de a gente ficar tendencioso”. Relata ainda que questões políticas devem ser resolvidas na câmara de vereadores ou na prefeitura, afirmando assim que seu grupo não possuí influência política na sociedade francisquense. Mas acredita que seus membros compartilham de um pensamento similar, o que para Avancini seria um dos fatores responsáveis para a união que o grupo, em sua visão, possuí.

Ao ser questionada sobre qual o início da história de São Francisco do Sul retratada por seu grupo, Avancini (2021) faz referência a uma tela que se encontra no Museu de Arte de Joinville e retrata a chegada dos imigrantes paulistas à região, porém não aponta o nome da obra e nem de seu autor. O ato representado na tela a qual Avancini se refere é a chegada do português Manoel Lourenço de Andrade, vindo de São Vicente, em 1658, quando então o povoado passa a ser reconhecido[30]. Constantemente a fundadora do grupo *São Francisco do Sul e suas histórias* frisa a falta de fontes e documentações sobre a cidade, de acordo com Avancini (2021) "Então, tem bastante gente levantando essa história pra ver se encontra documentos, e isso pra gente é muito importante". Sendo assim, novamente ressalta que seu grupo não apenas discute história, mas busca levantar fontes e formar um acervo. Além disso, ressalta também a data de 1658 para se referir ao início da história de São Francisco do Sul, mas afirma que "eles dizem que São Francisco foi descoberta em 1504. Mas, aí isso tá nos nossos livros de História" (AVANCINI, 2021).

A data de 1504 se refere ao suposto descobrimento de São Francisco do Sul pelo navegador francês Binot Paulmier de Gonneville, conforme Andréa de Oliveira (2019). O navegador francês, como destaca Oliveira (2019), teria organizado uma expedição às Índias Orientais, mas alterou sua rota devido a problemas climáticos, chegando ao litoral sul do que hoje conhecemos como Brasil. Essa perspectiva histórica, baseada em relatos de viagens escritos por Gonneville e entregue aos oficiais franceses, se faz presente no imaginário da população de São Francisco do Sul e da região que considera, levando em conta a data de 1504, a cidade como a mais antiga de Santa Catarina e a terceira mais antiga do país (OLIVEIRA, 2019, P. 20-21). Com base em tal relato de viagem, afirma-se que a região em que os franceses desembarcaram era habitada por índios carijós. Para além disso, há relatos de que os navegadores teriam erguido uma cruz num morro próximo ao mar para marcar a presença de povos cristãos na localidade. Porém, o historiador local Carlos da Costa Pereira (2004) afirmou que não é possível afirmar com clareza e certeza o local exato em que Gonneville realmente desembarcou. Para o historiador, as informações apresentadas não são satisfatórias para as conclusões tomadas, mas Andréa de Oliveira (2019) destaca que as informações sobre medidas de latitude presentes no

[30] OLIVEIRA, Andréa de. **Perfil Cultural**: São Francisco do Sul. Guaramirim: Glück Edições Ltda., 2014.

relato de viagem, bem como a descrição sobre a entrada de um rio (que hoje, nessa perspectiva, seria a Baía Babitonga) são suficientes para supor que se trate da atual cidade de São Francisco do Sul. A fundadora da comunidade virtual demonstrou, durante entrevista e em publicações, que segue a perspectiva histórica defendida por Carlos da Costa Pereira e, por isso, ao falar da fundação da atual cidade cita apenas datas já comprovadas, relacionadas a presença portuguesa e paulista.

Para Marli Avancini (2021) a cidade “tem muita história pra se preservar” e seu grupo tem esse objetivo. Mas ao se referir a essas histórias, as relaciona apenas com a imigração europeia. Para além disso, sua fundadora evidencia que o grupo preza pelo diálogo entre os membros, assim como por histórias populares contadas oralmente e repassadas por gerações. Conforme Avancini (2021) “então, pela tua boca eu ouço uma coisa, pela minha eu ouço outra. Então, vamos sentar e vamos conversar”. Mas esse diálogo, para Marli Avancini, não deve ficar apenas no virtual, revelando que tem o desejo de marcar encontros não para confraternizações, como já ocorre anualmente, mas para debate sobre o que chama de “história contada”. Ressalta ainda que o engajamento dos membros com essas “histórias contadas” vem a partir das publicações, que despertam interesse. Assim, Marli Avancini revela que esse movimento nostálgico de sua comunidade é, por vezes, induzido. São esses apelos nostálgicos induzidos que movimentam as discussões e trocas de informações entre os membros do grupo, o mantendo ativo. Para Avancini (2021)

> Então, o grupo além de tudo é uma troca. Além de preservar a história, ele é uma troca de conhecimento. Claro que, às vezes, ele não sai do jeito que a gente quer, porque as pessoas também querem contar a história do jeito delas e nem sempre é o jeito que é certo.

Ao falar sobre patrimônio cultural, Avancini o equipara ao termo história. Em sua visão, o patrimônio por si só teria o poder de contar uma parte da história da região. E apesar de afirmar que seu grupo não possuí discussões políticas, relata “eu penso que a cidade deveria ser mais bem preservada pelos governos. Devia ser mais amada pelo próprio governo”. Esse amor pela cidade a qual dona Marli Avancini se refere está relacionado, em sua visão, ao ato de preservação patrimonial. Ao mesmo tempo em que afirma que “a história, ela tá caindo, ela não tá mais de pé” (AVANCINI, 2021), a fundadora do grupo também ressalta que “muita coisa a Prefeitura fez”. Destaca ainda que é necessário que acordos entre proprietários de bens tombados e prefeitura sejam firmados ou revistos. Pois, afirma que os proprietários desses imóveis

“não quer pagar imposto, não quer comprar uma lata de tinta, não quer fazer nada”. Novamente negando um envolvimento político, Avancini (2021) defende a criação de um grupo para discussões patrimoniais que envolvesse toda a comunidade e membros do IPHAN. Em sua visão, esse grupo deveria buscar recursos juntamente à prefeitura e a câmara de vereadores. Nesse momento, Avancini não se refere a um grupo virtual, mas a ações presenciais, bem como ressalta que seria um grupo a parte ao seu. Para que esse patrimônio seja preservado, afirma que “tem que querer e tem que poder. Mas isso falta tanto poder público quanto o social” (AVANCINI, 2021).

Logo após fazer críticas à preservação do patrimônio francisquense e apontar a necessidade de um envolvimento da comunidade no assunto, Marli Avancini relata que a maior contribuição do seu grupo foi despertar o olhar dos cidadãos para o patrimônio local. Se contradiz em certos momentos da entrevista, ora afirmando a necessidade de apoio à causa patrimonial, ora afirmando que essa consciência patrimonial já existe e é atuante. Avancini (2021) afirma “Então, hoje existe uma consciência, existe um olhar pra cidade. ‘Óh, aqui tá feio’, aí eles vão lá e brigam com vereador, então nós sabemos”. Sua fala revela que as discussões no interior do grupo despertam e resultam em ações sociais e políticas da cidade, porém, o tema política permanece sendo vetado na comunidade virtual.

As publicações da comunidade revelam que quando relacionada ao passado da cidade, o conceito de política e temas derivados dela são aceitos e discutidos. O veto ao termo política está relacionado a ações ligadas ao governo no tempo presente. A figura 54 apresenta uma publicação referente ao falecimento do ex-prefeito da cidade, Odilon Ferreira de Oliveira, ocorrido no dia 24 de fevereiro de 2021. Também nessa publicação, vista como homenagem póstuma, o sentimento pela cidade é acionado, afirmando que o ex-prefeito, apesar de não ser natural de São Francisco do Sul, assim como muitos membros da comunidade, amava a cidade. Apesar de Marli Avancini relatar que seu grupo não assume posições políticas e não toma partido, a figura 55 apresenta os comentários da publicação em que os membros da comunidade exaltam a figura do homenageado, afirmando ter sido o melhor prefeito que a cidade possuiu. Isso demonstra que a visão sobre manifestações políticas não é clara para o grupo, além de ser temporalmente limitado ao “agora”. As homenagens do grupo não fazem referência à vida pessoal de Odilon Ferreira de Oliveira, mas sim à sua vida e suas atuações políticas.

Figura 54 – Publicação com homenagem póstuma à Odilon Ferreira de Oliveira

25 de fevereiro às 18:59 ·

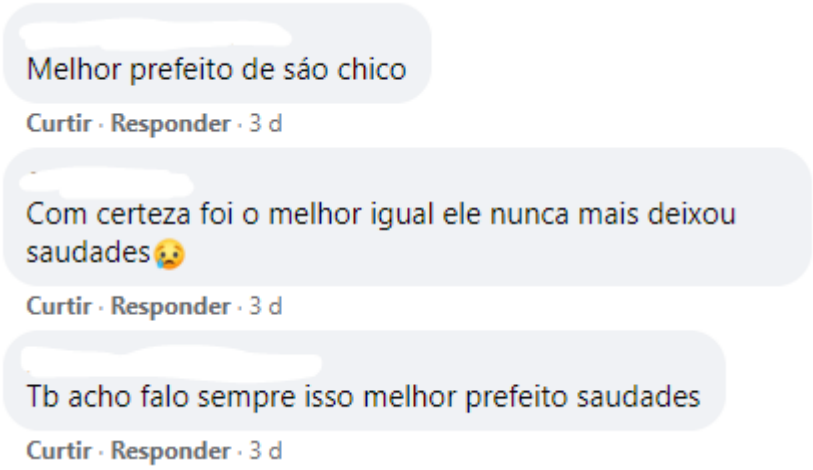
Ainda a homenagem para o nosso querido amigo Odilon Ferreira de Oliveira (1941-2021), ex-prefeito de São Francisco do Sul, que faleceu no dia de ontem (24) vítima do covid-19. Um araquariense que amava São Chico.

Na ocasião da foto, o show "Luzes e Cores da História", ocorrido no dia 5 de Janeiro de 2004, na data de aniversário dos 500 anos de descobrimento de São Francisco do Sul, uma celebração que ocorreu de dezembro de 2003 a Janeiro de 2005, aproximadamente. Um evento que marcou eternamente a história de nosso município, organizado pela Prefeitura Municipal sob o mandato da gestão de Odilon, Instituto Binot Paulmier de Gonneville e outros.

Foto: Clovis Schwarz.

Captura de tela obtida em: 28/02/2021.

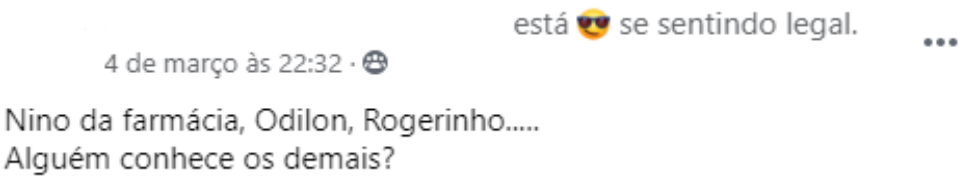
Figura 55 – Comentários realizados na publicação da figura 54



Captura de tela obtida em: 28/02/2021.

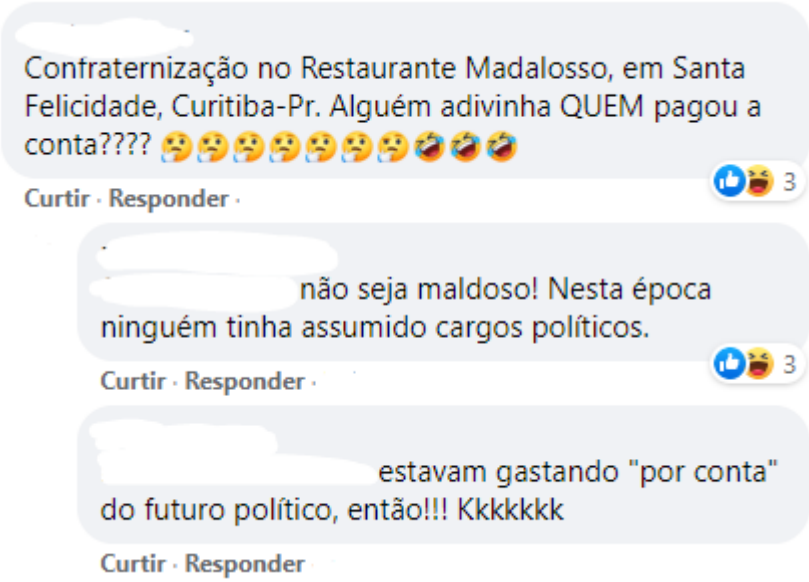
As manifestações políticas na comunidade não estão limitadas a homenagens póstumas. A figura 56 apresenta uma imagem de um jantar ocorrido em dezembro de 1981, com a presença e menção de duas figuras políticas da cidade, sendo elas: Odilon Ferreira de Oliveira (ex-prefeito) e Rogério Zattar Júnior (ex-prefeito). Apesar de a imagem e a legenda apresentada não fazerem referência a manifestações políticas, é valido ressaltar que menos de um mês após o registro da imagem, Rogério Zattar Júnior assumiu a gestão municipal de São Francisco do Sul. O comentário apresentado na figura 57 faz referência a tal situação, sendo claramente uma manifestação de cunho político que não foi coibida pelos moderadores da comunidade virtual. Apesar de o fluxo de comentários das publicações das comunidades ser pequeno, não há um controle por parte da administração, que se restringe a verificar apenas publicações.

Figura 56 – Publicação com imagem de figuras políticas em um jantar



Captura de tela obtida em: 05/03/2021.

Figura 57 – Comentários realizados na publicação da figura 56



Captura de tela obtida em: 05/03/2021.

As manifestações e preferências políticas dos membros da comunidade estão nas entrelinhas, não são encontradas, na maioria das vezes, de forma explícita. A figura 58 apresenta a imagem de um membro do grupo com o atual prefeito da cidade, Godofredo Gomes Moreira Filho (gestão 2021-2024), a quem o autor da publicação se refere, de forma carinhosa, como “Godinho”. O autor da publicação afirma estar

recebendo um troféu por sua participação em uma competição de natação que ocorreu na Baía Babitonga em 1994, período em que Godofredo também esteve à frente da gestão municipal. A publicação em si não quebra nenhuma regra de convívio estabelecida pela administradora, pois trata de um evento esportivo ocorrido no passado na cidade de São Francisco do Sul. Porém, a data da publicação (23 de novembro de 2020), coincide com o período pós eleitoral que levou Godofredo Gomes Moreira Filho novamente ao cargo mais alto do executivo municipal. A data da publicação, bem como o apelido usado para se referir ao prefeito podem revelar as preferências políticas do membro da comunidade.

Figura 58 – Publicação em referência ao prefeito Godofredo Gomes Moreira Filho

Captura de tela obtida em: 25/11/2020.

Ao ser questionada sobre o que a cidade de São Francisco do Sul representa para si e para seu grupo, Avancini (2021) ressalta a beleza da cidade e novamente demonstra seus sentimentos e sensibilidades. Nesse sentido, os membros do grupo compartilham de sensibilidades semelhantes, enaltecendo o caráter paisagístico da região. Marli S. Avancini (2021) alega que “São Francisco do Sul pra mim é uma das cidades mais lindas do Brasil e ela precisa ser preservada”. Nesse momento o conceito de preservação se torna mais amplo, não se referindo apenas aos patrimônios materiais, mas ao conjunto paisagístico, a questões de ordem ambiental e de fatores sociais. Avancini afirma que para que a preservação da cidade se dê por completo, é preciso que a população francisquense receba a atenção básica do poder público, ressaltando que “um povo satisfeito é uma cidade bonita, é um povo educado, de fácil convivência social” (AVANCINI, 2021).

Suas afirmações demonstram que a preocupação com a preservação da cidade está relacionada ao seu potencial enquanto atrativo turístico. A fundadora da comunidade virtual ressalta que o desenvolvimento de atrativos turísticos pode trazer “vida” a localidades da cidade, como é o caso do centro histórico, que afirma que “não temos vida no centro histórico pra que pudesse ter mais coisas pra vender”. Avancini (2021) ainda destaca que “Então, precisaria ser feito algo para o turismo. Que desse uma estrutura, mas preservando São Francisco do Sul”. O grupo e sua fundadora entendem o patrimônio cultural como parte de um “pacote” turístico, uma atração, que precisa ser melhor aproveitada pelo poder público. Fica claro também a relação que estabelecem entre patrimônio cultural, turismo e geração de renda. A comunidade *São Francisco do Sul e suas histórias* deixa um recado em suas publicações: a cidade precisa ser preservada das mais diversas formas pois a população que lá vive tem sentimento por ela, mas para além disso, sua beleza gera movimentação turística e, consequentemente, gera renda aos profissionais autônomos e comerciantes locais.

Figura 59 – Publicação com fotografias do centro histórico de São Francisco do Sul

Captura de tela obtida em: 25/08/2020.

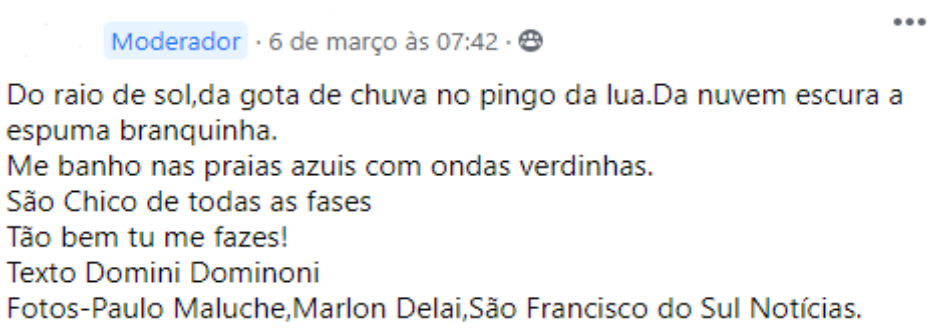
A figura 59 apresenta uma publicação contendo fotografias do centro histórico de São Francisco do Sul. A legenda apresentada é simples, “Nosso lindo centro histórico!”. Publicações como essa, com imagens atuais da cidade, são constantes e frequentes na comunidade. Há, no interior do grupo, uma defesa pela preservação do conjunto patrimonial do centro histórico e a principal justificativa utilizada está na beleza e na utilização desse patrimônio como atrativo turístico. A geógrafa Maria Tereza Duarte Paes (2009) afirma que os patrimônios passaram a ser reincorporados na economia política das cidades como uma nova forma de mercadoria, justamente por seu apelo turístico. Paes (2009) defende que é a paisagem formada a partir desses bens patrimoniais que gera a atribuição de valor por parte dos sujeitos. Afirma ainda que há uma mercantilização dessas paisagens, bem como uma produção estética de imagens atrativas para o turismo. Durante entrevista, Marli S. Avancini (2021) revela que há uma produção dessas imagens da cidade em seu grupo, que considera ser uma forma de divulgação dos atrativos da região, sendo assim, os bens patrimoniais tombados passam a ser espetacularizados e mercantilizados. Porém, esse uso turístico do patrimônio garante a ele também a preocupação com sua preservação,

reabilitação e conservação, conforme Agustín Santana (1998). De fato, São Francisco do Sul tem em seu centro histórico um de seus “cartões postais” e, dessa maneira, os bens tombados se mantém preservados, uma preocupação do próprio governo local. A apropriação do patrimônio cultural pela indústria turística, de acordo com Elsa Peralta da Silva (2000), apresenta aspectos positivos que merecem atenção, pois atraí pessoas para um outro tipo de turismo, não apenas ligado ao litoral ou ao ambiental, gerando emprego e renda para a população. Entretanto, Silva (2000) ressalta que

> O desafio que se coloca ao turismo é o de utilizar os recursos patrimoniais numa perspectiva de desenvolvimento durável, assente em critérios de qualidade, para que os seus benefícios resultem numa efectiva melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, tanto daqueles que o praticam como daqueles que o acolhem.

A figura 60 apresenta imagens das praias de São Francisco do Sul. Para além de divulgar a imagem de uma cidade histórica, a comunidade também apresenta os demais atrativos que a região possuí, numa tentativa de mostrar ao outro, ao estrangeiro, que São Francisco do Sul pode oferecer diversas formas de turismo, agradando os diferentes públicos que a ela procuram. A publicação ainda acompanha uma legenda em tom poético, exaltando as características naturais das praias da cidade. Trechos dessa legenda caracterizam a região como dona de “espuma branquinha” e “praias azuis com ondas verdinhas”, com a intenção de demonstrar ao outro que a região não é poluída. Seja através das paisagens naturais, das praias ou dos bens patrimoniais, o grupo *São Francisco do Sul e suas histórias* espetaculariza a cidade em busca de uma divulgação que gere renda advinda do turismo, sendo assim, essa intensa divulgação da cidade não acontece apenas pelo que caracterizam como “paixão” pela cidade.

Figura 60 – Publicação com fotografias das praias de São Francisco do Sul



Captura de tela obtida em: 25/08/2020.

O termo progresso também é acionado durante a entrevista e apontado como um possível responsável pela falta de preservação. Em relação as projeções de futuro de São Francisco do Sul, Avancini (2021) afirma que “nos meus sonhos eu vejo ela preservada, bonita, sempre pintada”. O fator que pode afetar os sonhos descritos por Avancini são, de acordo com ela, resultados do progresso. Um dos indícios disso seria, em sua visão, a duplicação da Rodovia Br-280, que já está em andamento[31]. A fundadora do grupo afirma que atualmente os turistas encontram dificuldade para entrar e sair da cidade em determinados períodos, devido ao trânsito e enormes filas que são provocadas. Aponta isso também como algo positivo pois, em sua visão, impede que a cidade recebe mais pessoas do que sua estrutura suportaria. Nesse ponto, novamente Avancini (2021) se contradiz. Durante a entrevista defendeu um modelo de preservação e investimento na cidade que valorizasse o turismo, atraindo

[31] Conforme informações do portal de notícias NSC Total. Disponível em: https://www.nsctotal.com.br/colunistas/saavedra/ministerio-quer-entregar-em-2021-2km-da-duplicacao-da-br-280-no-lote-entre-sao. Acesso em: 26/02/2021.

pessoas para a cidade de São Francisco do Sul durante todo o ano, mas, ao final dessa mesma entrevista afirma que a cidade “não tem estrutura pra aguentar mais que o dobro de pessoas. Então, a Enseada, as praias mais populares como a Enseada, a própria Itaguaçu, elas ficam de lixo”. Marli Avancini defende sua postura ao afirmar que a cidade do futuro precisa ser pensada atualmente, com condições estruturais para receber a expansão que advém do que chama de progresso. Para além disso, afirma que esse progresso não deve apagar o que considera ser a característica de São Francisco do Sul, com a composição paisagística que possuí hoje. Para Avancini (2021) “você tem que ter investimento na história. Você tem que preservar essa história”. Pois, em sua opinião, esse investimento no que considera história poderá gerar na população o desejo de preservação. Ao relatar sobre um ideal de cidade, Avancini (2021) afirma

> Mas, existe uma que seria quase ideal. Preservação do meio ambiente, eu acho muito importante. A preservação da história, eu acho muito importante. E a abertura da visão pro turismo é tão importante quanto, porque você só vai ter capital se você tiver capital do turismo. A cidade em si não se mantém sozinha. O que gera de imposto hoje, tem muitas outras despesas na Prefeitura que não sejam a preservação da história ou a parte que cabe ao IPHAN. Então, muita coisa tem que ser feita pra que se preserve tudo isso. E isso dá muito trabalho, mas já era pra ter sido começado.

A comunidade virtual *São Francisco do Sul e suas histórias* se caracteriza pelo tom nostálgico suave, poético e com sensibilidades afloradas. Porém, não se busca a restauração de um passado já vivido. Procura-se nos marcos desse passado uma forma de mantê-los vivos no presente e, através desse ideal, incentivam a movimentação turística. Além de ser uma cidade com um vasto patrimônio cultural tombado, São Francisco do Sul também é uma cidade litorânea. O grupo demonstra explorar esses dois lados da cidade e formar uma imagem que passa a ser espetacularizada e divulgada. Os bens culturais, as paisagens, as memórias locais são ressaltadas o tempo todo, idealizando não apenas os recortes de passado dessa cidade, mas também seu presente.

3.3. Comunidades interligadas, motivações compartilhadas: as (des)conexões entre as comunidades virtuais analisadas

As comunidades *Joinville de ontem* e *São Francisco do Sul e suas histórias* possuem conexões e desconexões desde sua origem. Um dessas primeiras conexões, como já relatado ao longo dessa dissertação, é que por serem cidades vizinhas há um fluxo constante de cidadãos de Joinville em São Francisco do sul e vice e versa, e ao que parece, esse fluxo está presente também entre as comunidades virtuais. Seus fundadores, Valmir Santhiago e Marli Avancini, estabeleceram vínculos com outras cidades da região e, a partir desses vínculos, criaram suas comunidades. Santhiago, nascido na cidade de Penha (SC), desenvolveu boa parte da sua vida em Joinville, mas admite manter vínculos e relações com a sua cidade natal e arredores. É dos entornos da cidade de Penha que surge a inspiração para a sua comunidade. Já Marli Avancini, nascida em São Francisco do Sul, desenvolveu sua vida na cidade de Joinville, onde mora atualmente, e antes de fundar seu grupo participava (e ainda participa) da comunidade *Joinville de ontem.* Avancini é fruto e faz parte desse fluxo de pessoas entre as cidades mencionadas, seja em ambiente virtual ou não. Mas além de membros em comum, as comunidades estudadas compartilham também objetivos e normas de conduta.

Em ambas, há uma forte preocupação em criar um ambiente que acreditam ser politicamente neutro. Busca-se a sensação de ambiente harmônico, sem conflitos de qualquer natureza. Neste sentido, ressaltam que a atribuição de fontes e autoria aos materiais publicados são essenciais, tanto para a formação de arquivos, quanto para não gerar possíveis sensações de mal-estar entre membros. Em suas descrições, um objetivo é claro: o compartilhamento de histórias das suas respectivas cidades, bem como da população que a habita ou a frequenta. A forma como administram o grupo e lidam com os membros que não seguem suas regras é bastante similar. Para além disso, são inspiradas em outras comunidades já existentes. A comunidade *Joinville de ontem*, conforme afirma Valmir José Santhiago (2021), foi inspirada no grupo “Itajaí de antigamente”. Já a comunidade *São Francisco do Sul e suas histórias* seria, de acordo com Santhiago, inspirada na própria *Joinville de ontem*, porém, a fundadora Marli S. Avancini (2021) nega tal informação.

Ao ser questionada sobre a correlação entre as comunidades virtuais estudadas, Marli S. Avancini (2021) admite fazer parte do grupo *Joinville de ontem*, porém afirma que não há nenhuma ligação entre os grupos. Ressalta apenas que

utiliza de informações e materiais de um dos membros dessa comunidade, Paulo Roberto da Silva, a quem considera como amigo próximo e “de uma sabedoria impecável”. Avancini (2021) ainda afirma que “os dois grupos entre si não tem nada a ver. São muitas pessoas do meu grupo que também estão no Joinville de ontem e vice-versa”. Apesar de reafirmar esse compartilhamento de membros, durante toda a entrevista a fundadora da comunidade *São Francisco do Sul e suas histórias* busca marcar a diferença entre os grupos. Uma dessas diferenças seria em relação ao número de membros, que permite, na visão de Marli Avancini (2021), que o seu grupo promova interações sociais para além do virtual, algo que julga difícil de acontecer no grupo *Joinville de ontem*. Enquanto Avancini defende um menor número de membros, Santhiago (2021) demonstra se orgulhar de possuir a quantidade de membros que seu grupo possuí, afirmando diversas vezes ser o maior grupo de história de Santa Catarina e ressaltando a capacidade de alcance dele.

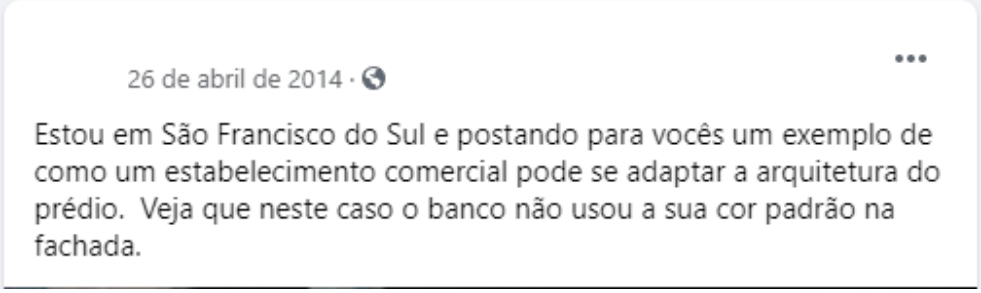
Além disso, Avancini afirma que o grupo de Valmir J. Santhiago possuí uma vasta variedade de fontes e materiais para fazer uso, o que, na visão dela, não acontece com relação a São Francisco do Sul. Essa falta de fontes e materiais teria levado ela e seus administradores a produzirem e buscarem por materiais em relação a cidade, bem como a incentivar os demais membros do grupo a compartilhar o que possuem em casa. Dessa forma, Avancini age como uma agente nostálgica, induzindo rememorações e espetacularizações. Mas Santhiago (2021), diferentemente de Avancini, admite que apesar de também buscar por fontes e materiais em museus, no arquivo histórico da cidade e com as próprias famílias, muitos desses materiais chegam até ele, as pessoas o procuram para exibir os materiais sobre o passado da cidade que possuem em seus acervos particulares.

Enquanto a fundadora da comunidade virtual *São Francisco do Sul e suas histórias* procura desvincular a imagem do seu grupo de qualquer outro que possa ser similar, o fundador da comunidade *Joinville de ontem*, ao ressaltar o diferencial do seu grupo, busca mencionar diversos outros do qual faz parte e que considera terem sido inspirados no seu. Ao afirmar que o grupo fundado por Marli Avancini é inspirado no seu, Valmir Santhiago (2021) ainda ressalta que foi procurado e informado da intenção de criação da comunidade *São Francisco do Sul e suas histórias*, tendo dado apoio por acreditar que todas as cidades deveriam possuir um grupo similar ao seu. Santhiago (2021) ainda relata que possuí laços de amizade com Marli Avancini e sua

família, destacando o papel do escultor Mario Avancini, pai de Marli, na área cultural da cidade de Joinville.

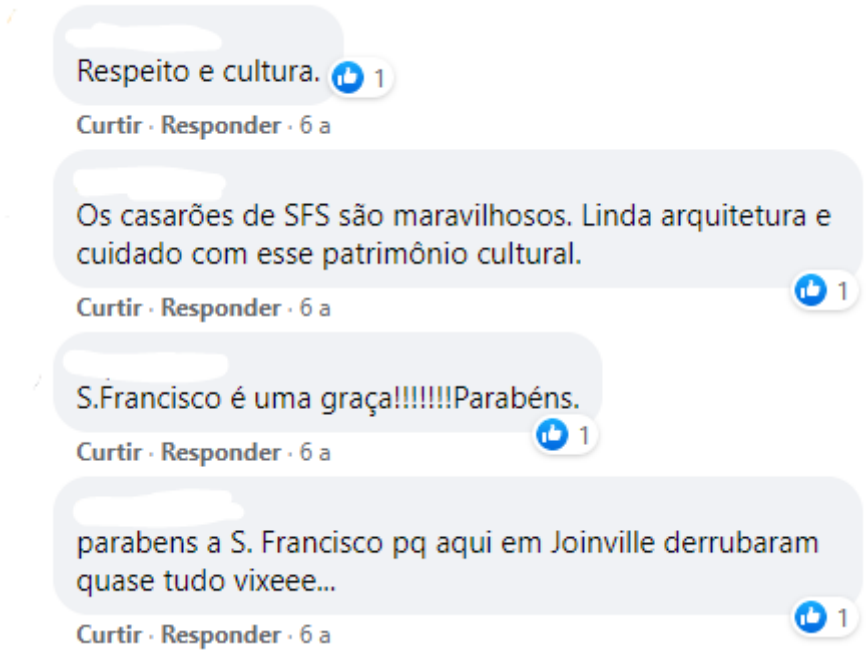
As relações entre as cidades se fazem presentes nos grupos, também, por meio de publicações, conforme figura 61. A figura 61 apresenta uma publicação do grupo *Joinville de ontem*, realizada em 2014, em que o autor utiliza o centro histórico de São Francisco do Sul como exemplo de preservação do patrimônio cultural aliado a utilização comercial. Os demais membros da comunidade, nos comentários, conforme figura 62, reafirmam essa idealização de São Francisco do Sul como exemplo de preservação patrimonial, afirmando ainda que em Joinville a situação é diferente. Os membros dessa comunidade demonstram estar o tempo todo a comparando, seja com outras cidades, seja com recortes de seu próprio passado. Mas para além disso, alguns prédios históricos da cidade são utilizados em publicações do grupo *Joinville de ontem* para induzirem a rememoração do trajeto entre as cidades, conforme figura 63, que apresenta imagens atuais da antiga estação ferroviária da cidade. Rememorações do trajeto entre as cidades são afetivas e saudosistas, ligadas a um passado familiar que encontra adeptos naqueles que vivenciaram situações similares. Mas a figura 63 apresenta também uma crítica a quem ocupa, atualmente, o patrimônio citado. A antiga estação ferroviária da cidade está localizada, atualmente, em área portuária, sendo administrada por uma empresa que impede o acesso dos munícipes e turistas ao bem cultural.

Figura 61 – Publicação referente a utilização de um bem patrimonial por um banco



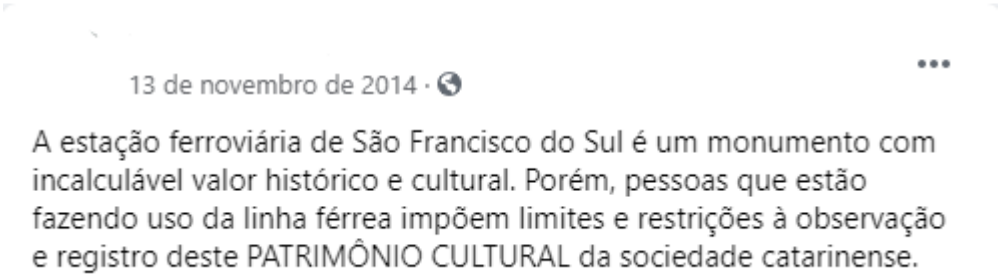
Captura de tela obtida em: 23/10/2020.

Figura 62 – Comentários realizados na publicação da figura 61



Captura de tela obtida em: 23/10/2020.

Figura 63 – Publicação com imagens da estação ferroviária de São Francisco do Sul



Captura de tela obtida em: 23/10/2020.

É possível afirmar que as duas comunidades analisadas são nostálgicas, devido às suas publicações e comentários, que induzem à rememoração, de maneira intencional ou não, e espetacularizam as cidades e seus recortes de passado. Porém, a forma como essa nostalgia se manifesta difere entre as comunidades. A comunidade *São Francisco do Sul e suas histórias* tende a espetacularizar não somente os recortes de passado, mas também recortes do presente de São Francisco do Sul. Sua intenção é uma intensa divulgação turística. Porém, ao retratar os recortes de passado da cidade, seus membros manifestam apenas admiração e saudosismo. O mesmo não ocorre na comunidade *Joinville de ontem*. O grupo fundado por Valmir Santhiago mantém seu foco nos recortes de passado da cidade de Joinville, porém, seus membros idealizam esses recortes da cidade e os comparam com a cidade do presente, classificando o “hoje” como inferior ao “ontem”. Num tom restaurador, glorificam o que consideram ser o passado da cidade de Joinville, defendendo epítetos atribuídos a essa cidade, bem como o que consideram ser sua tradição.

Enquanto a comunidade *São Francisco do Sul e suas histórias* foca em histórias de pessoas comuns, de seus membros, a comunidade *Joinville de ontem*, através da fala de seu fundador em entrevista e das publicações, busca por símbolos da cidade, de pessoas e famílias consideradas importantes, bem como um forte apelo a recordações de indústrias presentes na cidade. Além disso, Santhiago afirma que considera seu grupo como uma comunidade, já Avancini nega tal classificação. O fundador da comunidade *Joinville de ontem* acredita que seu grupo exerce influência na realidade social e política da cidade, algo que Avancini também nega em relação ao seu grupo. Os grupos são similares, compartilham de uma mesma estrutura e objetivos em comum, porém, diferem nas formas de atuação e na criação de vínculos e interações sociais.

Enquanto o *Joinville de ontem* busca nos recortes de passado da cidade a restauração de sentimentos universais, como tradição e família, o grupo *São Francisco do Sul e suas histórias* demonstra e ressalta o que consideram ser paixão pela cidade, uma forma de admiração relacionada à sua composição paisagística, seja em seus recortes de presente ou de futuro. Em ambas há espetacularizações das cidades, da vida cotidiana e dos recortes de passado, bem como apelos nostálgicos se fazem presentes e direcionam o olhar na volta ao passado. Entretanto o grupo de Marli Avancini demonstra ser menos pretencioso em relação a formação de uma cidade ideal e na atuação direta nas transformações da cidade, criando narrativas que servem ao grupo como forma de entretenimento, compartilhamento de memórias e criação de vínculos. Por vezes, esse compartilhamento de memórias vem através de fotos, onde é possível perceber a necessidade de guardar e capturar momentos importantes e que gostariam de ser preservados seja através de impressões e revelações ou em arquivos digitais.

3.4 Tornar-se visível: a fotografia como propulsora de espetáculos nostálgicos

Grande parte das publicações realizadas nas comunidades *Joinville de ontem* e *São Francisco do Sul e suas histórias* trazem consigo uma fotografia. As fotografias compõem os apelos e espetáculos nostálgicos dessas comunidades. Mas as imagens e fotografias são também fontes, são documentos. Para Bresciano (2010) as imagens

são por si só um produto investigativo, para além de um componente do discurso historiográfico. A pesquisa que resultou nesta dissertação não teve como fonte principal de análise as imagens publicadas nas comunidades, mas sua constante presença merece atenção. Juan Andrés Bresciano (2010, p.76) afirma que

> Ello se debe a que la imagen implica múltiples dimensiones analíticas: la material (la imagen como producto), la cognitiva (la imagen como medio de información), la estética (la imagen como expresión artística), la simbólica (la imagen como instrumento de comunicación de contenidos religiosos, ideológicos, políticos, etc.).

As fotografias presentes nas comunidades são das mais variadas, analógicas e digitais, familiares, urbanas, rurais, retratam desde prédios à objetos banais do cotidiano, como banquetas e lavadoras de roupas. Aparentemente, as fotografias para essas comunidades são encaradas como um símbolo, um produto e/ou uma expressão artística. Para além disso, intencionalmente ou não, as comunidades virtuais passam a formar grandes acervos iconográficos. Paula Sibilia e Lidia Diogo (2011) afirmam que por muito tempo as fotografias eram consideradas relíquias familiares, guardadas em álbuns e mostradas apenas para pessoas próximas. Porém, atualmente, principalmente a partir da fotografia digital, o ato de não expor e guardar as fotografias por longos prazos parece não ter muita importância, pelo contrário, o que se quer é exibir imagens e depois renová-las. Felizardo e Samain (2007) afirmam que atualmente há uma banalização da fotografia. Com a presença de câmeras fotográficas em celulares, por exemplo, a facilidade que se tem para tirar uma fotografia é a mesma que se tem para apagá-la. Sendo assim, Felizardo e Samain (2007, p.208-209) alertam:

> Essa facilidade com que se mostra ao mundo, do ponto de vista da memória, pode representar perdas inestimáveis, já que muitas fotografias ganham o seu devido valor – diríamos “o amadurecimento imagético” – a sua completa carga semântica, com o passar do tempo. Esta constatação nos fez perceber o quão importante é a manutenção de nossas fotografias, de nossos álbuns de família, de nossos museus iconográficos, pois nosso passado, nossa caminhada presente e futura, está atrelada à nossa memória.

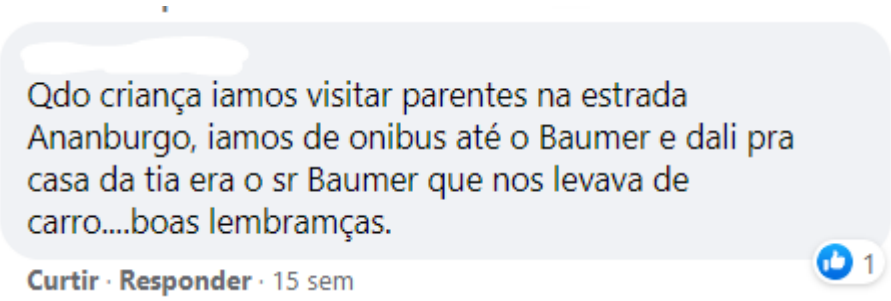
A comunidade *Joinville de ontem* possuí um grande acervo iconográfico, fruto da digitalização e compartilhamento de fotografais analógicas. A publicação dessas fotografias no interior do grupo induz à nostalgia. Na maioria das vezes a fotografia não está sozinha, vem acompanhada de uma legenda que contém indagações ou a opinião do autor da publicação sobre o retratado na imagem. A partir da imagem

publicada, os membros do grupo iniciam um processo de rememoração, memórias familiares e afetivas vem à tona. Para Felizardo e Samain (2007) a fotografia tem esse poder, em nível individual, de despertar sentimentos esquecidos e de fazer o indivíduo sentir novamente sensações já sentidas em outras décadas. Dessa forma, são elementos essenciais nas comunidades analisadas que podem contribuir para o despertar de sensibilidades com bens culturais da cidade. Podem despertar também o apego ao passado, com excessivos desejos de preservação, típicos da nostalgia restauradora.

Figura 64 – Publicação em homenagem ao Dia das Crianças

Captura de tela obtida em: 22/10/2020.

Figura 65 – Comentário realizado na publicação da figura 64



Captura de tela obtida em: 22/10/2020.

O compartilhamento dessas imagens pode ser também fruto de um desejo de "tornar-se visível". Um desejo do indivíduo de mostrar ao seu grupo que presenciou e fez parte da história da cidade na qual mora. Fotos familiares e de infância são muito utilizadas com esse fim, acompanhadas de legendas que reforçam a participação do indivíduo em espaços da cidade, como na figura 64. As fotografias que ficavam em álbuns guardados nas salas das casas passam agora a ser fontes para a "espetacularização de si". Mas mesmo essas fotografias que retratam um recorte do passado de um indivíduo específico da comunidade, são capazes de despertar sensibilidades e rememorações. Os membros das comunidades mostram, através dos comentários nas publicações (figura 65), que retornam à infância assim como o autor da postagem. Essas imagens também podem ter o poder de "operar como portais disparadores de emoção" (SIBILIA, 2015, p. 134).

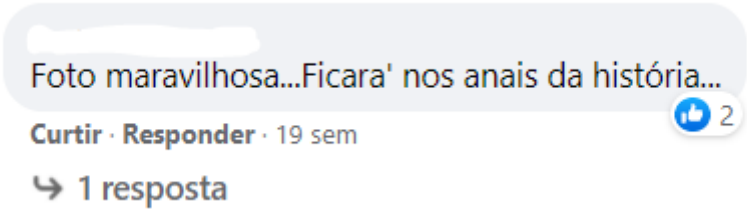
A figura 64 se enquadra nesse movimento de transpor o álbum da família, antes restrito, ao ambiente virtual e público. No Dia das Crianças a autora da publicação posta na comunidade *Joinville de ontem* uma foto de seus tios na infância. A tentativa de mostrar-se visível não vem através de uma foto da própria autora, mas através de familiares. A legenda da publicação ainda apresenta mais detalhes sobre os itens presentes na fotografia, como a câmara de defumação. Uma foto de infância na data em ocasião induz a rememorações nostálgicas das mais diversas. A figura 65 apresenta um comentário feita nessa publicação, em que recordações de infância são acionadas em outro membro. Seja nas publicações ou nos comentários, o que fica evidente é a constante demarcação de localidade feita pelos membros. Não se recorda apenas do fato vivido, mas o endereço do ocorrido é sempre lembrado. Há uma espetacularização da história familiar para se fazer presente na trajetória da cidade. É válido ressaltar que as condições presentes do indivíduo é que conduzem o processo de rememoração, essa condição atual "têm o condão de dar a esse passado

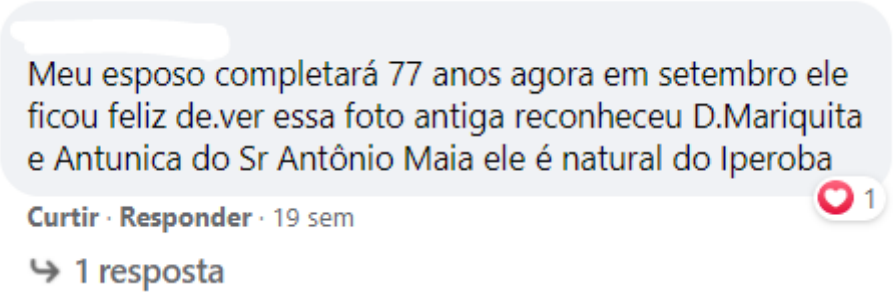
dado colorido, dados sentidos e sensações que marcarão indelevelmente a imagem que faremos desses tempos que se foram” (ALBUQUERQUE JUNIOR, p.151). Sendo assim, são as experiências e sensibilidades presentes que dirão se a recordação de dados momentos serão boas ou ruins e como cada indivíduo vai “encarar” esses recortes de passado.

Figura 66 – Publicação com imagens de um passeio familiar em São Francisco do Sul

Captura de tela obtida em: 20/01/2021.

Figura 67 – Comentários realizados na publicação da figura 66





Captura de tela obtida em: 15/01/2021.

A figura 66, publicada no grupo *São Francisco do Sul e suas histórias*, apresenta uma fotografia que retrata um passeio familiar de carro pela cidade de São Francisco do Sul na década de 1950. A legenda da publicação apresenta o destino do passeio bem como a parada no meio do caminho, dando destaque a duas personagens, tios do autor da publicação. Apesar de não ser frequente nesse grupo em questão, a publicação evidencia essa tentativa de atrelar a trajetória familiar à da cidade de São Francisco do Sul, incluindo na legenda o nome de personagens com possível reconhecimento local. A figura 67 traz comentários realizados na publicação em questão. O primeiro ressalta que a foto ficará “nos anais da história”. Certamente uma fotografia como a apresentada na publicação é de relevância para o grupo, tendo em vista que sua administradora afirmou (em entrevista concedida ao pesquisador) não ter acesso com frequência a materiais como esse, conforme apresentado no capítulo anterior. Além disso, se trata de uma fonte primária descoberta em casa, que de acordo com Noiret (2015) são facilmente compartilhadas na atualidade. Quando publicadas, as fotografais familiares geram bastante repercussão nas comunidades analisadas, principalmente pelo fato de membros reconhecerem nas imagens pessoas que passaram de alguma forma por suas vidas. Nesses casos o sentimento nostálgico toma conta e histórias de vida passa a ser compartilhadas. As sensibilidades afloram. Para Serge Noiret (2015, p.37)

> Novos “genealogistas” podem, assim, escrever a história deles, que, por força das circunstâncias, carece de contextos narrativos e do necessário aprofundamento historiográfico. O passado de cada um na rede não é mais distante e historicizado, mas se torna emoção em um presente contínuo, nivelando os tempos históricos pela atualidade.

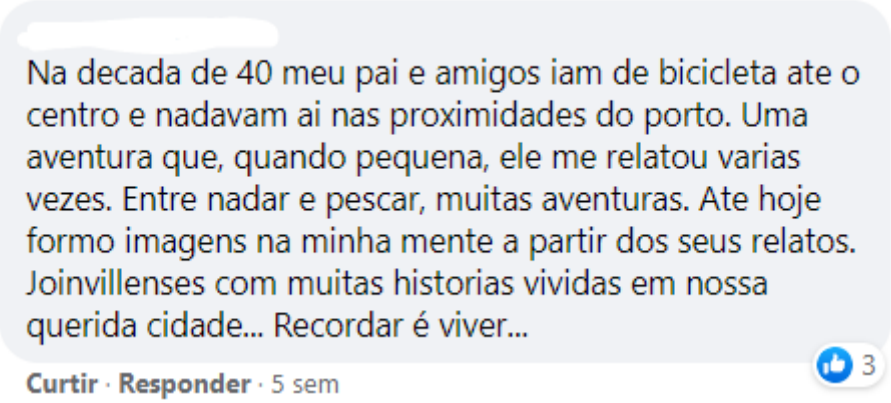
O segundo comentário, apresentado na figura 67, além de também inserir o seu autor na história da cidade, apresenta uma recordação complementar à imagem, atestando uma possível veracidade ao descrito na publicação. Sibilia e Diogo (2011)

consideram a fotografia um documento que tem o poder de certificar a existência do objeto que está representando, “a câmera o fixa e o imortaliza” (SIBILIA; DIOGO, 2011, p.129). Entretanto a fotografia não é o real em si, mas uma representação dele. Para Felizardo e Samain (2007, p.211) tanto a fotografia quanto a memória podem, de forma intencional ou não, “‘selecionar’ partes do real a fim de iludir, manipular, fazer parecer”. Portanto, a fotografia em si e as memórias dos membros, que vem através de narrativas expostas nos comentários das publicações, não são suficientes para atestar veracidade aos fatos. É preciso que seja feita a análise e a crítica dessas fontes. Mas as comunidades estudadas não demonstram se preocupar em construir uma narrativa histórica verossímil, mas sim em compartilhar ao grupo os “símbolos” do passado que possuem em casa (objetos, fotografias, documentos, dentre outros) e a partir daí manifestar suas “sensibilidades despertadas”.

Figura 68 – Publicação com imagens do Porto de Joinville

Captura de tela obtida em: 20/01/2021.

Figura 69 – Comentário realizado na publicação da figura 68



Captura de tela obtida em: 20/01/2021.

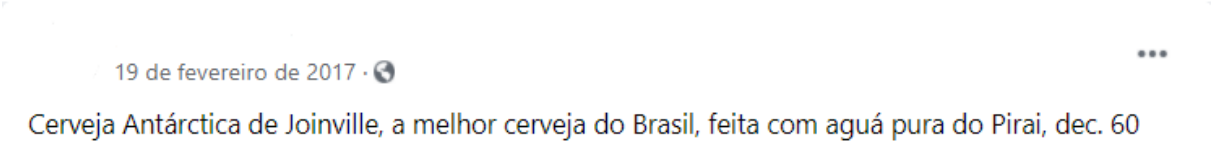
A figura 68 apresenta fotografias do Porto de Joinville, trazendo na legenda informações básicas como período de funcionamento e fonte das fotografias, porém sem datá-las. As palavras utilizadas pelo autor da publicação não se caracterizam como apelos nostálgicos, tendo em vista que apenas descreve informações do local retratado pelas imagens. Se analisadas como fontes históricas, as fotografias apresentadas poderiam contribuir para estudos sobre o local, porém, foi possível perceber que na comunidade em questão elas foram utilizadas apenas como acionadoras de memórias e sensibilidades. O comentário da figura 69 apresenta

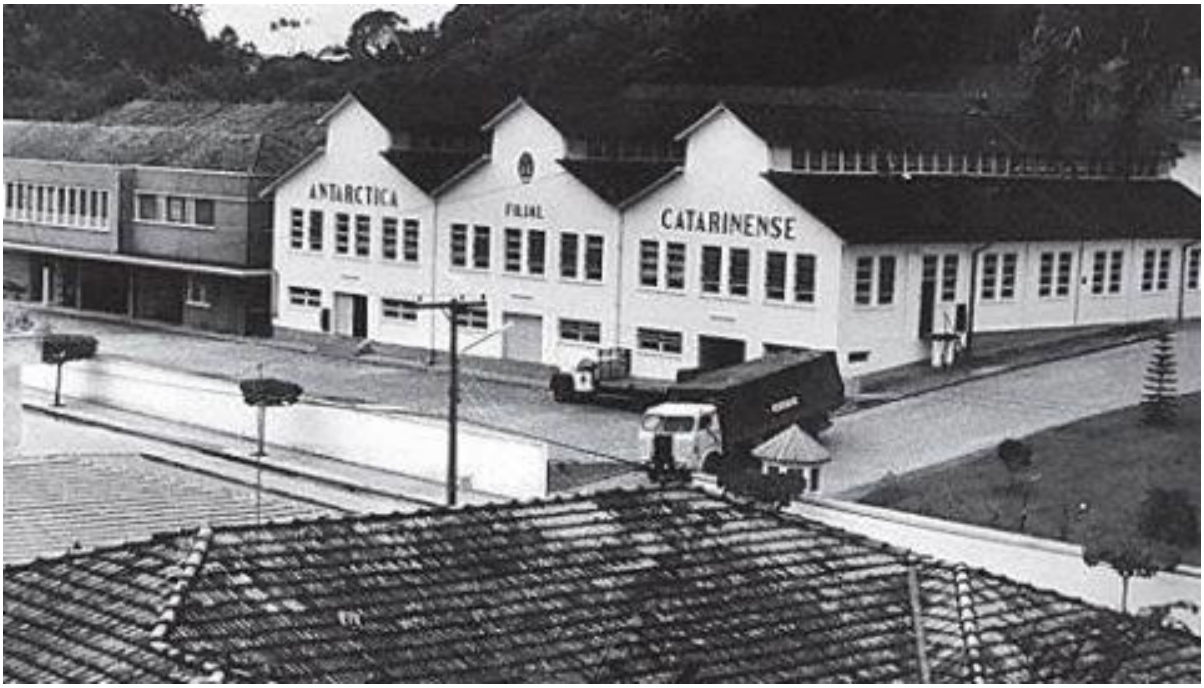
recordações familiares. A história relatada não foi vivida pelo autor da publicação, mas sim por seu pai, mas é reproduzida e compartilhada ao público para marcar a presença de sua família na cidade de Joinville, reafirmando a naturalidade joinvilense. Por mais que se busque uma relação racional ao se deparar com o passado (ou recortes dele), e emoção também se fará presente. Os comentários nas publicações das comunidades demonstram que, intencionalmente ou não, a reação que os membros têm diante de fotografias que retratam recortes do passado da cidade é emocional, não necessariamente histórica e racional. De acordo com Durval Muniz de Albuquerque Junior (2013, p.151)

> Ao apreendermos e aprendermos o passado não apenas temos com ele uma relação racional, mas também estabelecemos com ele uma relação emocional, emotiva, afetiva que [...] advém muito das próprias condições sociais e pessoais nas quais fizemos esse aprendizado.

As fotografias compartilhadas nos grupos estudados também estabelecem relação com os patrimônios das cidades. Se fazem presente e são peças importantes para as invenções e reinvenções patrimoniais. As fotografias podem, ao retratar bens culturais edificados da cidade, despertar as sensibilidades e chamar a atenção dos membros para determinados locais e bens culturais. De acordo com Costa (2016, p.28) a relação entre a fotografia e o patrimônio “surge desde a invenção desse meio de representação, utilizado precocemente para documentar monumentos, o que realçava o caráter científico desse suporte documental”. Os arquivos fotográficos, como os formados pelas comunidades virtuais analisadas, funcionam, de acordo com Costa (2016), como estabilizadores de narrativas. Apesar de poder sustentar ou não narrativas, os acervos iconográficos das comunidades *Joinville de ontem* e *São Francisco do Sul e suas histórias* são utilizados num movimento reverso. As narrativas surgem a partir das fotografias, numa tentativa dos membros de se inserir naquele recorte temporal apresentado por elas.

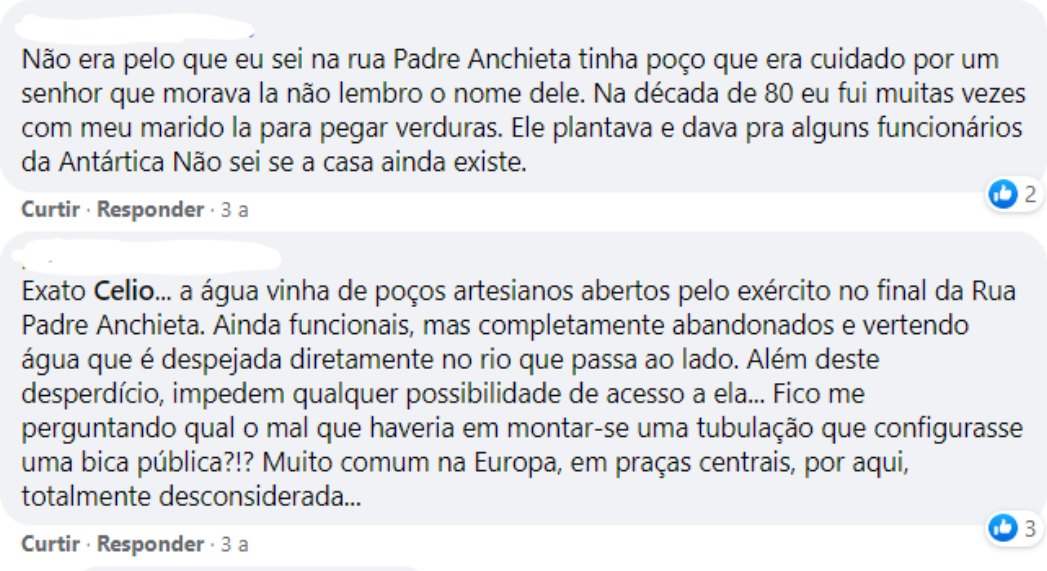
Figura 70 – Publicação sobre a Cervejaria Antárctica





Captura de tela obtida em: 20/08/2020.

Figura 71 – Comentários realizados na publicação da figura 70



Captura de tela obtida em: 20/08/2020.

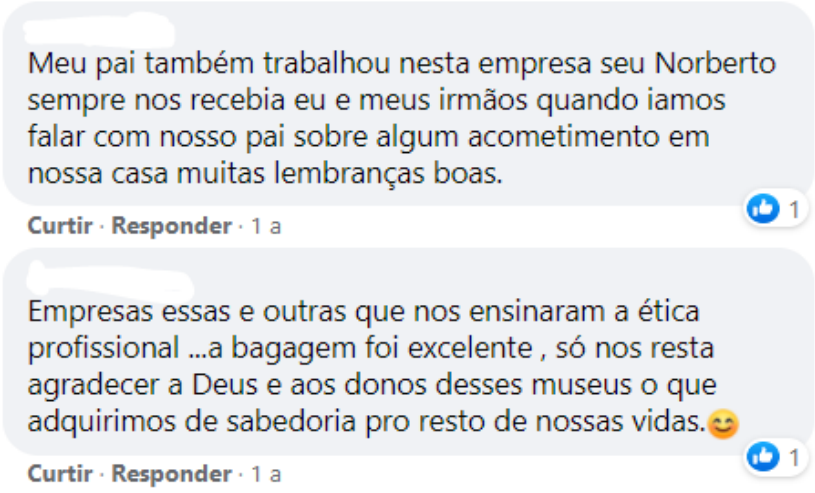
A figura 70 apresenta uma publicação sobre a Cervejaria Antárctica de Joinville e a legenda traz uma afirmação sobre a qualidade da cerveja produzida na cidade. Hoje o prédio em questão é um patrimônio cultural tombado, pertence ao município de Joinville e recebe o nome de Cidadela Cultural Antárctica. Os comentários apresentados na figura 71 debatem o local de captação de água para a fabricação das cervejas, contrariando a informação dada pelo autor da publicação.

Por vezes as fotografias são utilizadas apenas como ilustração para as narrativas e discussões ocorridas nas comunidades estudadas, como é o caso da figura 70. A narrativa presente tanto na legenda da publicação quanto nos comentários não analisa a fotografia, muito menos discute o bem tombado. A narrativa criada leva à rememoração do processo de produção da cerveja e de demais personagens que faziam parte direta ou indiretamente da fábrica, como a menção ao senhor que cuidava do poço fornecedor de água para a fábrica. Críticas mostram uma constante comparação da cidade com outras localidades, até mesmo com a Europa, conforme figura 71. Em outros comentários dessa mesma publicação e de outras que abordam o bem cultural em questão, os membros demonstram sua preocupação com o estado atual do edifício, manifestando memórias afetivas e desejos de restauração. Em nenhum momento a fotografia em si é analisada, e o bem cultural patrimonializado entra na narrativa criada na publicação apenas a partir de recordações pessoais e histórias familiares, sem abordagem cultural e histórica.

Figura 72 – Publicação sobre uma banqueta da empresa Raimann

Captura de tela obtida em: 20/08/2020.

Figura 73 – Comentários realizados na publicação da figura 72



Captura de tela obtida em: 20/08/2020.

Para além de bens culturais tombados ou não, as fotografias compartilhadas nas comunidades estudadas apresentam também símbolos de passados individuais, como é o caso da figura 72. A publicação apresenta uma foto digital de uma banqueta, um objeto que pode ser considerado comum, do cotidiano, mas que para o autor da publicação possuí um significado específico. A banqueta é, nessa publicação, um objeto nostálgico que induz rememoração. A partir dela o autor da publicação cria uma narrativa sobre seus tempos de trabalho na empresa Raimann, e não demora muito para que demais membros se identifiquem com a narrativa criada e passem a compartilhar suas recordações e experiências com a mesma empresa (conforme figura 73). Nesse momento a banqueta em si não é mais o centro da discussão, nem mesmo a fotografia, mas sim as experiências de vida compartilhadas a partir do acionamento de uma recordação específica. O historiador David Lowenthal (1998, p.32) afirma que “hasta los pasados más triviales tienen sus devotos”. As trivialidades fazem parte do cotidiano dessas comunidades nostálgicas, pois o valor atribuído à objetos comuns não está nos objetos em si, mas nas memórias e recordações que acionam. Nesse sentido, a fotografia transforma uma trivialidade nostálgica do proprietário do objeto em um espetáculo para toda a comunidade virtual.

Por mais que não sejam, na maioria das vezes, analisadas como documentos nas comunidades *Joinville de ontem* e *São Francisco do Sul e suas histórias*, a preservação das fotografias e a formação desse acervo iconográfico, principalmente em meio digital de fácil acesso, são de extrema relevância. A fotografia, de acordo

com Ronaldo Entler (2007) fixa o instante a ser lembrado. Mas apesar de ser estática, ganha dinâmica aos olhos de quem à vê, nas análises e nas narrativas construídas com ou a partir delas. Para além disso, Entler (2007, p.30) ressalta que “o tempo da fotografia é o pretérito, porque é nessa direção que vai o olhar que busca reencontrar o referente, o objeto fotografado”. Sejam as fotografias digitais ou as analógicas digitalizadas, são objetos que induzem à recordação, à rememoração e, nas comunidades estudadas, funcionam como apelos nostálgicos, chamando para a discussão esses membros apegados aos recortes de passado das cidades e aos seus próprios.

Elas tornam visível não apenas os objetos que retratam, mas também, através das narrativas criadas, tornam visível as personagens atreladas aos recortes temporais retratados nessas fotografias. Além de serem, também, a base dos espetáculos nostálgicos das comunidades virtuais aqui estudadas. Afinal, seja na comunidade *Joinville de ontem* ou na comunidade *São Francisco do Sul e suas histórias*, a grande maioria das publicações contém imagens utilizadas como estímulos para a rememorações dos membros. As duas comunidades, desde sua origem, se assemelham, mas também se diferem. É perceptível o desejo de se mostrarem como diferentes das demais comunidades da região que apresentam temáticas similares.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dessa dissertação, conceitos e métodos de diferentes áreas do conhecimento foram utilizados para analisar e compreender como os movimentos nostálgicos acionados por comunidades virtuais atuam com relação aos patrimônios culturais de cidades. Atualmente o ambiente virtual se faz cada vez mais presente na vida das pessoas, sendo utilizado para os mais diversos fins, seja para estabelecimento de relações sociais, seja como forma de organização e comunicação, usos comerciais ou entretenimento. Sentimentos despertados na vida cotidiana são transpostos para o ambiente virtual, que se torna local de discussões, debates e compartilhamento de informações. Com o patrimônio cultural não é diferente. As sensibilidades, preocupações e opiniões dos cidadãos para com os bens culturais das cidades são levados ao ambiente virtual. Comunidades virtuais com temas específicos são criadas, sendo influenciadas pela vida cotidiana e a influenciando. Sendo assim, comunidades virtuais que tem o intuito de discutir recortes do passado de cidades podem influenciar na preservação ou não de patrimônios instituídos, bem como podem chamar a atenção para aqueles bens que consideram relevantes com base em seus critérios, como é o caso das comunidades *Joinville de ontem* e *São Francisco do Sul e suas histórias*.

Estabeleceu-se diálogos com as áreas do patrimônio cultural, história, sociologia, antropologia, comunicação, dentre outros, para que os objetivos fossem atingidos. Os conceitos norteadores acionados nessa pesquisa foram patrimônio cultural, comunidade, comunidade virtual e nostalgia, que foram discutidos de maneira interdisciplinar, principalmente ao longo do capítulo 2. A utilização de diferentes áreas do conhecimento para a análise dos objetos de estudo se impôs como um desafio necessário. Abriu as possibilidades de interpretação e compreensão, analisando os fatos de uma maneira mais ampla e de diferentes perspectivas. Porém, a compreensão de teorias, conceitos e métodos de diversas áreas simultaneamente foi uma dificuldade enfrentada, bem como o estabelecimento de relações e conexões entre elas em prol de um mesmo objetivo nesse curto espaço de tempo. Foi necessário sair da zona de conforto da área disciplinar, mas sem perder o foco, os objetivos e as delimitações estabelecidas para a pesquisa. Nesse sentido, acredito

que a pesquisa cumpriu com o esperado, estabelecendo diálogos interdisciplinares, sem fugir do seu objetivo central, mas também deixando em aberto novas possibilidades de ampliação das discussões iniciais aqui apresentadas.

Como um dos objetivos específicos, foi proposto analisar os processos de atribuição de valores patrimoniais a bens culturais de Joinville e São Francisco do Sul – SC pelos membros das comunidades virtuais. Para isso foi utilizado a etnografia para análise das publicações realizadas nessas comunidades, que se mostrou eficaz, atendendo às necessidades da pesquisa. Esses processos de atribuição de valor foram discutidos entre os capítulos 2 (principalmente no subitem 2.4) e 3, a partir das publicações e das entrevistas orais realizadas com os fundadores das comunidades estudadas. Devido ao grande número de publicações realizadas nas comunidades, bem como a quantidade de comentários que cada uma recebe, a busca por palavras-chave e a utilização de fichas de análise foram essenciais. Devido à efemeridade dos conteúdos publicados em ambiente virtual, as fichas de análise serviram também como forma de segurança, na formação de bancos de dados em formato de pastas digitais. Tais fichas permitiram que o trabalho etnográfico continuasse da melhor maneira possível, evitando contratempos comuns como a exclusão de publicações, seja por parte do próprio autor, ou seja por parte dos administradores e moderadores das comunidades. Apesar das publicações serem ricas dos mais variados detalhes, também se fez necessário a entrevista oral com os fundadores das comunidades virtuais estudadas.

As publicações das comunidades permitiram, através da etnografia, a observação das relações sociais estabelecidas, a construção de narrativas, os processos de identificação, a atribuição de sensibilidades para com os bens patrimoniais, a espetacularização de recortes do passado e do presente das cidades, bem como da própria história e memória familiar. Permitiram observar e analisar, também, a atuação de movimentos nostálgicos restauradores e reflexivos, bem como a construção de “cidades imaginadas”, de utopias baseadas em espetacularizações nostálgicas. Mas as entrevistas orais, utilizando o método da história oral, permitiriam analisar as origens das comunidades, as motivações e anseios que levaram a suas fundações, bem como esclareceram as suas estruturas de funcionamento, ideais coletivos, e atuação no mundo não virtual. A partir dessas metodologias e das fontes coletadas (publicações e entrevistas) foi possível estudar comparativamente os apelos

nostálgicos nas publicações e discussões das comunidades analisadas, um dos objetivos específicos estabelecidos e cumpridos.

Acreditava-se, no início dessa pesquisa, que a maior dificuldade nessa etapa seria em relação a efemeridade das fontes virtuais, porém, o momento pandêmico tomou tal posição, não somente pela impossibilidade de realizar as entrevistas de forma presencial, mas também pela alteração da rotina desse pesquisador e dos entrevistados. Dessa forma, a participação no encontro anual da comunidade *São Francisco do Sul e suas histórias* seria uma experiência etnográfica que muito enriqueceria essa pesquisa, mas não pôde se concretizar. Nesses encontros a virtualidade e a nostalgia da comunidade se "transbordam" em espaços físicos, em outro regime de presencialidade, com discussões e interações sociais acontecendo de forma "rosto a rosto", não somente "rosto-tela". O toque, os olhares, os gestos, as articulações, a verbalização de palavras se fazem presentes, se tornam destaque anualmente em uma comunidade que rotineiramente está acostumada com interação por meio de cliques, de "curtidas", de postagens, comentários e outras linguagens verbais e não verbais presentes nos espaços virtuais. Sendo assim, fica em aberto a possibilidade de futuramente, em um momento pós pandêmico, quando os encontros voltarem a acontecer, estudá-los e analisá-los em uma possível continuação dessa pesquisa.

Foi possível observar e interpretar também como os passados e presentes das cidades de Joinville e São Francisco do Sul – SC são narradas e retratadas nas publicações das comunidades virtuais. Um comportamento padrão foi observado nas publicações analisadas da comunidade *Joinville de ontem*, seus membros idealizam e espetacularizam recortes do passado da cidade, mas, geralmente, a partir de memórias individuais e/ou familiares. Essa busca pela restauração de sentimentos universais ligados a passados imaginados foi percebida não somente nas publicações e comentários realizados no interior da comunidade, mas também através da narrativa criada por seu fundador, Valmir José Santhiago, durante entrevista oral. Enquanto tanto seus membros através de publicações, quanto seu fundador através da entrevista exaltam a imagem de passado que criaram coletivamente sobre Joinville, descrevem o presente da cidade como algo caótico e abandonado. Essas visões de uma mesma cidade influenciam as relações da comunidade com os patrimônios instituídos ou não, na busca pela restauração daquilo que possa os aproximar desse

passado utópico que idealizam. Ao negar discussões políticas e maior criticidade aos recortes do passado, a comunidade endossa a visão de uma “cidade colônia”, de uma suposta neutralidade e de negação de conflitos e grupos sociais. Na comunidade *São Francisco do Sul e suas histórias*, por sua vez, a cidade é sempre descrita como bela, como numa fábula nostálgica, tanto seus recortes de passado quanto do presente são exaltados, descrevendo São Francisco do Sul como a “cidade dos sonhos”. Mas cabe ressaltar que as comunidades analisadas não têm como função a criticidade ao passado, sua função estabelecida não é essa e nem se propõe a tal.

Outra proposta estabelecida foi investigar as interações e a construção de vínculos de identificação e diferenciação entre os membros das comunidades virtuais. Essa construção de vínculos extrapola o ambiente virtual das comunidades e toma conta dos espaços territoriais das cidades. Através de publicações e compartilhamento de fotografias, os membros interagem entre si e passam a trocar informações, podendo gerar vínculos entre eles. Para além disso, vínculos gerados nos espaços urbanos das cidades são levados para o interior da comunidade. No caso do grupo *Joinville de ontem*, seu fundador afirma que muitas relações foram geradas a partir das interações provocadas pelas publicações, encontros e reencontros aconteceram de forma espontânea. Em relação ao grupo *São Francisco do Sul e suas histórias* foi possível perceber que há um incentivo e uma indução para o estabelecimento desses vínculos entre seus membros. A fundadora do grupo, Marli Silva Avancini, promove encontros nos espaços urbanos da cidade, com uma programação voltada para a interação presencial entre esses membros. Mas para além disso, processos de identificação também ocorrem em relação à temática dos grupos e seus fundadores, em entrevista oral, revelam a necessidade e o desejo de marcar a diferença constantemente.

A pesquisa desenvolvida, da qual resulta essa dissertação, demonstrou que a criação de comunidades temáticas que se propõem a rememorar e divulgar recortes de passado de determinadas localidades em ambientes virtuais tem se tornado prática comum. Em um “efeito cascata”, grupos surgem inspirados em outros, seja da mesma cidade ou de cidades vizinhas e, apesar de ressaltarem a diferença, são similares em diversos pontos. Se caracterizam como nostálgicos em seus atos e narrativas, incentivando a divulgação de recortes de passado e induzindo a rememoração. Esses apelos nostálgicos das comunidades direcionam o olhar dos demais membros do

grupo, tendendo para uma nostalgia restauradora ou reflexiva. Ressalta-se que as nostalgias praticadas nas comunidades analisadas são distintas. Essa diferença pode ser resultado de uma combinação de fatores, como a própria estrutura, contexto de criação e objetivos estabelecidos em cada comunidade por seus fundadores, bem como a estrutura, trajetória, história, relação com os patrimônios culturais instituídos e desenvolvimento das cidades que abordam. Em ambas as comunidades estudadas, o que se percebe é uma espetacularização da própria memória familiar, através de fotografias ou relatos, que se tornam o centro das atenções dos grupos. As publicações das comunidades, em sua maioria das vezes acompanhadas de imagens e fotografias, evidenciaram os regimes de visualidade implicados nos regimes de patrimonialização. Os processos de patrimonizalização, sejam discutidos na área técnica pelo órgão competente, seja discutido pelas comunidades, utilizam muito da visualidade. Tal relação, que não foi o foco central dessa dissertação, pode ser aprofundada em pesquisa futura.

Os recortes de passado das cidades são relembrados e narrados sempre a partir do “eu”, de memórias e lembranças individuais e familiares. Os membros demonstram querer “marcar sua presença” nesses recortes de passado. Sendo assim, a atribuição de valor aos bens culturais instituídos não está necessariamente, para as comunidades estudadas, relacionada aos seus valores históricos e/ou artísticos e aos seus critérios técnicos. As comunidades ressignificam esses patrimônios instituídos os tornando símbolos de suas próprias memórias, de sua vida afetiva, muito para além de sua importância enquanto bem cultural. São novos usos e funções que partem das sensibilidades a eles atribuídas. Esse mesmo processo de atribuição de valor e do despertar de sensibilidades podem gerar também a “invenção” de novos patrimônios, que se trata de um desejo de patrimonialização e preservação de um bem sem levar em conta os devidos critérios técnicos, embasados apenas em sentimentos, sensibilidades e desejos individuais e coletivos. Porém, tais grupos podem ser tratados pelos órgãos responsáveis pela área patrimonial como comunidades de escuta, auxiliando assim na relação entre sociedade local e patrimônios instituídos. Entretanto, é necessário atenção para não os considerar como representantes de toda a sociedade local, dando centralidade à sua fala. São e devem ser encarados como uma parte de todo o processo de patrimonialização de bens culturais, mas uma parte que não pode ser ignorada.

Desde a década de 1990, com a chamada “virada digital” (ou Digital Turn), o ciberespaço vem crescendo, bem como a vida no ambiente “online” e “offline” se fundindo. Para Leme (2018), mesmo quando não estamos conectados a nenhum aparelho tecnológico, nosso “eu digital” permanece existindo e em interação no ciberespaço. Atualmente a virtualidade faz parte da estrutura social vigente. Com a comunidades analisadas não poderia ser diferente. Desse modo, não há como separá-las em “virtuais” e “não virtuais”, sendo apenas comunidades contemporâneas, que se fazem presentes no “online” mas que possuem ações, interações e objetivos que não se limitam à dualidade “on” e “off”. Essa nova realidade traz desafios e perspectivas para a área das Ciência Humanas, que também passam por processos de adaptação. Em relação ao campo da História, Noiret (2015) afirma que a história digital remodelou a documentação e os instrumentos utilizados pelos historiadores. Noiret (2015) ainda define a história digital como todo o conhecimento histórico produzido, gerado ou experimentado em ambientação digital.

A revolução tecnológica impactou também a área do patrimônio cultural, fazendo nascer o termo “patrimônio cultural digital”. Ramires (2019) define o patrimônio cultural digital como uma área de intersecção entre patrimônio e tecnologias da informação e comunicação, podendo ser composta por textos, imagens, áudios, softwares, bases de dados e sites. Afirma ainda que outra vertente define o termo como todos os produtos que já nascem no ciberespaço. É possível observar que apesar da revolução tecnológica, instituições como museus, arquivos, espaços de memória e similares possuem práticas pouco online e pouco digitais e, assim, as comunidades analisadas agem nas bordas dessas práticas das instituições. Dessa forma, um olhar atento às humanidades digitais e ao patrimônio cultural digital surge também uma das possibilidades de ampliação dessa pesquisa.

Por fim, acredito que a partir das discussões propostas foi possível compreender a forma de atuação dessas comunidades perante os patrimônios das cidades à que aludem. Através do que foi aqui nomeado como apelos nostálgicos, as comunidades deixam emanar suas sensibilidades para com os bens culturais, revelando aquilo que consideram ser patrimônio ou não, compartilhando seus desejos de preservação. Ficou evidente que as relações e interações sociais de ambas as comunidades estudadas não acontecem apenas na virtualidade, mas que a relação entre o virtual e o não virtual acontece com frequência e de forma planejada ou não.

Mas apesar disso, as discussões geradas no interior dessas comunidades aparentam se limitar aos próprios membros. Desejos de patrimonialização de bens não se tornam, coletivamente, solicitações oficiais. É comum que abaixo-assinados externos, relacionados à patrimônios culturais ou recortes de passado, quando compartilhados com as comunidades sejam potencializados. Porém, não é comum que haja iniciativas próprias das comunidades para a transformação da realidade social em relação aos bens culturais, nem mesmo para defender os interesses que compartilham e discutem em suas comunidades. Sendo assim, a atuação dessas comunidades está mais relacionada a divulgação dos recortes de passado e presente das cidades do que uma efetiva interferência na área cultural, social e política da região. Trata-se de apelos nostálgicos que induzem a espetacularização de memórias.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A melancolia dos objetos: Algumas reflexões em torno do tema do patrimônio histórico e cultural. In: BAUER, Leticia; BORGES, Viviane Trindade. **História oral e patrimônio cultural**: Potencialidades e transformação. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Pedagogias da saudade: a formação histórica de consciências e sensibilidades saudosistas. A vida e o trabalho do poeta e professor português António Corrêa d'Oliveira. **Revista História Hoje**, São Paulo, v. 2, ed. 4, p. 149-174, jul/dez. 2013. DOI https://doi.org/10.20949/rhhj.v2i4.95. Disponível em: https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/95. Acesso em: 20 maio 2020.

AVANCINI, Marli Silva; KLUG, Luiz Fernando. Marli Silva Avancini: entrevista oral [jan. 2021, Joinville]. Entrevistador: Luiz Fernando Klug. Entrevista concedida virtualmente ao projeto de pesquisa "Nostalgias em comunidades virtuais: manifestações de sensibilidade patrimonial nos grupos do facebook *Joinville de ontem* e *São Francisco do Sul e suas histórias.* [A entrevista transcrita está disponível no "Apêndice B" desta dissertação].

BAUMAN, Zygmunt. **Retrotopia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade:** A busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BOYM, Svetlana. Mal-estar na nostalgia. **História da Historiografia**, [s.l.], n. 23, p.153-165, 4 jul. 2017. Sociedade Brasileria de Teoria e Historia de Historiografia. http://dx.doi.org/10.15848/hh.v0i23.1236. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1236>. Acesso em: 24 jun. 2019.

BRESCIANO, Juan Andrés. **La historiografia en el amanecer de la cultura digital**: innovaciones metodologicas discursivas e institucionales. Montevideo: Cruz del Sur, 2010.

BREPOHL, Marion Dias; NADALIN, Sergio Odilon. Imigração germânica, etnicidade e identidade profissional: colonização em joinville (dona francisca), província de santa catarina. 1851-1889. **História (São Paulo)**, São Paulo, v. 38, p. 1-25, 2019. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/1980-4369e2019014. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/his/v38/1980-4369-his-38-e2019011.pdf. Acesso em: 15 jan. 2021.

CANDAU, Joël. Da Mnemogênese à memogênese. *In:* _____, **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTELLS, Manuel. Lições da história da internet. In: CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet:** reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2015.

CERTEAU, Michel. Os fantasmas da cidade. *In:* _____, **A Invenção do Cotidiano:** Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994

COELHO, Ilanil. **Pelas tramas de uma cidade migrante (Joinville, 1980-2010)**. 2010. 376 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/94353. Acesso em: 22 jan. 2021.

COSTA, Eduardo Augusto. Da fotografia à cultura visual: arquivo fotográfico e práticas de preservação do iphan. **Anais do Museu Paulista**: História e Cultura Material, [S.L.], v. 24, n. 3, p. 19-43, dez. 2016. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/126841. Acesso em: 10 dez. 2020.

COSTA, Rogério da. Por um novo conceito de identidade: redes sociais, co. Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.9, n.17, p.235-48, mar/ago 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832005000200003>. Acesso em: 26/09/2019.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ENTLER, Ronaldo. A fotografias e as representações do tempo. **Galáxia**, São Paulo, n. 14, p. 29-46, dez. 2007. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/3996/399641240002.pdf. Acesso em: 20 jan. 2021.

FEITOSA, Lígia Rocha Cavalcante; ARAÚJO, Claisy Maria Marinho. Pesquisas qualitativas em contexto da web: Etnografia virtual em debate. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, 3., 2014, Badajoz. **Atas** [...]. Badajoz: [s. n.], 2014. Disponível em: https://proceedings.ciaiq.org/index.php/CIAIQ/article/view/505/500. Acesso em: 26 jun. 2019.

FUNARI, Pedro Paula Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FELIZARDO, Adair; SAMAIN, Etienne. A fotografia como objeto e recurso de memória. **Discursos Fotograficos**, Londrina, v. 3, n. 3, p. 205-220, 15 dez. 2007. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1500/1246. Acesso em: 08 out. 2020.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Os limites do patrimônio. In: LIMA FILHO, Manuel Ferreira; ECKERT, Cornelia; BELTRÃO, Jane Felipe (org.). **Antropologia e Patrimônio Cultural**: diálogo e desafios contemporâneos. Blumenau: Nova Letra, 2007. p. 239-248. Disponível em: http://www.aba.abant.org.br/administrator/product/files/42_0013967.pdf. Acesso em: 18 ago. 2020.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. SP, Vértice, 1990. Capítulo 1 – Memória coletiva e memória Individual.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? *In:* SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e Diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio: subtítulo do artigo. **Varia Historia**: subtítulo da revista, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, jul./2006. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/vh/v22n36/v22n36a02.pdf. Acesso em: 10 nov. 2019.

HUYSSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política, amnésia. *In:* **Seduzidos pela Memória**. Arquitetura, Monumentos, Mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JEUDY, Henri-Pierre. Representação Simbólica das Cidades. *In:* _____, **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa das Palavras, 2005, p. 81-98.

LEITÃO, Débora K.; GOMES, Laura Graziela. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **AntroPolítica**: subtítulo da revista, Niterói, v. 1, n. 42, p. 41-65, jul./2017. Disponível em: http://www.revistas.uff.br/index.php/antropolitica/article/view/546/pdf. Acesso em: 15 abr. 2020.

LEME, A. Virada digital? Pesquisa histórica no ciberespaço. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 24, p. 136 - 169, 2018. DOI: 10.5965/2175180310242018136. Disponível em: https://periodicos.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180310242018136. Acesso em: 15 jun. 2021.

LOWENTHAL, David. El pasado es un país extraño. Madrid: Akal, 1998.

MACHADO, Diego Finder. Nós difíceis de desatar: reaberturas do passado e sobreposições de narrativas patrimoniais sobre a presença negra em joinville (sc). **Confluências Culturais**, Joinville, v. 7, n. 1, p. 21-35, 2018. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6559372. Acesso em: 15 jan. 2021.

MACHADO, Diego Finder. Sensibilidades em Confronto: o vandalismo contra o patrimônio cultural em cidades no tempo presente. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE, 2., 2014, Florianópolis. **Anais [...] .** Florianópolis: Udesc, 2014. p. 1-15. Disponível em: http://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/tempopresente/paper/viewFile/157/97. Acesso em: 12 nov. 2020.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. ETNOGRAFIA COMO PRÁTICA E EXPERIÊNCIA. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a06.pdf. Acesso em: 25 jun. 2019.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. HISTÓRIA ORAL COMO FONTE: problemas e métodos. **Historiae**, Rio Grande, v. 1, n. 2, p.95-108, 2011. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/3264/Hist%c3%b3ria%20oral%20como%20fonte%20-%20problemas%20e%20m%c3%a9todos.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25 jun. 2019.

MÁXIMO, Maria Elisa *et al*. A etnografia como método: vigilância semântica e as metodologias nas pesquisas no ciberespaço. In: MALDONADO, Alberto Efendy *et al* (org.). **Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação**. Rio do Sul: Unidavi, 2012. p. 293-319.

MONTEIRO, Luís. A INTERNET COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO: possibilidades e limitações. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. **Anais [...] .** Campo Grande: Intercom, 2001. p. 27-37. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/57799090/Internet_como_meio_comunicacao.pdf?1542574348=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DA_INTERNET_COMO_MEIO_DE_COMUNICACAO_POSS.pdf&Expires=1597186360&Signature=Zb0KRQxrgSuWzGwVGzIJEZ8~ykVh4jZLfTw1leqwS5gdFPT1qyPFRNGyBn9fUVg31~1WHIlBNqJdNfDnrq3Jda10PVdC0NfllO1-QlVALFTI4VShh~c2L3QJbwLr27hPosi0aRs4oBL-GcM~8RD6b1z1RXPT-58f7SOCXueNEHs~l9lWAOYiifVX8xc7JYo3sS64yMgwLtyHwHnnx82h5yhly2tFEQE9RfgaLlOYIuayxWEElN~sQAen9khlvThMYiJe9rE41xYrj~nL742ow~og8begDD4kMO3bl4QXMUTQHEdAP~wwCadhqZdnsQOo3GCYWpp4U9P-GqQGeSDYvA__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 05 ago. 2020.

MURIANA, Luã Marcelo; MACIEL, Cristiano; GARCIA, Ana Cristina Bicharra. Do Facebook às ruas: comunidades em interação. In: WORKSHOP SOBRE ASPECTOS DA INTERAÇÃO HUMANO-COMPUTADOR NA WEB SOCIAL, 5., 2013, Manaus. **Proceedings of the V Workshop sobre Aspectos da Interação Humano-Computador na Web Social (WAIHCWS'13).** Manaus: Ceur, 2013. p. 39 - 50. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/75cf/7c82c811a7226ee60fe78b170c9b0f333646.pdf?_ga=2.223709019.1184880341.1569530129-1494419444.1569530129>. Acesso em: 25 set. 2019.

NATALI, Marcos Piason. Uma genealogia da nostalgia. In: NATALI, Marcos Piason. **A política da nostalgia:** Um estudo das formas do passado. São Paulo: Nankim, 2006. p. 15-41.

NOIRET, Serge. História Pública Digital. **Liinc**: em revista, Rio de Janeiro, v. 11, ed. 1, p. 28-51, maio 2015. Disponível em: http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3634. Acesso em: 2 maio 2020.

OLIVEIRA, Andréa de. **História das Instituições Escolares de São Francisco do Sul, SC**: 1835-1935. Orientador: Ademir Valdir dos Santos. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/214668/PEED1477-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y. Acesso em: 15 fev. 2021.

PAES, Maria Tereza. Patrimônio cultural, turismo e identidades territoriais: um olhar geográfico. In: BARTHOLO, Roberto; BURSZTYN, Ivan; SANSOLO, Davis. **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras.** Rio de Janeiro: Letra e imagem, 2009.

PEREIRA, Carlos da Costa. **História de São Francisco do Sul**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

PERUZZO, Cicilia Maria. Comunidades em tempos de redes. *In:*_____, **¿Quais redes?**. Porto Alegre: Editora Unisinos, 2002. p.275-298.

PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique. **Sensibilidades na História**: memórias singulares e identidades sociais. 2. ed. Porto Alegre: Ufrgs, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Ressentimento e Ufanismo: sensibilidades do sul profundo. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (Res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp, 2003. p. 223-238.

POULOT, Dominique. História, Memória, Patrimônio. In: POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p. 9-37.

POLIVANOV, Beatriz. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia?: Implicações dos conceitos. **Esferas**, [s. l.], ano 2, n. 3, p. 61-71, jul./dez. 2013. Disponível em: https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/4621/3243. Acesso em: 26 jun. 2019.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de janeiro, vol. 2, n.3,1989.

RAMIRES, J. C. de L. Ciberespaço e patrimônio cultural digital: algumas reflexões. **PatryTer**, *[S. l.]*, v. 2, n. 3, 2019. DOI: 10.26512/patryter.v2i3.22109. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/patryter/article/view/22109. Acesso em: 15 jun. 2021.

RECUERO, Raquel da Cunha. Comunidades virtuais: uma abordagem teórica. In: V SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO, NO GT DE COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA DAS MÍDIAS, 5., 2001, Porto Alegre. **Anais do V Seminário Internacional de Comunicação.** Porto Alegre: Puc, 2001. p. 1 - 14. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/teorica.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2019.

RIBEIRO, Igor. **Facebook traz primeira campanha global ao Brasil:** País é segundo mercado depois dos EUA a receber "Somos mais juntos", considerada estreia da plataforma em branding direcionado ao consumidor. 2019. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2019/09/23/facebook-traz-primeira-campanha-global-ao-brasil.html>. Acesso em: 13 jan. 2020.

SANTAELLA, Lúcia; **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTANA, Agustín. Patrimonio cultural y turismo: reflexiones y dudas de un anfitrión. **Revista Ciencia y Mar**, Oaxaca, v. 6, p. 37-41, 1998. Disponível em: https://www.uco.es/~gt1tomam/master/gestion/santana.pdf. Acesso em: 05 fev. 2021.

SANTHIAGO, Valmir José; KLUG, Luiz Fernando. Valmir José Santhiago: entrevista oral [jan. 2021, Joinville]. Entrevistador: Luiz Fernando Klug. Entrevista concedida virtualmente ao projeto de pesquisa “Nostalgias em comunidades virtuais: manifestações de sensibilidade patrimonial nos grupos do facebook *Joinville de ontem* e *São Francisco do Sul e suas histórias.* [A entrevista transcrita está disponível no “Apêndice A” desta dissertação].

SIBILIA, Paula. Autenticidade e performance: a construção de si como personagem visível. **Fronteiras**, [s. l.], v. 17, n. 3, p. 353-364, set/dez. 2015. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2015.173.09. Acesso em: 20 mar. 2020.

SIBILIA, Paula; DIOGO, Lígia. Vitrines da Intimidade da Internet: Imagens para guardar ou para mostrar?. **Revista Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 16, n. 30, p. 127-139, 2011. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/3892/3573. Acesso em: 20 mar. 2020.

SILVA, Elsa Peralta da. Património e identidade: os desafios do turismo cultural. **Antropológicas**, Porto, p. 217-224, 2000. Anual. Disponível em:

https://revistas.rcaap.pt/antropologicas/article/view/932/734. Acesso em: 01 mar. 2021.

SILVA, Janine Gomes da. **Tempo de lembrar, tempo de esquecer...**: as vibrações do centenário e o período da nacionalização: histórias e memórias sobre a cidade de Joinville. Orientador: Joana Maria Pedro. 2004. 294 p. Tese (Doutorado em História Cultural) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em:https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/86986/199995.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 2 set. 2019.

VELOSO, Mariza. O fetiche do patrimônio. **Habitus**, Goiânia, v. 4, n. 1, p.437-454, jun. 2006. Semestral. Disponível em: <http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/viewFile/363/301>. Acesso em: 20 jun. 2019.

APÊNDICES

Apêndice A - Entrevista com Marli Silva Avancini

ENTREVISTA EXTRAÍDA DO PROJETO DE PESQUISA: NOSTALGIA EM COMUNIDADES VIRTUAIS – MANIFESTAÇÕES DE SENSIBILIDADE PATRIMONIAL NOS GRUPOS JOINVILLE DE ONTEM E SÃO FRANCISCO DO SUL E SUAS HISTÓRIAS

Entrevista com Marli Silva Avancini em 19/01/2021. O encontro foi realizado através da plataforma Google Meet.

Estavam presentes:

Luiz Fernando Klug

Marli Silva Avancini

o Legenda da transcrição:

E1 - Entrevistador 1 (Luiz Fernando Klug)

R - Entrevistada (Marli Silva Avancini)

Devido aos protocolos instituídos em virtude da Covid-19 a entrevista ocorreu de forma online.

E1 – Dona Marli, primeira pergunta que eu tenho pra senhora: a senhora poderia falar o seu nome completo, a sua idade e a cidade que a senhora nasceu, por favor?

R – Meu nome é Marli Silva Avancini. Sou de Joinville, mas sou nascida em São Francisco do Sul. Então, eu moro em Joinville há muitos anos. Trabalho na Discolândia, tenho a Discolândia de Joinville. E aqui eu moro há 65 anos.

E1 – E qual é a sua relação com a cidade de Joinville e com a cidade de São Francisco do Sul?

R – É paixão, né? Paixão como pesquisadora. Eu não sou historiadora, eu sou formada em artes, mas eu tenho paixão por São Francisco do Sul. Eu nasci na Vila da Glória, lá no distrito do Saí. Então, eu resolvi montar um grupo, mas que fosse um grupo mais histórias, mais pesquisa, que tivesse literários comigo, historiadores, poetas... E a única ressalva pra esse grupo: não ser político. E realmente a gente cumpre essa meta, já no sétimo ano, ele foi fundado em 2015. Então a gente cumpre a meta pra esse grupo não ser político. E conseguimos. “Cê” vê, ele foi fundado em 24/02/2015, já tivemos sete encontros com esse pessoal do grupo, que foi muito marcante. Mas, esse grupo não envolve política, só história, histórias de família,

contos, poesias e datas que a gente procura colocar isso ali pra poder passar para os novos historiadores.

E1 – A senhora pode confirmar o nome desse grupo pra gente?

R – São Francisco e suas histórias.

E1 – Uhum...

R – É um grupo que desde o início com o mesmo nome.

E1 – A senhora tinha já familiaridade com rede sociais antes da criação do grupo ou isso se intensificou depois?

R – Não, eu não tinha nenhuma... Eu tinha pouco conhecimento e aí eu resolvi fundar o grupo, assim, da noite pro dia. Eu achei que esse grupo a gente pudesse "abarganhar" as histórias, tirar elas do papel, falar sobre elas na rede. E realmente a gente conseguiu. Mas eu não tinha conhecimento quase nenhum. Nunca me dediquei a grupo nenhum, esse tinha sido o primeiro, e eu já participava do grupo "Joinville de ontem", mas eu acho que até por ter saído tão nova de São Francisco do Sul eu sei mais histórias de São Francisco que de Joinville. Mas eu participo dos dois e o meu grupo é o "São Francisco e suas histórias", pela paixão que eu tenho à cidade.

E1 – Então, como a senhora definiria esse grupo? O que te levou a cria-lo e qual foi o objetivo de criação?

R – Bem, inicialmente eu participava de alguns grupos de São Francisco, mas eu via lá muita propaganda, muita política, muita gente com pavio curto, textos curtos e sem compreensão de texto e eu queria mais que isso, eu queria história mesmo, eu queria pesquisa, eu queria família. Então eu comecei, eu fiz as regras do grupo que não infligisse a história e a pesquisa e acabou dando certo. Lógico, sempre entra alguém lá querendo postar um terreno na praia, uma casa pra alugar. Mas, a gente chama a pessoa e realmente tira. Então, ele ficou um grupo puro, um grupo bom, de pessoas muito interessantes. Hoje são quase 15 mil pessoas no grupo, estamos beirando 15 mil pessoas. Mas, são 15 mil pessoas que valem muito a pena. Que participam, que fazem realmente. Que levam documentos, que levam história, que angariam pesquisas novas. Historiadores, o pessoal do IPHAN, tudo. Menos, não entra só debate político.

E1 – E há uma análise das publicações antes de elas serem postadas? Algum tipo de controle desse tipo?

R – Não, Luiz. A gente confia, eu e os moderadores do grupo, a gente confia. Então, se ficar fora das regras do grupo... De vez em quando existe uma chamada de regras do grupo ali, né. Quando começa a desvirtuar o assunto a gente começa a chamar atenção, colocando um carimbo. Se a gente vê que a pessoa não respeita o carimbo, a gente entra em contato com a pessoa avisando que ele está desrespeitando as regras do grupo. E se ele infligir e for mais sério a gente bloqueia e exclui essa pessoa da página. Então, funciona dessa maneira e a gente confia, dá liberdade. Para não endurecer muito o grupo a gente teve que fazer isso no começo: trabalhar sempre em

cima da história. Mas aí a primeira dificuldade que eu tive foi com fotografias. Todas as fotografias de São Francisco que estão no Google ou no Maps e em vários lugares elas são, primeiro de qualidade muito ruim apesar de que muita gente já ajudou a recuperar. Então, é diferente do grupo de Joinville, quando você vê um acervo de história muito grande. Acervo de fotos para a história. E eu fui no museu de São Francisco, eu revirei tudo. Então, o que a gente tem é o que tá lá, então é difícil de você convencer uma pessoa a tirar um álbum. Eu já fiz isso no grupo: “tira o seu álbum da gaveta, fotografa, coloca aqui”. Comprei todos os livros de história, que aí eu oriento: “ah, esse autor fez isso”, “o Carlos da Costa Pereira fez isso”. Então a gente sempre tá rememorando os grandes da história de São Chico. Então, eles se interessam. Mas, de vez em quando tem que postar a receita do pirão com linguiça. Então, a gente acaba também trazendo de volta a história caiçara, a história do peixe, do pastel de berbigão. Então, é um grupo mais aberto, não puramente história.

E1 – E o que a senhora... Na sua opinião o que leva as pessoas a despertarem o interesse no seu grupo?

R – Bem, Luiz, hoje com esses quase 1000 integrantes do grupo, a grande maioria são pessoas que tão morando lá em São Francisco, tão morando na praia. Mas nós temos assim, nós temos integrante dos Estados Unidos, na Inglaterra, na Alemanha, bastante na Argentina, na capital. Então, nós temos em vários lugares... África. Então, a gente acabou divulgando. O grupo também serviu pra divulgar as imagens pro exterior. Tem uma amiga minha que mora nos Estados Unidos, que acabou divulgando também em Washington, então tem muita imagem linda. E acabou entrando gente de lá que só entrou no grupo pra ver as fotografias, mas que diz: “óh, na próxima viagem ao Brasil iremos conhecer São Francisco do Sul”. Então, a intenção também é divulgar, além de fronteiras, não só a nossa história, mas a beleza que tem São Francisco do Sul, porque é incomparável. Só que a gente espera que outras pessoas venham pra cá dizer. Então, por que que nós que nascemos lá ou que estamos aqui por perto, por que que a gente não divulga tanto a beleza? Né? E os cuidados que se tem com a praia. Então assim, esses integrantes no exterior me dão um orgulho muito grande, porque eles levam adiante essa história de divulgar a cidade.

E1 – E quem são os administradores e os moderadores do seu grupo? Quais foram os critérios pra eles assumirem essa função?

R – Nós somos em três moderadores e um administrador que sou eu. Os três moderadores são pessoas que eu escolhi a dedo. São pessoas que gostam de história. Que a maioria que não nasceu lá, mas conviveu lá, conhece a história do povo. Então, o critério foi não achar alguém atrelado... Que não fosse atrelado a São Francisco, mas que conhecesse muito de São Francisco. Então, nós temos o Raul, temos o Esdras e temos o Dominoni. Então, são três pessoas. O Dominoni se restringe a fazer uns vídeos diretos dos pontos históricos. Então, ele acaba também divulgando o próprio grupo dele, mas divulga muito a nossa cidade. “Óh, aqui é a parte da Carioca, né. Ela tá agora um pouco diferente, ela já foi reformada”. Os pontos da cidade, as praias, como está, como não está. Então, a gente fica sabendo o tempo todo pelos

pequenos vídeos que o Dominoni faz. O Esdras criou-se no rádio de São Francisco. Ficou muitos anos lá. Casou-se lá. Então, a esposa dele tem uma história toda de São Francisco. Então, ele acaba sabendo muito da história e colocando no grupo a história da locução. Aí nós temos o Ilton XXX, que é do casarão, que é da nossa academia de letras, pra nós é uma honra também e acaba colocando muita coisa do livro dele também. A gente divulga o livro deles também. Deixo a foto dos livros. O Raul também sabe bastante, é nascido lá. Então, todos os que participam, assim, foram escolhidos... Os moderadores foram escolhidos a dedo. São pessoas que nos honram.

E1 – E a senhora acha que o seu grupo pode ser considerado uma comunidade? Por quê?

R – Não sei, Luiz, se eu... Como o grupo foi criado por uma paixão, a intenção não era nem chegar em 15 mil pessoas, tanto que o grupo hoje é privado, ele não é um grupo compartilhado, pra compartilhar teria que ser um grupo menor. Então, ele é um grupo grande já. Quando eu faço os encontros eu procuro... O pessoal ajuda muito nos encontros, a última vez no restaurante novo do Forte a gente conseguiu levar 284 pessoas. É muito difícil você combinar isso de Joinville. Cada um pede uma cuca na São José, pede um presentinho aqui e eles levam presente. Aí tem uma exposição de arte com os artistas de São Chico, que daí a Flor, o Amauri, a turma dos artistas que cuidam. Então, assim, cada um cuida dum pouquinho pra coisa funcionar lá dentro. Esse ano a gente queria fazer também um encontro grande, mas os encontros tão ficando grandes demais, assim sabe? Então, eu me sinto com uma certa dificuldade de cuidar disso sozinha. E colocar na mão de outra pessoa eu tenho medo que dê errado e você ter a responsabilidade no teu nome. E esse ano a gente ia alugar um Cruzeiro e íamos fazer um baile com janta no Cruzeiro. Mas, devido à essa pandemia a gente não vai fazer, porque isso é uma preocupação grande. Então, possivelmente vamos levar para o ano que vem. Que seria o oitavo encontro.

E1 – Aproveitando que a senhora falou dos encontros, como é que a senhora enxerga a interação entre os membros da sua comunidade? Ela acontece só no virtual? Para além desse virtual, de que forma são os encontros, por exemplo? De que outras formas ela ocorre e se ocorre, né.

R – Existem vários grupos dentro desse grupo. Existem pessoas de várias etnias... Assim, como eu te falei, existe os artistas plásticos de São Francisco, existe o pessoal do teatro, da música... Então, que eu já apoio outros grupos, mas eles participam daí nos encontros. Como eu te falei antes, se eu preciso deles pra uma exposição de artes eu digo: “Flor, Amauri, preciso de uma exposição de arte no restaurante X”, e daí eles se movimentam pra que a coisa aconteça. Então, já seriam subgrupos alienados ao grupo grande, que fazem com que o grupo grande funcione. Então, é uma engrenagem mesmo, um depende do outro. Por isso que funciona. Como eu te falei, da dificuldade que o grupo cresceu demais, e pra fazer os encontros lá os restaurantes já não são tão grandes e não pode onerar muito no pagamento de um almoço desse. Então, a gente procura levar brindes e fazer com que o grupo sempre festeja quando vê. E é muito interessante, porque as histórias vão se costurando nas mesa conforme

eles for se encontrando. Então, é muito interessante. É muito prazeroso você: “ah, você era a filha do Thiago”, “você era a filha do Zé, né?”, “você era a sobrinha do seu João lá da Vila da Glória”, “não, eu era da família X”, “ah, claro eu conheci a tua mãe”. Então assim, nós marcamos o encontro, pra tu ver as 11 horas lá no Restaurante do Rui, no Forte. Cabem 300 pessoas no restaurante, novo e grande. Então ele achou que ele não poderia... Ele acho que ele ia ficar aberto ao público, ali. Não conseguiu, porque o grupo lotou. Foram chegando, chegando, chegando e era quatro hora e nós tava tomando café com cuca. Ele fez café, nos presenteou. Então assim, é gratificante você saber que esses encontro tudo funcionam, sabe? Dá muito trabalho pra fazer eles, muito trabalho. Então, eu faço banner, eu pago tudo do meu dinheiro, eu não faço nada cobrado antecipado. Então, eu corro riscos o tempo todo, porque o primeiro encontro eu fiz eles depositarem na conta do Portela, do restaurante. Mas aí eu vi que poderia ser diferente. Entendeu? Não passar nada pelo meu nome. E assim foi até o sexto encontro, que o pessoal paga na hora: “óh gente, o encontro vai ser em tal lugar, vocês concordam?”, vai pra votação. “Ah, eu concordo”, “eu concordo”, “eu concordo”, a maioria venceu, um mês pra eleger o restaurante, “então vamo lá”. Então, o grupo é homogêneo, funciona muito bem. Isso me dá muita alegria.

E1 – E a senhora acredita que, o grupo, ele chega a ter uma influência social, cultural ou política na cidade de São Francisco?

R – Nunca pensei nisso. Política, eu não sei. Já tentaram entrar alguns políticos em peso lá, mas a gente conversou e eu nunca permiti, já com medo de a gente ficar tendencioso. De ter só um partido, um prefeito X, um prefeito Y, que alguns são meus amigos. Então, pra se isentar Luiz, eu não permiti nada de política. Mas, o grupo é bastante forte. Eu sinto, assim, que a gente é neutro, procura não se envolver em nada, politicamente falando, e quando tem alguma coisa que envolve a Prefeitura eu já entro inbox e já digo: “vá na câmara de vereadores pra resolver isso”. E nós temos um grupo que é atrelado a isso que chama “São Francisco em foco”. Lá a gente procura cachorro, aí coloca leilão de roupas que vai ter... Leilão, não. Bazar de roupas no hospital pra ajudar o hospital. Aí a gente pede tinta pro hospital e funciona. O pessoal pra levar material de limpeza e ajudar no plantão, funciona. Então, é um grupo que tem, como eu te falei: de cachorro perdido até ajuda do hospital. Mas, ajuda em material, né? Não em dinheiro. E funciona, porque nós temos um plantão. Então, esse assunto eu procuro não colocar no grupo de história. História, vamos falar de história. E, não que o hospital não seja história... Que história que é aquele hospital! Mas, aí a gente pode lidar mais abertamente com os assuntos do hospital. E funciona.

E1 – E a senhora acha, então, que os membros do seu grupo compartilham desse pensamento similar?

R – Eu acho que sim. Eu acho que compartilham, sim, pela própria união do grupo. E saber o peso sério que o grupo tem hoje, Luiz, eles acabam partilhando das ideias com a gente.

E1 – E onde começaria a história de São Francisco do Sul que é retratada no grupo?

R – Bem, a história... Nós temos uma tela lá no museu de arte, que é uma tela muito antiga. Então, uma tela feita a partir de 1658, que não temos a data, que é a chegada dos imigrantes paulistas através do Rio São Francisco, do Porto de São Francisco. Não era São Francisco do Sul. Então, depois ele passa a ter outro nome. Então, não se tem a data correta. Não se tem documento. A gente tentou ir no museu, na prefeitura, em vários lugares. Então, tem bastante gente levantando essa história pra ver se encontra documentos, e isso pra gente é muito importante. O que temos são fotos não comprovadas, escrito em livros famosos como: Carlos da Costa Pereira, historiadores da USP. Mas assim, nada você prova em data. Mas, a primeira tela do descobrimento da povoação seria 1658. E eles dizem que São Francisco foi descoberta em 1504. Mas, aí isso tá nos nossos livros de História.

E1 – E quais são essas histórias de São Francisco do Sul que a senhora e o seu grupo acham que precisam ser contadas e preservadas?

R – Ah, Luiz, tem muita história pra se preservar. As principais histórias são a história da imigração: dos portugueses, dos alemães, dos poloneses, dos... Vários, de vários países. Dos franceses, através da Vila da Glória, do Saí Mirim. Então, tem muita história pra contar que eu acho que ela tá forjada à ferro, essa história vai ficar. E o que eu quis fazer, na época da fundação do grupo, foi preservar essas histórias. Eu, que sou apaixonada por história, o interesse era recontar. Então, pela tua boca eu ouço uma coisa, pela minha eu ouço outra. Então, vamos sentar e vamos conversar. Então, até no ano passado eu sugeri até de a gente fazer, ainda vou fazer, um encontro só pra debate de história. Um encontro, regado a docinho, um café. Mas, só pra debate de história das pessoas dali que contam a história, né? A história oral, como você falou, a história contada. E tem pessoas muito sábias em São Francisco, só que se a gente não sair da cadeira, Luiz, a gente não consegue apurar verdadeiramente a história. Ela vai continuar sendo contada do jeito que o livro nos passou. Mas, será que tem alguma coisa que a gente não sabe? Óbvio, que deve ter muita coisa que a gente não sabe. Mas, um grupo desse, as coisas ficam muito adormecidas, envolvendo política, social e muitas outras coisas que não é história, que o povo não se interessa por história. Até que vem alguém lá e mexe nas histórias. Então, por exemplo, nós postamos fotos antigas com a banda, muito antiga, de São Francisco que tinha o avô e depois tinha uma amiga nossa do grupo, que não tinha documento nenhum e nós tínhamos o documento em mãos. Então, é muito feliz de você poder compartilhar essas coisas, de poder mandar pra ela essa documentação. Então, o grupo além de tudo é uma troca. Além de preservar a história, ele é uma troca de conhecimento. Claro que, às vezes, ele não sai do jeito que a gente quer, porque as pessoas também querem contar a história do jeito delas e nem sempre é o jeito que é certo.

E1 – A senhora já deve ter ouvido falar em Patrimônio Cultural, certo?

R – Muito.

E1 – O que a senhora sabe sobre patrimônio? A senhora percebe alguma importância do patrimônio pra cidade e pra população dessa cidade?

R – O patrimônio é a história, né? Ele conta em cada camada do cimento, das pedras, ele conta a história daquela casa, daquele casarão. Nós temos 400 casarões tombados pelo IPHAN, que é um assunto que a gente não entra muito. Em 53.746 habitantes, Luiz, é uma grande população. Aproximadamente isso, né. Então, a gente pensa que... Eu penso que a cidade deveria ser mais bem preservada pelos governos. Devia ser mais amada pelo próprio governo. A história, ela tá caindo, ela não tá mais de pé. Tu vê um hospital... Mas, muita coisa a Prefeitura fez. De um lado você vê o cabo de guerra da Prefeitura sem dinheiro pra tratar do patrimônio, a história, e do outro lado a família que quer usufruir e simplesmente não paga nada. Não quer pagar imposto, não quer comprar uma lata de tinta, não quer fazer nada. Reclamam do hospital, mas não vai lá fazer um plantão no hospital. Não vai achar a turma. Por quê? Porque lá não paga, lá é gratuito. Tu tem que ir de livre e espontânea vontade. Então, eu acho que o poder público e as pessoas deveriam ter uma... Não um acordo, mas conversas melhores, que pudesse manter o patrimônio de pé sem precisar deixar as paredes cair. Teve um tempo que quase tudo se perdeu. Foi recuperado, hoje são 400 no patrimônio. Tá bem recuperado. Hoje foi recuperado o Mercado Municipal, ficou bem bonito. Então, ali é beira-mar, então o tempo todo o mar tá batendo, tá estragando pintura. Então, tem que ter preservação. Deveria existir um grupo só de preservação, além do IPHAN, mas que a comunidade se envolvesse. Formasse um grupo particular, sem bandeiras Luiz, entendeu? Eu não sou do partido X, eu não sou do partido do prefeito ou contra o prefeito. Nada. Mas, que trabalhasse junto à Câmara de Vereadores. Que cobrasse dos vereadores que deixassem a história de pé, entendeu? Que não deixasse que aquilo lá caísse. E tem pessoas de Curitiba que vão pra lá, como eu já vi, que compraram casa só que com a primeira parede de lado, quebrada já, e recuperaram dentro do padrão oficial do Patrimônio Histórico que você olha e você não acredita. Da perfeição que ficou. Então, tem que querer e tem que poder. Mas isso falta tanto poder público quanto o social.

E1 – E, na sua opinião, qual seria a relação do seu grupo com a cidade de São Francisco?

R – Olha, Luiz, eu acho que a gente abriu os olhos das pessoas. Eles tão vendo o patrimônio de uma outra maneira. Eles param pra olhar como é que tá o prédio, que antigamente eles atravessavam a rua. Então, hoje existe uma consciência, existe um olhar pra cidade. “Óh, aqui tá feio”, aí eles vão lá e brigam com vereador, então nós sabemos. Mesmo que não é um grupo político a gente acaba colocando uma semente no patrimônio, porque o que a gente quer é a história de pé. A gente quer o patrimônio preservado, mas pra isso a gente tem primeiro que abrir o olho do ser humano. Dizer assim: “ah, vamos fazer um prédio de vidro”, “não, gente. Vamos preservar o casarão”, “vamos preservar tal coisa, tal coisa”. Então, acho que o grupo veio também pra abrir o olho das pessoas pra olhar pro outro lado da rua, não ficar só do lado do mar e pra ver como é lindo aqueles casarões. Então, eu acho, que existe uma consciência maior sem ser política. Mas, eles vão no político. Eu não preciso ir.

E1 – E, a senhora comentou durante a entrevista que faz parte também do grupo “Joinville de Ontem”, né? Qual é a relação entre esses dois grupos? O seu grupo teve inspiração nele ou vice-versa? Como é que se dá essa relação?

R – Olha, não existe uma correlação entre esses dois grupos. Uma das pessoas valiosas do grupo do “Joinville de ontem” é um amigo meu, que é advogado, Paulo Roberto da Silva, da Academia de Letras de Joinville. Então, é de uma sabedoria impecável. Então, eu acabo me atrelando às informações do Dr. Paulo, porque eu acabo levando pro grupo o que ele coloca na página dele. A intenção dele é rebuscar cada vez mais a história. E isso, Luiz, acaba empolgando o assunto pra gente pesquisar mais e mais e mais. Comprar mais livros, recuperar mais histórias. “Mas olha, por que que o fulano de tal falou assim?” “Por que Dauro Stazack fez aquele livro de poesia?” “Embasado no quê?” “Qual era a praia?”, “Ah, era a Praia do Mota”. Então, a gente já sabe. Ontem, eu botei uma poesia do Dauro numa imagem e falei: “gente, essa poesia não foi feita pra Praia do Mota que é o que eu tô colocando”. Então, é interessante que você acaba trazendo as pessoas pra uma outra visão. E os dois grupos entre si não tem nada a ver. São muitas pessoas do meu grupo que também estão no “Joinville de ontem” e vice-versa.

E1 – E quando a senhora ouve falar em memória da cidade, o que que a senhora entende por esse termo, memória?

R – Memória da cidade é tudo aquilo que ficou que você tem certeza que tá em documento, que tá em patrimônio, que tá em foto. Então, a memória pra mim ela é vasta, ela é enorme pra gente chamar de memória. E ela fica dormindo se você não mexer, e eu chamo isso de história. Se você não mexer na história, Luiz, você não mexe na memória de um povo. Você só vai saber que aquele cara tocava aquele instrumento lá, violino do diabo, naquela banda era o avô de uma amiga nossa. Era o tio de outra amiga nossa. Então, colocando as fotografias você vai puxando automaticamente a memória das pessoas. E daí, eles vão na casa do vizinho ver fotografia antiga, jornal antigo, jornal velho arquivado. Então, é impressionante como existe um movimento grande pra poder ajudar no grupo, pra poder recuperar a história. Porque a história é a memória de um povo. E, um povo sem memória e um povo sem história, não é nada.

E1 – O que é São Francisco do Sul na sua visão e na visão do grupo?

R – Olha, vou te dizer na minha visão, na visão do grupo eu não sei. São Francisco do Sul pra mim é uma das cidades mais lindas do Brasil e ela precisa ser preservada, por isso tenho as minhas horas de sono, às vezes, menores porque eu me dedico ao grupo. Então, precisa ser mais amada, precisa ser mais respeitada. Os políticos têm que pensar não só na cidade, mas num povo. Um povo satisfeito é uma cidade bonita, é um povo educado, de fácil convivência social. A cidade você vê, no verão, São Francisco duplica, passa de 53 mil pra 120 mil, de tanto turista que tem. Então, é muito pé por metro quadrado. Uma cidade que segura uma estrutura. O centro histórico precisava ser revitalizado a nível de mercados de domingo. Temos uma feira boa de final de semana, mas não temos vida no centro histórico pra que pudesse ter mais coisas pra vender. Aí, nós temos dois cafés. Precisaria ter mais pra oferecer. Precisaria que os governantes abrissem a cabeça, abrissem a visão, pra que os navios parassem em São Francisco do Sul. Ali tem calado pra isso. Então, precisaria ser feito algo para o turismo. Que desse uma estrutura, mas preservando São Francisco do

Sul. O sumidouro que é olhado diferente por muitos homens de negócio, pessoas de olhos grandes. A fauna e a flora lá tem que ser preservada. A parte do Parque Acaraí, que a UDESC já trabalhou e sabe disso, é uma parte maravilhosa. Mas, tudo tá ali. A fauna e flora tá tudo no Parque Acaraí. Então, tem coisas que tem que ser preservadas de qualquer maneira. Então, eu tenho a preservação desses ambientes de natureza.

E1 – E você consegue imaginar essa cidade no futuro? Daqui há 10, 15 anos?

R – É, nos meus sonhos eu vejo ela preservada, bonita, sempre pintada. O progresso tem um preço a se pagar. A partir da hora que você tem o progresso, você sabe que com ele vem tudo. Então, a cidade é pequena e enquanto não houver a duplicação da 280. Então, existe uma certa dificuldade e você não pode ir pra São Francisco, pro centro, no verão. Agora você já não pode ir. Você leva 3 horas pra ir e 3 horas pra voltar. Então, isso acaba desmotivando e por um lado tem um lado positivo, porque se você encher a cidade nos verões você não aguenta o lixo. Não tem estrutura pra aguentar mais que o dobro de pessoas. Então, a Enseada, as praias mais populares como a Enseada, a própria Itaguaçu, elas ficam de lixo... A Enseada você não consegue chegar, de tanto lixo, tanto plástico e nós não temos estrutura pra recolher tanto lixo. Então, precisava de esgoto, rede de esgoto, tá sendo tudo desembocado nas praias. A própria praia de Itaguaçu, nenhum esgoto é tratado. Cai tudo no mar, ali. Tratado de fossa seca, mas é muito esgoto no mar. A gente vê passando, mesmo. O cheiro. Então, muito se tem pra fazer. A cidade do futuro só vai ter futuro se tiver estrutura agora, se se criar estrutura agora. Senão, ela vai pro modernismo mesmo e ninguém vai segurar. Vai ter prédios de vidro mesmo, à beira-mar, e tu não segura mais. Então, uma memória do povo tem que ser preservada pela história, mas essa história tem que ter aditivos. Você tem que ter investimento na história. Você tem que preservar essa história. E pra preservar, Luiz, precisa dinheiro, precisa de boa vontade. Precisa do poder público por trás, precisa da mão forte do poder público e isso a gente tem, mas tem muito pouco. Então, esse é o meu medo com o futuro.

E1 – Seguindo essa linha, então, a senhora acha que existe uma cidade ideal? E o que ela precisaria pra ser essa cidade ideal?

R – Bem, ideal eu acho que não existe. Mas, existe uma que seria quase ideal. Preservação do meio ambiente, eu acho muito importante. A preservação da história, eu acho muito importante. E a abertura da visão pro turismo é tão importante quanto, porque você só vai ter capital se você tiver capital do turismo. A cidade em si não se mantém sozinha. O que gera de imposto hoje, tem muitas outras despesas na Prefeitura que não sejam a preservação da história ou a parte que cabe ao IPHAN. Então, muita coisa tem que ser feita pra que se preserve tudo isso. E isso dá muito trabalho, mas já era pra ter sido começado.

E1 – Já caminhando para o encerramento dessa entrevista, então, gostaria de perguntar se a senhora tem alguma mensagem que a senhora queira deixar? Se tem mais alguma coisa que a senhora queira que seja dito?

R – Olha, primeiro agradecer, né? Agradecer bastante. A entrevista foi muito bonita, foi legal e o que eu teria pra dizer pro povo de São Francisco: “ame São Francisco,

defenda São Francisco”. O primeiro mandamento das regras do meu grupo é dizer: “aqui só entra quem ama São Francisco”. Então, é o primeiro mandamento meu e eu não abro mão disso. Então, mal de São Francisco pra mim ninguém fala, porque é a cidade que eu amo. Mas eu sei aonde é o nosso calcanhar de Aquiles. Eu acho que muita coisa tem pra ser feita e adoro o grupo que eu tenho, adoro as pessoas do grupo e acho que tem tudo pra continuar sendo um grande grupo. No mais, só tenho à agradecer.

E1 – Agradeço imensamente a sua participação, dona Marli, ela é essencial pra essa pesquisa e eu acredito que ela vai contribuir muito também pra outras pesquisas da área do Patrimônio e pra quem se interessa por São Francisco também. Então, obrigado novamente pela sua disponibilidade de participação aqui.

R – Eu que agradeço e se vocês precisarem de mim, eu tô sempre aqui. Pode contar comigo. O grupo vai continuar forte e vamos de mão dada porque um ajudando o outro fica mais fácil essa vida.

Apêndice B - Entrevista com Valmir José Santhiago

ENTREVISTA EXTRAÍDA DO PROJETO DE PESQUISA: NOSTALGIA EM COMUNIDADES VIRTUAIS – MANIFESTAÇÕES DE SENSIBILIDADE PATRIMONIAL NOS GRUPOS JOINVILLE DE ONTEM E SÃO FRANCISCO DO SUL E SUAS HISTÓRIAS

Entrevista com Valmir José Santhiago em 15/01/2021. O encontro foi realizado através da plataforma Google Meet.

Estavam presentes:

Luiz Fernando Klug

Valmir José Santhiago

o Legenda da transcrição:

E1 - Entrevistador 1 (Luiz Fernando Klug)

R - Entrevistado (Valmir José Santhiago)

Devido aos protocolos instituídos em virtude da Covid-19 a entrevista ocorreu de forma online.

E1 – O senhor, por favor, falar o seu nome completo, idade e a cidade em que o senhor nasceu?

R – Meu nome é Valmir José Santhiago, tenho 61 anos de idade e eu nasci na cidade de Penha, Santa Catarina.

E1 – Qual é a relação do senhor com a cidade de Joinville?

R – Olha, a relação minha eu diria que é uma relação de amor, tá. Por quê? Eu, como disse, eu não nasci em Joinville, eu nasci em Penha, Santa Catarina. E, tão logo, com idade de seis meses minha mãe saiu de Penha e eu praticamente morei, me criei, em três cidades distintas. Seria, ali, na localidade de... Hoje é um bairro de Navegantes, Machados né, Joinville e a cidade de Santos, São Paulo. Logo que eu nasci, logo que a minha mãe saiu daquele local... Houve uma separação entre os meus pais e eu tinha uma tenra idade, de seis meses quando ela saiu dali. Mas essa separação durou bem pouco, né. Durou um pouco mais de um ano. Eles reataram e viveram até o fim das vidas deles, os meus pais são falecidos. Mas nesse interim, então, eu fiquei aos cuidados do meus avó. Então, por que que eu tô falando em três cidades distinta? Porque os meus avós tinham a minha mãe ali, em Machados, tinha uma outra filha aqui em Joinville e tinha uma outra filha em Santos, São Paulo. E sabe como que é

mãe. Mãe cuida de um filho aqui, aí o filho tem outro filho e ela vai lá pra lá e eu tô junto com ela, na dependência dela. Então, eu vivi ali em Machados, estudei ali. Estudei aqui em Joinville e estudei em Santos. Então, a minha vida era assim. E sempre pulando. Sempre pulando pra lá e pra cá. Só que Joinville foi algo que me marcou, marcou muito. Houve um tempo, então, que ficamos ali mais que definitivamente em Machados, Navegantes. E eu lembro que eu olhava... Eu olhava na BR-101 que, naquela época, a gente chamava de federal, né? “Ah, olha lá a federal”. E eu olhava pro lado de Joinville e ainda pensava: “eu vou morar em Joinville” “eu vou morar em Joinville”, “eu tenho que ir pra Joinville”. Tanto que, quando fiz os meus 18 anos eu vim pra Joinville. Vim pra Joinville e aqui eu comecei a trabalhar e conheci a minha esposa e aqui eu casei e tive dois filhos. Os meus filhos são nascido aqui. Hoje, eu tenho dois netos. Então, a cidade de Joinville ela... Eu sempre fui apaixonado por Joinville e, nesse interim também, eu fui conhecendo a história de Joinville. E, um belo dia, era uma tarde quente de fevereiro de 2014. Eu sentei na praça Nereu Ramos, ali, e comecei a observar aquele palacete ali, Schlemm. E olhei aquele telhado, olhei aquelas pessoas. Quer dizer, a minha mente ela voltou, deu um passinho no passado e eu pensei: “poxa, quantas pessoas passaram por aqui e visualizaram esses telhados”. Aí, eu comecei a imaginar quanta chuva, quanto sol... Esse telhado, se ele pudesse falar, ele falaria pras pessoas que passavam nessa rua. Quer dizer, aí deu na minha... Rapidamente: “por que que não colocar isso aí num grupo e começar a falar dessa cidade?”. Aí, inclusive, eu tirei a primeira foto do grupo. Foi o Palacete Schlemm. Tirei aquela foto e eu trabalhando no Mercado Público, voltei pro Mercado e, logo então criei o grupo. Naquele dia. Mas, eu pensei que o grupo ia ser assim, coisa de 500, já tava pensando alto né? 500 pessoas talvez? Pra acompanhar, porque todo mundo gosta de história, eu pensando comigo né. Corri, então, pro arquivo histórico e pra biblioteca. Eu sempre gostei de ler. Eu sempre fui assíduo da biblioteca, tenho as carteirinha tudo. E, eu digo, vou pegar subsídio, além daquilo que eu tinha conhecimento, pra colocar nesse grupo. Fui colocando, fui costurando ideias e fui colocando. Quer dizer, de repente eu fiquei, assim, abismado com o que aconteceu. De repente as pessoas estavam entrando, pedindo, solicitando e eu comecei a ficar assustado, digo: “ué? Tanta gente assim?”. E aquilo foi crescendo, sabe? Eu fiquei contente com isso aí e eu me aprimorei mais ainda, aí que eu não saía do arquivo histórico. Pegando ali embasamento de história, fotos e colocando... O que ocorreu foi, assim, bem maravilhoso. Por quê? Ao colocar aquilo ali as pessoas que iam adentrando ao grupo, eles iam dando sobre aquelas fotos que eu colocava... Iam dando, digamos, um outro lado da história. Iam falando sobre ou algo mais que eu não sabia. Quer dizer, como se fosse uma colcha de retalhos. Você coloca ali e tem vários “retalhinhos”, de repente você junta tudo e aquilo ali pra mim era maravilhoso. Eu tava aprendendo mais ainda do que eu tava lendo, do que eu tava buscando nos livros. Eu nunca esqueço que adentrou na banca ali do Mercado Público uma senhora, ela é falecida e eu acredito que você... Não tem quem não conheça, né, a dona Jutta. Ela entrou ali, era próximo do Natal. Eu fiquei tão contente, por que quem era eu? Quem era o Valmir José Santhiago? Uma pessoa que nem nato de Joinville é, né. De repente uma pessoa como a dona Jutta adentra no meu estabelecimento e vem agradecer pelo grupo que eu criei e vem me dar um cartão, vem me parabenizar. Aquilo ali pra mim foi, sabe... Eu nunca esqueço disso. A dona

Jutta fez isso, né, e outras pessoas mais fizeram isso. Trazendo álbuns ali, compartilhando comigo. Dona Mirta Trinks, porque a gente sempre fala da família Trinks, mas foi o primeiro automóvel que rodou aqui em Joinville foi da família Trinks. E eu tô ali, de repente, com a dona Mirta Trinks também me agradecendo. As pessoas vinham ver. Agora, observa como é bom esse negócio de resgatar a história, né. Porque, veja bem, o que nós somos? O que que nós somos hoje? Nós temos que analisar que houve um passado e esse passado, ali, ele interage conosco. Não importa, ele vai interagindo. Cada um de nós temos lembrança da nossa infância, do nosso viver, aonde nós morávamos. E a história se conta dessa forma, né. Houve uma outra ocasião que entrou também uma pessoa com álbum debaixo do braço e disse: “olha, eu queria deixar esse álbum aqui com você porque eu adoro o teu grupo, você tá de parabéns. Vai colocando essas fotos lá. Esse álbum vai ficar contigo, tô te doando”. Quando eu peguei aquele álbum, o álbum grande, comecei a folhear e a olhar aquilo ali eu fiquei pensando. Ela tinha contado pra mim, mais ou menos. Mas eu fiquei, assim... Cada foto linda, grande. Mas o que que é isso? Como é que eu vou falar sobre isso? E fui folheando o álbum. De repente, no meio do álbum tinha uma folha duma revista da época de 1927 e uma folha do jornal A Notícia, também, de 1926, se não me foge a memória. Ali estava, então, o que aquele álbum... Porque, veja bem, ele ficou guardado por tanto tempo, esse álbum, que não foi perdido uma folha que tava ali dentro... Que senão, não teria nem como caminhar. Como é que eu ia distinguir aquilo tudo? Mas, ali naquele pedaço daquela folha de revista, no pedaço de jornal, contava a história daquele álbum, do que que continha aquele álbum. Nós tamo falando ali da empresa Kupsch e Companhia. Aí quando eu comecei a olhar aquilo ali eu fiquei abismado, sabe? Eu coloquei a primeira foto do seu Otto Kupsch ali... Bruno Kupsch. Quando eu coloquei a primeira foto do fundador da empresa... Ele tem uma história muito bonita, porque nessa folha ali vem falando de quando ele saiu da Alemanha, com apenas uma mala e pouquíssimo dinheiro, aportou em São Francisco do Sul. De São Francisco do Sul ele foi pra Itajaí. De Itajaí ele foi pra Anzambol pra lecionar pras crianças, né? Naquela época, falava-se muito alemão. Aí, depois deu aquele problema ali da guerra e tudo mais, meio que dificultou toda aquela situação. Dali ele veio pra Joinville. A história da família Kupsch ali, da Kupsch e Companhia, é uma história que houve uma lacuna muito grande. Por isso que eu digo que o resgate da história de Joinville ou de qualquer local que seja é muito interessante, por quê? Porque se nós não resgatarmos isso aí e se nós não colocarmos pra frente, que hoje nós temos uma ferramenta muito maravilhosa que é a internet né, que você pode resguardar tudo isso. Se nós não guardarmos isso e deixarmos pras gerações futuras isso cria-se um vazio, uma lacuna, que as pessoas não vão saber. Eu digo isso por quê? Momentaneamente houve isso com essa empresa Kupsch e Companhia. Por quê? Porque quando eu coloquei a foto do Bruno Kupsch, a primeira foto, com um cachimbo assim na boca... Eu coloquei Bruno Kupsch e, digo, vou ver o que vai acontecer. Daqui a pouco começou a aparecer comentários e no inbox pessoas da família: “escuta, como é que você conseguiu essa foto?” “essa foto aí é nossos familiares, assim, assim”... Aí, eu comecei a conversar com eles inbox, com essas pessoas, e disse: “olha, porque a pessoa que me entregou ela pediu que eu reservasse o direito de não comentar sobre quem entregou e tudo mais. É uma outra história do qual isso não vem a contribuir nesse momento, mas eu tenho essa

história também. Porém, o que ela quis é que isso se difundisse". Aí, a pessoa disse: "você tem como arrumar esse álbum pra nós? Porque eu sou da família", não só uma pessoa, várias outras pessoas ligaram. Porém, eu tinha já ligado pro arquivo histórico e falado com o meu amigo lá que ele sempre tinha me ajudado a pegar os livro tudo eu digo: "olha, eu recebi um álbum e não adianta eu ficar com esse álbum, vou devolver porque a biblioteca precisa ter isso aí". Então, eu falei pra eles: "a minha palavra eu já dei pra biblioteca, então vocês fazem o seguinte: vão na biblioteca, vai ficar lá pra vocês verem lá. Olharem, sem problema algum". E as pessoas entenderam, tanto que eu me tornei amigo deles. Eu soube conversar de boa, porque isso é meio complexo, sabe? E hoje eu sou amigo deles. Tão amigo que um membro da família foi lá e ele teve o cuidado, que ele tinha o livro do centenário de Joinville e teve o cuidado com aquele livro ali e ele pegou e mandou fazer cópia total e me levou um dia: "tá aqui, ó, isso é pra você Santhiago". Eu fiquei grato pra caramba. E ele vai lá em casa: "eu tenho mais história pra contar pra você". Tô devendo essa visita pra ele e não fui. Enfim...

E1 – Seu Valmir só pra deixar registrado aqui... O senhor me ouve? O senhor pode confirmar, então, pra gente o nome do grupo que o senhor criou?

R – Sim, esse grupo chama-se aí "Joinville de ontem".

E1 – O senhor criou em que ano o grupo?

R – 2014. Foi em fevereiro de 2014.

E1 – Aproveitando o gancho aqui, né... O senhor acredita, então, que o grupo é uma maneira de preservar esse material todo que o senhor vem selecionando junto com os membros desse grupo?

R – Ele não só é essa maneira de preservar, como ele é uma maneira de tornar-se ilustre algo que por uma época se perdeu. Por que que eu digo isso? Porque quando eu recebi esse álbum eu queria mais subsídio ainda e fui na biblioteca o que que aconteceu lá? Na biblioteca não tinha nada. Só tinha duas foto pequena, quando a fábrica pegou fogo. Duas só. E ele falou pra mim: "Santhiago, só tem isso e documentos de terreno, mais nada". Eu saí meio frustrado, porque achava que... Sabe por que que eu tô falando isso? Porque nessa folha de revista, ali, tava escrito que essa fábrica Kupsch e Companhia era a maior fábrica não só de Joinville, não só de Santa Catarina, não só do Brasil. Ela era a maior fábrica da América Latina. Tu tá entendendo o que isso é? E, de repente, eu queria subsídio disso. Fui na biblioteca: "olha, fala alguma coisa de empresas aí que abriram e fecharam?", ela disse: "não, o Apolinário Ternes escreveu sobre isso aí. O senhor pega aquele livro lá". Eu me debrucei no livro e comecei a olhar, não menosprezando as empresas que estavam ali no livro que eram empresas pequenas, mas eu não menosprezo isso. Porém, não achei a Kupsch e Companhia. Eu cheguei pra moça e disse: "você tem certeza que não tem outros?". "Eu conheço o Apolinário Ternes, né. O Apolinário Ternes escreveu isso daí". Poxa, não tem nada da empresa. E saí dali cabisbaixo, sabe? Por que que essa empresa... Veja bem, e toda as empresas de Joinville criada e fechada tavam no livro. A Kupsch e Companhia não tava. Mas, a moça olhou pra mim e viu que eu

questionei ela e saí. Passou-se duas semanas e eu voltei, eu nem lembrava mais disso, eu tô lá vendo... Como eu digo, eu vou sempre pesquisar. A moça chegou, bateu nas minhas costas: “o senhor não teve aqui há umas duas semanas? O senhor queria saber de uma empresa”, “sim, fui eu”, “o senhor não quer falar com o Apolinário Ternes?”, porque o Apolinário Ternes faz parte da biblioteca, né. “Mas ele está aí?”, “ele está aí, eu posso levar o senhor”. Ela me ofereceu isso aí, foi e levou. Aí, agora escuta bem, eu chegou próximo ao Apolinário e contei com mais minúcia de detalhes tudo isso que eu tô falando pra você e ele como braço cruzado, fitou, olhou, notou tudo eu. Agora, veja só o que ele falou pra mim: “o senhor sabe por que que eu não escrevi sobre a Kupsch e Companhia? E olha que eu queria colocar no livro. De todas essas pesquisas que eu fiz, eu consegui pegar o que tem apanhado. Dessa eu não consegui. Eu não tinha o que colocar. Eu não tinha o material que o senhor tem.” Tu tá me entendendo agora? Quer dizer, deixou de ir uma empresa daquela pro livro porque... Por isso que eu digo: “a coisa tem que se disseminar a história tem que continuar, sabe?”. E aí por adiante, tem várias coisas. Então, eu me alegro por isso. Porque a contribuição... Veja bem, o grupo “Joinville de ontem”, hoje com 57 mil e 800, vai pra 58 mil... O maior grupo do Estado de Santa Catarina, em termos de história, é o meu. Após esse grupo que eu criei foi criado, você deve conhecer: o “Joinville de ontem, de hoje e de sempre”, que é do Laercio Beckhauser. Porém, é um grupo que ele agrega não só a história, mas ele pega coisa... Apanhados, até político, apanhados de outra cidade, dos Estados Unidos. Quer dizer, não é um grupo restrito história. Por isso que tenho eu que cuido do grupo e tenho mais dois moderadores que, se você tiver agora no grupo e quiser colocar: “óh, hoje eu pesquei um peixe aqui, um peixe bonito”, a tua matéria não vai entrar no grupo. Não tem nada a ver com a história de Joinville. A gente precisa saber das pessoas que aqui viveram, o que eles fizeram, né? De fotos antigas que podem elucidar alguma coisa. Esse é o caso. É isso aí que a gente tá procurando manter, a história. Enfim, a história.

E1 – Aproveitando, já que o senhor citou outros grupos né, realmente de 2014 pra cá pós a criação do seu grupo a gente vê outros grupos surgindo, tanto na cidade de Joinville quantos nas cidades ao redor, né. Grupos similares, outros diferem mais como o senhor mesmo disse. Como é que o senhor avalia esse surgimento de outros grupos?

R – Olha, eu avalio que isso é muito bem-vindo, certo. Por que que eu avalio que é bem-vindo? Porque quando eu criei esse grupo eu me baseei num grupo. O grupo que eu me baseei, não deixa de ser histórico por quê? Eu vivi aquela história. Eu falei pra você que eu tava em três cidades distinta, certo? Então, Itajaí, de repente você... Isso tá na história também. Tem um livro lá que se chama “Itajaí em chamas”, foi daquele navio petroleiro que pegou fogo. Eu, naquela época ali, tinha cinco pra seis anos de idade. Isso tá na minha cabeça. Eu vi tudo aquilo vermelho, era um final da tarde. Eu corri, meu avô correu. Minha avó saiu correndo. Pensávamos que o mundo ia acabar. Quem tem esse grupo ali, me foge a memória agora, ele é escritor... Tô quase falando o nome dele... Então, através desse... Eu tô nesse grupo “Itajaí de antigamente”. Aí, através desse grupo eu tava no grupo e tava pensando: “poxa, é tão linda a história. Tão contando a história de Itajaí”. Foi por isso também que me acendeu essa chama de criar esse grupo. Após isso aí eu começo a ver que vários

grupos... Tanto é que o Laércio Beckhauser tava no meu grupo, aquela Cláudia Ribas tava no meu grupo também e criou um outro grupo e uma outra pessoa também. Quer dizer... Até a Fátima Hofmann tá no meu grupo também e criou um outro grupo. Isso é bom, é disseminação de história. Eu não vejo problema algum. Só que o meu grupo tenta ser sempre mais... Quer dizer, a gente tem a ideia de que seja bem eclético... Quer dizer, não dá pra fugir da história e começar a misturar, sabe? Pode, não tem nada quem faça isso. Mas, a gente preza por ser simplesmente a história da cidade de Joinville mesmo, certo? Às vezes, ocorre que tem posts ali que "alenca", veja bem, "alenca" a cidade de São Francisco. Por quê? São coirmãs, ali né. E, tudo que aconteceu através de São Francisco. Porque, pra chegar aqui eles vieram de navio até um lugar um tanto e depois as barca vieram aqui e aportaram no Rio Cachoeira. Então, é bem distinto sabe?

E1 – Aproveitando, já, a fala de São Francisco... Em 2015 foi criado o grupo "São Francisco do Sul e suas histórias". O senhor conhece esse grupo e acredita que ele tenha relação com o seu? Que ele foi inspirado no seu?

R – Tanto acredito que ela é uma pessoa muito amiga [risos]. E ela tá no meu grupo ainda. É uma pessoa maravilhosa, querida, né. O pai foi um artista de primeira aqui em Joinville, família Avancini, né? Então, eu gosto muito deles e foi falado comigo que ia ser criado na época. Dei o maior apoio e tem que ser assim. É necessário que seja assim. Isso é muito bom. Eu acho que toda cidade deveria ter um grupo, assim, que contasse a história, porque as pessoas gostam disso. Tem coisas que a gente não sabe, como tipo assim... Eu, uma vez, postei uma foto. Quer dizer, eu ganhei uma foto, também de uma outra pessoa, e eu relutei em colocar essa foto no grupo. Por quê? Porque eu olhei essa foto e eu vi: Perfumaria Jasmim. E eu fiquei pensando: "Perfumaria Jasmim? Isso aqui deve ser de outra cidade. Não tem nada a ver, não sei nem o que eu vou fazer com essa foto. Essa foto eu não vou colocar". Mas, o falecido Osório Cândido, um senhor muito inteligente... Escreveu alguns livros, eu tenho livro dele que ele me deu pra mim. Um dia, eu tava lendo um livro dele. Tava lendo ali: "em Joiville, nós tínhamos duas perfumarias e aquela Perfumaria Jasmim que ficava na rua tal". Ah, acendeu a luz, eu digo: "essa é a foto". Ele falava porque ele conhecia, mas não tinha foto. A foto eu tinha. Tá me entendendo? Coloquei a foto. Veja bem, quando eu coloquei a foto... Eu não tinha colocado a foto porque... Veja a minha preocupação, eu quero colocar algo de Joinville. Vou colocar uma foto ali e o camarada diz: "ei, pera aí essa foto aqui é lá de São Paulo. Eu conheço". Então, fiquei relutando. Mas, quando eu li no livro sobre a Perfumaria Jasmim, "eu vou colocar a foto". Coloquei a foto, começou a chover comentários. Aí, que é bonito. Aí que é gostoso. Por quê? Porque essas pessoas antiga viveram isso aí. "Ah, era do lado da minha casa", "ah, eu lembro", "ah, o fulano trabalhou lá". Tá entendendo? Começa a tecer comentários, cara, e tu viaja naquilo ali. Tu começa a viver aquele momento. Isso que é o gostoso de um grupo. E assim tem acontecido com muitas foto que eu coloquei, que algumas coisas eu não sabia e de repente eu começo a descobrir e as pessoas que não sabiam, como eu, vão ficando gratas porque eles vão entendendo os comentários. Olha, isso é maravilhoso, sabe? É coisa muito boa.

E1 – Já, aproveitando também, há estrangeiros no seu grupo? Ou seja, aquelas pessoas de fora de Joinville que não moram ou talvez nem conheçam a cidade? E, se há, o que o senhor acha que leva elas a participar do seu grupo que tem, como o senhor mesmo falou, um foco na cidade de Joinville?

R – Olha, tem vários estrangeiros, sabe? Eu recebo um gráfico, ali, e nos Estados Unidos tem várias pessoas, na Itália tem várias pessoas, no Japão, Irã, tu acredita? Iraque. Agora, veja bem, é enorme a quantidade no mundo todo. Não consegui catalogar tudo, uma hora eu quero dar uma olhada. Mas, sempre tem um, dois, três. O número maior que tem aqui próximo é: o Estados Unidos, a América do Sul, aqui os países todos eles tem um, dois. Tem uma pessoa que eu converso com ele muito bem, o seu Peter Baumer, ele é do cantão de Schaffhausen com uma cidade coirmã de Joinville. Eles tiveram aqui na época do saudoso Luiz Henrique. Vieram fazer uma apresentação aqui no Centreventos, né. Tão logo ele viu esse grupo, porque eu filmei isso ali e coloquei... Porque é histórico, né? Uma parte histórica. E coloquei essa filmagem no grupo. E, o seu Peter Baumer solicitou amizade comigo no meu Face e entrou no grupo. Então, veja bem, dissemina também a história em cantão de Schaffhausen. E assim é em vários lugares, sabe? Vários lugares. Pessoas que saíram, que são aqui de Joinville, mas que tão morando fora, né. Não tão mais aqui no país. Então, elas entram em contato comigo através do Messenger e agradecem: “poxa, tanto tempo que eu não tô lá, mas eu tô grato” grato ou grata, “porque tu coloca isso aí e a gente começa a reviver”. Porque as pessoas sentem saudade, né. Tu pode tá morando fora, mas a tua pátria é aqui. Então, de repente, tu começa a ver notícias mesmo que notícias mais antigas de como que era, isso pra eles eu acho que é maravilhoso. Pra mim seria a mesma coisa, né?

E1 – O senhor comentou que pra ajudar a administrar esse grupo o senhor tem moderadores, né? Quem são esses administradores e moderadores e quais foram os critérios para eles ocuparem esse cargo?

R – Olha, critério eu diria assim é mais a força de vontade e a empatia que a pessoa tem, né? Porque quando eu criei esse grupo logo, eu acho que um ano mais ou menos, nós fizemos uma festa. Essa festa reuniu muitas pessoas. Veio pessoas dos Estados Unidos, que morava lá, né. Pessoas de outros locais do Brasil, pra estar nessa festa que nós fizemos ali na Sociedade Dona Francisca. Foi uma coisa muito bonita, muito linda né. Com música folclórica alemã e tudo mais. Foi a única festa que nós fizemos. Então, tava lá todas essas pessoas. Mas, o Lauro Soares e a Eliane Schünemann eles tão sempre interagindo, né. Porque tem muitas pessoas que gosta, mas tá lá com o seu tempo ocupado não tem muito tempo pra, digamos, tá dispondo. Mas, o Lauro e a Eliane eu via neles essa vontade. Então, quando tinha algo errado... Porque eu deixei o grupo, assim ó... Por um bom tempo eu deixei o grupo bem aberto. Quer dizer, aí eu comecei a ter problemas, por quê? Digamos, você tava lá no grupo aí daqui a pouco você colocava lá uma coisa que não tem nada a ver. Eu acreditava, muito, eu acredito nas pessoas. Só que tem momento que tem que moderar mesmo, certo? Porque o grupo não é pequeno, é grande. Aí começou. As pessoas colocavam coisas que não tinha nada a ver e eu, com muita educação, ia lá e falava: “por favor, se restrinja mais a coisa de Joinville, assim”. Eu ia inbox conversar, né? “Não

coloque isso", aí as pessoas colocavam coisa que não tinha nada a ver, sabe? Aí eu comecei a ficar chateado com isso e o Lauro e a Eliane sempre me ajudando: "óh, Santhiago, tu coloca isso aí pra passar por aprovação, porque tu vai se incomodar. Tu tá se incomodando." E acabei mudando. Então, peguei as configurações do grupo e mudei. Agora, se você no caso, tiver no grupo e quiser mandar algo mesmo que seja uma foto com os créditos... Porque a gente bate muito nisso, a gente quer os créditos, pra ser aquilo que eu digo, o grupo mais certinho que dá pra ser. Porque, então, as pessoas pegam a foto lá não sei da onde e joga. De repente, a foto é duma fulana de tal, dum fulano de tal e eles dizem: "ah, por que que o cara botou a minha foto aí? Essa foto é minha" e tal e coisa. Então, eu digo: "olha, coloca o crédito. Se você colocar uma foto hoje no grupo e é do arquivo histórico, coloca ali "foto do arquivo histórico". Se é duma revista, coloca o link ali. Se é da internet, algum lugar. Mas se é seu, coloca acervo pessoal. É só isso que eu peço, pra ficar uma coisa bem redondinhas. E eles falaram: "Santhiago, vamos fazer assim. Muda, porque as pessoas tão meio que bagunçando". E eu mudei as regras ali né. E, as pessoas que queriam de fato que as coisas funcionassem, agradeceram muito. Tenho hoje, ultimamente eu quase não tenho colocado muita coisa no grupo. Até falei essa semana ainda com o... Eu tenho no Whats, até, um grupo: eu, a Eliane e o Lauro. Eu falei: "olha, vocês tão de parabéns. Eu tenho muito a agradecer vocês, porque eu tô meio que arredio do grupo. Muitas coisas que eu tô fazendo agora e eu não tenho tido o tempo necessário. Quero agradecer à vocês, porque vocês tão lá monitorando, tão cuidando, tão colocando algumas coisas". E tem me ajudado muito, sabe? Aquilo que eu posso fazer, eu faço. Agora, eu até falei pra eles, a partir do mês que vem eu quero... Eu tenho várias fotos aqui, muito artigo ainda pra colocar. Eu quero colocar. Essa semana chegou uma pessoa ali na banca onde eu trabalho e disse: "olha, eu gosto muito quando você coloca as fotos e quando você coloca os comentários"... Só estou falando porque ela mesma disse: "e eu gosto muito do teu jeito e da tua educação de conduzir. Que eu não tenho muita paciência, mas você? Olha, você tem paciência". Eu digo: "olha, pra lidar com grupo assim nós temos que dispor de paciência, porque não tem como". Porque a família é grande, né? Toda hora tá pipocando. Se você coloca algo ali, de repente, ele já vai pra view de 8, 10, 12 mil visualizações, né. E curtida então, as pessoas vão curtindo ali. Vão curtindo, vão colocando. Por isso que eu digo, é o grupo mais ascendente no momento em Santa Catarina é esse "Joinville de ontem".

E1 – O senhor acha que o seu grupo pode ser considerado uma comunidade? No caso positivo, né, por quê?

R – Olha, já acredito que é uma comunidade porque se tu acredita, nesse grupo até pessoas já se casaram. Conheceram-se no grupo, eu tenho notícia disso né. Outros, viram parentes que... Aquilo que eu digo, tinham parentes morando longe, né, e viram parentes que não tinham visto há muito tempo. Amigos que nem sabiam que existia, porque tu convive com um amigo teu na infância e de repente um vai pra um lado e o outro vai pro outro, passa o tempo e tu não vê. Então, é uma comunidade. Porque, de repente tu acaba se vendo ali, se conhecendo e acaba encontrando alguém que você fazia tempo que não. Por isso que esse grupo, tanto o meu quanto os demais grupos né, eu acredito que ele tem isso como uma comunidade.

E1 – Já aproveitando que o senhor falou né, de um casamento, o senhor então acredita e percebe que há interação entre os membros do seu grupo e que ela excede o virtual? Então ela vai pro físico também? De que forma o senhor percebe isso?

R – Olha, eu percebo isso conversando com as pessoas. Acabei de falar pra você que, não só essa pessoa que foi essa semana ali, de vez em quando eu tô recebendo pessoas me parabenizando pelo grupo. Eu tenho o meu Face particular e quando eu dou um boa noite ali as pessoas tão acostumada que fale assim ó: “boa noite a todos do grupo” [risos]. Quer dizer, é o meu Face né, mas elas sabem que as pessoas que tão dando boa noite ali pra mim também são lá do grupo. Então, elas se conhecem. Quando eu coloco algo no grupo, eles sabem que eu tô no grupo e quando eu coloco algo no meu Face, aí de repente eles acabam esquecendo, parece que eu tô no grupo: “boa noite à todos do grupo também e boa noite à você Santhiago”. Entende? Então, quer dizer isso aí tem... Me deixa contente, porque as pessoas... Elas tão, como se diz, se conhecendo e conversando uma com outra né. Eu acredito, que mesmo fora do meu grupo, elas entre si sim. Sim, eu sei, porque as vezes quando vem algum pra mim inbox e fala: “olha, eu tava falando com a pessoa assim lá que também tá no grupo”. Quer dizer, o conhecimento é geral ali, sabe?

E1 – E o senhor acha que as discussões geradas no grupo, elas têm influência na vida social, cultural e política na cidade de Joinville?

R – Olha, de certo ponto eu até acredito sim. Porque, já falaram pra mim que olha... Inclusive pediram, né. Foi feito um pedido na Câmara de Vereadores pra fazer uma menção à respeito do grupo e da minha pessoa, isso no ano passado. Não sei no que deu ali. E as pessoas têm consigo esse grupo aqui em alto grau, sabe? Eu não digo isso porque eu criei, mas a gente vê que as pessoas se pegaram bem ao grupo. Pegaram bem ao grupo e isso tá mudando a vida das pessoas, nesse conceito de história. Porque, até então as pessoas queriam saber alguma coisa antigamente antes da internet tinha que ir pra biblioteca, né? Ou pegar uns livros aí, se debruçar nuns livros pra entender da história. Depois com a internet ficou mais fácil. Mas, a internet ainda não tem... A internet é muito bom, obviamente, mas o sabor tá em tu descobrir aquilo que a internet não te dá. De repente tem coisas que a internet não tem, o grupo tem. A convivência das pessoas, essas pessoas que não escreveram o livro, mas ela tem essa convivência. Então, ela acaba mostrando no grupo e deixando que as demais pessoas fiquem sabendo sobre isso.

E1 – Como é que o senhor percebe essa Joinville de ontem? Quando a gente fala desse ontem, a que tempo que o senhor retoma, né? O que seria a Joinville de hoje?

R – Bom, quando eu coloquei o nome “Joinville de ontem” eu sempre pensei “o ontem é uma palavra que foi passado”, né? Mas, o passado, ele tá na nossa vida. Tanto o ontem, como o anteontem e 10 anos atras e 20 anos atrás. Tudo aquilo que passamos tá no... Hoje tamo vivendo esse dia, a partir da meia noite já é o ontem esse dia. Então, alguma história ficou pra nós contarmos. Alguma coisa nós vivenciamos. E os que não sabem disso, resta agora nós contarmos. Quer dizer por isso que o próprio grupo, o meu eu acho que é o único grupo, que ele faz uma homenagem às pessoas que falecem. Eu não sei se você já observou no grupo ali. Cada pessoa, ou seja o pai de

um membro, a mãe, um filho ou até a própria pessoa que falece, o grupo costuma fazer essa homenagem. Por quê? Houve uma vez uma... Alguém que chegou inbox: “mas por que que um grupo de história colocou lá que a pessoa faleceu?”. A gente tem que entender, meu ponto de vista esse, que essa pessoa viveu aqui. Essa pessoa cruzou essas ruas. Essa pessoa fez história de alguma forma e não tem como nós deixarmos isso aí passar em branco, sem fazer uma homenagem à essa pessoa. Essa pessoa é lembrada de alguma forma por alguém, senão por mim, por uma outra pessoa. Então, nada mais justo é nós fazermos ou o grupo fazer essa homenagem. Então, veja que o grupo tem esse princípio também. Essas pessoas fizeram história. Ontem, morreu o irmão do nosso ex-prefeito aí, né. Então, um Döhler. Então, veja bem, esse homem fez história também. Porque essa Joinville foi construída com muito suor, com muito trabalho e cada um tem a sua contribuição e o grupo não pode esquecer disso aí.

E1 – Eu imagino que o senhor tenha ouvido falar, já, sobre o termo Patrimônio Cultural, certo?

R – Sim.

E1 – O que senhor sabe sobre o termo Patrimônio? O senhor enxerga alguma importância do Patrimônio para a cidade e pra população dessa cidade?

R – Sim, sim. Enxergo muito. De fato, às vezes, o poder público ele por alguma razão ele chega a pecar em alguns assuntos, porque nós poderíamos preservar muito mais do que é preservado. Aquilo que eu digo: “a história faz parte da vida de cada um de nós”. Isso é um legado que nós temos que deixar, porque daqui há pouco não vamos mais estar aqui. Mas, vai estar os nossos filhos, os filhos de nossos filhos e assim por diante. Às vezes, eu passava por essa Rua do Príncipe ali diante dessas casas já tão antigas e eu pensava: “isso aqui tem que ser mudado. Isso aqui tem que ser bem restaurado, da forma com o mesmo conceito que era”. Aquelas propagandas, digamos assim, muito chamativa, esses outdoor tampando a fachada desses prédios... Quer dizer, ele rouba aquela cena épica, aquilo que é bonito de uma cidade. Imagina... E parece-me que aos poucos tão mudando. Por quê? O Palacete Schlemm foi uma coisa muito bonita, até trouxe a foto lá onde eles tiraram... As letras tavam lá ainda: “Palacete Schlemm”, tava lá só que tavam cobertas. Quantos anos aquilo ali ficou coberto? Quer dizer, é um patrimônio histórico aquilo ali, né? Aquilo ali quanto o prédio ali em frente que é da Ipreville ali né. Quanto tempo tá aquilo ali? E quantos outros casarões que nós temos ali na orla do centro ali. Então, eu acho que esse patrimônio tem que ser bem revisto, tem que ser preservado. Tombado, alguns, obviamente são. Mas, são tombado e quase na palavra “tombado” mesmo, porque tão... Até o poder público acontece isso. Nós temos ali na Treze de Maio aquele prédio, que já foi um hotel no passado. Quer dizer? Eu me preocupo com isso. Eu acho que, eu não sei como eu faria, mas se eu fosse um governante dessa cidade de Joinville o amor e o apreço que eu tenho por ela, eu ia restaurar, ia pedir fundo pra preservar isso aqui, sabe? A memória cultural da nossa cidade. Esses prédios que nós temos ainda. Nada contra do que tá vindo por aí, a tecnologia, das mudanças, do que é novo. Todo mundo gosta disso. Mas aquilo que eu digo: “se eu tô hoje no presente e se eu vou pro futuro,

eu nunca vou esquecer do meu passado". Isso tem que tá latente, isso tem que tá lá. Isso aí pra mim é as coordenadas. Eu penso dessa forma. Então, o patrimônio histórico é isso. É a história, é nós "tar" fazendo esses grupos que ressurgem, que trazem à tona tudo isso aí, é esses prédio que devem ser já tombado como estão, mas devem ser bem alinhado, bem bonito pra receber turista e tudo mais. Isso é viver de história, pra mim é maravilhoso.

E1 – E na sua opinião, então, qual é a relação entre o seu grupo, o grupo que o senhor criou, com esses patrimônios da cidade de Joinville?

R – Olha, a relação parece apontar pra uma luz, né? Quer dizer, ele tem afinidades. Ele não tá ali, digamos... Ele não tem o poder de mudar, mas tem o poder de persuadir as pessoas, no bom sentido. De alertar que a gente precisa mudar. Que Joinville, como qualquer outra cidade, ela precisa ter espaço e vontade pública pra que a História continue. Aquilo que eu digo: "a história, ela, tem que continuar porque as pessoas lá na frente tem que ter uma identidade e essa identidade não pode ser perdida".

E1 – E o que o senhor entende quando ouve falar em memória da cidade?

R – Olha, memória da cidade? Memória da cidade é tudo isso que a gente pode vê, sentir, através de leitura, através de conversas. Isso é, como se diz assim, um conglomerado, porque é apanhados né. Você vai começar a pegar pedaços aqui, pedaços lá, pedaços cá, tudo condizentes com a história e você vai formar aquilo que eu disse no início, né? É uma colcha, você tá costurando. Isso aí, vai chegar um ponto que vai ter. É como o arqueólogo. O arqueólogo, ele quer montar. Ele tá procurando algo e de repente ele encontra uma peça, mas a ambição dele e a vontade dele é conseguir uma outra peça pra encaixar ali. Ele precisa montar aquilo ali. A questão de montagem dessa aí... Então, eu acho que nesse limbo aí tá os grupos, tá as pessoas que querem motivar o patrimônio e levar pra frente e deixar bem coeso. Esse é o meu pensamento. O meu raciocínio é esse.

E1 – E o que é Joinville na sua visão e na visão do seu grupo?

R – Olha, na minha visão... Eu não posso falar por todo o grupo, mas na minha visão Joinville é uma cidade maravilhosa, porque poucas cidades têm essa coisa, esse glamour de ser chamada a cidade dos príncipes. Apesar de eles não terem estado aqui, mas veja bem nós temos todo o enredo histórico, né. E isso é que conta. Então, qual é a cidade que ela consegue, é como se um conto de fadas né, manifestar tudo isso? E, pelo conseguinte desses povo bravo nórdico que vieram com aquela vontade de mudança, de fazer isso aqui crescer. Obviamente, junto com os luso que já estavam aqui. Então, isso pra mim é um complexo de grandeza de uma cidade, de uma Joinville.

E1 – E o senhor consegue imaginar como vai ser essa cidade no futuro? Será que ela vai mudar muito daqui a 10, 20, 25 anos?

R – Bom, mudar vai como tudo vai mudar. Não se tem certeza de que forma vai mudar e que velocidade e qual o impacto que vai ter entre nós. Mas vai mudar. Agora, por

isso que essa é a preocupação da minha pessoa, e acredito que de muitos, que ela possa mudar, mas sem perder aquelas raízes históricas, esse glamour que sempre Joinville teve. Hoje, um pouco diferente. Por isso que você tocou nessa mudança, né? Nós vamos entender que se nós voltarmos pros anos 70 Joinville era bem glamourosa, era outra coisa. Agora, diante dessa mudança desse tempo, ela começou a mudar um pouco. Obviamente, vieram muitas pessoas que não eram aqui de Joinville e eu sou um, né. Eu não sou nato aqui. De repente ela parece que quer perder a identidade dela. Só que não dá pra pensarmos que isso aí ou ficarmos com medo disso, porque o que que nós podemos fazer? O que que o joinvilense, de fato, podem fazer? O que os governantes podem fazer é deixar isso aí bem claro, a história bem clara, ela bem disseminada. Eu penso assim: é como se fosse um norte-americano com aquela vontade toda e aquela garra que ele tem de empunhar uma bandeira da casa dele, isso é patriotismo, certo. Então, nesse sistema eu acho que o joinvilense, aquelas famílias que eu posso dizer da gema mesmo, elas empunham essa bandeira de vontade, de enaltecer essa cidade. Porque, problemas toda cidade vai ter. Mas, veja bem, não vamos pensar nos problemas. Nós vamos ter que pensar como vamos solucionar esses problemas e como vamos deixar isso aí pra posterioridade. É história intrínseca nisso aí. Nesse momento nós precisamos pensar na história de Joinville, no patrimônio histórico que nós vamos deixar, porque essa é, ao meu ver, a identidade de uma cidade. Como é que você vai numa cidade, você precisa saber o que que essa cidade faz? O que que houve nessa cidade? Quem fundou essa cidade? Porque, toda cidade tem alguém que fundou ela. Como é que foi isso? A história vai contar. Será se nós tamos conversando na sala de aula isso aí, junto aos alunos? Será se eles têm a noção perfeita da história de Joinville? Tudo isso.

E1 – Na sua visão, enquanto representante do grupo, existe alguma cidade que pode ser considerada ideal? E o que ela precisaria pra ser ideal?

R – Olha, não sei te responder bem isso aí de ideal, porque tem que partir de nós né? Claro, tem cidade que de repente ela é mais fácil de lidar com relação a isso. Talvez, por ser menor, né? Nós temos aqui em Santa Catarina cidade menor que ela tem mais raiz, não vou nominar aqui. Mas, isso não quer dizer que eles não mudem também. É aquilo que você falou anteriormente, o progresso vai mudando, as pessoas vão vindo e por isso que é complexo, não podemos deixar de lado a história e convergir isso pras nossas crianças e deixar isso aí bem vívido na parte estrutural da cidade, com relação à tudo o que é tombado, tudo direitinho, tudo bonitinho. É isso aí que importa. Isso vai ter que tá sempre presente, porque não dá pra falar como nós vamos fazer isso aí, de que forma vai ser uma cidade modelo. Agora no momento, não tenho nenhuma na cabeça. Tem umas que se sobressaem, né? Por ser aquilo que eu digo, menor. A cidade de Joinville é a maior cidade do Estado, né. Então, aí já é complexo por ser a maior cidade do Estado de Santa Catarina, de repente talvez há um relaxamento na condução de patrimônio histórico, de história de Joinville. O que é uma pena, né? E outras cidades menores, talvez por ser menor, tá conduzindo melhor isso.

E1 – Já finalizando, então, a nossa entrevista gostaria de perguntar pro senhor como o senhor definiria o seu grupo?

R – Olha, eu defino muito bem, sabe? Aquilo que eu falei no início da nossa conversa, pra mim isso foi “estrondoroso” na época, porque eu pensava que ia ter... Eu contava com umas 500 pessoas ali, já tava satisfeito. Por que, né? Quando eu vi que, de repente, tava em 1000, de repente tava em 2000 e aí 3000 e 5000. Aquilo começou a me assustar. E, de repente, eu passei pros outros grupos maior. Porque aquilo que eu falei, eu tava... Eu me espelhei no grupo “Itajaí de antigamente”, aí de repente... Aí também tinha o “Blumenau de antigamente”, que ele tava muito lá em cima. Mas, eu achava que eu ficava com umas 500 pessoas, de repente eu ultrapassei todos esses demais grupos. Então, eu vejo que Joinville gosta de história. O povo ama Joinville, só precisamos despertar esse interesse, né? Eu acho que o grupo ele veio despertar. Eu tenho certeza que veio despertar, porque pessoas que não tão em meio nosso hoje, já partiram, elas confidenciaram isso comigo. Que era necessário que tivesse um grupo assim, que resgatasse a memória de Joinville. E eu digo, eu tive esse privilégio ainda, porque consegui adquirir dessas pessoas um pouco de sabedoria que elas passaram pra mim. E, através disso, o grupo também recebeu. Porque muitas coisas se perderam, aliás iam se perder. Como se perderam no passado, iam se perder sem as pessoas. De repente, eu tava falando com uma pessoa que tava desfilando num carro alegórico quando no centenário de Joinville. E tava lá a filmagem dela. Mirta Trinks, aos 13 anos de idade. E hoje ela tava conversando comigo. Estava, no passado, quando eu abri o grupo. Então, veja bem, isso não é maravilhoso? É todo o resgate disso e outras coisas mais. Então, eu acho que resumindo, o grupo “Joinville de ontem”, ele veio pra agregar. Agregar e eu soube disso por pessoas catedráticas que muitas das coisas aqui no “Joinville de ontem” tá servindo de exemplo, tanto pra professores quanto pra alunos na faculdade. Eles tão se dispondo a buscar esse material no grupo. É maravilhoso isso, sabe? Porque, por exemplo eles não encontram numa biblioteca, mas eles encontram nessas mensagem, nessas fotos e no tecer das conversas das pessoas eles pegam todo esse apanhado. Então, isso pra mim é resgatar a memória.

E1 – O senhor gostaria de falar mais alguma coisa? Deixar alguma mensagem?

R – Não, eu só... O que eu queria deixar claro é que aquilo que eu disse no começo. Eu não sou joinvilense, né, mas Joinville me adotou. Eu já falei na rádio isso aí. Fui entrevistado uma vez na faculdade, no Bom Jesus. Também na rádio aqui de Joinville. E as pessoas quando perguntam, eu digo: “olha, eu não nasci em Joinville, mas Joinville me adotou”. Eu tenho amor, isso não é demagogia. As pessoas que me conhecem desde cedo sabem que eu tenho tudo isso na memória, sabe? Eu me lembro, aquilo que eu falei pra você, que eu vivia em três cidades distintas. Houve uma época que eu saia com o meu falecido vô e eu era tão pequeno que eu dava o dedo pra ele segurar, ele segurava o meu dedo e eu cruzava essa cidade de Joinville com ele, porque ele vendia aquelas... Não sei se você vai lembrar disso, é tão antigo... Aquelas famosas camisas volta ao mundo. Então, ele vendia isso e eu tava junto com ele. Então, eu tava cruzando a cidade. A antiga Estrada do Braço, aqui a Estrada Santa Catarina, por aí tudo naquela época. Então... E eu, quando pequeno, também vendi picolé na cidade aqui de Joinville, nessas ruas de Joinville. Então, quando não era aberta, obviamente, ali a ligação da Juscelino Kubitschek, né? Tinha uma casa do médico bem ali onde passa a rua. Isso tudo tá na minha memória. Então, eu sempre

gostei de história. Talvez eu deveria ter estudado história [risos]. Porque eu gosto disso aí, sabe? Mas como eu não estudei história eu tô querendo aprender de história e ir passando isso aí, a história da nossa cidade, pra essas pessoas todas. E o nosso grupo aí hoje com 57 mil e 800 membros, eles agradecem por isso.

E1 – Eu agradeço imensamente a sua participação, seu Valmir. A sua contribuição vai ser de extrema relevância pra minha pesquisa e pra todo mundo também. Os pesquisadores que viram depois aí, que também queiram estudar o seu grupo e a área patrimonial de Joinville. Novamente, eu lhe agradeço pela disponibilidade e pelo interesse.

R – Não há de quer, meu amigo. Sempre que precisar a gente tá aí. Quando se falar de história e pra aglomerar um pouco isso, esses assuntos... Juntar eles, pra mim isso é fato bem relevante.

Apêndice C – Ficha de Identificação de grupos

Fichas de identificação de grupos

Nome da comunidade: Joinville de Ontem
Administradores: Valmir José Santhiago; Valmir José Santhiago Junior; Morghana Santhiago Weber; Laurici Santhiago.
Data de Criação: 18 de fevereiro de 2014.
Membros: Aproximadamente 44 mil.
Data de referência das informações coletadas: Maio de 2019.

Descrição fornecida pelos administradores:
“Prezados Amigos do Grupo Joinville De Ontem, este Grupo o qual criei em 18 de fevereiro de 2014 , tem como objetivo ressaltar a memoria tudo aquilo que diz respeito ao tempo que marcaram o povo desta terra ,terra dos Principes, desta forma peço que não postem propagandas ,ideologias políticas partidárias ,e filosofias religiosas próprias ,bem como o cuidado com comentários que possam ferir a honra de outros membros ou familiares do mesmo,creio ser este também o desejo da maiorias dos membros , apreciem as fotos aqui postadas e seus comentários enriquecedores ,muito obrigado.”. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/1409744949277019/about/. Acesso em: 06/05/2019.

Regras e avisos:

“Prezados Amigos faz-se necessário os devidos créditos em cada foto postada,conto com vossa compreensão .

PROIBIDO PROPAGANDAS -PROIBIDO POLITICAS - PROIBIDO COMENTÁRIOS COM INTUITO DE DENEGRIR.

Prezados Srs integrantes do Grupo "Joinville de Ontem"... Tendo em vista que este grupo tem como objetivo ressaltar a memória tudo aquilo que diz respeito ao tempo que marcaram o povo desta terra, sendo assim um grupo aberto, passa-se a adotar as seguintes regras:

1) Os novos usuários do FACEBOOK que integrarem o Grupo Joinville de Ontem, CEDEM E TRANSFEREM GRATUITAMENTE os Direitos Autorais referente às fotografias que publicarem neste grupo, nos termos do artigo 29 da Lei nr 9.610/98, autorizando o administrador do Grupo Joinville de Ontem a transmitir o referido direito à terceiros, a fim de divulgar os objetivos deste grupo.

2) Os atuais integrantes deste grupo ADEREM INTEGRALMENTE ao contido no ítem 01, acima descrito;

3) Àqueles integrantes que desejarem PUBLICAR suas fotos mas que não desejam que o Grupo Joinville de Ontem transfira os direitos autorais à terceiros, devem, ao publicar uma fotografia, fazer constar a seguinte frase: "Fotografia cedida

exclusivamente ao Grupo Joinville de Ontem, proibida a cessão à terceiros sem prévia autorização"

4) Aqueles integrantes que já publicaram fotografias ADEREM igualmente ao contido nos ítens anteriores e, caso não permitam que o Grupo de Joinville transfira às imagens à terceiros, deve fazer constar no comentário da respectiva imagem a frase: "Fotografia cedida exclusivamente ao Grupo Joinville de Ontem, proibida a cessão à terceiros sem prévia autorização";

5) O fato de algum integrante publicar uma fotografia no Grupo Joinville de Ontem não importa em responsabilidade de guarda das imagens publicadas, não sendo responsável por eventual uso das imagens por terceiros;

6) Aos novos integrantes a regra passa a valer a partir do dia 06/06/2014, inclusive e, aos ja integrantes, tem o prazo de 5 dias para se adaptarem às regras acima estabelecidas, sendo que o silêncio será interpretado como anuência às regras acima elevadas.

outrossim propagandas são proibidas.”

Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/1409744949277019/announcements/>. Acesso em: 06/05/2019.

Nome da comunidade: São Francisco do Sul e suas histórias
Administradora: Marli Silva Avancini.
Moderadores (convidados pela administradora): Esdras Felicio; Rafael José Nogueira; Ari Santos; Feranndo Hinsching.
Data de criação: 24/02/2015.
Membros: Aproximadamente 10 mil.
Data de referência das informações coletadas: Maio de 2019.

Descrição fornecida pela administradora:
“Dedico esta Comunidade de História ao meu amigo e historiador AURÉLIO ALVES LEDOUX, (in memoriam) que tanto sonhou em escrever sobre a Vila da Gloria, que morou lá até nos deixar. Toda a família Ledoux foi sempre envolvida com os projetos culturais da vila.
Este Grupo tem a intenção de divulgar
através de textos, fotos(com direitos autorais) e comentários, tudo ao que se refere à São Francisco do Sul-SC e suas histórias, portanto peço a colaboração dos Amigos para não postarem outros assuntos. Ao contrário do que pensa muita gente, a internet não é mundo livre de regras jurídicas, onde as pessoas possam fazer o que desejem, sem enfrentar as consequências de seus atos.
Por favor se não encontrarem o autor da foto colem ou citem o link das fotos!
Todos os assuntos aqui postados são de total responsabilidade do postador, e também poderão ser compartilhados por todos, com direitos autorais prévios.

Em princípio, qualquer ato ilegal praticado por alguém na internet pode gerar consequências jurídicas. É o que se chama de responsabilidade, ou seja, as pessoas podem ser responsabilizadas por seus atos na chamada rede mundial de computadores. De forma geral, a responsabilidade por atos na internet é idêntica àquela causada por atos no mundo físico, isto é, no mundo não virtual.

Não há norma jurídica que dê isenção às pessoas para praticar atos ilegais na internet. Agradeço, Marli."
Disponível em: https://www.facebook.com/groups/saofranciscohistoria/about/. Acesso em: 06/05/2019.

Regras e avisos:
"Regras do Grupo e lembre-se que Regras são regras!
Esse Grupo ama São Chico e a intenção é falar de suas histórias e belezas!
O primeiro motivo para ser excluído desse grupo é quando um interlocutor não respeita o outro.
Propagandas e políticas não são aceitas no Grupo, serão excluídas sem aviso juntamente com quem postou.
Não aceitamos perfil comercial, pois normalmente querem divulgar produtos.
Este Grupo tem a intenção de divulgar através de textos, fotos(com direitos autorais) e comentários, tudo ao que se refere à São Francisco do Sul-SC e suas histórias, portanto peço a colaboração dos Amigos para não postarem outros assuntos. Na falta de fotos antigas, postamos fotos novas de paisagens lindas de São Chico, fotos pessoais recentes só se for uma homenagem. Evitem emojs (figurinhas), aqui é um grupo de histórias, vamos trocar ideias. Por favor não esqueçam de citar o autor das fotos e se não encontrarem o autor da foto colem ou citem o link das fotos! Lembre-se não há necessidade de descarregar álbuns inteiros de fotos no grupo, a nossa intenção não é quantidade e sim qualidade.
Por ser um Grupo de Histórias é bom consultar boas fontes e citar também a fonte é muito importante.
Todos os assuntos aqui postados são de total responsabilidade do postador, e também poderão ser compartilhados por todos, com direitos autorais prévios.
Em princípio, qualquer ato ilegal praticado por alguém na internet pode gerar consequências jurídicas.
Não há norma jurídica que dê isenção às pessoas para praticar atos ilegais na internet. Agradeço, Marli."
Disponível em: https://www.facebook.com/groups/saofranciscohistoria/announcements/. Acesso em: 06/05/2019.

Apêndice D – Modelo de Ficha de Análise de Publicações

Ficha de Análise de Publicação

Data da Publicação: 27/05/2019;
Data da captura: 28/05/2019.
Link da publicação: https://www.facebook.com/groups/1409744949277019/permalink/2241169116134594/
Acesso em (data de referência das informações): 28/05/19;
Descrição da publicação: Fotos de brindes (abridores de garrafas) oferecidos pelas Metalúrgicas Tupy e Wetzel a seus funcionários.
Autor da publicação: Oscar (sobrenome ocultado para preservar a identidade do autor)
Análise breve da publicação: O autor faz um processo provocativo de volta ao passado (rememoração), perguntando aos membros quem se lembraria dos objetos. O simples objeto material parece se ligar a memória afetiva dos membros.
Número de comentários: 201
Análise breve dos comentários: Os comentários estão ligados ao pertencimento do objeto. Os pais ou avós ainda os tem e os usam. Outros não sabem identificar o objeto (não há descrição na publicação) e perguntam aos demais sua serventia. As lembranças afetivas estão ligadas ao trabalho, mas não são expostas de forma clara.

Palavras-chave: souvenir; indústria; trabalho;

Captura de tela da publicação:

ANEXOS

Anexo A – Carta de Anuência de Marli Silva Avancini

univille

Universidade da Região de Joinville – Univille
Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade
Acadêmico Pesquisador: Luiz Fernando Klug

Carta de Anuência

Eu, Janli Silva Avanzini, fundadora do grupo do *Facebook* intitulado "São Francisco do Sul e suas histórias", inscrita no RG/CPF 508.192.839-91, autorizo o pesquisador Luiz Fernando Klug, inscrito sob o CPF 099.431.659-36, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE, a ter acesso e utilizar todas as publicações contidas no interior do grupo como objeto de sua pesquisa de mestrado, intitulada "Comunidades nostálgicas no mundo virtual: sentimentos patrimoniais compartilhados nos grupos do facebook Joinville de ontem e São Francisco do Sul e suas histórias". Autorizo a utilização das informações das publicações e de seus autores e participantes do grupo, desde que sejam maiores de 18 anos. Estou ciente que a coleta de dados referentes ao grupo tem finalidade exclusivamente científica e que, a dissertação que será fruto dessa pesquisa será disponibilizada ao público através da biblioteca da UNIVILLE e do Banco de dissertações dessa mesma universidade. O pesquisador se compromete a apresentar os resultados da pesquisa ao grupo estudado.

(Assinatura)

Joinville, 05 de maio de 2020.

(Local) (Data)

Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Marli Silva Avancini

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O senhor (a) está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada "Nostalgias em Comunidades Virtuais: Manifestações de Sensibilidade Patrimonial nos Grupos do Facebook *Joinville de Ontem* e *São Francisco do Sul e suas Histórias*", coordenada por Luiz Fernando Klug e vinculado ao Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille. O objetivo deste estudo é compreender de que forma o apelo nostálgico das comunidades virtuais atua, interfere, ressignifica e inventa os patrimônios culturais de uma cidade. Como participante desta pesquisa, o senhor(a) participará de uma entrevista oral semiestruturada, com gravação de voz, que será posteriormente doada ao Laboratório de História Oral da Univille. Esta pesquisa tem como benefícios um maior entendimento, por parte dos especialistas do campo do patrimônio, sobre a relação que os grupos locais estabelecem com os bens culturais de suas cidades. Para os membros dos grupos analisados, os benefícios são a maior compreensão sobre os processos de patrimonialização, bem como maior entendimento de como as respectivas comunidades agem e podem agir em relação à preservação de bens culturais. Sua entrevista será muito importante para compor esse estudo que será parte de uma Dissertação de Mestrado. Os materiais gerados no ato de entrevista ficarão sob guarda do pesquisador durante cinco anos, podendo ser descartado posteriormente. Sua participação é voluntária e o senhor (a) terá a liberdade de se recusar a responder quaisquer perguntas que lhe ocasionem constrangimento de alguma natureza. O senhor (a) também poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que a recusa ou a desistência lhe acarrete qualquer prejuízo, bem como, terá livre acesso aos resultados do estudo e garantido esclarecimento antes, durante e após a pesquisa. É importante saber que não há despesas pessoais para o senhor (a) em qualquer fase do estudo. Qualquer informação que o senhor (a) considerar sigilosa ou passiva de restrições para publicações deverá ser informada ao pesquisador que subtrairá o material da pesquisa, antes da publicação. Esses trechos censurados por você serão eliminados e não ficarão registrados em nenhum meio. Destacamos que a sua participação nesta pesquisa é opcional e representa riscos ou desconfortos mínimos. No caso de haver qualquer experiência que o senhor (a) julgar risco ou desconforto, por menor que seja, poderá solicitar a retirada parcial ou completa da sua entrevista sem que isso gere qualquer prejuízo para o senhor (a), bem como não haverá também indenizações de qualquer natureza. Em caso de recusa ou de desistência em qualquer fase da pesquisa, o senhor (a) não será penalizado (a) de forma alguma. A sua participação constituirá de suma importância para o cumprimento do objetivo da pesquisa e os benefícios serão de âmbito cultural, acadêmico e profissional para os campos do Patrimônio Cultural e das Ciências Sociais. O senhor (a) terá garantia de acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas por meio de telefone e e-mails informados neste documento. O pesquisador responsável por esta investigação é Luiz Fernando Klug, morador da cidade de São Francisco do Sul, bairro Praia do Ervino, situado na rua Nª Senhora das Graças, s/nº, tendo como email: luizfernandoklug@gmail.com, e podendo ser contato no seguinte telefone: 47 99155-9587. Se preferir, o senhor (a) também pode entrar em contato com o Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da UNIVILLE, pelo telefone (47) 3461-9223, pelo e-mail mpcs@univille.br ou no seguinte endereço: Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Rua Paulo Malschitzki, 10 - Zona Industrial, Campus Universitário - Joinville/SC, CEP 89219-710, Bloco A, sala 221. É garantido o sigilo e assegurada a privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. Os resultados deste estudo poderão ser apresentados por escrito ou oralmente em congressos e revistas científicas, sem que os nomes dos participantes sejam divulgados. As entrevistas serão gravadas em áudio e posteriormente serão transcritas observando as orientações técnicas do método da História Oral. A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Se o senhor (a) tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Univille, no endereço Rua Paulo Malschitzki, 10, Bairro Zona Industrial, Campus Universitário, CEP 89.219-710 - Joinville/SC, telefone (47) 3461-9235, em horário comercial, de segunda a sexta, ou pelo e-mail comitetica@univille.br. Após ser esclarecido sobre as informações da pesquisa, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine este consentimento de participação, que está impresso em duas vias, sendo que uma via ficará em posse do pesquisador responsável e esta via com você, participante.

Pesquisadores participantes: Luiz Fernando Klug; Ilanil Coelho; Diego Finder Machado;

Rubrique essa página e assine a próxima para consentir com a entrevista.

Luiz Fernando Klug - Pesquisador Responsável

Consentimento de Participação. Eu ..MANZI SILVA AVANCINI.....concordo voluntariamente em participar da pesquisa intitulada "Comunidades nostálgicas no mundo virtual: sentimentos patrimoniais compartilhados nos grupos do facebook *Joinville de ontem* e *São Francisco do Sul e suas histórias*", conforme informações contidas neste TCLE.

Joinville 25/01/2021

Assinatura do participante

Anexo C – Autorização de uso de imagem e/ou voz de Marli Silva Avancini

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E/OU VOZ

Eu, MARI SILVA AVANCINI abaixo assinado (a), autorizo nos termos da Constituição da República Federativa do Brasil, no seu capítulo X, art. 5, à Fundação Educacional da Região de Joinville – FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, a utilizar minha imagem e/ou voz, diante da aprovação do material apresentado, em qualquer mídia eletrônica, falada ou impressa, bem como autorizar o uso de nome, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens e/ou voz será para fins da pesquisa "Nostalgias em Comunidades Virtuais: Manifestações de Sensibilidade Patrimonial nos Grupos do Facebook *Joinville de Ontem* e *São Francisco do Sul e suas Histórias*", cujo objetivo é compreender de que forma o apelo nostálgico das comunidades virtuais atua, interfere, ressignifica e inventa os patrimônios culturais de uma cidade, coordenada pelo pesquisador Luiz Fernando Klug.

Assinatura: _____

Joinville, 25 de Janeiro de 2021

Anexo D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Valmir José Santhiago

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O senhor (a) está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada "Nostalgias em Comunidades Virtuais: Manifestações de Sensibilidade Patrimonial nos Grupos do Facebook *Joinville de Ontem* e *São Francisco do Sul e suas Histórias*", coordenada por Luiz Fernando Klug e vinculado ao Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille. O objetivo deste estudo é compreender de que forma o apelo nostálgico das comunidades virtuais atua, interfere, ressignifica e inventa os patrimônios culturais de uma cidade. Como participante desta pesquisa, o senhor(a) participará de uma entrevista oral semiestruturada, com gravação de voz, que será posteriormente doada ao Laboratório de História Oral da Univille. Esta pesquisa tem como benefícios um maior entendimento, por parte dos especialistas do campo do patrimônio, sobre a relação que os grupos locais estabelecem com os bens culturais de suas cidades. Para os membros dos grupos analisados, os benefícios são a maior compreensão sobre os processos de patrimonialização, bem como maior entendimento de como as respectivas comunidades agem e podem agir em relação à preservação de bens culturais. Sua entrevista será muito importante para compor esse estudo que será parte de uma Dissertação de Mestrado. Os materiais gerados no ato de entrevista ficarão sob guarda do pesquisador durante cinco anos, podendo ser descartado posteriormente. Sua participação é voluntária e o senhor (a) terá a liberdade de se recusar a responder quaisquer perguntas que lhe ocasionem constrangimento de alguma natureza. O senhor (a) também poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que a recusa ou a desistência lhe acarrete qualquer prejuízo, bem como, terá livre acesso aos resultados do estudo e garantido esclarecimento antes, durante e após a pesquisa. É importante saber que não há despesas pessoais para o senhor (a) em qualquer fase do estudo. Qualquer informação que o senhor (a) considerar sigilosa ou passiva de restrições para publicações deverá ser informada ao pesquisador que subtrairá o material da pesquisa, antes da publicação. Esses trechos censurados por você serão eliminados e não ficarão registrados em nenhum meio. Destacamos que a sua participação nesta pesquisa é opcional e representa riscos ou desconfortos mínimos. No caso de haver qualquer experiência que o senhor (a) julgar risco ou desconforto, por menor que seja, poderá solicitar a retirada parcial ou completa da sua entrevista sem que isso gere qualquer prejuízo para o senhor (a), bem como não haverá também indenizações de qualquer natureza. Em caso de recusa ou de desistência em qualquer fase da pesquisa, o senhor (a) não será penalizado (a) de forma alguma. A sua participação constituirá de suma importância para o cumprimento do objetivo da pesquisa e os benefícios serão de âmbito cultural, acadêmico e profissional para os campos do Patrimônio Cultural e das Ciências Sociais. O senhor (a) terá garantia de acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas por meio de telefone e e-mails informados neste documento. O pesquisador responsável por esta investigação é Luiz Fernando Klug, morador da cidade de São Francisco do Sul, bairro Praia do Ervino, situado na rua Nª Senhora das Graças, s/nº, tendo como email: luizfernandoklug@gmail.com, e podendo ser contato no seguinte telefone: 47 99155-9587. Se preferir, o senhor (a) também pode entrar em contato com o Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da UNIVILLE, pelo telefone (47) 3461-9223, pelo e-mail mpcs@univille.br ou no seguinte endereço: Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Rua Paulo Malschitzki, 10 - Zona Industrial, Campus Universitário - Joinville/SC, CEP 89219-710, Bloco A, sala 221. É garantido o sigilo e assegurada a privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. Os resultados deste estudo poderão ser apresentados por escrito ou oralmente em congressos e revistas científicas, sem que os nomes dos participantes sejam divulgados. As entrevistas serão gravadas em áudio e posteriormente serão transcritas observando as orientações técnicas do método da História Oral. A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Se o senhor (a) tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Univille, no endereço Rua Paulo Malschitzki, 10, Bairro Zona Industrial, Campus Universitário, CEP 89.219-710 - Joinville/SC, telefone (47) 3461-9235, em horário comercial, de segunda a sexta, ou pelo e-mail comitetica@univille.br. Após ser esclarecido sobre as informações da pesquisa, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine este consentimento de participação, que está impresso em duas vias, sendo que uma via ficará em posse do pesquisador responsável e esta via com você, participante.

Pesquisadores participantes: Luiz Fernando Klug; Ilanil Coelho; Diego Finder Machado;

Rubrique essa página e assine a próxima para consentir com a entrevista.

Luiz Fernando Klug - Pesquisador Responsável

Consentimento de Participação. Eu .....concordo voluntariamente em participar da pesquisa intitulada "Comunidades nostálgicas no mundo virtual: sentimentos patrimoniais compartilhados nos grupos do facebook *Joinville de ontem* e *São Francisco do Sul e suas histórias*", conforme informações contidas neste TCLE.

Joinville, 9 / 3 / 2021

Assinatura do participante

Anexo E - Autorização de uso de imagem e/ou voz de Valmir José Santhiago

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E/OU VOZ

Eu, Volmir João Santolino abaixo assinado (a), autorizo nos termos da Constituição da República Federativa do Brasil, no seu capítulo X, art. 5, à Fundação Educacional da Região de Joinville – FURJ, mantenedora da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, a utilizar minha imagem e/ou voz, diante da aprovação do material apresentado, em qualquer mídia eletrônica, falada ou impressa, bem como autorizar o uso de nome, estando ciente de que não há pagamento de cachê e que a utilização destas imagens e/ou voz será para fins da pesquisa "Nostalgias em Comunidades Virtuais: Manifestações de Sensibilidade Patrimonial nos Grupos do Facebook *Joinville de Ontem* e *São Francisco do Sul e suas Histórias*", cujo objetivo é compreender de que forma o apelo nostálgico das comunidades virtuais atua, interfere, ressignifica e inventa os patrimônios culturais de uma cidade, coordenada pelo pesquisador Luiz Fernando Klug.

Assinatura: _____

Joinville, 3 de MARÇO de 2021

Anexo F – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE UNIVILLE

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: COMUNIDADES NOSTÁLGICAS NO MUNDO VIRTUAL: SENTIMENTOS PATRIMONIAIS COMPARTILHADOS NOS GRUPOS DO FACEBOOK ¿JOINVILLE DE ONTEM E ¿SÃO FRANCISCO DO SUL E SUAS HISTÓRIAS¿

Pesquisador: LUIZ FERNANDO KLUG

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 30133720.7.0000.5366

Instituição Proponente: FUNDACAO EDUCACIONAL DA REGIAO DE JOINVILLE

Patrocinador Principal: FUND COORD DE APERFEICOAMENTO DE PESSOAL DE NIVEL SUP

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.026.917

Apresentação do Projeto:

Conforme exposto no parecer consubstanciado nº 3.971.478.

Objetivo da Pesquisa:

Conforme exposto no parecer consubstanciado nº 3.971.478.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Conforme exposto no parecer consubstanciado nº 3.971.478.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Conforme exposto no parecer consubstanciado nº 3.971.478.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos foram apresentados devidamente datados e assinados. TCLE e Carta de Anuência foram devidamente enviados e estão de acordo com a Resolução CNS 466/12. O número de participantes foi atualizado e a informação sobre os benefícios aos participantes foi alterada, estando de acordo com o solicitado.

Recomendações:

Ao finalizar a pesquisa, o (a) pesquisador (a) responsável deve enviar ao Comitê de Ética, por meio do sistema Plataforma Brasil, o Relatório Final (modelo de documento na página do CEP no sítio da Univille Universidade).

Endereço: Rua Paulo Malschitzki, n° 10. Bloco B, Sala 119. campus Bom Retiro
Bairro: Zona Industrial **CEP:** 89.219-710
UF: SC **Município:** JOINVILLE
Telefone: (47)3461-9235 **E-mail:** comitetica@univille.br

UNIVERSIDADE DA REGIÃO
DE JOINVILLE UNIVILLE

Continuação do Parecer: 4.026.917

Segundo a Resolução 466/12, no item

XI- DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

XI.2 - Cabe ao pesquisador:
d) Elaborar e apresentar o relatório final;

Modelo de relatório para download na página do CEP no sítio da Univille Universidade.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:
O projeto "COMUNIDADES NOSTÁLGICAS NO MUNDO VIRTUAL: SENTIMENTOS PATRIMONIAIS COMPARTILHADOS NOS GRUPOS DO FACEBOOK JOINVILLE DE ONTEM E SÃO FRANCISCO DO SUL E SUAS HISTÓRIAS", de CAAE "30133720.7.0000.5366" teve sua(s) pendência(s) esclarecida(s) pelo(a) pesquisador(a) "LUIZ FERNANDO KLUG", de acordo com a Resolução CNS 466/12 e complementares, portanto, encontra-se APROVADO.

Informamos que após leitura do parecer, é imprescindível a leitura do item "O Parecer do CEP" na página do Comitê no sítio da Univille, pois os procedimentos seguintes, no que se refere ao enquadramento do protocolo, estão disponíveis na página. Segue o link de acesso http://www.univille.edu.br/pt-BR/a-univille/proreitorias/prppg/setores/area-pesquisa/comite-etica-pesquisa/status-parecer/645062

Considerações Finais a critério do CEP:
Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade da Região de Joinville - Univille, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1523403.pdf	12/05/2020 11:27:33		Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto_Luiz.pdf	12/05/2020 11:26:47	LUIZ FERNANDO KLUG	Aceito
Outros	6_Termo_Uso_Imagem.doc	06/05/2020	LUIZ FERNANDO	Aceito

Endereço: Rua Paulo Malschitzki, n° 10. Bloco B, Sala 119. campus Bom Retiro
Bairro: Zona Industrial **CEP:** 89.219-710
UF: SC **Município:** JOINVILLE
Telefone: (47)3461-9235 **E-mail:** comitetica@univille.br

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE UNIVILLE

Continuação do Parecer: 4.026.917

Outros	6_Termo_Uso_Imagem.doc	14:01:59	KLUG	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	cartar_resposta_assinada.pdf	06/05/2020 14:00:17	LUIZ FERNANDO KLUG	Aceito
Declaração de concordância	Carta_Anuencia_assinada.pdf	06/05/2020 13:57:53	LUIZ FERNANDO KLUG	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Luiz.docx	06/05/2020 13:53:49	LUIZ FERNANDO KLUG	Aceito
Outros	Termo_de_Doacao_de_Entrevista_Oral.docx	19/03/2020 11:11:52	LUIZ FERNANDO KLUG	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_luiz.docx	19/03/2020 11:07:10	LUIZ FERNANDO KLUG	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

JOINVILLE, 13 de Maio de 2020

Assinado por:
Marcia Luciane Lange Silveira
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Paulo Malschitzki, n° 10. Bloco B, Sala 119. campus Bom Retiro
Bairro: Zona Industrial **CEP:** 89.219-710
UF: SC **Município:** JOINVILLE
Telefone: (47)3461-9235 **E-mail:** comitetica@univille.br

AUTORIZAÇÃO

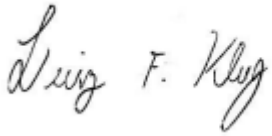
Nome do autor: Luiz Fernando Klug

RG: 6.209.840

Título da Dissertação: “Nostalgias em Comunidades Virtuais: Manifestações de Sensibilidade Patrimonial nos Grupos do Facebook *Joinville de ontem* e *São Francisco do Sul e suas histórias”*

Autorizo a Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, através da Biblioteca Universitária, disponibilizar cópias da dissertação de minha autoria.

Joinville, 17 de julho de 2021.



_____

Luiz Fernando Klug